

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



FE

T/UNICAMP M276h

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

HISTÓRIAS DE ENVOLVIMENTO COM A ESCRITA DE SUJEITOS QUE TIVERAM
UMA INFÂNCIA VULNERÁVEL

AUTORA: MARIA ISABEL DONNABELLA MAGRIN

ORIENTADOR: SÉRGIO ANTÔNIO DA SILVA LEITE

Dissertação de Mestrado apresentada à
Comissão de Pós-graduação da Faculdade
de Educação da Universidade Estadual de
Campinas, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Educação,
na área de concentração de

Psicologia Educacional

Prof. Dr. Dario Fiorentini
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
Faculdade de Educação - Unicamp
Matrícula: 21552-0

Campinas
2012

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

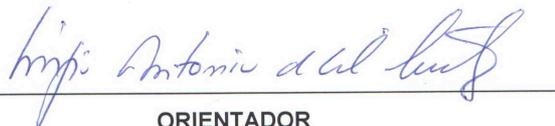
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“HISTÓRIAS DE ENVOLVIMENTO COM A ESCRITA DE SUJEITOS QUE TIVERAM
UMA INFÂNCIA VULNERÁVEL”

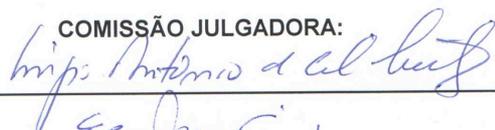
Autora: **MARIA ISABEL DONNABELLA MAGRIN**
Orientador: Prof. Dr. **SÉRGIO ANTONIO DA SILVA LEITE**

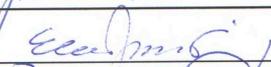
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em defendida por **Maria Isabel Donnabella Magrin** e aprovada pela Comissão Julgadora.

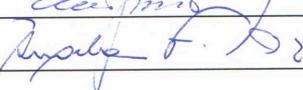
Data: 24/02/2012



ORIENTADOR

COMISSÃO JULGADORA:






2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
ROSEMARY PASSOS – CRB-8ª/5751

M276h Magrin, Maria Isabel Donnabella, 1982-
Histórias de envolvimento com a escrita de sujeitos que
tiveram uma infância vulnerável / Maria Isabel Donnabella
Magrin. – Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Sérgio Antônio da Silva Leite.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Infância. 4. Mediação. 5.
Afetividade. I. Leite, Sérgio Antônio da Silva. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-019/BFE

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês Histories of involvement with the writing of subjects who had a
child vulnerable

Palavras-chave em inglês:

Reading
Writing
Childhood
Mediation
Affectivity

Área de concentração: Psicologia Educacional

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Sérgio Antônio da Silva Leite (Orientador)
Ângela Fátima Soligo
Elvira Cristina Martins Tassoni
Lilian Lopes Martin da Silva
Maria Silva Pinto de Moura Librandi da Rocha

Data da defesa: 24/02/2012

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: bebel_vm@hotmail.com.

Dedico este trabalho a todos os mediadores que passaram pela minha vida e que, de alguma maneira, contribuíram para que eu conquistasse esse título.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus cada dia de minha vida.

Aos meus familiares que sempre acreditaram em mim e me motivaram a seguir o caminho da leitura e dos estudos. Agradeço especialmente à minha avó Ana Emília e à minha mãe, Ana Márcia, pelo incentivo e pelas primeiras leituras e livros a que tive acesso. E à minha avó Pici pelos calorosos elogios recebidos quando me arrisquei a produzir minhas primeiras histórias e poemas. Também ao meu marido, João Leonardo, que soube me acalmar e me deixar sempre tranquila, mesmo em meio a tanta correria para a preparação de nosso casamento – que ocorreu durante esta pesquisa.

Aos professores inesquecíveis que tive e que, com certeza, fazem parte dessa conquista. Especialmente ao professor Marco Antônio, meu professor da “Fundação Bradesco”, que, com suas maravilhosas aulas de história, fez aumentar em mim o desejo por um mundo mais justo e igualitário. Também a Prof. Dra. Ângela Soligo, por quem tenho bastante carinho e admiração, e que abriu as portas para que eu adentrasse o universo da pesquisa. Agradecimento especial também ao Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite por me orientar nesta pesquisa, sempre de maneira rígida, mas afetuosa, proporcionando meu crescimento profissional e pessoal. Além disso, é um exemplo de ser humano, de professor, pesquisador e profissional.

Às minhas amigas Lavínia e Luana pelo incentivo oferecido, inclusive, antes mesmo de meu ingresso no Programa de Mestrado.

E por último, mas não por ordem de importância, agradeço imensamente aos sujeitos desta pesquisa. Todos me atenderam com imensa atenção e disposição, e estiveram sempre disponíveis quando necessitei. Sem eles a presente pesquisa não seria possível. De coração, meu muito obrigado.

RESUMO

Os dados desta pesquisa foram coletados a partir de entrevistas feitas com quatro sujeitos adultos, leitores e produtores de texto, que tiveram uma infância considerada vulnerável. O objetivo foi descrever e analisar as condições que possibilitaram a esses sujeitos obterem sucesso em seu processo de alfabetização e se envolverem com práticas sociais de leitura e escrita, fazendo uso dessas práticas, principalmente, em seu ambiente de trabalho. As verbalizações dos sujeitos foram transcritas e organizadas em núcleos temáticos, a partir dos quais foram reconstruídas as respectivas histórias de cada sujeito, com relação ao seu processo de constituição de leitor e/ou produtor de texto. Observou-se que todos os sujeitos relataram histórias muito significativas na área da leitura durante a infância. Essas mediações começaram a ocorrer antes mesmo de o indivíduo ser alfabetizado, e envolveram pessoas muito próximas e de grande valor afetivo para o sujeito. A maior parte desses mediadores está ligada à família ou à escola e em todos os casos aparecem a figura de – pelo menos – dois professores inesquecíveis. Os dados são analisados a partir da abordagem histórico-cultural. Palavras-chave: Leitura, Escrita, Infância Vulnerável, Mediação, Afetividade.

ABSTRACT

Data from this study were collected by interviews with four adult subjects, readers and producers of text, which had a childhood considered vulnerable. The objective was to describe and analyze the conditions that allowed these individuals to succeed in the process of engaging with literacy and social practices of reading and writing, making use of these practices, especially in the workplace. The subjects' verbalizations were transcribed and organized into themes, from which their stories were reconstructed for each subject, with respect to its process of formation of the reader and / or producer of the text. It was observed that all subjects reported very significant stories in the area of reading during childhood. These mediations began to occur even before the individual is literate, and involved people very close and great emotional value for the subject. Most of these mediators is linked to family or school and in all cases appear in the picture - at least - two unforgettable teachers. Data are analyzed from the historical cultural approach.

Keywords: Reading, Writing, Vulnerable Children, Mediation, Affectivity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA ABORDAGEM HISTÓRICO CULTURAL.....	4
2. VULNERABILIDADE SOCIAL	13
3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	19
4. MÉTODO.....	30
4.1 BASE TEÓRICA.....	30
4.2 SUJEITOS	31
4.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	38
4.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS	39
5. RESULTADOS: AS HISTÓRIAS DE CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS.....	41
5.1 O IMPROVÁVEL É POSSÍVEL: A HISTÓRIA DE ANA	41
5.2 QUEDAS E SUPERAÇÕES: A HISTÓRIA DE MARA	54
5.3 IDAS, VOLTAS E REVIRAVOLTAS: A HISTÓRIA DE PEDRO	64
5.4 DO LIMÃO, FEZ-SE A LIMONADA: A HISTÓRIA DE VINICIUS	77
6. DISCUSSÃO	88
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
ANEXOS	113
ANEXO I.....	113
ANEXO II.....	114
ANEXO III	135
ANEXO IV	155
ANEXO V	182

INTRODUÇÃO

Durante os meus três primeiros anos como professora, muitas foram as questões estudadas em minha graduação que vieram à tona e provocaram uma reflexão maior a respeito do processo de alfabetização, tema que sempre me interessou muito. Deparei-me na escola com algumas situações envolvendo leitura e escrita que atraíram minha atenção e fizeram com que eu resolvesse pesquisar sobre o que via.

O principal fato que constatei e que me marcou, foi que a maioria das crianças advindas de abrigos municipais ou que, de alguma forma – devido à carência financeira, afetiva, traumas – estavam vulneráveis naquele momento, apresentavam muita resistência em aprender a ler e a escrever. Geralmente, isolavam-se em sala de aula e não conseguiam se alfabetizar.

Diante dessa realidade, e com três crianças nessa situação em minha sala de aula - um terceiro ano - , busquei atraí-las de todas as maneiras: tratando-as com cuidado, permanecendo ao lado delas nos intervalos, mantendo um diálogo sempre que possível e lendo para elas os livros que elas mesmas escolhiam. Dentro de poucos meses, as três crianças já participavam da aula, conheciam as letras e se arriscavam a escrever algumas palavras e pequenos textos, embora ainda com a ortografia comprometida.

Essa experiência vivenciada no âmbito escolar nos remete às concepções teóricas, surgidas especialmente durante o século XX, sobre a importância do aspecto afetivo no aprendizado que vêm sendo retomadas no âmbito da educação.

Vygotsky (2007) defende que o acesso ao mundo simbólico se dá por meio de manifestações afetivas, as quais dependem da relação do sujeito com o *outro* e da qualidade dessa mediação, que exercerá grande influência no desenvolvimento cognitivo e, como consequência, também na aquisição da escrita. Segundo o autor, o sujeito passa a internalizar, através das interações, as práticas, valores, ideias, sensações e sentimentos compartilhados pela cultura. Tomando a leitura como objeto cultural, podemos afirmar que é através da mediação do outro que surgirá o vínculo entre o sujeito e o objeto. Portanto, o processo de desenvolvimento estará sempre associado a interações sociais, envolvendo sempre conteúdos afetivos que marcarão a natureza das relações que o sujeito estabelecerá com os objetos culturais.

De acordo com Vygotsky (apud TASSONI, 2003), como sujeito do conhecimento, o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de

recortes do real operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe. Portanto, o autor enfatiza a construção do conhecimento como um processo de interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade apenas, mas também pela mediação ou interação feita por outros sujeitos. “Nesse sentido, Vygotsky destaca a importância do outro, não só no processo de construção do conhecimento, mas de constituição do próprio sujeito e suas formas de agir” (TASSONI, 2000, p.1) De acordo com Colombo (2006, p. 192), “No caso da alfabetização, a mediação contribui de forma significativa para a construção do conhecimento, possibilitando uma relação positiva do aluno com a linguagem escrita.”

Autores como Leite (2006), Tassoni (2003) e Grotta (2003) vêm revendo o conceito de homem centrado apenas na sua dimensão racional “em direção a uma concepção monista de ser humano, em que a afetividade e cognição passam a ser interpretadas como dimensões indissociáveis do mesmo processo, não sendo mais aceitável analisá-las isoladamente.” (LEITE, 2006, p.17).

De acordo com Pino (apud LEITE, 2006), os fenômenos afetivos referem-se às experiências subjetivas que revelam a forma como cada sujeito é afetado pelos acontecimentos da vida, ou melhor, pelo sentido que tais acontecimentos têm para ele. Isso quer dizer que o sujeito atribui ao contexto no qual está inserido um sentido afetivo. Nesse contexto estão incluídas coisas, lugares, situações, pessoas, etc. Portanto,

"os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes..." (PINO apud TASSONI, 2006, p.47,48).

Logo, percebe-se que a questão do afeto vem sendo estudada como algo intrinsecamente ligado à cognição. Os autores assumem que há na afetividade um caráter social e que a relação entre ela e a inteligência é fundamental para o processo de desenvolvimento humano. Essa relação também pode ser danosa se o sujeito for afetado de maneira negativa. Portanto, assumindo a afetividade como a capacidade de afetar-se, positiva ou negativamente, pelos acontecimentos ao redor, as reações do outro são de fundamental importância.

Sobre isso, levantou-se uma questão: se o afeto é essencial ao aprendizado e é vivenciado especialmente na família, como ficam as crianças em contextos em que as relações familiares são conturbadas e repletas de ausências? As crianças que residem em abrigos geralmente superlotados, com um adulto para orientar um grande grupo de meninos e meninas, poderiam aprender a ler e a escrever? Para responder a essa questão, elaboramos

programa de alfabetização sistematizado com base em Paulo Freire, que seria aplicado nas crianças residentes em um abrigo municipal da cidade de Campinas – SP. Os sujeitos escolhidos eram crianças acima de doze anos de idade e que ainda não estavam alfabetizadas.

Porém, logo nos deparamos com um problema. Ao se iniciar o trabalho com as mesmas, percebeu-se uma enorme rotatividade de crianças: umas retornam à família de origem, outras são adotadas ou apadrinhadas e outras transferidas para outros abrigos. Esse fato tornou o trabalho impossível de acontecer, visto que a aplicação do programa é um trabalho sistematizado e que exige frequência. Essa constatação ajuda a explicar a dificuldade que essas crianças têm para se alfabetizar.

Buscando persistir no tema – que é de grande interesse para mim - após várias reflexões e orientações, optou-se por seguir o caminho inverso. Ao invés de aplicar o programa nas crianças que apresentavam uma infância vulnerável, a opção foi entrevistar sujeitos adultos, alfabetizados, leitores, e que tiveram uma infância vulnerável. O foco passou a ser as histórias de mediação vividas por esses sujeitos que contribuíram para que, apesar de terem tido uma infância vulnerável, conseguissem tal condição. Assim, o objetivo da pesquisa é descrever e analisar as condições que possibilitaram a sujeitos, que tiveram uma infância vulnerável, obterem sucesso em seu processo de alfabetização.

A seguir, serão apresentados os capítulos que compõem a presente pesquisa, tendo em vista esses objetivos. O capítulo 1, intitulado “A constituição do sujeito na concepção histórico cultural”, traz um resgate da abordagem histórico cultural, apresentando qual a concepção de sujeito que está sendo utilizada no presente estudo. Envolve as bases da teoria histórico cultural, a relação desenvolvimento e aprendizado e a concepção de sujeito da teoria. O capítulo 2, intitulado “Vulnerabilidade Social”, aborda algumas concepções de vulnerabilidade, além de contrapor-la às noções de risco, seguidas por alguns autores. Busca-se esclarecer qual concepção está sendo utilizada na presente pesquisa, incluindo os critérios relacionados à vulnerabilidade para a seleção dos sujeitos. O capítulo 3, denominado de “Alfabetização e Letramento”, apresenta um breve histórico dos conceitos de alfabetização e letramento, buscando explicitar como estamos entendendo esses termos no presente estudo. No capítulo 4, descreve-se o método utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa. Além da base teórica e dos procedimentos de coleta e análise de dados, apresenta-se brevemente o perfil de cada sujeito selecionado. O capítulo 5 conta as histórias dos quatro sujeitos a partir dos dados coletados nas entrevistas. No capítulo 6 é feita uma discussão relacionando essas histórias aos capítulos teóricos apresentados.

1. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA CONCEPÇÃO HISTÓRICO CULTURAL

Opondo-se às tendências dominantes no início dos anos 20, do século passado - a psicologia como ciência natural, que reduzia os complexos fenômenos humanos a mecanismos elementares e a psicologia fenomenológica, que abordava os fenômenos de maneira descritiva e subjetiva, tratando o homem como mente, consciência, espírito - Vygotsky, com seus parceiros de pesquisa Leontiev e Luria, desenvolveu, na antiga União Soviética, estudos sobre a gênese do desenvolvimento e os conteúdos do psiquismo humano – que têm no cérebro a base biológica do seu funcionamento - dando origem à *psicologia histórico-cultural*.

Nesses estudos, encontra-se claramente a influência do materialismo histórico e dialético, de Marx. De acordo com essa concepção, o sujeito é histórico e social, ou seja, o homem transforma-se de sujeito biológico em sujeito sócio-histórico a partir das relações sociais, através do outro, nas condições concretas de vida.

Vygotsky identificou quatro planos genéticos como entradas para o desenvolvimento humano. Juntos eles caracterizam o desenvolvimento psicológico do sujeito. São eles - *filogênese*: história da espécie humana; *ontogênese* - história do indivíduo da espécie; *sociogênese* - a história cultural, o meio cultural que o sujeito está inserido; *microgênese* - aspectos inerentes à história do próprio sujeito individual, portanto sua singularidade.

A filogênese diz respeito à história da espécie humana, como uma espécie animal. Define limites e possibilidades do funcionamento psicológico. Uma das características que Vygotsky destaca é a plasticidade do cérebro humano, que se adapta a inúmeras circunstâncias. Dependendo do que o ambiente oferecer, o desenvolvimento humano poderá se dar com diferentes características.

A ontogênese significa o desenvolvimento do indivíduo, do ser de uma determinada espécie, no caso, da espécie humana. Nasce, cresce, se reproduz e morre, em um determinado ritmo e em uma determinada sequência. Assim como a filogênese, também reflete a natureza biológica do homem.

A sociogênese é a história da relação com a cultura em que o sujeito está inserido. Vygotsky afirma que as formas de funcionamento cultural, de onde o sujeito está inserido, interferem no funcionamento psicológico. Ou seja, o sujeito desenvolver-se-á de acordo com as condições culturais da sociedade na qual está inserido.

A microgênese diz respeito ao fato de que cada indivíduo possui sua singularidade, ou seja, vivencia os fenômenos cotidianos individualmente e cada um, à sua maneira, vai atribuindo sentidos às suas experiências. Isso acontece porque cada um tem experiências diferentes ao longo da vida e, de acordo com elas, passam a significar as demais e constituir sentidos singulares. Mesmo tendo sua fonte no mundo dos significados, nos mundos cultural e social, “o sujeito os constrói a partir de sua experiência pessoal, única. O sujeito é síntese única de sua própria história.” (BOCK & GONÇALVES, 2005). Enquanto os *significados* são construídos historicamente e tendem a ser compartilhados pelos indivíduos de uma mesma cultura, os *sentidos* são atribuídos pelo sujeito de maneira singular, de acordo com sua história de vida e suas experiências, que são únicas. *Significado* e *sentido* serão temas abordados mais adiante.

Vygotsky não nega, portanto, que as funções psicológicas possuem um suporte biológico - base para o desenvolvimento - pois são produtos da atividade cerebral, mas acredita que sem as *interações sociais* vividas na cultura o sujeito não desenvolve suas *funções psicológicas superiores*, que são os mecanismos “típicos do ser humano e que envolvem o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presentes.” (Oliveira, 2008 p.26). Ou seja, o indivíduo só se torna essencialmente humano na interação com os outros humanos.

É nesse processo de interação, portanto, que o sujeito desenvolve, por exemplo, a memória ativa, o pensamento verbal, a linguagem e a atenção voluntária, o que o diferencia das outras espécies animais, que apresentam apenas as *funções psicológicas elementares*. Oliveira (2008) traz um exemplo que ilustra muito bem a diferenciação entre os processos elementares e superiores: é possível ensinar um animal a acender a luz em um quarto escuro, mas o animal é incapaz de, voluntariamente, deixar de acender a luz caso veja uma pessoa dormindo no quarto.

Enquanto as funções psicológicas inferiores são de origem natural e biológica, as funções psicológicas superiores são *mediadas*. Ou seja, são operações indiretas, que precisam de um sistema simbólico mediador, sendo a *linguagem* o principal sistema simbólico envolvido no processo de constituição do sujeito. “As funções psicológicas superiores apresentam uma estrutura tal que entre o homem e o mundo real existem mediadores, ferramentas auxiliares da atividade humana.” (Oliveira, 2008, p.27).

Portanto, para Vygotsky, o desenvolvimento acontece de fora para dentro, ou seja, do social para o individual, através da mediação. “*Mediação*, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário em uma relação; a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.” (Oliveira, 2008, p.26).

Pode-se afirmar, de acordo com essa concepção, que é a através do outro, pelo legado de sua cultura, e da interação com esse outro que o homem aprende a agir, pensar, falar e também sentir. Portanto, o ambiente em que o sujeito está inserido desde a sua infância e as pessoas que dele fazem parte serão determinantes em seu *aprendizado e desenvolvimento*.

Os processos cognitivos e afetivos, os modos de pensar e sentir, são carregados de conceitos, relações e práticas sociais que os constituem como fenômenos históricos e culturais... Nessa perspectiva pode-se afirmar que a afetividade humana é construída culturalmente. (Oliveira & Rego, 2003, p. 28)

É o contato com o outro que proporciona o aprendizado e o desenvolvimento na medida em que o sujeito vai elaborando e reconstruindo seus conhecimentos através do que é socialmente aprendido. Porém, para que isso ocorra, é necessária uma mediação adequada, que considere as dimensões afetivas e cognitivas do processo. Para Vygotsky, essas duas dimensões caminham juntas. Segundo Leite (2006, p.38) “Podemos afirmar, sem exageros, que a qualidade da mediação vivenciada pelo aluno, em muitos casos, determina toda a história futura entre ele e os diversos conteúdos estudados.” O mesmo acontece quando a criança tem em seu ambiente familiar pessoas que, de maneira afetivamente positiva, possibilitaram uma aproximação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Deve-se considerar o movimento oposto: uma história de relação afetivamente negativa pode produzir o afastamento entre o sujeito e o objeto.

De acordo com Vygotsky (1987, p.118) “...o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificadamente humanas.” Essas funções (como a memória e a linguagem) são construídas ao longo da história social do homem e de sua relação com o mundo. São provenientes, portanto, de ações conscientes e intencionais, dependentes de processos de aprendizagem.

Para entender melhor essa teoria, é necessário aprofundar alguns conceitos, entre eles, o de *zona de desenvolvimento proximal*. Diferentemente das outras grandes correntes psicológicas, que consideram desenvolvimento apenas aquilo o que o indivíduo é capaz de fazer de maneira autônoma (chamado de “desenvolvimento real” por Vygotsky), esta teoria considera também aquilo que o indivíduo é capaz de fazer com a mediação de um elemento

intermediário (que pode ser um adulto, um colega mais capaz ou um objeto, como o dicionário). Essa distância entre aquilo que o indivíduo já é capaz de fazer sozinho, de maneira autônoma, e o que ele é capaz de fazer (traduzido do russo por alguns autores como “desenvolvimento potencial”) com o auxílio da mediação é chamado zona de desenvolvimento proximal.

O que hoje pode estar na zona de desenvolvimento proximal através da mediação poderá se tornar desenvolvimento real, se esta for uma mediação de qualidade. Ou seja, “aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (Vygotsky, 1987 p.113).

Essa possibilidade de alteração no desempenho de uma pessoa pela interferência de outra é fundamental na teoria de Vygotsky. Não é qualquer indivíduo que pode, a partir da ajuda do outro, realizar qualquer tarefa. A capacidade de se beneficiar de uma colaboração de outra pessoa vai ocorrer num certo nível de desenvolvimento.

A teoria de Vygotsky, portanto, não vê apenas o passado do desenvolvimento, ou seja, aquilo que já foi aprendido, o que está concretizado. Mas sim, o caminho no qual a aprendizagem poderá e deverá percorrer. Aliás, Vygotsky diz “o ‘bom aprendizado’ é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento” (p.117). Dessa maneira, a importância da escola consiste, justamente, em atuar na zona de desenvolvimento potencial visto que, diferentemente da aprendizagem cotidiana, ela oferece conhecimentos sistematizados, planejados de maneira intencional. Deve, portanto, transmitir os conhecimentos através da mediação de que o aluno necessita e, ao mesmo tempo, possibilitar a abertura de novas zonas de desenvolvimento proximal. O professor deve ser, então, o principal mediador de todo o processo de aprendizado da criança para que o mesmo ocorra da melhor maneira possível, considerando tanto os aspectos cognitivos quanto os afetivos.

O aluno, nesse caso, é um sujeito mais do que ativo: é interativo, porque se apropria de conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. É na troca com outros sujeitos que ele vai internalizando os conhecimentos, papéis e funções sociais e, nesse processo, vai havendo a formação da própria *consciência*.

Segundo Vygotsky (2007), os principais elementos mediadores são os *instrumentos* e os *signos*. O instrumento é um elemento interposto entre o indivíduo e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de ação sobre a natureza. O machado, por exemplo, é um instrumento, com um modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo.

Já os signos agem como *instrumentos do pensamento*. Para Vygotsky (p.52, 2007), “A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico.” Ou seja, a função do signo é voltada para dentro do sujeito, para controlar a sua ação psicológica. Os signos podem representar a realidade referindo-se a elementos ausentes no espaço e no tempo presentes.

Essas possibilidades de mediação entre o homem e o mundo real, de representação e demais atos complexos, que auxiliam nas atividades do ser humano, só são possíveis graças às funções psicológicas superiores. Segundo Molon (2003), elas não são organizadas hierarquicamente, mas inter-relacionadas. Porém, ocasionalmente, uma pode emergir mais fortemente, predominando sobre as demais. Conforme o sujeito se desenvolve, as funções psicológicas elementares não são extintas, mas “...transformadas e conservadas nas funções psicológicas superiores, como uma dimensão oculta.” (Molon, 2003, p.90).

De acordo com a formulação da lei genética do desenvolvimento cultural, seguida por Vygotsky, toda função psicológica superior aparece em duas dimensões: primeiro na dimensão interpsicológica e depois na dimensão intrapsicológica. Ou seja, primeiro como uma atividade ou função social e depois como uma atividade ou função psicológica, constituinte do sujeito.

Dessa forma, tudo o que é intrapsicológico no sujeito, as funções psicológicas superiores, foi antes interpsicológico, e o signo é o exemplo mais evidente dessa lei, pois o signo é, inicialmente, um meio de comunicação, depois se transforma em meio de comportamento. (Molon, 2003, p. 92).

A *internalização*, portanto, é um processo que caminha do plano social (relações interpessoais) para o plano individual interno (relações intrapessoais). Quando um conhecimento já foi alcançado e o indivíduo é capaz de lidar com ele de maneira autônoma, Vygotsky diz que esse conhecimento foi *internalizado*, ou seja, uma atividade externa foi modificada e passou a ser interna. “Chamamos de *internalização* a reconstrução interna de uma operação externa.” (Vygotsky, 2007, p.56) Como em um exemplo trazido por ele: o caso de um bebê que estende a mão para pegar uma mamadeira que não está a seu alcance. Sua tentativa frustrada é interpretada pelas pessoas que estão ao seu redor como um gesto de apontar a mamadeira e, sempre que o bebê faz isso, lhe dão o objeto. Com a repetição dessa relação, o bebê passa a incorporar o significado dado pelo adulto e começa a utilizar seu movimento como sendo um gesto de apontar. Ou seja, foi a partir das interpretações dos outros que o bebê incorporou e interpretou seu próprio gesto.

Assim sendo, pode-se dizer que esse processo, no qual o indivíduo internaliza a matéria-prima – *os significados* – fornecida pela cultura é um dos principais mecanismos a serem compreendidos no estudo do ser humano. Essa internalização não ocorre de maneira passiva, mas é um processo de transformação, de síntese.

É como se, ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo “tomasse posse” das formas de comportamento fornecidas pela cultura, num processo em que as atividades externas e as funções interpessoais transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas. (Oliveira, 2008, p.38).

Este processo é marcado pela inserção do ser humano em um determinado grupo cultural, o que, novamente, sugere que o desenvolvimento humano se dá de fora para dentro. Graças a isso, pode-se dizer que o fundamento do funcionamento psicológico tipicamente humano é social e, portanto, histórico.

É importante ressaltar que os processos de mediação sofrem modificações de acordo com o desenvolvimento do indivíduo. Experiências feitas por Vygotsky demonstraram que uma criança muito pequena pode ser incapaz de utilizar ou se beneficiar de um objeto mediador. A partir de oito anos, normalmente, já são capazes de fazer uso de recursos externos. O adulto, por sua vez, pode não necessitar desses mesmos recursos e ainda assim se sair bem em alguma tarefa. Isso se deve ao fato que a mediação no adulto ocorreu internamente através de representações mentais, independente de objetos externos. Esses signos internalizados funcionam assim como as marcas exteriores.

No indivíduo, conforme ocorre o desenvolvimento, mais constituído de cultura se torna o sujeito. E são as funções psicológicas superiores que permitem que entre o homem e o mundo real haja essas ferramentas que auxiliam as atividades do ser humano. “Essa capacidade de lidar com representações que substituem o próprio real é que possibilita ao homem libertar-se do espaço e do tempo presentes, fazer relações mentais na ausência das próprias coisas, imaginar, fazer planos e ter intenções...” (Oliveira, 2008 p.35). Na relação do homem com o mundo, aliás, essas representações mentais da realidade exterior são os principais mediadores a serem considerados.

Portanto, pode-se dizer que o indivíduo possui um aparato biológico que serve de base para seu funcionamento psicológico; é esse aparato que estabelece as inúmeras possibilidades do sujeito, assim como seus limites. Mas, simultaneamente, o indivíduo interage com o mundo real em que vive e com as formas de organização desse real dadas pela cultura. Essas formas culturalmente dadas serão, ao longo do processo de desenvolvimento, *internalizadas*

pelo indivíduo e se constituirão no material simbólico que fará a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Ao longo da evolução da espécie humana, as representações da realidade passam a ser articuladas em *sistemas simbólicos*, passando a ser compartilhadas

pelo conjunto de membros do grupo social, permitindo a comunicação entre os indivíduos e o aprimoramento da interação social. Os sistemas de representação da realidade – e a *linguagem* é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos – são, portanto, socialmente dados. (Oliveira, 2008 p.36)

De acordo com Oliveira (1992a), para Vygotsky, a linguagem possui pelo menos duas grandes funções:

a de intercâmbio social e a do pensamento generalizante. Isto é, além de servir ao propósito da comunicação entre indivíduos, a linguagem simplifica e generaliza a experiência, ordenando as instâncias do mundo real em categorias conceituais cujo significado é compartilhado pelos usuários dessa linguagem. (p.27).

Ou seja, através da linguagem, é possível nomear os objetos de atributos semelhantes e classificá-los numa mesma categoria conceitual. Graças à linguagem, podemos dizer *gato* e todos os seres humanos que dominam o nosso idioma entendem o que estamos dizendo. A palavra *gato* é, portanto, um signo que se refere a uma classe de objetos. Esse significado é fornecido pela cultura na qual o indivíduo se encontra.

Segundo Luria (1979), além dessas duas funções da linguagem, que imprimem mudanças essenciais na atividade consciente do homem, há ainda uma terceira: a possibilidade de lidar com objetos ausentes através dos significados.

A linguagem é o sistema simbólico fundamental na mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. De acordo com Luria (1979), “A importância da linguagem para a formação da consciência consiste em que ela efetivamente penetra em todos os campos da atividade consciente do homem, eleva a um novo nível o desenrolar dos seus processos psíquicos”.(p.82)

Ela possibilita que as demais funções mentais superiores se formem e sejam culturalmente transmitidas: reorganiza os processos de *percepção* do mundo exterior, criando novas leis dessa função através da capacidade de discriminar ou generalizar indícios essenciais do objeto; altera essencialmente os processos de *atenção* com a capacidade de poder dirigi-la arbitrariamente, discriminando objetos, qualidades ou ações nomeadas; muda os processos de *memória* do homem; possibilita o desligamento da experiência imediata

através da *imaginação*, da *transição do real ao racional*, da criação e do estabelecimento de *regras* permanentes ou provisórias.

Buscando uma unidade de análise do comportamento humano que fosse capaz de incluir todas as manifestações psicológicas, das mais elementares às mais complementares, Vygotsky encontrou o *significado*. O significado interliga as diferentes funções psicológicas com o indivíduo e a sociedade; ele não é específico da palavra, nem do pensamento. “O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento”. (Vygotsky, 1987, p. 104).

Vygotsky conclui que, na realidade, o significado é um fenômeno do pensamento na medida em que este ganha corpo através da fala, e também é um fenômeno da fala porque ela está ligada ao pensamento; ou seja, é um fenômeno da fala e do pensamento - do *pensamento verbal*. O significado de cada palavra é um conceito, uma generalização. E ele evolui à medida que a criança se desenvolve e de acordo com as diferentes formas que o pensamento funciona. “Na significação, a relação acontece entre sujeitos, sujeitos em intersubjetividade pelas mediações semióticas em um mundo dos sujeitos, sujeitos não-individuais e nem abstratos, mas sujeitos constituídos histórica e socialmente.” (Molon, 2003, p.108).

Dentro de uma determinada sociedade, ou grupo social, os significados – historicamente construídos - que têm, por exemplo, frequentar à escola, o papel dos professores, o estudo, aprender a ler e a escrever, os livros, cursar uma faculdade, etc. são compartilhados culturalmente.

Porém, envolvendo o significado, está o *sentido*. O sentido pode ser alterado no contexto em que surge, bem como pode ser diferente para membros inseridos em uma mesma cultura. Enquanto o significado é de certa forma estável, o sentido depende da história de mediação do sujeito. Uma mesma palavra, por exemplo, *casa*, possui um mesmo significado para todos: é sinônimo de residência, onde moram as pessoas. Porém, para cada indivíduo ela pode ter um sentido de acordo com suas vivências afetivas – para um, essa palavra traz alegria e conforto, para outro tristeza, saudade, já para outro é um sonho distante. Dessa maneira, de acordo com sua história de vida, os sentidos produzidos pelo sujeito são únicos. Já o significado sempre permanecerá estável, mesmo com as constantes alterações de sentido. (Molon, 2003)

Sendo assim, cada sujeito constitui-se de maneira única, de acordo com suas trajetórias pessoais singulares e experiências particulares com o mundo e com as outras

peessoas. Cabe ressaltar que nem os significados e nem os sentidos são neutros, mas carregados de valores existentes em cada sujeito ou em cada cultura. Não é possível, por exemplo, afirmar que sujeitos que tiveram uma *infância vulnerável* e que cresceram em um ambiente que, aparentemente, não favorecia o aprendizado, dificilmente terão uma relação afetiva e autônoma com a leitura e a escrita, pois, como já foi posto, as experiências são únicas, bem como os sentidos construídos pelos sujeitos. Neste sentido, o tema *infância vulnerável* será discutido no próximo capítulo.

2. VULNERABILIDADE SOCIAL

O termo vulnerabilidade tem sido empregado em vários estudos sociais (MOSER apud ABRAMOVAY 2002; ABRAMOVAY, 2002; CEPAL, 2000a/b, FILGUEIRAS, 2001; BUSSO, 2001, entre outros). Porém, somente nos últimos anos é que se tem desenvolvido uma maior reflexão a respeito das limitações dos estudos sobre a pobreza: percebeu-se que esses estudos não davam conta dos complexos determinantes desse fenômeno. Os novos estudos sobre o tema passaram a envolver, além dos aspectos da pobreza, o reconhecimento do fenômeno do bem-estar social de uma maneira mais dinâmica, bem como das múltiplas causas e dimensões associadas a esse processo.

Na América Latina, somente a partir dos trabalhos de Caroline Moser e seu grupo do Banco Mundial, os quais sintetizam o chamado *asset/vulnerability framework* (MOSER apud ABRAMOVAY, 2002) é que o termo passou a incorporar novos significados e situações, além apenas da renda ou de bens materiais. Desde então, outros estudiosos vêm discutindo e estudando acerca do tema.

Embora ainda não haja um consenso, um dos conceitos bastante utilizados no Brasil é o de Abramovay (2002). A autora entende a vulnerabilidade social como “o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade.” (p.29)

O termo vulnerabilidade é mais adequado por fazer referência a um processo, e não a um estado, como os conceitos de pobreza e exclusão. Além disso, o conceito de vulnerabilidade pode incorporar e superar o conceito de pobreza. (CRUZ, 2006 e BUSSO, 2001).

Segundo Sierra & Mesquita (2006), as crianças e os jovens tornam-se ainda mais vulneráveis por dependerem do adulto, do relacionamento com o mesmo. Leis como os artigos 227 e 228 da Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990, buscavam limitar o poder dos adultos sobre as crianças e os adolescentes, no sentido de garantir a reciprocidade social. Dessa maneira, as normas jurídicas passam ocupar o lugar que antes ocupavam os valores sociais, sendo que a criança e o adolescente passam a poder acionar a justiça contra seus pais, vizinhos, professores, parentes,... “Nesse sentido, pode-se dizer que ser vulnerável não é o mesmo que ser incapaz, mas significa ter por direito a condição de superar os fatores de risco que podem afetar o seu

bem-estar.” (SIERRA & MESQUITA, 2006, p.150) Sendo assim, a concepção de bem-estar social se amplia e passa a incluir a qualidade dos relacionamentos.

Dessa forma, os direitos da criança e do adolescente dependem, em grande parte, dos deveres dos adultos. Inclusive porque seu crescimento e sua formação dependem da família, da sociedade e do Estado. A qualidade da infância não depende apenas da situação social, mas também, e principalmente, das relações que se estabelecem na família, na escola, com vizinhos,... (SIERRA & MESQUITA, 2006)

Sierra & Mesquita (2006) elencaram, de maneira clara e objetiva, alguns fatores de vulnerabilidade das crianças e adolescentes. Para selecionar os sujeitos que participariam da presente pesquisa, tomou-se como base alguns desses fatores: eles teriam que se adequar em, ao menos, três deles para serem considerados sujeitos que tiveram uma infância vulnerável. Seguem:

- Riscos inerentes à dinâmica familiar: são os problemas relacionados ao alcoolismo, aos conflitos entre casais que fazem da criança a testemunha de ofensas e agressões; enfim, toda forma de violência doméstica, traumas, abusos sexuais, carências afetivas, etc.
- Riscos relacionados ao local de moradia: a precariedade da oferta de instituições e serviços públicos, a disponibilidade dos espaços destinados a lazer, as relações de vizinhança, a proximidade à localização dos pontos de venda controlados pelo tráfico de drogas;
- Os riscos relacionados à forma de repressão policial às atividades do tráfico de drogas e à violência urbana;
- O risco do trabalho realizado pelas instituições que os recebem (em caso de criança advinda de abrigos infantis);
- Os riscos à saúde: compreende a ausência de um trabalho de prevenção e o acesso ao atendimento médico e hospitalar;
- Os riscos do trabalho infantil;
- O risco da exploração da prostituição infantil;

De acordo com os fatores apontados, nota-se que Sierra & Mesquita (2006) consideram vulneráveis todos aqueles que perderam os seus direitos de habitar, circular, receber educação, saúde, etc. ou que os têm ameaçado por não terem condições de realizá-los. Ressaltando que a situação da criança e do adolescente pode se agravar de acordo com a qualidade da interação com os adultos.

Não muito diferente das concepções já elucidadas, Guareschi, Reis, Huning & Bertuzzi (2007) entendem a vulnerabilidade social “como uma posição de desvantagem frente ao acesso às condições de promoção e garantia dos direitos de cidadania de determinadas populações.” (p.17) Essa concepção é interessante na medida em que enxerga o grupo como estando em situação vulnerável, e não o indivíduo. Diferentemente de quando se aborda o conceito *de risco*, o conceito de vulnerabilidade não está relacionado à conduta ou ao comportamento do indivíduo. As autoras também mencionam e concordam com Abramovay (2002), que afirma que vulnerabilidade social é quando um grupo social fica excluído das oportunidades oferecidas pela sociedade em geral. O conceito aqui está indiretamente ligado ao de mobilidade social. Um grupo sem acesso à educação, à saúde, e às políticas públicas, é prejudicado ao tentar se movimentar nas estruturas sociais e econômicas da sociedade.

É importante ressaltar que, mais uma vez, deixa-se claro que o termo vulnerabilidade social não se restringe à situação de pobreza ou carência econômica. Guareschi, Reis, Huning & Betuzzi (2007) exemplificam um grupo que tende a ter restrita sua mobilidade social, como é o caso do negro que, em função da sua cor, sofre preconceitos e discriminações, mesmo que não possua desvantagem econômica. Assim, é também com homossexuais, e nas relações de gênero e etnia. Ainda segundo as autoras, “a vulnerabilidade cresce quando aparecem algumas das situações a seguir: falta de acesso à informação, aos serviços básicos de educação e falta de confiança ou credibilidade na sustentação de estratégias de ação”. (p.20)

Com relação ao termo “de risco”, já mencionado aqui, Hillesheim & Cruz (2008) tecem uma crítica, afirmando que o mesmo está diretamente relacionado a palavra perigo. Huning & Guareschi (2003) criticam o termo infância de risco, afirmando que as expressões “de risco” e “em risco” se confundem e tendem a se referir ao outro, ao diferente como “de risco”, não que alguém está em situação desfavorável, mas que apresenta um risco. A infância pobre passa, então, a ser vista como infância de risco e o risco passa a ser a própria criança ou o adolescente, portador de todas as falhas e depositário de todos os males.

“A noção de risco possibilita neutralizar a ideia de perigo, a partir da antecipação do mesmo e da vigilância sobre as situações que possam causá-lo. Portanto, a infância pobre vem demandar políticas de proteção especial, cabendo perguntar: quem deve ser protegido? A criança? O corpo social?” (HILLESHEIM & CRUZ, 2008, p.195)

Segundo Huning & Guareschi (2003), a essas crianças, que frequentemente são chamadas de menor, pivete e trombadinha, são instituídas novas instâncias de intervenção: instituições de apoio, programas de assistência, projetos de acompanhamento, técnicas

especiais de tratamento, etc. Segundo Hillesheim e Cruz (2008), foi a partir do século XIX que os riscos passam a ser vistos como gerenciáveis e foram criadas, então, as políticas nacionais direcionadas à infância como o Laboratório de Biologia Infantil (1936), a Doutrina da Situação Irregular (1942) e o Serviço de Assistência ao Menor.

Também passou a haver intervenção pública sobre a infância e adolescência a partir da Política Nacional do Bem-Estar do Menor, o Código de Menores, o Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Legião Brasileira de Assistência, que implantou o Projeto Casulo em 1976. Todos esses projetos buscaram acabar com essa infância pobre, e, portanto, perigosa, utilizando a prevenção como estratégia de governabilidade. Estabelece-se o que é o normal e desejável, e tenta-se *compensar* os não considerados dentro do padrão adequado, para que todos alcancem o mesmo padrão. Tudo para corrigir o diferente e fazer com que, no futuro, ele se torne um adulto *normal*.

Cria-se uma equação em que parte do menino pobre, sinônimo de situação de risco e de futuro criminoso, sobre o qual faz-se agir uma série de estratégias disciplinares/ortopédicas, para obter-se como resultado o adulto normal, que não represente ameaça à sociedade. Nesta equação, variáveis como a produção sócio-cultural da situação de risco ou da criminalidade e a análise das diferenças e dos padrões de normalidade, não ganham espaço. (HUNING & GUARESCHI, 2003, p.07)

Segundo Huning & Guareschi (2003) e também Hillsheim & Cruz (2008), ainda mais grave é passar a se aceitar como natural a existência de crianças e adolescentes em situação de risco. Dessa forma, isenta-se a sociedade de seu compromisso com essa produção. Culpabiliza-se o sujeito *em* situação de risco: ele é o risco. E com isso, raramente consegue-se dissociar palavras como *menor* da palavra *risco*, o que dá a ideia de que esse sujeito tenha que ser evitado, prevenido.

Hillesheim & Cruz (2008) afirmam que a noção de risco é vista como causa e efeito. Os fatores de risco geram o perigo e, portanto, devem ser combatidos e controlados. Antecipa-se o futuro. Os autores sugerem romper com essa lógica, pensando no tempo não como futuro, mas como porvir. “O pensamento do talvez abala a noção de risco, visto que o talvez não é planejável e traz a possibilidade do acontecimento, do incompreensível e do imprevisível.” (p.197)

Cruz (2010) afirma que no capitalismo em que o mundo está submerso, uma das maneiras que se tem encontrado para exercer o controle social é a crescente onda de patologização e medicalização. Especialmente nos casos de jovens infratores, negam-se as influências do meio social em que esse jovem vive – e seu sofrimento durante a vida – e

encaram-se os “sintomas” como transtornos neuro-hormonais. De acordo com a autora, essa é uma nova maneira de enclausurar os sujeitos. Ao invés do manicômio, enclausura-os em suas próprias identidades, reduzindo-se as problemáticas políticas a questões individuais.

Essa psiquiatrização impede a leitura dos processos sociais de exclusão e de vulnerabilidade social que são também determinantes do ato infracional e o despoja da possibilidade de construção de laço social. Nesta posição de expulso, o sujeito já perdeu sua visibilidade na vida pública, não tem voz, entrou no universo da indiferença. É um sujeito absolutamente determinado: sem possibilidades, sem nome, sem potência. (VICENTIN, 2010, p.50)

Já na infância, tem se produzido “uma multiplicidade de diagnósticos psicopatológicos e de terapêuticas que tendem a simplificar as determinações dos sofrimentos ocorridos na infância (...) de modo a tentar sanar sintomas de crianças, sem considerar o contexto na qual se apresentam.” (GUARIDO, 2010, p.29) Segundo a autora, tem-se gerado a *biologização do humano*, através da ilusão de um possível controle da vida através de medicamentos.

A respeito da hegemonia do discurso sobre organismo, Patto (1999) demonstra e analisa como, através das explicações psicológicas para o fracasso escolar, se culpabilizam crianças e famílias, retirando do sujeito as possibilidades de atuar, visto que as questões referentes ao aprendizado estariam ligadas ao funcionamento cerebral. Logo, o poder estaria na mão de especialistas a quem, dificilmente, essas crianças pobres teriam o acesso adequado. Essa concepção serviu durante anos para sustentar a manutenção das divisões de classe e da ideologia dominante e, segundo Souza (2010), está retornando através da medicalização e dos diagnósticos de transtornos de aprendizagem.

É importante ressaltar que, de acordo com a abordagem histórico cultural, assumida nessa pesquisa, o que determina – em grande parte – as condições de aprendizagem e de vulnerabilidade do sujeito é o seu meio social, visto que o sujeito se constrói na e pela interação humana, em situações concretas de vida. O sujeito, ser histórico e social, é marcado pela cultura na qual está inserido e passa a interagir - desde o seu nascimento - com o mundo real em que vive e com as formas de organização desse real.

Na presente pesquisa, supõe-se claramente que o sujeito está sempre em transformação e que a vulnerabilidade nada mais é do que a situação em que o sujeito se encontra naquele determinado momento.

Todos os autores mencionados aqui concordam que é a partir do outro que a vulnerabilidade se estabelece em determinado meio, e é absolutamente possível superá-la como sujeito. Esta pesquisa irá colaborar para esclarecer como isso pode acontecer,

considerando adequados os apontamento de Sierra & Mesquita (2006) que colocam a qualidade dos relacionamentos como um dos determinantes do futuro de crianças e adolescentes. É assim no caso da aprendizagem da leitura e da escrita, temas centrais nessa pesquisa e que serão abordados no próximo capítulo.

3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Os conceitos *alfabetização*, *letramento*, *alfabetizado* e *analfabeto* são construídos socialmente e, por conta disso, estão em constante transformação, variando de acordo com as concepções políticas de cada sociedade, em cada época. De acordo com Soares (1995), no início do século XIX, bastava o indivíduo escrever o próprio nome para ser considerado alfabetizado. Por volta de 1940, alfabetizado era quem fosse capaz de ler e escrever um bilhete simples. Visando padronizar os critérios de cidadão alfabetizado e analfabeto, a UNESCO, em 1958, estabeleceu que se consideraria alfabetizado o indivíduo que fosse capaz de ler e compreender um enunciado curto e simples de seu cotidiano. (SOARES, 1995) Ao contrário, analfabeto seria o indivíduo que não fosse capaz de ler e escrever tal enunciado no seu dia a dia.

Neste sentido, essa concepção detecta superficialmente aqueles que leem e escrevem com compreensão, baseando-se apenas em um tipo de texto: isto, obviamente, não significa que esses indivíduos sejam bons produtores de texto, utilizando com clareza e autonomia a linguagem escrita em diferentes situações sociais.

Porém, segundo Leite (2003), nas duas últimas décadas houve grande revolução na área. A ruptura com o modelo tradicional de alfabetização, que vinha sendo seguido há décadas, foi tão marcante, que é possível distingui-lo claramente dos modelos atuais de alfabetização. Isso se deve, principalmente, a essa mudança na concepção de escrita.

No modelo tradicional, ler e escrever são entendidos como processo de codificação e decodificação. Supõe-se que, para cada som emitido, há uma forma de representação gráfica produzida pela cultura, ou seja, a escrita é vista como um sistema de representação da linguagem oral. Além disso, nesse modelo, persiste o conceito de *prontidão*: momento em que o indivíduo estaria apto para aprender a ler e escrever, ou seja, momento em que a escrita deve ser-lhe ensinada. Este momento seria determinado, de um lado, pela maturação biológica; de outro, pelas habilidades desenvolvidas destacando-se as de natureza sensorial. Assim, antes do processo de alfabetização, seria necessário desenvolver essas habilidades sensoriais, consideradas pré-requisito para a leitura e escrita (controle motor, discriminação visual e auditiva, lateralidade, etc.). De acordo com essa perspectiva, a prática pedagógica tinha como objetivo primordial fazer com que o aluno dominasse o código escrito, evitando o erro – que levaria à reprovação -, priorizando atividades de memorização - como a cópia - para só depois habilitá-lo a usar a escrita funcionalmente. (LEITE, 2010)

Já as propostas atuais (SOARES, 1985; FERREIRO, 1985; SMOLKA, 1988; LEITE, 1988, 1992) enfatizam os usos sociais da escrita. Assume-se o

“caráter simbólico da escrita, entendendo-a como um sistema de signos cuja essência reside no significado subjacente a ela, o qual é determinado histórica e culturalmente; assim, uma palavra escrita é relevante pelo seu significado compartilhado pelos membros da comunidade.” (LEITE, 2003, p.24).

A escrita, então, adquire um caráter verdadeiro, real, com sentido, diferentemente das tradicionais práticas escolares em que se aprendem frases como: “O boi baba”, “Ivo viu a uva.”, entre outras. Nesta perspectiva atual, o ponto de partida e de chegada de todo o processo de alfabetização é o *texto*, falado ou escrito, que constitui uma unidade de sentido em uma determinada situação discursiva (LOPES, apud LEITE, 2003).

Surgiu a necessidade, então, de um termo mais amplo, que abordasse além do simples domínio do código escrito. Passou-se, então, a utilizar o termo *letramento* – ou *alfabetismo*, para alguns autores. A palavra *letramento* vem do inglês “literacy”, derivado do latim *littera* (letra), com o sufixo “cy”, que designa condição, qualidade. Letramento é definido como “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (SOARES, 1998, p.39) O termo designa um conjunto de comportamentos, que pode ser dividido em duas grandes dimensões – *social* e *individual* – que envolvem os atos de ler e escrever. (SOARES, 1995)

Na dimensão individual, o letramento é interpretado como um atributo pessoal. Tratando desta dimensão, a autora salienta que ler e escrever são dois processos com peculiaridades distintas. De acordo com a autora, é possível ser um bom leitor, sem ser um escritor, e vice-versa. Mesmo a própria leitura pode ocorrer de inúmeras maneiras, a partir dos mais variados gêneros textuais. Soares (1995) diz que “ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras, e é *também* um processo de construção da interpretação de textos escritos” (grifos da autora) (p.8). Sendo assim, ler não é apenas traduzir sons em sílabas, mas envolve habilidades cognitivas e metacognitivas. Soares enumera essas habilidades:

- Decodificar símbolos escritos.
- Captar o sentido de um texto escrito.
- Interpretar sequências de ideias ou acontecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáfora.
- Fazer previsões iniciais sobre o significado do texto.

- Construir o significado combinando conhecimentos prévios com as informações do texto.
- Controlar a compreensão e modificar as predições iniciais, quando necessário.
- Refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações.

Assim como a leitura, a escrita também envolve inúmeras e variadas habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, mas diferentes das habilidades da leitura: “escrever é um processo de relacionamento entre unidades sonoras e símbolos escritos, e é também um processo de expressão de ideias e de organização do pensamento sob a forma de escrita.” (SOARES, 1995, p.9) Da mesma forma, a escrita deverá envolver diversos gêneros textuais, e inclui:

- Habilidades de traduzir fonemas em grafemas.
- Habilidades cognitivas e metacognitivas.
- Habilidades motoras.
- Conhecimento de ortografia e pontuação.
- Habilidades de selecionar informações relevantes sobre o tema e de identificar os leitores pretendidos.
- Habilidade de fixar os objetivos do texto e de decidir como desenvolvê-lo.
- Habilidade de organizar as ideias no texto, de estabelecer relações entre elas, de expressá-las adequadamente.

Soares (1995), a partir desse levantamento, aponta que o conceito de *alfabetismo* (tratado por ela mesma, posteriormente, e por outros autores como “letramento”) é muito difícil de ser caracterizado e delimitado. De acordo com a autora, a leitura e a escrita estendem-se em um “*continuum* indicando diferentes tipos de habilidades e conhecimentos que podem ser utilizados para ler ou escrever diferentes tipos de material escrito” (p. 9). Sendo o alfabetismo uma variável contínua e não uma variável discreta, torna-se difícil estabelecer um limite, um ponto que indique a diferenciação entre analfabetismo e alfabetismo.

Apresentando a dimensão social do alfabetismo, Soares (1995) acredita que “o alfabetismo não é nem apenas essencialmente um estado ou condição pessoal; é, sobretudo, uma prática social: o alfabetismo é o que as pessoas *fazem* com as habilidades e conhecimentos de leitura e de escrita, em determinado contexto, é a relação que se estabelece entre essas habilidades e conhecimentos e as necessidades, os valores e as práticas sociais.”

(p.10) Ou seja, o alfabetismo (ou letramento) implica que as pessoas utilizem efetivamente a leitura e a escrita no contexto social do qual fazem parte.

Porém, sobre o conceito de alfabetismo, incluindo sua dimensão social, há duas grandes tendências. A primeira delas é a tendência progressista ou “liberal”, que seria uma versão “fraca” dos atributos e implicações dessa dimensão. A outra é a tendência radical, “revolucionária”. (SOARES, 1995)

A tendência progressista afirma que a leitura e a escrita devem estar sempre associadas a seu uso; o indivíduo deve funcionar adequadamente de acordo com um determinado contexto social. Vem daí a expressão “alfabetização funcional”. Há uma ênfase na funcionalidade. Ler e escrever nos países de Primeiro Mundo são definidos como um conjunto de habilidades para, basicamente, responder às demandas sociais e servir a lógica capitalista.

Ao contrário dessa perspectiva liberal do conceito de analfabetismo, há a perspectiva “radical” e “revolucionária”. De acordo com esta perspectiva, as habilidades de leitura e escrita não devem ser vistas como “neutras”, como habilidades apenas funcionais. Mas habilidades através das quais é possível reforçar ou questionar valores, tradições, relações de poder presentes no contexto social, visto que ninguém pode controlar ou separar o que o outro pode ou deve ler e escrever. Dessa maneira, a leitura e a escrita podem ser um meio que possibilita ao indivíduo se tornar consciente da realidade e transformá-la.

O letramento sob a óptica da abordagem histórico-cultural, pode ser analisado seguindo esses conceitos, entendendo a escrita como um sistema simbólico, de natureza histórica e social.

De acordo com essa abordagem

“a leitura e a escrita trazem para o indivíduo conseqüências socioculturais, ou seja, uma nova condição social e cultural, um novo modelo de viver na sociedade e de se inserir na cultura (o que também não implica mudar de nível socioeconômico), e também conseqüências linguísticas, uma vez que o convívio com a língua escrita influencia o uso da língua oral, as estruturas linguísticas e o vocabulário.” (NUCCI, p.55, 2003).

Podemos, então, pressupor que o letramento pode possibilitar novas formas de inserção cultural, criando condições para o indivíduo viver situações diferenciadas que demandam usos funcionais da escrita em seu cotidiano. Assim como o contexto social determina as práticas sociais do indivíduo, também são necessárias habilidades individuais de leitura e escrita, considerando-se que o letramento está relacionado com aspectos individuais e sociais, como já foi descrito neste capítulo. De acordo com Soares (1998), o que muda no

indivíduo que adquire um bom nível de letramento é o seu lugar social. Esse indivíduo, diferentemente daquele que apenas adquiriu o código escrito, está melhor instrumentalizado para compreender e participar ativamente da sociedade na qual está inserido.

Vygotsky (2007), há aproximadamente um século, já tecia uma crítica a respeito do ensino mecanizado da escrita. Segundo o autor, a criança não pode desenvolver por si só a linguagem escrita, já que esta depende de um ensino sistematizado. Ela necessita de um treinamento que exige muito esforço e atenção, por parte dela e do professor. Porém, há uma diferença entre ensinar a criança a desenhar letras e palavras, e ensinar a linguagem escrita, seu uso social. “Para isso a criança precisa fazer uma descoberta básica – a de que se pode desenhar, além das coisas, também a fala.” (p.140)

Luria (1988b), em seus estudos, verificou que as crianças, antes dos seis anos, já são capazes de identificar a função simbólica da escrita, se estiverem em contato com ela. Defende que o ensino deve ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias, principalmente, através do brincar. Segundo Vygotsky (2007, p. 145) “Desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças.” Cabe ao educador acompanhar todo o processo, até o momento em que a criança descobre que é possível desenhar não apenas objetos, mas também a fala. De acordo com o autor, a escrita deve ser ensinada de uma maneira que a criança a entenda como algo necessário ao seu desenvolvimento, e não como algo imposto. Para isso, a leitura e a escrita precisam estar presentes no cotidiano das crianças.

Sendo assim, entende-se que o processo de alfabetização inicia-se muito antes do ingresso da criança na escola, através, principalmente, da mediação do adulto; a criança “vai gradualmente identificando a natureza e as funções da escrita, num processo cujo ritmo e excelência são determinados pela quantidade e qualidade das interações do sujeito com a escrita.” (LEITE, 2003, p.29). Assim, a qualidade das mediações vai se constituir como um importante determinante das concepções elaboradas pela criança sobre a escrita. “As experiências vivenciadas com outras pessoas marcarão e conferirão aos objetos de conhecimento um sentido afetivo, determinando, assim, a qualidade do objeto apropriado pelo sujeito.” (TASSONI, 2003, p.226).

Para Leite (2003, 2006), Grotta (2003) e Tassoni (2003), a mediação que se estabelece entre sujeito e objeto do conhecimento é, também, de natureza afetiva e depende, em grande parte, da história e da qualidade da mediação desenvolvida pelos agentes culturais, entre os quais se destacam a família e a escola. Dados de várias pesquisas, entre elas a de Grotta

(2003), sugerem que o processo de constituição dos sujeitos como leitores autônomos tinha forte relação com uma história de vida marcada por essas experiências de mediação essencialmente afetivas, além, é claro, das dimensões cognitivas envolvidas no processo.

Leite (2010), orientador da pesquisa de Grotta, busca compreender os motivos pelos quais a afetividade permaneceu historicamente periférica nas relações de ensino. O autor acredita que isso tenha ocorrido “devido ao predomínio secular de concepções filosóficas e psicológicas segundo as quais o homem é entendido como um ser dividido entre razão e emoção – a chamada concepção dualista, cujas raízes encontram-se na tradicional dualidade cartesiana entre corpo e alma: afetos, como parte da dimensão anímica, não poderiam ser objeto de estudos científicos.” (p.43) Além disso, coloca o autor, a razão sempre teve predomínio sobre a emoção, sendo esta última constantemente relacionada aos aspectos sombrios do ser humano.

De acordo com as teorias centradas nos determinantes culturais, históricos e sociais da condição humana, que buscaram uma nova compreensão do homem, afetividade e cognição são entendidos como dimensões indissociáveis, não sendo mais possível analisá-las isoladamente – ideia central da concepção monista. Sendo assim, faz-se necessária uma nova compreensão do processo de produção e de apropriação do conhecimento por parte do sujeito, identificando o possível papel da dimensão afetiva. Isso inclui, é claro, o processo de alfabetização e letramento que está sendo discutido no presente capítulo.

Leite (2010) destaca que a afetividade relaciona-se com o processo de mediação pedagógica, independentemente do tipo de conteúdo curricular em questão. Menciona também que essas mediações extrapolam os limites da escola: “entretanto, posso supor que quanto mais limitado for o ambiente cultural de uma criança, maior será o efeito das experiências vividas na escola.” (p.49)

A escola deve dar continuidade, de maneira mais sistematizada, ao processo de alfabetização já iniciado no contexto social no qual o sujeito está inserido. O eixo principal desse processo é o que se estabelece entre sujeito (o aluno) e objeto de conhecimento (a escrita), em uma relação horizontal com fluxo em ambas as direções. O principal mediador entre ambos, em sala de aula, sem dúvida, é o professor, e a qualidade dessa mediação poderá gerar diferentes tipos de sentimentos na relação do aluno com o objeto. Logo, o professor traz consigo a responsabilidade de uma mediação de qualidade, que garanta experiências afetivas positivas, para que haja a internalização dos significados afetivamente positivos pelo aluno.

“Desse modo, os aspectos afetivos participam de igual maneira, e em conjunto com os cognitivos, do processo de aprendizagem.” (TASSONI, 2003, p. 227)

É importante, também, lembrar que, aos três anos de idade, a criança já se apropriou da estrutura básica de sua língua materna, já compreende muitas palavras e frases e é capaz de utilizar-se delas em seu dia-a-dia. Assim, até que ingresse na escola, utilizará basicamente a linguagem oral conforme as regras de seu dialeto, determinado pela comunidade linguística à qual está ligado. “A língua portuguesa, como qualquer outra língua, tem o certo e o errado somente com relação à sua estrutura. Com relação a seu uso pelas comunidades falantes, não existe o certo e o errado linguisticamente, mas o diferente”. (CAGLIARI, 2004) Cabe, portanto, à escola e, principalmente, ao professor, valorizar a oralidade e as variações linguísticas; ao contrário de emitir julgamentos desfavoráveis, deve compreender e conscientizar seus alunos das diferentes linguagens, oferecendo-lhes a oportunidade de conhecer e adquirir o domínio da língua padrão, institucionalmente aceita.

Cabe ainda ressaltar que, assim como o aluno que fala um dialeto diferente do praticado na escola, o aluno que nunca conviveu com livros, leitura e escrita, também encontrará dificuldades para se inserir no dialeto padrão da escola. Segundo Cagliari, (2004), é como se ele precisasse aprender um segundo idioma.

Entretanto, Soares (2004) defende que, além das diferenças estruturais da língua, devem ser consideradas as diferentes funções que ela assume. Nas classes favorecidas, as funções que predominam são as mesmas da escola; já no caso das crianças de classes populares, a língua tem outras funções. Soares (2004) menciona algumas pesquisas nas quais estão evidenciadas essas diferenças. Para a criança de classe alta, por exemplo, a professora usa a língua para ensinar, para falar coisas boas e transmitir conteúdos. Já para as crianças das camadas populares, a professora regula o comportamento das mesmas: não deixa fazer barulho, manda para a diretoria, controla a fila... Para as primeiras, a escola é um espaço de aprendizagem, e a língua é aí usada predominantemente com a função representativa. Já para as segundas, a escola serve para modelar seus comportamentos sociais, e a língua aparece predominantemente com a função reguladora. É mais uma dificuldade que os alunos pertencentes às classes populares, provavelmente, enfrentam, e é com mais esse desafio que os sujeitos envolvidos e comprometidos com uma escola de qualidade tem que lidar para que os alunos não corram o risco de serem duplamente excluídos: pela própria sociedade na qual está inserido e também pela escola.

Por outro lado, se o professor e a escola compreenderem o aluno como tendo “um papel psicológico marcadamente ativo, ou seja, à medida que vivencia experiências psicológicas, elabora e vivencia ideias, hipóteses e sentimentos, podendo até desenvolver habilidade de análise dessas próprias repercussões subjetivas” (LEITE & TASSONI, 2007, p.120), e assumirem assim, uma postura favorável a uma perspectiva crítica, baseando-se em uma relação dialógica e com conteúdos que possibilitem problematizar a realidade, esses alunos - assim como os demais - estarão incluídos em um processo de reflexão crítica no qual todos poderão se constituir como sujeitos ativos e conscientes de suas práticas.

Paulo Freire foi um dos primeiros a enfatizar o caráter revolucionário que a leitura e a escrita podem desempenhar. Segundo o autor, “A leitura de mundo precede a leitura da palavra, (...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p. 11 e 20)

Por outro lado, grupos dominantes podem buscar se utilizar da leitura e da escrita como forma de controle, em defesa de seus interesses. Sendo assim, para esta perspectiva, o alfabetismo pode ser um instrumento tanto para a libertação quanto para a domesticação do homem. Em cada sociedade, a leitura e a escrita serão concebidas de uma maneira; “o alfabetismo é, nessa perspectiva, um conjunto de práticas governadas pela concepção de *o que, como, quando e por que* ler e escrever.” (SOARES, 1995, p.11).

Ainda segundo Paulo Freire, a educação deve possibilitar a reflexão crítica sobre os aspectos relevantes da vida social e a escola pode exercer papel fundamental nesse processo, se for planejada com esse compromisso. Freire (1996) tece críticas ao modelo tradicional de educação, chamado por ele de “*educação bancária*”, pois nesse modelo o sujeito apenas recebe passivamente os conteúdos transmitidos pelo professor. Freire afirma que, para alcançar a consciência crítica, que possibilita ao homem ser sujeito ativo de sua história e da história da humanidade, a educação deve instigar o aluno a uma reflexão crítica, centrada no diálogo e na troca de experiências entre todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizado. A *conscientização*, segundo ele, deve ser o primeiro objetivo da educação que, em um contínuo exercício de reflexão, deve possibilitar ao indivíduo que ele se reconheça como ser histórico, sujeito da consciência social e de si mesmo. Uma pessoa conscientizada é capaz de desvelar a ação das coisas e assumir uma postura transformadora da realidade, isto é, a conscientização permite a organização política que possibilita a ação. (FREIRE, 1980). Para

Freire (FREIRE & MACEDO, 1990) a alfabetização é um ato político, e faz parte do processo que permite aos indivíduos responsabilizarem-se pelas transformações sociais.

Portanto, de acordo com esta perspectiva, o papel da alfabetização é o de contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica, ampliar a capacidade dos alunos de se relacionarem e compreenderem o mundo político-social em que vivem, para que se sintam capazes de participar ativamente nas mudanças que julgarem necessárias. Alfabetização, aqui, não se traduz no domínio do código, mas é fazer com os alunos se conscientizem e se sintam sujeitos pertencentes à história. (AMARAL, 2003)

Sendo assim, existe uma relação profunda de dependência entre o processo de conscientização, o processo educacional e o processo concreto de libertação do homem. (FREIRE, 1980) Nessa ligação, fica explícito que se educa de acordo com o tempo e a sociedade em que se está inserido. Desse modo, ao unir a alfabetização à experiência social que a precede, Freire vai ao encontro das concepções atuais de alfabetização que afirmam que, embora a alfabetização e o letramento sejam processos distintos, podem e devem ser articulados para que se ensine a ler e a escrever a partir do contexto das práticas sociais, para tornar o indivíduo, simultaneamente, alfabetizado (domínio do código escrito) e letrado (uso social da escrita). “Sabe-se que o uso da escrita em diferentes funções do cotidiano pode determinar o sucesso do desempenho escolar.” (NUCCI, 2003). Soares (2004) caracteriza esse processo - de ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais de leitura e de escrita - como *alfabetizar letrando*. Afirma também que, quando a criança aprende a dominar o código escrito de maneira contextualizada, a aprendizagem torna-se mais prazerosa, pois ocorre de maneira mais significativa.

O cuidado que o professor alfabetizador deve tomar, de acordo com Leite (2010), é em não centrar suas práticas apenas no letramento e desconsiderar a sistematização metodológica necessária para a alfabetização. Também afirma que vários educadores têm dito desconhecer uma metodologia que se adeque a esse tipo de alfabetização. Com relação a essa queixa, cita um outro trabalho orientado por ele (MORAES, 2008), no qual foi possível analisar uma proposta sistematizada do trabalho pedagógico, baseando-se nas concepções de alfabetizar letrando.

Neste trabalho, a pesquisadora – e também professora de primeira série em uma escola pública – inspirada na clássica proposta de Paulo Freire (1980) e em uma pesquisa feita por Mendonça e Mendonça (2007), desenvolve um trabalho com seus alunos com o objetivo de analisar os efeitos de um programa de alfabetização centrado no uso de palavras geradoras. Os

dados foram sendo produzidos baseados no desempenho das crianças, de maneira a possibilitar uma análise crítica das condições planejadas. O número de alunos durante o ano variou de 29 a 33 crianças, a maioria deles pertencente à classe média baixa ou baixa.

As palavras geradoras – de inspiração freiriana – foram sendo escolhidas através de dois critérios: deveriam ter grande significado para as crianças, de maneira que elas pudessem discutir sobre aspectos da sua realidade, e deveriam envolver todos os conteúdos linguísticos necessários para a leitura e a escrita das palavras. O trabalho foi desenvolvido seguindo uma metodologia básica inicialmente definida, que prevê, para cada palavra, um procedimento em quatro etapas: primeiramente, a *tematização*, o momento de ouvir as crianças sobre o que elas sabem sobre aquela palavra escolhida; depois, o *momento de reflexão*, no qual o professor estimula a reflexão através de indagações sobre o tema; em seguida, a etapa da *análise e síntese*, na qual a palavra geradora é dividida em sílabas e se fazem novas combinações com suas sílabas; e, por último, a *fixação da leitura*, momento em que se trabalha com frases e textos envolvendo as palavras.

A avaliação nessa pesquisa ocorreu de maneira constante, através de sondagens, o que possibilitou a professora rever seus conteúdos ou encaminhar continuamente os alunos que mais necessitavam ao programa de reforço. Na pesquisa em questão, o tempo de trabalho com cada palavra geradora variou decrescentemente. As atividades com as primeiras palavras eram desenvolvidas por até duas semanas e, no final do programa, chegou-se a uma palavra por semana.

Ao final do ano, apenas 30% dos alunos não conseguiram chegar à escrita alfabética, o que demonstra a variação de ritmos existente entre as crianças: estas necessitarão, no mínimo, de mais um período letivo. Por outro lado, 70% dos alunos tiveram garantida a apropriação do sistema de escrita, de natureza alfabética. Cabe ressaltar que quase todas as crianças, no início do ano, apresentavam uma escrita correspondente aos dois primeiros níveis de escrita, conforme proposto por Ferreiro e Teberosky (1986).

As estratégias, aqui mencionadas, possibilitam que a criança, à medida que se apropria da escrita como sistema de representação simbólica, alfabética e ortográfica, vá conquistando gradualmente a autonomia com relação às habilidades de leitura e de escrita. Além disso, possibilita uma relação afetiva com as referidas práticas, pois as palavras eram trabalhadas de maneira que fizessem sentido para ela, através de atividades motivadoras.

Como já foi explorado no primeiro capítulo, o significado das palavras é compartilhado por todos: é dicionarizado. Porém, o sentido é individual e varia para cada um de acordo com as experiências vivenciadas.

Esse é mais um fator a ser refletido em relação às crianças que vivem em um ambiente culturalmente menos favorecido e que podem ser prejudicadas ao ingressarem na escola, um mundo novo e estranho. Essas crianças são mais dependentes da qualidade da mediação exercida no interior da instituição e para que alcancem avanços e benefícios, dependem de uma proposta pedagógica adequada à sua condição.

Enfim, assume-se nesta presente pesquisa, que os avanços cognitivos estão diretamente ligados a condições afetivas. O papel do outro exercendo uma mediação de qualidade é, portanto, fator determinante para que haja uma boa aprendizagem. Nota-se, com extrema clareza, nos dados coletados e descritos nos próximos capítulos, os papéis exercidos por pessoas próximas aos sujeitos, desde a infância, que possibilitaram condições para que se tornassem adultos leitores, entendido como indivíduos que se apropriaram da leitura como um instrumento cultural que lhes permitem participarem da cultura letrada que circula em seu contexto social. (NUCCI, 2003) Ou seja, um adulto que se utiliza da leitura e da escrita em seu cotidiano, especialmente em seu ambiente de trabalho. E isso ocorreu apesar de esses sujeitos terem tido uma infância vulnerável, o que torna patente que, apesar da vulnerabilidade, e, possivelmente, graças a esses agentes mediadores, foi possível a formação de leitores e escritores letrados e autônomos.

4. MÉTODO

4.1 Base Teórica

A presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, com base em Ludke & André (1986) e Bogdan & Biklen (1982), uma vez que pretende analisar histórias de alfabetização, com o objetivo de compreender como sujeitos, apesar de terem vivido uma infância vulnerável, conseguiram se tornar bons leitores e se constituíram como respeitáveis profissionais.

Dentro do que os autores descrevem como características básicas de uma pesquisa qualitativa em educação, a presente pesquisa não se encaixa apenas no primeiro critério, pois não é possível fazer uma pesquisa no ambiente natural, visto que os fatos estudados relatam histórias já vividas. Porém, enquadra-se nos outros quatro itens: os dados coletados são predominantemente descritivos, a preocupação com o processo é muito maior que com o produto, o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador, a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, visto que “os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos.” (p. 12 e 13)

O instrumento utilizado, tanto para a seleção de sujeitos como para a coleta de dados, foi a entrevista, pois o que se pretendia estudar era a história de vida dos sujeitos, hoje adultos. Além disso, “a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas.” (p. 34)

A fim de buscar minimizar possíveis equívocos de interpretação, optou-se, pelo *procedimento das entrevistas recorrentes* que, de acordo com Simão, (apud LEITE & COLOMBO, 2006), pode ser caracterizado como um processo interativo entre pesquisador e sujeito, visto que um dos atores pretende conhecer o processo pelo qual o outro se constitui - é o sujeito pesquisado quem detém a experiência. Larocca (1996) define como “uma espécie de interação social planejada”.

Esse procedimento implica que, a partir da primeira entrevista, aberta e com única questão, inicia-se a fase de análise de dados. Depois de transcritas as respostas, as falas são organizadas em núcleos temáticos. Esses núcleos são apresentados ao sujeito na segunda entrevista, para que ele leia, acrescente, altere ou questione. Somente depois desse processo, é que o pesquisador faz novas perguntas a fim de esclarecer, ampliar e aprofundar os dados

coletados. Novamente, após transcritas todas as etapas dessa nova fase, e reelaborados os núcleos, de acordo com os novos dados, o pesquisador retorna ao sujeito para que todo o processo se repita. Isso acontece até que pesquisador e sujeito não tenham mais nada a adicionar, esclarecer ou retificar. Os resultados finais são representados pelo conjunto de núcleos temáticos, formados pelos dados verbais coletados em todas as entrevistas, as quais deverão ser objetos de discussão.

4.2 Sujeitos

Os sujeitos¹ que participaram da pesquisa foram escolhidos intencionalmente, através de contatos da pesquisadora e das respostas dadas a uma entrevista semi-estruturada, cujo objetivo era identificar quais indivíduos adequavam-se ao perfil estabelecido: pessoas que tiveram uma infância considerada vulnerável, mas que se constituíram como adultos leitores e produtores de textos. Portanto, essa entrevista, que pode ser considerada como pré-entrevista, foi composta por dois temas: a infância vulnerável e o sucesso na alfabetização (roteiro - Anexo I). As falas foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas. Após a análise, optou-se em incluir os quatro sujeitos que foram entrevistados, visto que todos eles se enquadraram nos critérios: são sujeitos adultos, que atualmente trabalham com leitura e escrita em seu cotidiano, e que tiveram uma infância considerada vulnerável, como se observa a seguir:

*Vinicius*²

Vinicius, pardo, casado, 30 anos, foi o primeiro entrevistado. Conheceu a pesquisadora há cinco anos, através de amigos em comum. A pesquisadora já conhecia parcialmente sua história e, através da pré-entrevista, confirmou-se que seria um dos sujeitos da pesquisa.

-
1. *Todos os sujeitos participantes dessa pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).*
 2. *Os nomes de todos os sujeitos desta pesquisa, bem como de todas as pessoas que fizeram parte de cada história, são fictícios.*

Durante a infância, morou na periferia de Belo Horizonte com seu pai, sua mãe, sua irmã e sua tia, em uma pequena residência de quatro cômodos: um quarto, cozinha, banheiro e sala. Descreve o bairro como muito perigoso e muito próximo à favela. Conta que perdeu muitos amigos assassinados, presos ou que sumiram em virtude das drogas. Sua mãe era costureira e seu pai era dono de um pequeno bar que, segundo ele, vendia apenas bebida e cigarro. Sua alimentação era a mais simples possível. Vinicius só comeu carne depois dos vinte anos de idade.

Vinicius sempre frequentou a escola, mas por não ter dinheiro para pagar a passagem, andava cerca de oito a dez quilômetros a pé diariamente. Às vezes conseguia pegar carona na traseira do ônibus. Comenta que gostava da escola, embora fosse tudo muito simples e com pouca estrutura. Diz que tinha que revezar as carteiras com os colegas para que todos pudessem assistir um pouco da aula sentados.

Tinha acesso ao posto de saúde, mas não havia atendimento médico disponível. Quando ele ou sua família precisavam, alguém (geralmente a sua mãe) tinha que ir às quatro da manhã para garantir o lugar.

Seu pai era alcoólatra e, muitas vezes, o menino, ainda muito novo, tinha que carregá-lo para dentro de casa. O bar, que seria para dar algum lucro para a família, em virtude desse problema, acabava dando prejuízo. As condições materiais eram bastante precárias. Vinicius disse que não conversava com seu pai e que se lembra apenas de dois diálogos com ele. Um, foi o dia em que o garoto chegou em casa bêbado, aos doze anos de idade. Nesse dia, seu pai disse que se arrependia do dia em que começou a beber. O outro, foi no dia em que Vinicius disse que iria sair do primeiro emprego, aos quinze anos, e seu pai o chamou e disse que quando se aprende a ganhar o seu dinheiro, é difícil ficar sem.

Seu pai tentava largar o vício. Na segunda vez em que estava tentando se libertar do alcoolismo, subiu na laje da casa para ajudar o pedreiro e caiu de lá. Vinicius acredita que ele tenha tido alguma vertigem em decorrência da abstinência alcoólica. Nesse acidente seu pai faleceu. A partir de então, aos quinze anos de idade, Vinicius teve que assumir financeiramente sua família. Começou a trabalhar no bar, mas, vendo que não teria sucesso algum, foi trabalhar de office boy com um tio, que tinha um escritório de contabilidade. Com dezessete anos, deixou o tio e foi trabalhar para um amigo, ainda no cargo de office boy, para ganhar um salário mínimo.

Conta que as influências, na época, eram as piores possíveis. Como já foi dito, começou a beber com doze anos, e a fumar também. Daí, envolveu-se com maconha, cocaína e crack. Aos vinte anos foi preso por assalto.

Atualmente, Vinicius é formado em Ciências Contábeis, com pós-graduação em planejamento tributário. É gerente estadual de uma grande empresa, que conta com vinte filiais e sete coligadas. Recebe e envia cerca de 150 emails por dia, e frequentemente necessita ler e entender a legislação e outros documentos do seu cotidiano.

Pedro

Vinicius indicou Pedro, pardo, solteiro, 30 anos, para que também participasse da pesquisa. Ele é seu amigo desde a infância e trabalhavam juntos na época em que os sujeitos estavam sendo escolhidos para esta pesquisa.

Quando pequeno, seu pai foi preso. Sua mãe, ainda nova e com duas crianças de colo, passou a sustentar sozinha a família. Por conta das dificuldades, tiveram que se mudar de São Paulo para Belo Horizonte, onde moravam os parentes, pois acreditavam que lá teriam mais apoio. Seguiram os três, mãe e filhos, e mais a avó, que ajudava a cuidar das crianças.

Pedro sempre residiu em casas simples, alugadas, em bairros bem afastados do centro e durante toda a infância teve dificuldades em fixar residência. Onde havia trabalho para sua mãe, e boa oferta para morar, para lá a família seguia. Uma das casas que ele se recorda, ficava muito próxima à favela e tinha apenas dois cômodos: a cozinha e a sala, que também servia de quarto. Só havia um banheiro, coletivo, usado por todas as pessoas das casas que ficavam no mesmo terreno.

Sua alimentação era baseada em arroz, feijão e macarrão. De vez em quando, comia ovo. As roupas que vestia e os brinquedos que tinha eram doações dos primos. Antes de completar quatorze anos, trabalhou em um lava-jato e, segundo ele, o trabalho não era remunerado. Diz ter aceitado trabalhar ali porque o ensinavam a andar de moto.

Seu contato com sua mãe era mínimo, e ele afirma não ter tido uma relação carinhosa com ela. Além da avó, quem ajudava a cuidar do menino e de sua irmã eram as tias. Em decorrência disso, ele passava a maior parte do tempo na rua, onde tinha contato com meninos até dez anos mais velhos que ele. Devido às companhias, desde os onze anos consumia bebidas alcoólicas e, aos dezesseis, passou a fazer uso de drogas ilícitas.

Quando ainda era bem jovem, seu pai faleceu na cadeia, com nove tiros na face.

Hoje, Pedro é formado. Fez curso superior em Tecnologia de Recursos Humanos e vai iniciar especialização em Cargos e Salários. Após trabalhar durante vários anos no departamento pessoal da mesma empresa onde Vinicius é gerente, optou por pedir demissão e buscar novo emprego na cidade onde reside sua noiva. Na área em que atua, Pedro lê emails e legislação vigente, além de documentos relacionados à rotina do departamento. Afirmo gostar muito de ler, que lê de tudo: livros, revistas, internet, jornal,... E que tem facilidade para interpretar e se comunicar utilizando a escrita.

Mara

Mara, 31 anos, descendente de índios, é casada com um outro amigo da pesquisadora, e sua história também era parcialmente conhecida por ela.

A família de Mara veio do Estado do Paraná para a cidade de Campinas. Quando criança, até os cinco anos de idade, morou em um bairro de periferia, em um barraco de madeira dentro de um terreno com três casas, de apenas dois cômodos: um que servia como cozinha e sala, e outro onde dormiam ela, seus três irmãos, seu pai e sua mãe. O banheiro ficava do lado de fora, no terreno. Segundo ela, ali passava um córrego a céu aberto e, em sua rua, não havia asfalto. Além da sujeira, não havia segurança alguma.

Com cinco anos de idade, seus pais se separaram, pois seu pai havia iniciado o relacionamento com outra mulher, a quem Mara chama de “madrasta”. Passaram, então, os quatro filhos, o pai e a madrasta, a morar no centro da cidade. Lá, a casa era bem maior, mas antiga e de madeira. Apesar disso, continuava não tendo espaço para brincar, visto que na rua havia muito comércio e as crianças não podiam ficar ali. Também havia o perigo, pois em frente à sua casa havia pontos de droga e de prostituição. Além dessas questões, sua madrasta não deixava as crianças brincarem, e nem assistirem à televisão. Ficavam o dia todo presas em casa, fazendo serviços domésticos. Caso contrariassem a madrasta, apanhavam dela. E não resolvia conversar com o pai, que acreditava muito mais em sua mulher que em seus filhos. A relação dele com Mara é descrita por ela como “muito fria”.

Só saíam de casa para ir à escola, que ficava a dez quarteirões dali, e para vender salgadinhos e sorvetes nas ruas. Como era muito pequena - tinha cerca de seis anos de idade - estava sempre acompanhada pelos irmãos mais velhos.

Pouco tempo depois, sua mãe casou-se novamente e seu marido queria que apenas as duas filhas meninas viessem morar com eles. Seu pai chegou a aceitar a proposta, mas logo

voltou atrás, percebendo que colocaria as filhas em uma situação muito arriscada. Mara descreve esse homem como doente, e diz que já “mexeu com as meninas algumas vezes”. Em virtude disso, nos finais de semana em que iam visitar a mãe, iam todos juntos. Porém, ele começou a perseguir as meninas no caminho da escola e ficar escondido em frente à casa onde elas moravam. Como seu pai trabalhava o dia todo, os irmãos acompanhavam as meninas onde elas fossem.

Quando completou dez anos, seu pai abriu uma empresa de eventos, e Mara começou a trabalhar com ele e com sua madrasta. Aos quinze anos, Mara passou a trabalhar em uma empresa de Recursos Humanos (RH). Nessa época, sua relação com sua madrasta piorou muito. Não havia mais diálogo em sua casa, e o sentimento de Mara era de medo.

Passados alguns anos, sua mãe, seu padrasto e a única filha do casal mudaram-se para um acampamento de sem terra. Ele bebia muito e agredia sua esposa constantemente. Um dia, cansada de tal situação, ela resolveu mudar-se para Curitiba, levando a filha consigo. Nessa época, Mara já tinha dezoito anos, e ficou em Campinas com seu pai, a madrasta e seus irmãos. Já quase não tinha mais contato com sua mãe.

Cinco anos depois, sua madrasta uniou-se ao marido da irmã do pai de Mara e aplicou um golpe em seu pai, fugindo com todo o dinheiro que restava na empresa. Seu pai foi morar em um quartinho com um dos irmãos de Mara e mais dois netos, e Mara não teve para onde ir. Precisou pedir ajudar ao ex-namorado e morou na casa dele por oito meses, até partir para morar com uma amiga. Afastou-se ainda mais de seu pai, e ainda hoje não tem muito contato com ele.

Quando fala de sua infância, é bem enfática dizendo: “Eu não tive infância!” E conta que seu único momento de lazer eram as aulas de Educação Física que fazia na escola.

Apesar de toda essa difícil jornada, Mara ingressou na Faculdade, e cursou até o terceiro ano de Administração de Empresas. Precisou parar a Faculdade por motivos financeiros. Trabalhou muitos anos na área financeira de uma grande loja de automóveis, mas teve que pedir demissão para acompanhar o marido, que havia sido transferido de cidade pela empresa onde trabalhava. Porém, no dia em que assinou sua rescisão, recebeu uma ligação do marido, avisando que havia sido demitido. Os dois, desempregados, tiveram que buscar novas oportunidades. Mara conseguiu uma vaga de recepcionista em uma equipe de um hospital tradicional de Campinas. Lá, ela lidava continuamente com leitura e escrita, tendo que usar termos técnicos da área hospitalar para pedir liberação de convênios, autorizações de internação e outros assuntos relacionados à saúde. Para conseguir sucesso no trabalho, buscou

sempre o estudo e a pesquisa. Tanto que logo conseguiu uma promoção para a área financeira. Algum tempo depois, recebeu uma proposta de uma outra grande loja de veículos, também para trabalhar na área financeira, onde se mantém até os dias atuais. Pretende retornar logo à Faculdade. Em casa, costuma ler revistas e artigos na internet, mas assume que gostaria de ter mais tempo para poder se dedicar à leitura.

Ana

Ana, viúva, 67 anos, trabalhou na mesma escola que a pesquisadora, que já havia ouvido falar sobre sua história de vida. Negra, filha de lavradores, passou toda a sua infância e juventude no vale do Paranapanema, numa casa feita de pau a pique e reboco, coberta de sape. A cama onde ela dormia era feita de tarimba, que são feitas por quatro forquilhas de uma árvore chamada bicheira, fincadas no chão.

Não havia segurança e na casa entravam vários tipos de animais e insetos. Embora não chovesse dentro da residência, no inverno Ana passava muito frio, não tinha agasalho, sapato ou cobertor para se esquentar.

Não tinha casa fixa. O trabalho de seu pai era derrubar a mata, plantar café e, quando o café estivesse dando a primeira colheita, o dono do terreno ficava com as terras, e a família partia em busca de um novo serviço. Não havia luz elétrica, nem água encanada. Os vizinhos tinham pelo menos quinhentos metros de distância uns dos outros. O transporte utilizado era uma carroça, mas que como ficava com o pai que utilizava no trabalho, o restante da família andava sempre a pé. A alimentação era de subsistência: comia-se o que se cultivava.

Para poder frequentar a escola, Ana e seus irmãos saíam de madrugada, no escuro, e caminhavam oito quilômetros. A escola era grande, feita de madeira, e Ana a considerava muito boa, embora se lembre da dificuldade em adquirir o material escolar. Desde os seis anos de idade Ana trabalhava, fazendo pequenos serviços em casa: cozinhando, cuidando dos irmãos, trazendo água,... Não conhecia o que era lazer, nem aos finais de semana.

Com oito anos já tinha problema de tiróide e anemia. Acredita que seu estado de saúde era frágil pelo esforço físico diário, e por não ter merenda ou alimentação adequada. O acesso ao sistema de saúde era limitado. Tanto que seu problema foi descoberto apenas na escola, e era lá que Ana dava continuidade ao tratamento. Seu irmão mais velho teve uma alergia muito forte, que Ana pensa ter sido relacionada ao inseto barbeiro. Passado dois anos, seu irmão faleceu, aos vinte e quatro anos.

Ana precisou sair da escola aos onze anos, para ajudar seu pai na lavoura e, com sua idade, os sintomas voltaram. Com dezesseis anos, entre a vida e a morte, sua tia a levou a São Paulo, onde ficou, por um ano, tratando da tiróide e da anemia que, segundo ela, evoluía para leucemia. Mesmo retornando à zona rural, não podia mais exercer o trabalho pesado e, por conta disso, estava sem trabalhar. É a partir desse momento que a história de Ana começa a mudar.

Mesmo sem ter formação, Ana começou a trabalhar como professora, a pedido do prefeito da pequena cidade onde morava. Com muito esforço e dedicação, conseguiu terminar o Magistério. Aos cinquenta e oito anos de idade, realizou seu sonho: passou no vestibular de uma Universidade particular da cidade de Campinas, e, aos sessenta e um anos de idade, formou-se Pedagoga. Hoje, Ana é professora aposentada do Estado de São Paulo e professora ativa da Prefeitura de Campinas. Por conta de sua profissão, utiliza-se diariamente da leitura e da escrita. Em casa, lê muitos livros, revistas e jornais. Considera que entende muito bem o que lê e gosta muito de estar em contato com a leitura e com a escrita.

4.3 Procedimentos de Coleta de Dados

Depois de selecionados os sujeitos, uma nova reunião foi marcada com o primeiro sujeito a ser entrevistado – Vinicius -, no dia, local e horário escolhido por ele. Ciente dos objetivos da pesquisa, e aceitando participar dela de maneira voluntária, foi feita a primeira entrevista, que teve como principal objetivo explorar todos os possíveis fatores que possam ter contribuído para o sucesso na alfabetização do sujeito. Partiu-se da seguinte questão: “Que aspectos em sua história facilitaram ou possibilitaram seu sucesso na alfabetização?”. Essa pergunta foi idêntica para todos os sujeitos e o pesquisador deveria estar atento para continuar conduzindo a entrevista de acordo com o que fosse sendo relatado, mas buscando interferir menos possível nessa primeira etapa.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. A partir daí, foram constituídos núcleos temáticos relacionados com os principais agentes mediadores no processo de constituição do sujeito como usuário da escrita.

Na segunda entrevista, os núcleos organizados pelo pesquisador foram apresentados aos sujeitos, sendo-lhes solicitado que completassem, alterassem, propusessem novos núcleos, corrigissem, e esclarecessem possíveis dúvidas. Nessa etapa, o objetivo, além de buscar alterar possíveis interpretações inadequadas do pesquisador, foi de aprofundar cada uma das relações mencionadas pelo sujeito na primeira entrevista, buscando identificar o significado afetivo de cada mediador. Nessa etapa, o pesquisador torna-se mais ativo, propondo diálogos e análises por parte do sujeito (LEITE & COLOMBO, 2006).

Cabe ressaltar que, de acordo com Ludke & Andre (1986), todo esse processo está submetido a significados e sentidos que o próprio sujeito atribui a fatos ocorridos em sua história, bem como às interpretações dadas pelo pesquisador. Mesmo através da entrevista recorrente - na qual é possível que o sujeito altere a qualquer momento os dados coletados e analisados pelo pesquisador, estando ciente de todo o processo - não é possível falar em neutralidade do pesquisador, visto que há uma interação recorrente e uma participação mútua. Nesse sentido, aponta Larocca (1996): “O pesquisador, ao operar, transcrevendo e classificando os conteúdos da fala do sujeito, faz interpretações a respeito do que o interlocutor verbalizou sobre o tema proposto. Em outras palavras, ele (o pesquisador) infere sobre as verbalizações, compreendendo-as dentro de seu próprio conhecimento, experiências e valores.” (p.32)

As próximas entrevistas foram feitas de acordo com a necessidade de se ampliarem ou se aprofundarem os dados, bem como, esclarecer novas dúvidas, o que gerou novos dados. E assim, seguiu-se até que sujeito e pesquisador nada mais tivessem a acrescentar.

Somente tendo esgotadas as informações sobre um sujeito, é que se iniciou o processo com o próximo. Com cada sujeito o procedimento foi semelhante, tendo sido alteradas apenas as questões com base no que vinha sendo relatado. O tempo de duração de cada entrevista variou de quarenta minutos a uma hora e vinte minutos, sendo que com três sujeitos foram necessárias apenas duas entrevistas - a primeira, com a questão aberta e mais uma aprofundando e ampliando os dados da primeira. Somente com Vinicius é que foram necessárias três entrevistas. A ordem dos sujeitos entrevistados foi a seguinte: Vinicius, Mara, Ana e Pedro.

4.4 Procedimentos de Análise de Dados

Após a primeira entrevista, de posse de todo o material transcrito, os dados foram organizados em núcleos temáticos. Cada um desses núcleos diz respeito a um agente mediador que, de certa forma, tenha contribuído para que o sujeito tenha se constituído um sucesso como usuário da escrita.

Desde a primeira entrevista, que parte de uma questão aberta, buscou-se localizar na fala dos sujeitos quem foram esses mediadores. A partir da segunda entrevista, o objetivo passou a ser aprofundar cada um dos núcleos, buscando identificar, especialmente, as relações afetivas e o significado de cada um dos mediadores para o sujeito. Além disto, novos núcleos foram criados.

É importante ressaltar que, apenas tendo encerrada toda a coleta e análise com um sujeito, iniciava-se todo o procedimento com o próximo sujeito a ser entrevistado.

Observando que a maior parte dos dados se referia à família e à escola, optou-se pela organização através de dois grandes eixos: família e escola. No caso de todos os sujeitos, os mediadores que não puderam ser incluídos nesses eixos aparecem em um terceiro, denominado: outras mediações significativas. Também optou-se por um quarto núcleo chamado “Meio Social/ condições de vida”, visto que, como se sabe, esses fatores estão diretamente relacionados às histórias de mediações vivenciadas pelos sujeitos.

Cabe ressaltar que, embora as falas contidas nos núcleos tenham sido utilizadas também para a escrita das histórias dos sujeitos, os núcleos vão além delas, pois contém todas as falas transcritas do sujeito referentes a cada mediador, na íntegra.

Pode-se afirmar que, na presente pesquisa, a análise de dados ocorreu de maneira concomitante à coleta, visto que, desde a primeira entrevista com cada sujeito, as falas já eram transcritas, analisadas e transformadas em núcleos temáticos, que foram sendo modificados a cada nova coleta de dados. A descrição dos núcleos temáticos de cada sujeito encontra-se nos Anexos II, III, IV e V, respectivamente, Ana, Mara, Pedro e Vinicius.

No próximo capítulo serão apresentados os resultados, através das histórias dos quatro sujeitos, construídas a partir dos dados verbais coletados nas entrevistas. São quatro subcapítulos, cada um contando uma história. Na ordem: Ana, Mara, Pedro e Vinicius.

5. RESULTADOS: AS HISTÓRIAS DE CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS

5.1 O improvável é possível: a história de Ana

Ana, negra, filha de lavradores, nasceu e criou-se na zona rural de um município do vale do Paranapanema. Sua casa, feita de pau a pique e reboco, abrigava-a, juntamente com seus pais e seus onze irmãos. Seu leito e de toda a sua família eram tarimbas, ou seja, camas feitas por quatro forquilhas servindo de base, madeiras como estrados e forradas com pedaços de coqueiro *labrado*. O colchão era um saco de palha de milho rasgado. O inverno era duro para ela: não possuía cobertor ou agasalho que a esquentasse. Sua alimentação ela compara a dos índios: comia-se somente o que plantava.

A primeira pessoa a apresentar o mundo das letras a Ana foi sua mãe, que era muito prestimosa e dedicada aos estudos dos filhos, do material ao uniforme escolar. Ela vendia legumes e verduras que cultivava, para juntar algum dinheiro e comprar o que desse. O que não desse, ela improvisava, como conta Ana:

“...ela não tinha condição de comprar roupa ou tecido para mandar fazer a roupa pra gente, então ela pegava saco de açúcar, que era um pouquinho mais grosso, e levava para a costureira fazer a saia pregueada com alça para nós, e a blusa, ela pegava o saco também, que era de farinha de trigo, que era do mesmo tecido, só um pouco mais fino, e ela deixava com folha de mamão e sabão de soda, que ela mesma fazia, clareando e batendo até ficar bem branquinho. Então a minha saia era de saco, mais bem feitinha. E minha blusa era de saco também, mas bem arrumadinha!” (anexo II/1.1)

Tudo isso, muitas vezes, era feito escondido do pai, que era contra os estudos para as filhas mulheres.

Ana contou que sua mãe tinha quatro livros bem grossos, guardados no fundo do baú, que foram trazidos por uma tia, chamada Rosmeire, que morava em São Paulo. Três deles eram de histórias, e a mãe gostava muito de lê-los para seus filhos. Apesar de não escrever nem o nome, Ana fala que sua mãe lia muito bem. Ela e suas irmãs chegavam a decorar as histórias que, segundo Ana, eram muito sugestivas. Ela diz que sua mãe tinha uma maneira especial de contar histórias, e a considera uma grande educadora:

“Eu me lembro, assim, com saudade, da maneira que ela contava a ação dos príncipes naquelas histórias que aconteciam, era muito interessante o saber que ela passava pra nós.” (anexo II/1.1)

E conta também que a leitura fazia parte da rotina da família. Quando sua mãe chegava da roça, onde ela trabalhava a maior parte do tempo, das nove às cinco da tarde, todos tomavam banho e iam ouvir as suas histórias:

“...era um prazer ficar nós, pequenos, em volta da minha mãe ouvindo história.” (anexo II 1.1)

Ana diz que, para a sua mãe, o livro era como um tesouro e que, após lê-los, a mãe os guardava. Além dos livros, a tia Rosmeire, quando vinha visitar a família na roça, trazia exemplares de uma revista, chamada “Cruzeiro”, que na casa de Ana também eram relíquias e duravam anos.

O seu contato com essa tia era pouco, mas imaginava como era a vida dela em São Paulo, visto que até mesmo as roupas que usava, exceto as que a mãe confeccionava, era a tia quem mandava:

“...a oitava maravilha do mundo, que deveria ser um pedacinho do céu lá onde ela morava, que tinha revistas diferentes, tinha jornais diferentes, tinha rádio, tinha coisas assim bem mais avançadas do que as que a gente conhecia.” (anexo II/1.3)

Ana acredita que, pelo desejo que a mãe teve em aprender e não conseguir frequentar uma escola, ela se esforçava para que os filhos pudessem saber mais que ela. A filha fala com orgulho que sua mãe foi a maior mestra na sua educação. Os sentimentos de carinho e admiração são explícitos nas suas falas:

“Então, a primeira pessoa que eu agradeço de Deus ter colocado em meu caminho foi minha mãe.” (anexo II/1.1)

Outro material, a que a família de Ana tinha acesso, eram os jornais usados que sua mãe trazia para forrar as paredes que eram feitas de taipa. Foi em um deles que Ana leu suas primeiras palavras: “Diário do Estado de São Paulo”. Ela narra sua alegria:

“...para mim foi assim uma maravilha, porque eu já sabia o que estava rabiscado ali!”. (anexo II/4)

Como a família de Ana morava muito afastada da cidade e dos demais parentes, o único tio com quem ela mantinha contato era o tio Tadeu. Ela conta que esse tio foi essencialmente importante para que sua trajetória escolar não fosse interrompida, e que as palavras dele “pesavam” mais que simplesmente as da sua mãe. Segundo ela, o tio conseguiu convencer o pai de não tirar os filhos da escola para ir trabalhar na roça. Além disso, ainda levava lanche para as crianças, pois naquele tempo, a escola não oferecia merenda. Nota-se, na sua fala, que esse fato foi bastante marcante, visto que, mesmo após décadas, ele ainda não foi esquecido:

“A escola não dava merenda, meu tio sempre trazia. Me lembro que ele trazia um pacote bem grande de pão com mortadela, com manteiga...” (anexo II/1.2)

Ana falou também dos seus sentimentos com relação ao tio:

“Gostava e gosto. Tenho muitas boas lembranças dele. Ele era uma pessoa que tinha uma maneira de pensar diferente.” (anexo II/1.2)

Com relação à vida escolar, Ana conta que no início foi muito difícil para ela. Uma simples tarefa, como segurar um lápis, era penosa, visto que, quando menina, ela era apenas acostumada com objetos pesados utilizados pelos trabalhadores rurais.

E ela atribui seu sucesso na alfabetização também ao tipo de educação rigorosa que recebeu na escola, onde o aluno era obrigado a fazer as atividades, mesmo não tendo nenhuma noção do que estava fazendo.

“Dentro da alfabetização, naquela época, o aluno desde o primeiro dia em que estava na escola, mesmo que ele nunca tivesse tido contato com o mundo letrado, ele tinha que escrever o nome e já começar a escrever o que estava no quadro.” (anexo II/2)

E havia castigo caso não fizesse tudo conforme era solicitado, inclusive castigos físicos. Segundo Ana, a norma e a rigidez dos pais faziam com que os alunos entendessem que o professor tinha o direito de castigar os alunos e revela sua opinião atual, quando relembra esses fatos passados:

“Hoje, analisando o passado, voltando lá e analisando passo a passo, eu vejo quanta maldade, quanta ingratidão... Porque filhos de lavradores do local, mesmo onde a escola estava inserida, não era muita gente... você já se sentia mal por estar num

local que você nunca tinha ido, com pessoas que nunca teve contato... Não tinha ninguém pra te dizer que isso está errado, e a própria lei, o próprio sistema, rezava isso, a cartilha do próprio sistema”. (anexo II/4)

O método de ensino era bastante tradicional, na base da “decoreba”, como ela diz. Seguia-se a cartilha à risca, uma lição por dia, que deveria ser trazida “na ponta da língua”:

“Era a mesma coisa de estar enchendo um baú, colocando ali e socando, e você tinha que se virar.” (anexo II/2)

Por isso tudo, ela conta que teve que aprender a ler e escrever rapidamente. Sua professora, chamada Sílvia, era recém-formada, sem muita experiência. Mesmo assim, Ana fez o que pôde para conseguir se alfabetizar e passar para o segundo ano:

“Ah, minha filha, entrei na escola com sete anos e já aprendi a ler e escrever no ato! Ou aprendia ou ficava sem pele...” (anexo II/4)

Quando questionada se gostava da escola, é enfática dizendo que não havia outra coisa para gostar. Na época, na roça, não havia rádio, televisão, energia elétrica, água encanada,... A única coisa diferente que as crianças nunca haviam visto era a escola.

Ana fala, também, da dificuldade de acesso à escola, visto que, na época, não existia escola rural. Os alunos necessitavam acordar muito cedo, ainda no escuro, pois entravam às oito da manhã, tendo que caminhar cerca de oito quilômetros.

Mas explica que todo esse esforço, para ela, valia a pena:

“O educando também tinha sede de saber, sabe? Principalmente na época em que os pais, avós, eram todos analfabetos, então quem conseguia era assim... como uma luz que começava a brilhar. Até para os pais. O pai analfabeto, vendo o filho começar ler, para ele era uma dádiva!” (anexo II/4)

Uma das boas recordações que guarda é a do professor Diogo, da segunda série. Segundo ela, naquela época o professor era avaliado de acordo com o número de alunos retidos e aprovados e Ana era a única que não conseguia acompanhar as aulas com sucesso. Atribui essa dificuldade ao fato de que, por morar na roça, era muito magra e não conseguia assimilar os conteúdos. Diz que, na escola, acreditavam que ela passasse fome, ou tivesse uma alimentação pobre, pois desconheciam o tipo de vida que ela levava. O professor Diogo chegava a trocar o lanche dele - leite gelado, pão com presunto e queijo - pelo dela - batata doce e ovos fritos, preparados por sua mãe.

Segundo Ana, esse professor, assim como a professora Sílvia, também era muito novinho e estava iniciando a carreira, portanto, não poderia ser mal avaliado. Por conta disso, não media esforços para ajudá-la:

“E o professor Diogo... eu me lembro que ele me dava reforço após a aula, sem receber nada em troca do Município ou do Estado, que seja. Então ele ficava todos os dias comigo, do meio dia até uma hora.” (anexo II/2.1)

Menciona que, de acordo com as concepções de ensino da época, o descobrimento do Brasil resumia-se em quarenta perguntas e respostas. O aluno deveria ter todas elas memorizadas, no segundo ano. E ela não conseguia. Treinava e repetia tudo inúmeras vezes, mas, quando questionada, esquecia-se. Mesmo com toda a ajuda, não conseguiu ser aprovada e o professor ficou com um ponto negativo, mas que para ela foi muito positivo:

“...porque no decorrer do tempo, eu fui voltando pra analisar o caminho que eu tinha feito e foi uma marca muito positiva que esse professor deixou na minha vida... A partir dali, eu nunca mais tive problema com o aprendizado. Eu dominava todas as matérias, eu passei a ser a melhor aluna em redação.” (anexo II/2.1)

Um outro fator essencial, de que Ana se recorda, é quando ela já estava no terceiro ano, e a junta médica visitou a escola. Através desse serviço, foi detectado que a menina tinha muita anemia e estava com a tiróide em mau funcionamento. A partir dessa descoberta, passou a ser medicada na própria escola. Todos os dias, após a aula, ela tomava o medicamento e só depois ia embora para casa.

“E nessas alturas do campeonato, quando o medicamento começou fazer efeito, foi assim um tufão! Eu me transformei na melhor aluna da escola.” (anexo II/2.2)

Ana acredita que se não fosse a junta médica, ela talvez não tivesse nem sobrevivido, pois já estava caminhando para uma leucemia e, naquela época, a medicina era bem diferente do que é hoje. Com o tratamento médico, seu problema foi sanado e ela atribui isto ao seu bom desenvolvimento escolar, físico e psicológico.

“O medicamento surtiu efeito, o rendimento surtiu efeito, e eu tive esse professor (*Diogo*) que pra mim foi uma tábua de salvação.” (anexo II/2.1)

Porém, quando estava com onze anos, seu pai a tirou da escola para ajudar na roça. A família mudou-se do Estado de São Paulo para o Paraná, próximo a Maringá. Ana tornou-se realmente uma lavradora. Mas, com o afastamento da escola, houve o corte no tratamento e ela voltou a ficar doente. Aos dezenove anos, foi para São Paulo, com sua tia Rosmeire, onde fez um tratamento durante um ano, inclusive, passando por uma cirurgia.

Aos vinte e três anos, retornou ao Paraná onde seu pai havia comprado terras. Entretanto, não poderia trabalhar na roça, devido à cirurgia. Coincidentemente, o prefeito da cidade necessitava de alguém para trabalhar em uma escolinha rural, próxima à casa de Ana; ele foi até sua casa pedir ao seu pai que cedesse alguém para dar aulas, porque o professor havia ido embora. Seu pai foi contra, não aceitava, pois dizia que não tinha filho preparado para tal missão, e que ele não tinha condições.

Um senhor, vizinho da família, e que respondia pelo bairro e via as necessidades do povo, procurando amenizá-las, - como denomina Ana: “um olho do gestor da prefeitura”, - interveio na situação, dizendo ao seu pai que ela poderia trabalhar na escolinha, visto que não tinha condições de trabalhar na roça.

Ana não havia completado a quarta série, mas de tanto insistirem com seu pai, ele cedeu, com a condição de que seria até o final do prazo que o médico agendou para ela ficar sem fazer esforço.

O trabalho, segundo Ana, oferecia um salário irrisório. A sala era multi-seriada, de primeiro ao terceiro ano, e apenas ela trabalhava lá. Conta que exercia inúmeras funções, além de professora, como de diretora, merendeira, secretária e faxineira. Além disso, não havia em que se amparar, não tinha orientação ou material didático. Foi ela quem foi atrás e implantou a utilização de uma cartilha, a mais barata que havia encontrado em uma de suas idas à cidade, chamada “Cartilha do ABC”. Quando questionada sobre como ensinava, afirma:

“Olha, o que eu aprendi até os onze anos, eu tinha nítido na cabeça. Eu tinha nítido na cabeça, porque eu não tinha onde me amparar pra trabalhar. Eu pensava assim: ‘O que foi que a professora Sílvia me ensinou no primeiro ano? Isso!’. Então esse era meu planejamento. É isso que eu ensinava. ‘O que o professor Diogo me ensinou no segundo ano? Foi isso! Então é isso que vou ensinar... O que o professor Marco me ensinou no terceiro ano? Foi isso, então isso que eu vou ensinar.’ Era a base que eu tinha para o meu trabalho.” (anexo II/2)

A única profissional que acompanhava seu trabalho como professora era uma inspetora regional de ensino que, quase todos os meses, vinha até a escola. Quando chegava o

mês de outubro, encerrava-se o ano letivo, visto que o calendário funcionava de acordo com o ano rural. Nesse mês, as famílias de lavradores deixavam o local onde moravam e partiam em busca de novos trabalhos. Então, o Estado enviava uma equipe às escolas a fim de avaliar o rendimento dos alunos durante o ano. Acontece que essa escola não tinha rendimento suficiente e fechava as portas antes dessa avaliação final.

Porém, quando se encerrou o primeiro ano em que Ana estava atuando como professora, a escola não fechou e houve avaliação, o que, segundo ela, era indício de que havia tido bom rendimento.

Sua surpresa foi ainda maior quando, após corrigidas as provas, a inspetora comunicou que a sala dela havia ficado em primeiro lugar na região, o que alimentou ainda mais em Ana o desejo de seguir a profissão, antes nunca almejada:

“Aí cresceu mais em mim o desejo de me tornar uma educadora de verdade. Porque estava chegando o momento de deixar a sala de aula, pra voltar para a roça... Nunca tinha pensado em dar aula, porque na época, há cinquenta anos atrás, quarenta anos atrás, o professor era tido como um... Mais que um juiz! Não era como hoje. Naquele tempo ser professor, na minha concepção pra ser um professor tinha... era um status muito alto, eu jamais teria condições de pensar em ser uma professora!”
(anexo II/4)

No ano seguinte, o trabalho de Ana foi um sucesso novamente. Com isso, foi conquistando a confiança do prefeito, dos vereadores, da inspetora regional,... E o seu desejo de estudar crescia concomitantemente, mas ela precisaria prestar o exame de admissão para o primeiro ano do ginásio (hoje, sexto ano do ensino fundamental). Como seu pai era contra, ela comprou um livro escondido e começou a estudar em casa para se preparar para o referido exame.

Quando estava no terceiro ano de trabalho, Ana foi para cidade e prestou o exame de admissão. Passou, conseguindo alcançar o primeiro lugar em redação. Mas a pressão de seu pai crescia e, por muitas vezes, ela pensou em desistir. Contudo, quando ia conversar com o diretor, ele a convencia de continuar. Porém, para estudar até às onze e quarenta da noite e trabalhar oito horas por dia, ela necessitava pernoitar em algum lugar próximo. De início, o próprio diretor Jorge lhe dava carona e ela ficava na casa dele, na outra cidade, onde tinha ônibus para fazer a trajetória até a escola onde ela trabalhava. Ela se incomodava e ficava chateada de ter que ocupar um cômodo da casa dele, - o da empregada.

Com o decorrer do tempo, sabendo de toda a história, Rita, uma amiga na cidade onde Ana estudava, a levou até uma família de conhecidos que, imaginava, poderiam acolhê-la.

Clara e Sebastião, pobres, bóias frias, pais de três filhos, foram apresentados à Ana, e admirados com sua garra, deram-lhe abrigo. Ela conta que Clara a incentivava, e que, como sua mãe, também era analfabeta.

“Ela tinha os filhos dela pequenos, começando a entrar na escola. Ela era analfabeta e o marido dela era analfabeto também. Mas eles me davam muito, porque eles admiravam a minha garra, a minha força de vontade. Porque ficou evidente dentro da minha casa, na escola, eles eram de uma família muito pobre. Eles tinham na época três filhos, e trabalham de bóia fria. Saíam pelos arredores do município, da cidadezinha, trabalhando na roça. Mas hoje eu deduzo que eles deviam fazer assim: sentavam pro jantar e tiravam um pouquinho de cada um para fazer a minha marmita. E quando eu chegava, era fogão de lenha, me lembro como se fosse hoje, estava uma marmita de alumínio em cima da chapa, quentinha pra eu comer. Dentro daquela humildade, mas com aquela higiene, você vê o amor com que eles me tratavam.” (anexo II/3.1)

A rotina de Ana era a seguinte: na segunda-feira ia até a escola onde trabalhava, que ficava a dois quilômetros de sua casa. Trabalhava o dia todo. O almoço e o jantar eram enviados por sua mãe e o banho era tomado na casa de uma vizinha, mãe de três alunos seus. À tardezinha, ia de ônibus até a cidade estudar e lá pernoitava na casa de Clara e Sebastião. Caso quisesse voltar para pernoitar em sua casa, chegaria muito tarde e teria que caminhar três quilômetros a pé (distância entre sua casa e o ponto de ônibus). Por isso, Ana preferia retornar apenas na sexta-feira. Durante todo o final de semana, ouvia xingamentos e ameaças do pai:

“E eu chorava desesperadamente porque eu queria estudar, mas também não queria que o meu pai brigasse comigo. Não queria ser algo assim, que ele se sentisse do jeito que estava.” (anexo II/4)

Frequentemente, chegava à escola segunda-feira, pronta para desistir, dizendo que não dava para continuar e que aquele seria seu último dia. O diretor Jorge a acalmava, dizendo que ela poderia se arrepender caso tomasse tal atitude. Dizia que ela estava tomando um bom caminho e que, um dia, seus pais poderiam precisar dela, e se abandonasse a escola não teria condições de ajudá-los. Isso a encorajava a fazer mais uma semana. Até que chegava o sábado e, novamente, seu pai a ameaçava. Segunda-feira ela ia para desistir, e o diretor a aconselhava novamente.

“E assim foi indo até que meu pai foi cessando a violência dele. Aí eu terminei aquele ano.” (anexo II/4)

No ano seguinte, Ana conseguiu transferência para estudar no município vizinho, onde havia mais ônibus para ir e para voltar. Lá, dormia na casa de uma outra conhecida.

“Tinha uma vizinha de sitio do meu pai, que morava lá pros filhos estudarem, e ela tinha uma filha sapeca na escola, ela ia mais pra namorar... E como eu sou esforçada, ela ofereceu estadia pra mim na casa dela, para eu estudar com a filha dela, para ver se ela conseguia prosseguir. E a Cida fazia parte do meu grupo. Ela estudava na minha sala. Então nós íamos juntas e voltávamos juntas da escola à noite, no segundo ano do ginásio.” (anexo II/3.2)

Inês, mãe de Cida, era muito preocupada com os estudos dos filhos. Por isso, fazia de tudo para ajudar Ana, para que ela incentivasse sua filha. Todo o material necessário para o estudo, que antes Ana tinha que esperar meses para comprar, Inês oferecia. Diz sobre como se sentia:

“Porque eu via assim, quando você chega numa família, quando eu, por exemplo, chego em uma família, que tem a sua estrutura totalmente diferente da sua, que culturalmente, financeiramente, o status deles, totalmente diferenciado, já estão assim em contato com a cidade... um pouco mais... com um nível um pouco mais elevado, que tem quase de tudo, você sabe que você está chegando em um lugar que é completamente diferente do seu habitat. Era assim que eu me sentia. Não é que eu sentia vergonha ou que me achasse um nada pra frequentar o ambiente, mas eu sabia que eu estava em ambiente diferente do meu. Mas eu fui acolhida, porque eu estava sendo útil também. Porque ela admirava o meu esforço, sabia que eu dava aula em uma escolhinha rural, o que eu fazia, sabia o nível de defasagem financeira que eu tinha, mas eu estava ali, lutando. Mas a filha dela que tinha tudo, não tinha essa vontade... ela me ajudou muito, muito, muito!” (anexo II/3.2)

Ana ficava tão cansada com a rotina corrida, que pedia para que o motorista do ônibus, que era filho do senhor responsável pelo bairro, buzinasse quando estivesse na esquina, para não perder a hora:

“...já dormia paramentada, dormia de roupa e tudo, porque quando o ônibus vinha, não dava tempo nem de escovar os dentes. Só passava a mão na minha sacola, já corria pro ônibus que parava na esquina de casa.” (anexo II/2)

Ela conta que sofria muita repressão por parte dos professores, porque diziam que a escola, onde ela havia cursado o quinto ano, era mais fraca que a nova escola. Ela era testada o tempo todo com perguntas sobre as disciplinas, e tinha que ir ao quadro negro para

responder, perante toda a sala. Ana acredita que os professores achavam que ela não sabia matemática, não sabia português, não sabia geografia, que tinha deficiência em todas as matérias. Havia um preconceito explícito. Mas, mais uma vez, Ana superou as expectativas e, desafiando os professores que desacreditavam dela, respondia destemidamente todos os questionamentos. Segundo ela, tudo o que estava sendo ensinado ela já sabia, pois ensinava seus alunos de terceiro ano, na roça. As dificuldades que tinha, superava com muito estudo e dedicação. Quando questionada se gostava das aulas, diz:

“Eu gostava, sempre gostei de desafios e quando eu vi que aqueles professores estavam me desafiando, aí que eu queria mostrar pra eles que a pessoa não pode julgar pelas aparências.” (anexo II/2)

E Ana conseguiu provar o que queria: foi uma boa aluna em todas as disciplinas.

No ano seguinte, Ana começou a namorar o homem com quem se casou quando cursava o terceiro ano, que seria hoje o oitavo ano. O casamento ocorreu no mês de julho, e ela partiu para a cidade de Cornélio Procópio, chamada por ela de “cidade grande”, acompanhando o marido que tinha que trabalhar.

Explica que o mesmo Jorge, que era diretor na outra escola, era professor nessa cidade. Mais uma vez, essa pessoa, tão querida e admirada por Ana, cruzava seu caminho. Conta que ele foi muito importante em sua vida, pois sempre reconheceu seus esforços e a ajudou como pôde:

“Ele era assim... uma meta na minha vida! Porque eu olhava pra ele, assim... era uma pessoa culta, era o que eu almejava! Mesmo que não chegasse ao nível dele, mas ser uma pessoa com uma visão mais ampla de mundo”. Eu olhando pra ele uma pessoa culta, conversando comigo, uma pessoa simples, uma pessoa que só tinha vontade de vencer... Simplesmente isso que eu tinha. Então pra mim foi um incentivo muito, muito grande! Mesma coisa de você pegar uma plantinha bem raquítica em uma terra bem pobre, e trazer um agrônomo, estudar aquela terra e colocar conteúdo pra que ela se vá. E eu realmente, se fosse caminhar, subir na vida, teria muitos patamares ainda pra vencer. Mas eu me sinto vitoriosa!” (anexo II/2.3)

No nono ano, nasceu sua filha mais velha, Bianca, pesando novecentos gramas. Ana precisou parar de estudar e de trabalhar, e voltou apenas três anos mais tarde. Terminou o ginásio e parou novamente. Seu marido havia ficado doente e ela precisou retornar com a família para o sítio do pai. Como o marido estava sem emprego, voltou a dar aulas na mesma escolinha onde havia começado sua carreira. Ali trabalhou durante um ano. Porém, como o

número de alunos nessa escola havia caído muito, e tinha apenas um período, indicaram-lhe outra escola onde poderia trabalhar dois períodos durante o dia, e na FUMEC à noite. Ficou durante mais dois anos sustentando sozinha a filha, até que o prefeito necessitou dos trabalhos de seu marido para terminar o segundo prédio da prefeitura.

Então, Ana mudou novamente de cidade para cursar o magistério, na mesma escola onde havia feito o sexto, o sétimo e o oitavo anos. Porém, logo descobriu que estava grávida novamente, e quis desistir de tudo. E aí aparece outra figura que, segundo Ana, foi muito importante em sua vida: a orientadora pedagógica e também professora, Carolina, a quem Ana dirigiu-se com o intuito de desistir dos estudos:

“Eu falava: “Professora Carolina, eu vou desistir, eu estou grávida!”. Fiquei entre a vida e a morte, nove meses. Aí a Carolina me chamou e disse: “Ana, se eu fosse você, eu não desistiria não! Não desista, porque você está entre amigos. Se você passar mal, tem quem te leve ao banheiro, quem te traz, quem te acolhe, porque no próximo ano você vai ter o bebê, aí você não vai estudar, então termina esse ano.” E então eu fiquei.” (anexo II/2.4)

Ana conta que Carolina se apegou muito a ela e acredita que percebia a sua situação. Diz que a professora era muito dedicada, e via os alunos como seres humanos batalhadores. Em vários momentos, incentivou para que Ana continuasse a estudar e a elogiava como uma pessoa esforçada, que tinha um brilhante futuro. Além de apoio, Carolina lhe oferecia material do dia a dia, como caderno, lápis, borracha, caneta, uniforme e calçado.

A gravidez de Ana foi considerada de risco, e ela ficava quase todos os dias no hospital, em Cornélio Procópio. Estudava com o soro em um braço e o caderno no outro. Em dia de prova, pedia autorização ao médico para ir até a escola e depois retornava ao hospital.

Para sua surpresa, não era um bebê, mas dois!!! Parou de estudar novamente e foi trabalhar dois períodos na escola rural. Os bebês não tinham roupas, fraldas, material de higiene,... E os professores de Ana fizeram uma campanha, encabeçados pela professora Carolina. Graças a isso, ela acredita que seus bebês foram mais felizes que a mais velha:

“...porque eu estava estudando e tinham pessoas que me acolhiam, sabe? Então, se nós estamos falando de educação, essa parte também veio alinhar o que é educação, o que é cultura, o que é compreensão, amizade, o que é o outro ter aquele olhar pra pessoa, pro aluno que realmente necessita. Me lembro perfeitamente.” (anexo II/4)

A vida continuava dura: agora eram três crianças. Ana morava em Cornélio Procópio, e trabalhava dando aulas na roça. Quando era feriado, não havia creche para os dois bebês, e

ela precisava trabalhar. Então, colocava a sacola nas costas, um bebê em cada braço e a mais velha, de quatro anos, ia caminhando ao lado dela. Na sala onde dava aula, Ana já havia providenciado um colchonete, que ficava atrás da porta, onde colocava os bebês nesses dias. Ali ela os amamentava e brincava com eles, ao mesmo tempo em que dava aula. No final da aula, pegava um ônibus que passava na porta da escola, e ela ia embora. Já quando vinha de manhã, o ônibus parava longe, e ela tinha que caminhar três quilômetros a pé. Quando os gêmeos completaram dez meses, seu pai levou-os embora, porque seu marido estava dependente de álcool e muito violento. Ana continuou cuidando da filha mais velha.

Dois anos depois, Ana sofreu um acidente na escola: caiu, quebrou o braço e machucou seriamente a coluna. Necessitou afastar-se do trabalho por três anos e, nesse período, aproveitou para retornar aos estudos e terminar o magistério.

Após se formar professora, houve um incidente na família e os pais de Ana precisaram partir para o sul do Paraná, e como dependiam dela, largou tudo e foi com eles, levando seu marido e seus filhos. Durante esse período, que durou sete anos e meio, trabalhou dando aula em uma colônia de Ucrânicos. Ganhava pouco e trabalhava três períodos para sustentar seus filhos; muitas vezes, seu salário não era suficiente. Por ser negra, sofreu muito:

“Só que era um racismo desgraçado. Me perdoa a expressão, mas era um racismo sem base, eles nunca tinham visto uma professora negra. Foi muito difícil, eu aprendi muito, muito com eles. Mas sofri muito, muito, também.” (anexo II/4)

Como tinha uma irmã residindo no Estado de São Paulo, decidiu prestar concurso na região. Para sua surpresa, foi aprovada. Porém, teve que retornar ao Paraná e esperar até que chegasse sua vez de ser convocada. Sua irmã comunicou-lhe, através de uma carta, que haveria atribuição de aulas para professores eventuais em uma escola de Campinas. Ana retornou a São Paulo em busca de uma vaga, e teve uma nova surpresa:

“Pra você ver como nada é por acaso, quando eu cheguei no M. (*nome da escola*), na atribuição, tinha aquela leva de professores do Estado, e eu cheguei para a moça - eu não sabia nem que classificação eu tinha, que número eu era, eu não sabia nada, porque eu prestei o concurso e voltei a trabalhar - eu pedi para a moça ver o meu número. Ela disse: ‘Por quê? Você não pegou o diário oficial?’ Aí eu falei: ‘Pelo amor de Deus, olha pra mim, é questão de vida ou morte.’ Estava super nervosa já. ‘Eu vou falar, marca aí: a primeira que vai chamar é Ana Francisca Seixas’. A primeira que iam chamar seria eu!!! Aí eu vim eu escolhi duas classes nessa atribuição, e comecei a trabalhar, esperando que me chamassem do concurso.” (anexo II/4)

Conseguiu a vaga como substituta no M., em Campinas, e trabalhou oito dias até que necessitou solicitar ao diretor que lhe desse dois dias de folga para buscar suas coisas e seus filhos no Paraná. Ele aceitou. Chegando lá, pediu demissão e recebeu as verbas retroativas que a ela pertenciam. Trabalhou durante alguns anos como substituta, esperando ser convocada pelo concurso, afinal, seu nome era o próximo da lista. Mas o prazo expirou e não a chamaram. A única vantagem que recebeu, tendo sido aprovada no concurso, foi a de passar na frente nas atribuições para substituta nos anos seguintes.

No concurso seguinte, para professores do Estado de São Paulo, ela se inscreveu novamente. Passou muito bem classificada e logo foi chamada. Assumiu seu cargo como efetiva, mas não havia ainda suprido suas vontades: queria cursar uma faculdade de Pedagogia. Porém, o Estado pagava muito pouco e ela tinha o marido dependente de álcool e os três filhos para sustentar. Sem opção, teve que cumprir dupla jornada. Além de efetiva no Estado, era substituta na prefeitura de Campinas. Chegou a passar em um concurso municipal, no ano de 1.999, mas quando foi escolher a escola, não havia vaga. Entrou na justiça com os demais concursados que estavam na mesma situação que ela, e conseguiram assegurar suas vagas judicialmente. São os professores hoje denominados RJ (reintegrados judicialmente).

Seguiu em dupla jornada até aposentar-se pelo Estado, e somente após isso ocorrer, pôde realizar seu grande sonho: foi aprovada no vestibular em uma faculdade particular tradicional da cidade de Campinas e se formou pedagoga, aos sessenta e um anos de idade. Hoje, aos sessenta e oito anos, continua na prefeitura e sente-se realizada:

“Então, hoje eu posso dizer que eu tenho muita coisa para agradecer e pouca coisa para pedir a Deus, porque eu não quis mais prestar concurso, eu não quis, falei chega! Não quero mais nada, não quero fazer pós, não quero prestar concurso, não quero mais nada... é lógico que quando chegar daqui a pouco eles vão fazer meu “bota fora”. Chega também de tanto trabalhar, né? Mas ainda não matou a minha sede de trabalhar, de fazer alguma coisa. E eu tenho certeza de que tudo aquilo que eu fiz e aquilo que eu faço são bem feitos.” (anexo II/4)

Ana conta que se desespera quando se depara com profissionais que não encaram a educação com responsabilidade. Diz que já cruzou com muitos deles, e que fica revoltada ao ver pessoas que podem tomar atitudes que estão a seu alcance, mas não tomam.

Atualmente, quando encontra ex-alunos seus, que hoje são avós, e profissionais com quem já trabalhou, que a elogiam, reconhecendo e admirando seu trabalho, sente que está colhendo os frutos que semeou:

“Então, quer dizer, valeu a pena? Valeu. Eu vou sair assim da educação de cabeça erguida, porque como diz uma pessoa muito influente: eu combati o bom combate! E onde eu fiquei a peteca não caiu, eu destemidamente procurei ser uma educadora... está na hora da vovó se aquietar.” (anexo II/4)

5.2 Quedas e superações: a história de Mara

Mara, descendente de negros e índios, nascida no Paraná, veio ainda bebê para Campinas, pois sua família estava em busca de melhores condições de vida. Desde bebê até os cinco anos de idade, morou em um bairro de periferia, em uma casa de dois cômodos, feita de madeira, a qual ela denomina “barraco”. Essa casa ficava em um terreno de terra batida, junto com mais três casas.

Ela é a mais nova de quatro irmãos. Todos eles dormiam no mesmo quarto, junto com o pai e a mãe. O banheiro era do lado de fora da casa. Mara considera que não havia conforto onde morava. Além disso, a rua não era asfaltada e muito próxima a um córrego que corria a céu aberto. Segurança também não havia, pois perto de sua casa estava um dos grandes pontos de droga da cidade. Recorda pouco dessa época, pois era ainda bem nova.

Após os cinco anos de idade, os pais de Mara separaram-se e ela partiu com o pai, a madrasta, chamada Selma – com quem o pai já namorava - e seus irmãos para uma casa no centro da cidade. O avô, de quem o pai era filho de criação, que morava em outra casa no mesmo terreno que a família, foi morar com eles. Sua mãe permaneceu por um tempo na casa da periferia, até que encontrou um namorado com quem foi morar em uma invasão de sem terra, em um bairro afastado. A casa onde Mara foi morar era grande, mas bastante antiga, com alguns cômodos feitos de madeira. Apesar de ter mais espaço dentro da casa para as crianças brincarem, não havia muita liberdade para que elas saíssem na rua sozinhas, por causa do comércio local, dos pontos de drogas e de prostituição que havia próximo dali.

Logo que se mudaram, o padrasto de Mara pediu a guarda das duas meninas, mas não queria levar os dois meninos. Ela e seu pai não achavam que as intenções do padrasto fossem boas e descreve o que acontecia:

“na minha cabeça ele é doente porque já tentou até mexer com a gente, comigo, com a minha irmã. Então, depois sempre ia os quatro visitar a minha mãe. Até porque meu pai falava: vai ver sua mãe, vai ver sua mãe! Praticamente todo final de semana ou um final de semana sim e um não, mas aí ia todo mundo junto. Mas aí depois de um certo tempo, a coisa começou a complicar porque o marido dela começou a seguir a gente na escola, começou a ficar na frente da casa onde a gente

morava, porque meu pai trabalhava, então aí a coisa começou a complicar bastante. Porque ele começou a ir a atrás da gente, né? Das meninas. Aí meus irmãos, que eram mais velhos, sempre tinham que deixar de fazer alguma coisa para poder ir buscar a gente, ou meu pai tinha que ir para ficar na escola de plantão. Porque começou a ficar uma coisa um pouco chata.” (anexo V/4)

Ela conta que sua irmã mais velha tem raiva do padrasto até hoje. Mas diz que não se lembra dele ter feito “alguma coisa”, somente de ter tentado, pegando e mexendo com ela. Com o passar do tempo, a relação com ele e com sua mãe foi sendo rompida, pois cada um tinha seus compromissos. Até seus dezesseis ou dezessete anos, Mara lembra que o padrasto batia na mãe e bebia muito. Até que um dia, cansada de tanto apanhar, a mãe de Mara retornou ao Paraná com a Bianca, a filha que teve com ele e com sua neta, Maria, filha de Bianca. Há suspeitas que Maria seja filha do pai de Bianca, seu suposto avô. Mas, atualmente, não se fala mais nisso. Mara tem pouquíssimo contato com a mãe, raramente a encontra. Mas diz que sua mãe nunca foi presente em sua vida.

“...eu não tive muito tempo com ela, muito aproveitamento. Eu não tenho muita ligação com ela. Se você perguntar: ‘Mas você sente saudade da sua mãe?’ Eu até, as vezes, sinto. Mas é uma coisa, assim, que passa, bem rápido. ‘Ah, você liga pra sua mãe?’ Ah, eu ligo, mas quando ligo é pelo meu irmão que me faz falta bastante e dos meus sobrinhos e, as vezes, eu falo com ela... Às vezes eu até esqueço de falar com ela, e ela cobra do meu irmão. Mas ela, sinceramente... eu tenho pessoas e tenho amigos que, para mim, significam muito mais do que ela.” (anexo V/4)

Desde quando se mudou para o centro, aos quatro ou cinco anos de idade, Mara só saía de casa para ir à escola e para trabalhar, vendendo salgadinhos, sorvetes e empadinhas nas ruas, com seus irmãos.

“Então eu nunca tive medo... Tinha muito comércio, então a gente passava a conhecer muita gente, mas assim, de noite, a gente pouco podia sair pra rua. Mas ficava só ali na frente do portão, mas logo... Tinha sempre que ter alguém, mas como não tinha... a gente ficava ali, tipo... a gente ficava, tipo... antes de escurecer, na rua, depois já entrava, porque tinha muita pensão, e também acho que até tem ainda hoje, então era bastante complicado.” (anexo V/4)

Então, geralmente, as crianças ficavam dentro de casa “fazendo serviço de casa”. Mara diz que não tinha tempo para brincar e para assistir à televisão, porque ela e os irmãos tinham suas “obrigações”, e a madrasta cobrava isso deles. Considera que não teve infância, e se entristece por isso.

O pai de Mara foi músico, foi garçom, foi caminhoneiro, foi alfaiate... Passou por várias profissões buscando melhor condição financeira. Tocando em um bar, ele conheceu a

madrasta de Mara, e decidiu oferecer-lhe outra vida, ensinando como tomar conta casa, e entregando a ela os cuidados de seus quatro filhos. Selma, então, passou a dar ordens e eles tinham que obedecer. As regras eram bem rígidas: brincar só no corredor do quintal, televisão não podia, deveriam cumprir suas obrigações como lavar a louça, cuidar dos quatro cachorros, lavar o quintal. Seu pai confiava muito no que Selma dizia e muitas vezes isso significava prejudicar seus próprios filhos.

“Até teve um dia que eu apanhei, simplesmente porque estava chovendo e eu pensei: ‘Não vou encerar’. E toda sexta eu tinha que encerar o quarto do cachorro. Apanhei e aí começou a sangrar. Meu pai chegou e ela falou que era insolação, que eu tinha ficado muito lá fora brincando com meus irmãos de ‘burquinha’” (anexo V/4)

Geralmente, quando isso acontecia, todos se uniam e apanhavam, em fila. Mara considera que apanhava bastante por causa disso, mas ainda assim seus irmãos apanhavam mais. Não era do pai que geralmente apanhava, mas da madrasta, de quem levava “boas cintadas.”

Embora tenha passado por situações como essa, Mara diz que aprendeu com ela a ser limpa, organizada e ambiciosa.

“Mas não posso dizer que não aprendi com ela, por que ela sempre foi uma pessoa... não guerreira, mas ela sempre gostou muito de ganhar dinheiro, sempre foi ambiciosa. Meu pai “cresceu”, depois de um certo tempo, e isso eu fui aprendendo com ele. Talvez até isso tenha me ajudado no meu desenvolver, no meu dia-a-dia, na minha vida.” (anexo V/1.2)

Mara a considera uma pessoa forte e que lutava para buscar alcançar o que almejava, que era dinheiro. Diz que Selma serviu de exemplo para que ela tivesse forças para batalhar em busca de uma vida melhor.

“tenho que reconhecer... acho que é uma pessoa forte, independente do caminho que ela chegou, do caminho que ela levou depois disso... é um modo que ela encarou, que ela colocou, que ela iria chegar lá no topo, chegou; não continuou, mas chegou, não deixa de ser uma admiração. É lógico que eu peguei, graças a Deus, a parte boa, vamos dizer assim, porque também sou curiosa, quero dinheiro, mas também não sou ambiciosa doentia, de prejudicar pessoas, nada... naquela época ela também não era, mas isso depois vai subindo para a cabeça e a pessoa acaba ficando um pouco perturbada.” (anexo V/1.2)

Mara diz isso referindo-se ao que ocorre depois, quando seu pai perdeu tudo, o que será abordado logo adiante.

A relação com seu pai, embora aos olhos de Mara não fosse tão ruim, era considerada fria, “careta”.

“Não era uma relação de pai e filho, uma relação de amigo, uma relação de conversar. Era pouca paciência. Então qualquer coisa ele metia a mão mesmo... sabe? Se tivesse que jogar da janela... enfim. Ele sempre foi muito bravo. Hoje em dia ele melhorou muito, mas demorou.” (anexo V/1.1)

Mas ele incentivava e cobrava que os filhos estudassem para “ser alguém na vida”. Fazia com que os irmãos se sentassem todos os dias para estudar e fazer as tarefas, e os maiores deveriam ensinar os menores. Mara lembra-se que foi sua irmã Patrícia quem mais a ajudou nos estudos, auxiliando no manuseio com os livros, na leitura, na escrita e na caligrafia.

Porém, o irmão do meio, Mateus, era o mais ligado a ela. Ele a levava para a escola, brincavam, faziam as tarefas, as “artes”, sempre juntos:

“O irmão que eu mais amo na vida é o meu irmão Mateus. Mas isso por tudo assim: por ele ser uma pessoa esforçada, por ser uma pessoa que sempre fez de tudo, tudo que desse pra ele, ele nunca teve preguiça de trabalhar... Pra mim ele é a minha alma gêmea, era tudo junto, se tivesse que apanhar era junto. Apesar de que, se tivesse que apanhar, apanhava os quatro de uma vez.” (anexo V/1.3)

Mara conta que, de todos os irmãos, quem teve mais privilégio para estudar foi sua irmã. Por ela ser mais velha, pôde aproveitar a melhor fase da família, quando a empresa do pai estava dando lucros e ela não precisava trabalhar. Conseguiu ingressar na faculdade; entretanto, cursou um período, abandonou o curso e foi para o Paraná. Mara diz que nunca ficou para trás da irmã. Fez os mesmos cursos, mas quando jovem, com o seu próprio dinheiro. Já seu outro irmão, Tiago, nunca gostou de estudar e abandonou os estudos muito cedo.

Além de seu pai, que sempre trabalhou duro no sustento da casa e incentivava Mara a estudar para não ter que passar pelas mesmas situações que ele, outro grande exemplo na vida dela foi seu avô paterno – que havia ido morar com eles na casa do centro - , por quem tinha bastante amor, carinho e admiração. Ela o considerava um lutador, pois, mesmo sem muita instrução, criou filhos e ajudou a criar os netos. Também o considerava uma pessoa muito inteligente e que sempre sabia das coisas, tendo respostas às mais variadas perguntas que ela fazia.

Ele estava sempre lendo: livros, revistas, passatempos,... E Mara não desgrudava dele.

“Então, na verdade, como eu falei, eu sempre tive curiosidade, eu sempre fui curiosa, sempre gostei de ficar perto do meu avô. Ele tinha uma cadeira que ficava lá na sala. Ele gostava de ver o jornal, jornal era sagrado! Inclusive, ele morreu no dia de um debate do Collor. Então ele gostava muito de informações. Às vezes ele

lia historinhas do jornal pra gente. Ele gostava de cruzadinhas, ele vivia fazendo alguma coisa assim. Então, talvez isso tenha também me incentivado, de uma certa forma. Apesar de ser uma pessoa já bastante de idade, ele não passava assim pra gente: - Olha! Vamos estudar! Vamos sentar! Fazer isso, fazer aquilo; mas eu via ele fazendo isso.” (anexo V/1.4)

Uma outra recordação que tem do avô é justamente dos dias de debate político. O avô tentando assistir, pedindo silêncio às crianças com toda delicadeza e paciência. A relação era de bastante carinho e ele colocou em Mara o apelido de “corujinha”. Ele gostava de ler as historinhas e tirinhas dos jornais para ela e seus irmãos. Era ela quem cortava as unhas do avô e preparava o seu café com leite.

Mara esteve na escola desde muito pequena, pois não tinha onde ficar quando seus pais iam trabalhar. Teve que cursar duas vezes a pré escola por causa da data de aniversário. Não se recorda direito como foi o seu processo de alfabetização e nem de quem a alfabetizou. Mas se lembra que gostou bastante da pré escola, que era tratada com muito carinho por todos os funcionários, e que lá aprendeu o alfabeto, o nome de seus colegas e de seus familiares. Recorda-se especialmente dos livrinhos que as professoras liam para as crianças e dos desenhos que havia para pintar.

Foi no primeiro ano que realmente aprendeu a ler e a escrever. Nessa fase, fazia bastante exercícios, dentre os quais se lembra estão alguns baseados na cópia: copiar o alfabeto e repetir em três folhas as palavras que errasse. Ela gostava bastante disso, pois diz que assim estava aprendendo. Lembra-se que a professora lia bastante livrinhos e que os alunos iam muito na lousa. E que a professora fazia usos de jogos, como o jogo de forca.

“Às vezes tinha brincadeiras e joguinhos com letras, para facilitar os estudos. E tinha também livros, que eles pediam pra gente ler, eles liam livros pra gente.”

As duas professoras de quem mais se recorda bem nessa escola – onde esteve do pré a oitava série – foram justamente as duas mais rígidas, em sua opinião: Carmem, de português, e Inezila, de matemática.

Mara não gostava de matemática, mas gostava de aprender e queria aprender. Por isso, ficava um pouco mais na aula, e sempre procurava a professora na tentativa de sanar as suas dúvidas. Apesar de ser brava, Inezila tinha bastante paciência com a menina, e respondia muito prontamente as suas dúvidas. Mara conta que ela gritava, colocava de castigo e “pegava no pé”. Mandava repetir toda a tarefa até estar tudo correto. Mas Mara entendia a professora queria era sua evolução, seu aprendizado e, por isso, gostava dela e também de suas aulas.

Quanto à professora Carmem, de português, Mara considera que era séria, porém, divertida. Diz que percebia o esforço da professora em fazer com que os alunos se interessassem por suas aulas, mesmo ganhando baixo salário. Assim como Inezila, Carmem cobrava muito que tudo estivesse correto, e, frequentemente, mandava tarefas para casa nas quais o aluno deveria copiar várias vezes, corrigindo o que estivesse errado. Também se utilizava bastante de jogos e brincadeiras das quais Mara gostava bastante:

“...porque é uma distração, ainda mais criança, jovem que seja, uma matéria que você tenha dificuldade, alguma matéria difícil. Porque português tinha adjetivos, subjetivos, tinha tudo que era coisa, então não era tão fácil assim de você assimilar. E com algumas brincadeiras a coisa fica mais mansa, vamos dizer, fica mais divertido, e você acaba aprendendo até com facilidade, principalmente sendo criança, sendo jovem, fica mais fácil de aprender. Fica divertido, passa rápido, você acaba aprendendo e em casa facilita porque você acaba pegando o gosto...” (anexo V/2.3)

Mara conta que uma vez ela estava com dificuldades em um exercício, e a professora de português prontamente se dispôs a permanecer após a aula para lhe dar assistência.

“então ela sentou comigo, ensinou, passou tudo de novo, explicou, e isso pra mim marcou porque são vários alunos, então a pessoa acaba não tendo tempo pra dar atenção pra todo mundo, e ela dispôs do tempo dela, mesmo depois da aula, pra mim é uma coisa marcante, pra mim é uma coisa importante.” (anexo V/2.3)

Diz também ter tido muito respeito por todas as professoras, mas que, por essas duas, sentia algo mais: admiração pelo interesse em ensinar, por buscar motivar os alunos para a aula e porque tinham o “pulso firme para dar bronca” quando necessitasse, sem deixar de cumprir o seu papel, que era de ensinar.

Mara gostava também dos filmes e passeios que fazia com a escola nessa época. Ela diz que os passeios uniam quatro disciplinas ou mais, e ela adorava e aprendia bastante com eles.

“eu adorava lógico, eu acho que incentiva bastante e faz com que a gente se desligue um pouco, não fique tão bitolado, porque você fica tanto tempo ali assim, escrevendo, lendo, cansa e essas coisas de uma forma ou de outra, dá uma arejada na cabeça e você acaba aprendendo o que te interessa, você está passeando, mas ao mesmo tempo você está aprendendo, como hoje existem zoológicos, etc.” (anexo V/2)

Já na fase do colegial (atual Ensino Médio), Mara conheceu outras pessoas que a incentivaram nos estudos. Uma delas é João, professor de Física.

“Ah! Não tenho muito que falar dele, porque professor de física já é meio louco, né?! Ele era muito inteligente, era enorme, era engraçado e também passava muita confiança pra gente sabe? Ele tinha paciência, porque eram fórmulas e fórmulas e isso deixava a gente curioso.” (anexo V/2.6)

Sentia que lhe devia muito respeito e admiração, pois estava sempre disponível a ensinar e a sanar as dúvidas de seus alunos. Trazia livros, fazia indicações, ficava atendendo após seu expediente,... Tudo para que todos aprendessem da melhor maneira possível. Ao explicar o porquê de seu interesse pela aula, diz:

“Porque é muito curioso, é uma aula curiosa, uma aula que você tem que prestar muita atenção... se você perde um fiozinho dessa aula, você perde a matéria inteira, porque são aulas de desenhos muito loucos na lousa, aula de fórmulas que você tem que fazer. Um problema, por exemplo, é um negócio enorme, então isso me deixava curiosa... e a forma de ensinar, da postura, de ter interesse, de ter tom, essas coisas, também deixava a gente interessado, deixava atento.” (anexo V/2.6)

Além do professor João, outro de quem Mara se recorda é o professor Vicente, de Biologia. Diz que ele era um professor muito inteligente e que gostava de encher a lousa com fórmulas. Tinha bastante paciência para explicar, e dizia aos alunos que deveriam prestar atenção às aulas e estudar, pois só assim iriam crescer na vida. Motivava-os dizendo que, mesmo estando em colégio público, deveriam aproveitar a oportunidade de estudar para ter um bom trabalho, não deveriam desanimar.

Sobre ele, Mara diz:

“Poxa, o cara era muito fera! Ele entrava até, com alguns livros embaixo do braço, mas ele deixava os livros por lá... ele vinha praticamente com as matérias prontas na cabeça, ele enchia duas, três vezes a lousa com coisas assim: desenhos, figuras de tudo que era jeito! Tudo na lousa, e a gente tinha que copiar aquilo, até que meio rápido... ele explicava tudo aquilo assim, sem olhar no livro! Nem cogitar em pegar o livro, isso despertava o interesse na gente... além da fórmula que ele tinha que passar na lousa, a gente tinha que copiar, ou seja, o tempo era meio corrido, e isso obviamente, deixava você atento, né? Prestando atenção, se você vacilasse você iria perder a matéria inteira e teria que copiar de alguém depois.” (anexo V/2.5)

Afirma que o jeito dele de conduzir a aula, e sua postura de não se utilizar dos livros, fez com que ele se tornasse um professor marcante em sua vida e inesquecível. Ela o admirava por ter sempre as respostas prontas, e respondia com muita atenção e sem dificuldade nenhuma. Mara diz que gostaria de ser como ele, nesse sentido.

Mara também contava com a ajuda e o apoio de alguns colegas nessa etapa. Um deles era Lucas, um rapaz muito inteligente, esforçado e humilde. Ele acompanhava Mara e eles estudavam juntos. Ele foi um amigo que a incentivou bastante a estudar. Depois do colégio, eles se distanciaram e a última notícia que Mara teve é que ele havia ingressado em uma Universidade pública.

Outra amiga dessa época é Luana, que trabalhou com Mara em uma empresa de telefonia. Elas estudavam, lanchavam e passeavam juntas:

“A Luana, ela sempre foi uma pessoa muito boa, muito legal e a minha relação com ela foi de uma amizade também muito gostosa, porque era da escola e era do serviço. Depois de um tempo, eu já cheguei a ir para casa dela, então a gente tinha uma amizade muito bacana.” (anexo V/2.7.2)

Teve também Fabiana, que Mara descreve como amiga “apenas da escola”. Conta que Fabiana era “caxias” e que elas faziam trabalho juntas na escola. Admirava o jeito de Fabiana e as atitudes que ela tomava. Via que ela estava no caminho certo para vencer, e por isso, buscava sua companhia.

Mara queria vencer e acreditava que, por ser a caçula da família, tinha uma visão mais ampla das coisas e, por isso, hoje é quem está melhor empregada dentre os irmãos. Enxergava melhor as dificuldades e queria mostrar a todos, inclusive provar para si mesma que era capaz de estudar e ter suas próprias coisas. Também acrescenta o fato de ter vivido mais tempo na casa do centro que os irmãos, pois quando seu pai se mudou, ainda era bem nova, o que possibilitou ter começado a trabalhar bem cedo, aos nove anos de idade, no escritório do pai.

“Tudo bem que os meus irmãos trabalhavam com a gente, mas assim, de ajudar, essas coisas, eu era criança, eu tinha todo o caminho ainda a seguir. E eles já haviam parado de estudar e eu não, ainda tinha um caminho inteiro pra seguir. E eu tive a oportunidade de ver o meu pai tanto antes, como tendo a empresa, no meio de pessoas cultas, de pessoas estudiosas, de pessoas que tinham dinheiro... e era uma época diferente também, o mundo vai evoluindo... É como hoje, quem começa a estudar hoje já está interessado em entrar na internet, está interessado em fazer isso, fazer aquilo que te dá curiosidade, e foi isso que aconteceu comigo.” (anexo V/4)

A empresa que seu pai e sua madrasta haviam aberto era de festas e eventos, e fazia muitas formaturas. Mara auxiliava no escritório, e foi lá que realmente pôde perceber o que queria para sua vida: estudar e se formar. Ela gostava de estar ali, no meio de adultos, vendo as pessoas alcançarem o mérito da formatura.

“Por ver as pessoas estudarem, por ver as pessoas bem. Porque a gente acompanhava durante muitos anos essas mesmas pessoas... Na verdade, quase os quatro anos de faculdade. E depois no final, você vê a pessoa se formando, você vê a festa da pessoa, sabe? Você vê o reconhecimento, você vê a pessoa lá em cima do palco, várias pessoas ganhando anéis disso, anéis daquilo, que é de acordo com a faculdade... Então isso me incentivou, eu sempre quis passar por isso.” (anexo V/3.1)

Mara conta que seu pai, embora não tivesse muito estudo – fez até a quarta série - gostava de ler jornais. Lia também partituras para poder tocar suas músicas. E quando abriu a empresa, passou a ler mais: boletins administrativos, Leis, jornais, contratos,..., o que colaborou para o aprimoramento de seu trabalho.

A empresa que começou pequena, apenas com seu pai e sua madrasta, sem muita expectativa, sem cursos, preparo, parcerias ou dinheiro, começou a dar certo. Uma festa trazia outra e os lucros foram aumentando. E a cada formatura, uma nova emoção para Mara:

“no começo inclusive, eu chorava, igual a casamento, que no começo você chora, chora, chora. E formatura a mesma coisa, eu ficava muito emocionada. Eu sempre quis, olhava e falava: ‘- Um dia eu vou passar por isso!’”. Não pela questão de anéis, da festa em si, mas de ter o meu diploma, de ter o meu reconhecimento, porque fui eu que corri atrás, fui eu que fiz, e aquilo era um reconhecimento pra mim. É uma coisa que eu quero e ainda vou fazer! É uma coisa muito linda, são pessoas muito felizes, conquistando o seu lugar no mundo, conquistando mais um espaço, e isso pra mim é o reconhecimento de todos aqueles anos que você se esforçou independente das dificuldades, de todo dinheiro que você gastou, é um reconhecimento, como se fosse um reembolso de tudo aquilo, do tempo, do cansaço, de tudo, não só do financeiro.” (anexo V/3.1)

Ao sair da empresa do pai, de quinze para dezesseis anos, Mara passou a trabalhar em uma empresa de recursos humanos. Assim que começou a receber salário, matriculou-se em um curso de inglês e de informática. Ela queria progredir, ser independente. Isso fez com que sua madrasta ficasse muito irritada com ela, acusando-a de ingrata. A relação que já era difícil, foi completamente abalada. Isso ocorreu na mesma época em que sua irmã, Patrícia, abandonou a faculdade e foi para o Paraná. Isto porque ela havia percebido que a madrasta – por causa de sua ganância – enganava o seu pai. E não havia o que os filhos pudessem fazer, pois o pai acreditava piamente em Selma.

“Então não tinha comunicação dentro de casa, entendeu? Era uma relação de medo, porque tudo o que a gente fazia eram nossas obrigações, trabalhava, estudava, mas tudo assim regrado, tudo muito ‘fechado’. Então a gente não tinha muito espaço, não tinha muito conforto.” (anexo V/4)

Um ano e meio depois, Mara foi contratada por uma empresa de telefonia, para atuar em telemarketing. Foi quando sua madrasta largou de seu pai e foi morar com seu tio, que era marido da irmã do seu pai.

“Também foi outra coisa horrorosa, ‘caiu a casa’ pra todo mundo. Ela roubou meu pai, o pouco que já tinha. Eu acredito até que ela já vinha fazendo coisa errada. E aí quando estourou a bomba, já tinha perdido praticamente tudo.” (anexo V/4)

Embora Selma já viesse aplicando golpes no pai de Mara, somente depois desse fato é que eles se separaram completamente. Ele se viu sozinho e falido, pois o pouco que ainda tinha, ela havia levado consigo. Foi, então, morar em um quartinho com Tiago, o irmão mais velho, e seus dois netos, filhos de Tiago. Mara ficou completamente desamparada, e foi morar sozinha, em uma casa de fundos. Foi quando se distanciou de vez de seu pai. Atualmente,

depois de muitos anos, Mara considera que seu pai mudou e diz que tem uma liberdade maior para conversar com ele.

Mas da última vez que apanhou, ela não esquece. Foi por causa de Cristiano, seu namorado na época, que é seu marido hoje. Como já morava sozinha, tinha seu carro, seu emprego, e não dependia do pai, ficou oito meses sem falar com ele.

“e se não fosse a minha ex-cunhada (*namorada de Tiago*), nessa situação, ... ele tinha me espancado sim. Foi até porque eu virei pra ele e falei: ‘O senhor não coloca comida dentro da minha boca, o senhor não pergunta se eu estou bem... e não é hoje, não é agora que o senhor vai fazer com que eu siga o que o senhor quer. É o homem que eu quero, é o homem que eu amo. Mas até agora eu cheguei sozinha, então não vai ser o senhor quem vai fazer isso, por causa de algumas circunstâncias, alguma situações de casal.’” (anexo V/4)

Mara diz que ela e o namorado eram ainda muito novos, e que ele aprontou “algumas” e, em certa parte, até entende que seu pai queria o melhor, mas não deveria cobrá-la e nem agredi-la fisicamente:

“E eu entendo a parte dele, mas não a questão dele querer cobrar alguma coisa, dele querer me bater. Ele queria ter algum direito. Até hoje pra falar a verdade eu não aceito isso. Porque até hoje ele não pergunta se eu estou precisando de alguma coisa, se eu estou bem, como é que eu estou e tudo mais.” (anexo V/1.1)

Quando Mara entrou na puberdade, quem a ajudou e passou a ser seu apoio foi Marcele, namorada de Tiago, seu irmão mais velho. Era com ela que Mara tinha mais intimidade.

“era uma pessoa que eu amava muito, e se eu tivesse que dar minha vida por ela eu dava, eu confiava muito nela... E aí ela entrou em casa, depois de anos e casou com meu irmão, teve dois filhos com meu irmão...” (anexo V/4)

Porém, quando Mara já estava com aproximadamente vinte anos de idade, Marcele começou a usar drogas. Seus filhos ainda eram bem pequenos: a menina estava com três e o menino com um ou dois anos. Por causa do vício, Marcele começou a roubar e vender as coisas de Mara, com quem havia ido morar após se separar de Tiago.

“Meu carro já tinha sumido, o banco já tinha sido estourado, porque ela roubou cheque, roubou cartão, aí perdi meu emprego, porque eu trabalhava na ... (*empresa de telefonia*) e lá precisava ter faculdade, não podia ter o nome sujo, o banco chegou a ligar lá. E nunca tinha acontecido isso antes, porque eu sempre fui uma pessoa muito organizada com conta...” (anexo V/4)

Ou seja, por não poder pagar a Faculdade, Mara teve que abandonar os estudos no terceiro ano de Administração de Empresas. Por abandonar os estudos, não podia mais trabalhar, pois a empresa exigia que seus funcionários estivessem cursando faculdade.

Mara sentiu-se perdida, pela segunda vez. Apesar de ter encontrado o carro, Mara precisava escondê-lo, pois era um carro procurado pelos traficantes. Sem dinheiro para pagar o aluguel, precisou pedir socorro a Cristiano, que não era mais seu namorado. Ficou morando na casa dele – e de seus pais – por oito meses, até conseguir se mudar para a casa de uma amiga e ter a oportunidade de começar a se reerguer mais uma vez.

Mara conseguiu recolocar-se no mercado de trabalho e, aos poucos, foi retomando sua vida. Voltou a namorar Cristiano, casou-se, comprou apartamento. Mas ainda não conseguiu realizar seu maior sonho, que é o de se formar. Estava trabalhando há cinco anos na área que mais gosta: no departamento financeiro de uma grande loja de venda de veículos. Mas o destino pregou-lhe mais uma peça. Seu marido foi promovido e deveria se mudar para outro Estado. Para poder acompanhá-lo, ela deveria pedir demissão. Ele foi e fizeram toda a mudança. No mesmo dia em que ela assinou o termo de rescisão, ele foi demitido.

Mais uma vez estava ela sem emprego, com pouco dinheiro – haviam gasto com a mudança – e com o marido também desempregado. Teve que aceitar um emprego como recepcionista em um hospital, mas não se abateu.

Nesse emprego, Mara teve que se adaptar aos termos e assuntos técnicos, como as doenças e os procedimentos hospitalares. Para isso, teve que ler e estudar muito. Por causa de sua curiosidade e vontade de aprender, ela estava adorando tudo aquilo. Mas não deixou de investir na área de seu interesse, e continuou a enviar currículos para empresas de recrutamento e seleção.

Após cerca de um ano, outra grande empresa de vendas de veículos chamou-a para trabalhar. Atualmente, Mara trabalha no departamento de contas a receber, com faturamento de notas, cadastramento de clientes, análise de crédito, elaboração e análise de contratos, entre outros. Sente-se uma vitoriosa por ter sempre tido esperanças e nunca ter desistido. E sente também que seu retorno à Faculdade está muito próximo.

5.3 Idas, voltas e reviravoltas: a história de Pedro

Pedro, pardo, nascido em São Paulo/SP, afirma ter tido uma vida de cigano. Com o pai preso, sua mãe vivia com ele e sua irmã - desde quando ainda eram bebês de colo - de cidade em cidade, buscando trabalho e uma vida melhor para a família. Devido a essa situação,

considera que sua mãe não tinha tempo de dar atenção e cuidar dos filhos. O menino então ficava sempre nas ruas, brincando e fazendo pequenas travessuras.

A cidade de onde Pedro tem mais lembrança fica no interior de Minas Gerais. Lá, residia em um bairro de periferia, onde a maioria das pessoas se conhecia e onde moravam também parentes de sua mãe. Eram essas tias que cuidavam do menino e buscavam impor-lhe alguns limites; mais especificamente, a tia Neuza, irmã de sua mãe, por quem Pedro tem bastante carinho e admiração, considerando-a como uma mãe. Ele acredita que, por ser professora, tia Neuza tinha mais facilidade para conversar com ele, entendia-o melhor. Diferente do que acontecia com sua mãe que, além de ausente, segundo ele, não tinha muito tato para lidar com crianças.

Considera que foi uma criança muito agitada e bagunceira. E diz que sempre que aprontava, acabava tendo que cumprir os “castigos” que a tia Neuza colocava: estudar, ler ou treinar caligrafia. Não se lembra bem quais leituras fazia, mas sabe que eram historinhas infantis. Muitas vezes, ela se sentava para ler com ele, e aí seus primos menores – filhos dela – vinham ao encontro deles, pois também queriam ouvir as histórias. Quando questionado sobre o que sentia quando isso acontecia, ele diz:

“Mas, assim, como tem muito tempo, o que eu tenho de pensamento hoje, é que eu gostava daquilo. Porque eu sempre tentava ficar próximo a ela. Sei lá... fazer alguma coisa. Eu sempre estava por ali, eu nunca deixa de bagunçar, mas sempre que bagunçava, fazia alguma coisa, ela pegava a gente e colocava de castigo. E eu nunca fiquei chateado com ela. Eu achava chato assim na hora, mas depois eu acho que eu já gostava. Queria mostrar pra ela o resultado, porque tinha alguma coisa em troca disso.” (anexo III/1.1.1)

Além de sua tia Neuza, havia outras tias que estiveram presentes na trajetória de Pedro durante sua infância. Uma delas era a dona da escolinha onde as outras tias trabalhavam, chamada tia Ieda. Essa escolinha foi um cenário bastante presente na infância de Pedro. Além de estudar ali, também passava os finais de semana dentro dela: era a casa da tia e dos primos. Por causa disso, ele afirma que, mesmo quando ia para estudar, ia contente – não era uma obrigação. Tinha um afeto muito grande por aquele ambiente:

“Sempre estive ali, aquele ali era o meu mundinho. Então eu me sentia seguro. Então pra mim ir para na escolinha era só sair da minha casa. Tipo, a escolinha ficava a duas quadras da minha casa, era todo mundo do mesmo bairro... você ia embora e voltava e todo mundo estava ali... Eu na escolinha estava sendo alfabetizado, mas era uma forma de brincar, nunca saía daquele meu mundo.” (anexo III/2.1)

A professora de Pedro na escolinha era tia Carla, mãe de um colega muito querido, chamado Henrique, que estava sempre na companhia de Pedro. Como essa tia era muito cuidadosa com o filho, por consequência, acabava cuidando também de Pedro. Ele a descreve como “generalzão”, devido às regras rígidas que impunha ao filho e a ele, conseqüentemente. Mas essa tia não possuía parentesco próximo com o sujeito:

“...ela era parente de um parente... A gente chamava de tia também. Como a escolinha estava ligada a pessoas da família também, então acabava assim, ela não era uma tia direta, irmã da minha mãe ou irmã do meu pai... Ela era prima do marido da irmã da minha mãe. Então, como a gente era criança, todo mundo era tia. Estava ali na família, era tia... criança não olha muito isso.” (anexo III/1.1.2)

Pedro acredita que ela necessitava manter aquela postura séria e “pegar no pé” deles por ser professora, mas quando acabava a aula e eles iam para a casa, ela era engraçada e uma “mãezona”. Adorava contar historinhas para as crianças, e Pedro sentia-se acolhido naquele ambiente.

Quando estava na quinta-série, ele retornou com sua mãe para Belo Horizonte. Lá, teve um professora de português de quem se lembra bem. Foi por causa dela – e de tia Neuza - que Pedro acredita que tenha gostado de estudar português.

“Ela fazia a gente se voltar pro estudo, sei lá, ela cativava. Então acho que o estudo está mais voltado para a pessoa que está te ensinando, do que a matéria em si. Tem muita gente que gosta de física, como tem muita gente que odeia física. Eu sempre vi, não sei se estou errado, quando você gosta de alguém, tudo que ela fala brilha, tudo o que ela fala é legal, é bacana. Por mais de que você nunca viu aquilo... Era o jeito dela, o jeito dela ensinar que era gostoso, ela prendia todo mundo, ela era... A risada dela conquistava você.” (anexo III/2.3)

Mas, foi nesse período que Pedro começou a andar em “más companhias”, e passou a deixar o estudo de lado. Acredita que estava revoltado pela ausência do pai, pois ouvia os amigos comentando episódios com seus pais, e ele não tinha o dele.

“... meio que me revoltei, não agüentava mais ver isso! Falava de pai eu ficava com raiva, por que eu não tinha o meu e eu não consegui entender porque ele não estava ali, e ficava meio frustrado com isso, não gostava dessa ideia.” (anexo III/4)

Nessa época, o amigo Henrique também estava morando na mesma cidade, e sua mãe – a tia Carla - havia falecido. Com o pai de Henrique também ausente, e sem adulto por perto, os dois se apoiavam e, segundo Pedro, começaram a “aprontar”. Conheceram outros “bagunceiros”, e a “bagunça” foi aumentando. O estudo passou definitivamente para último

plano e o mais importante para eles passaram a ser as meninas, as motos e as drogas. Consequentemente, Pedro foi reprovado na quinta série. Mas afirma que

“Não por causa de matérias de leitura... foi por uma matéria de matemática. Eu lembro até hoje o nome do professor: Romeu. E o que eu e o Henrique fizemos com esse rapaz: riscamos o fusca dele! A gente era muito revoltado, era... a gente era muito bagunceiro. A gente furou os quatro pneus do fusca dele, riscou o fusca dele todinho! Assim... a gente estava em uma rebeldia que não tinha condições.” (anexo III/4)

Isso, de acordo com ele, aconteceu por causa de uma “injustiça” cometida pelo professor. Segundo ele, havia na sala uma menina chamada Joyce, que era “super burra”, mas cativava as pessoas com seu charme e beleza. Ela era a mais bonita de todas as garotas, com um corpo já muito bem formado para a idade. Isso fazia com que alguns professores mais velhos, a quem Pedro denomina “coroas safados”, ficassem atraídos por ela. O professor Romeu era um desses “coroas”, e gostava de conversar com as meninas da sala. Quando o ano terminou, Joyce foi aprovada, e Pedro não. Justamente por conta da rígida disciplina do professor Romeu. Ele conta que ficou muito revoltado com isso, porque havia estudado “um pouco” e não foi “assim tão relaxado”; apesar de confessar que estudou apenas no dia da prova, e não para a recuperação. Aliás, no dia da recuperação, Pedro havia aprontado “mais uma”, junto com seu amigo inseparável, Henrique:

“O que a gente fez a hora que chegou lá, que ele apareceu na sala? A gente amassou a prova, levantou, e jogou na cara dele. E falou pra coordenadora que estava na sala que a gente estava fazendo isso porque ele era safado, ele tinha... a gente falou... a Joyce passou, fulana de tal passou... as meninas que também ficavam com “esqueminha” de matar aula, e não faziam nada, passaram na matéria dele, e nós não. Então a gente tinha revoltado, não queria mais saber daquela escola, tanto que a gente foi transferido de escola, eu fui embora, minha mãe... A família meio que achou ruim isso da gente.” (anexo III/4)

Foi aí que a família decidiu que Pedro deveria se distanciar de Henrique, e eles foram matriculados em escolas distantes uma da outra. Ao que ele se lembra, também os períodos da escola eram opostos. Nessa nova escola, Pedro foi aprovado, mas não se lembra de ninguém e diz que aquele ano passou em branco em sua vida. Ele não gostava de estar ali; era um bairro longe, e ele tinha que pegar ônibus para chegar na escola.

Na sexta série, Pedro retornou à cidade do interior porque, segundo ele, a “bagunça” - mesmo sem Henrique - , voltou a ser como antes. Além disso, seu avô precisava da presença de sua mãe ao lado dele.

No final do ano, Pedro “passou raspando” para a sétima série e assim prosseguiu até concluir a oitava. Dessa época, recorda-se bem do professor Leopoldo, de Ciências, que era vizinho de um primo dele. Esse professor gostava de conversar com Pedro, e sempre tratava das responsabilidades dos jovens. Não falava apenas da escola, mas da vida no geral.

“Conseqüências de cola, conseqüências de nossas bagunças, aonde que a gente poderia chegar na vida com isso... tipo, colocava a gente pra pensar. Ele não dava meio que uma bronca, ele fazia nós mesmos procurar pensar sobre isso. Não falava assim: “Oh, você vai virar isso”, ele procurava fazer a gente pensar sobre o que a gente ia ser se a gente continuasse com isso. Era meio que uma pontada, porque ele não tinha a responsabilidade de corrigir a gente. Então que isso que era o diferente.” (anexo III/2.2)

De acordo com Pedro, por se tratar de alguém de fora de sua família, e que para quem não faria tanta diferença se seguisse ou não o que ele dizia, as palavras tinham mais poder. Pedro diz que o professor cumpria o seu papel como uma pessoa legal, interessada e que queria o bem dos alunos, mas não seria afetado caso esses alunos não resolvessem ouvir e seguir seus conselhos. Classifica esse professor como “liberalzão” e “meio alternativo”. Inclusive, afirmava não se preocupar se os alunos estavam ou não estudando e se colavam durante as provas.

“Dizia ‘Vocês querem colar? Eu vou estar aqui fora fumando, eu vou fumar o meu cigarro, não vou me preocupar com quem quiser colar. Só que as conseqüências, o resultado, é você quem está plantando isso.’ Era meio que poético, sabe? Colocava umas coisas nesse sentido.” (anexo III/2.2)

Pedro assume que “colava” e que não entendia muito bem os conselhos do professor na época. Mas acredita que Leopoldo tenha, de maneira consciente, “plantado uma sementinha” em seus alunos e que, por entendê-los tão bem, já devia ter passado, em algum momento da vida, pelo que Pedro estava passando.

“Essas ‘sementinhas’ são colhidas adiante. Acho que a gente lembra mais das pessoas que nos dão conselhos, algumas pessoas assim, nessa época. É a época que você deu uma cabeçada, é aquela que o bicho pegou pra você e você está naquele momentinho ali, que parece uma eternidade... que você está pensando de olho fechado, sabe? Você está longe... e começa a voltar e a pensar nas pessoas.” (anexo III/4)

Pedro afirma que a grande parte de suas “bagunças” era relacionada com moto, especialmente o período em que viveu no interior. Através de seus passeios e aventuras de moto, foi conhecendo pessoas envolvidas com o crime, as drogas e a marginalidade.

Envolveu-se com essas questões quando ainda era menor de idade. Aos onze anos, já consumia bebidas alcoólicas em grande quantidade, e aos dezesseis, passou a usar drogas. Chegou, inclusive, a ser pego pela polícia. Conta que, nesses momentos de medo, ele se pegava pensando em seu professor Leopoldo e nas coisas que ele dizia.

Para conseguirem comprar as motos que queriam, os meninos se uniam e “se viravam” como podiam. Certa vez, cinco amigos se juntaram. Um deles deu R\$50,00 que havia ganhado de um tio, os outros quatro deram sua bicicleta e conseguiram trocar por uma moto, o que para Pedro foi uma grande alegria. Porém, a moto era velha e o motor não funcionava, a pintura estava muito ruim e os pneus carecas. Como conheciam o borracheiro, logo deram um jeito de trocar os pneus por outros reciclados. Depois, juntaram um pouco de dinheiro, arrumaram a pintura e, assim, passaram-se quatro meses até que conseguiram deixar a moto em condições de uso. Quando não estava com essa moto em sua posse, Pedro trabalhava de graça em oficinas e lava jatos para poder andar em outras motos.

“Mas aí a gente começa a aprontar, porque querendo ou não você começa a andar com umas pessoas, por influência. E outra: quem empina na época, e faz essas coisas... não é que toda pessoa que empina e faz essas coisas que esteja envolvido com roubo, mas um bocado deles está porque é adrenalina. Não é um roubo por roubar, é um roubo por diversão. Pela adrenalina de sentir as pessoas correndo atrás de você, e as pessoas que te conhecem verem o que você conseguiu fazer. Meio que um Robin Hood, sabe? Você roubou, a polícia veio e ninguém conseguiu te pegar. Aí você volta para onde você mora, para floresta, que é o seu bairro, e você conseguiu dar fuga, e ir empinando. Às vezes você nem roubou, mas chamou a polícia para correr atrás de você. Querendo ou não isso é crime, é coisa errada. Então você acaba indo pra esse lado.” (anexo III/4)

Pedro diz que adorava correr da polícia e, em sua opinião, é difícil quem goste desse tipo de aventura e não goste das coisas erradas como o roubo e as drogas. Disse que na época não pensava em selecionar melhor as coisas, e descartar algumas delas. Mas que se lembrava dos conselhos do professor Leopoldo a todo momento.

Para poder retirá-lo desse meio, a família de Pedro, por intermédio do marido da tia Neuza, decidiu mandá-lo para uma escola agrícola, bem longe dali. Pedro aceitou, pois, segundo ele, era na agricultura que via as pessoas “se dando bem”. Apesar de se considerar “bagunceiro”, ele também se considera ambicioso e sabia que se continuasse seguindo o que estava fazendo, acabaria preso como seu pai e daria razão aos tios que diziam: “Ah! É assim porque puxou ao pai”; “Filho de peixe, peixinho é”. Mas, ao contrário, Pedro resolveu provar que era capaz:

“Se a pessoa vier pro meu lado, e falar que eu não vou ter um resultado, nem que eu me mate para ter o resultado, mas eu vou mostrar o resultado. E usando coisas boas,

sempre baseadas em quem? Em Vicentão, em tia Néinha, essas pessoas. Faça de tudo, mas faça o bem. Nunca passe ninguém para trás, nunca atropela alguém para obter um resultado. Mostre o seu resultado, se esforce, se empenhe, mas fazendo coisas boas, coisas legais.” (anexo III/4)

Um dos tios que criticavam Pedro foi justamente uma das pessoas que, sem querer, ofereceram grande motivação para que o garoto desse a volta por cima. Pedro não gostava de ouvir comparações e queria provar que conseguiria ser diferente! E conseguiu. Por ironia do destino, justamente o filho desse tio foi para o mundo das drogas, tornou-se traficante. E foi Pedro quem conseguiu ajudá-lo, conseguindo um emprego e uma casa para esse primo.

“Eu acho que... sei lá, se é obra de Deus ou não sei de quem, mas acabou que foi o filho dele que teve tudo o que ele queria pra mim, foi tudo refletido no filho dele. E eu dei um tapa na cara dele fazendo isso. Mostrando para ele que ele quem tirou o filho dele disso, nem foi ele, fui eu. E eu que achava que ia pra esse mundo, porque eu era muito mais arteiro que o filho dele. Muito mais! O filho dele sempre foi quietinho, mas eu sempre observei isso no mundo das coisas ruins: os quietinhos, aqueles que não falam muito, quando eles se entregam, eles se entregam de verdade, vão que vão mesmo, e aí não escutam mais ninguém... Porque como é quietinho, as pessoas boas não dão muita atenção nesse sentido, porque eles não estão precisando disso... Como eu escutei muito isso, acho que acabou que eu tive mais experiência de entender o que é certo e o que é errado de alguma forma do que ele.” (anexo III/4)

Enfim, Pedro acreditou em si e partiu para a escola agrícola em Uritaiá, cidade 1.200 quilômetros distante de onde ele morava. Queria dinheiro, carro, moto, ter suas próprias conquistas. Também queria se auto-afirmar e provar que não precisava de ninguém. Nessa época, sua mãe com seu avô haviam montado uma pequena empresa de vídeo game para ela trabalhar. Ela já havia se casado novamente e tido outro filho. Pedro queria se afastar de tudo isso. Queria ser independente. Então, o marido da tia Neuza tinha um irmão que conhecia o diretor da escola agrícola e conseguiu uma vaga para ele.

Aos dezesseis anos de idade, Pedro entrou no ônibus e partiu. Teve que passar por várias baldiações até chegar a seu destino. Estava sempre em contato com a tia Neuza, que indicava os ônibus que ele deveria pegar. Na viagem, ele foi refletindo sobre o que estava deixando para trás, especialmente os amigos. Mas sabia que era por uma boa causa.

Na cidade onde Pedro residia com sua família havia 20 mil habitantes. Essa nova cidade, para onde ele estava indo, tinha 3 mil habitantes, com os estudantes. Exatamente ao contrário do que ele havia imaginado. Ao invés de uma bela e moderna rodoviária, o ponto onde ele teve que descer ficava em um quebra mola, na frente de um posto de gasolina. Sua tia o orientou que perguntasse onde haveria uma pensão para que ele pernoitasse. Além disso,

deu todas as dicas sobre o que fazer ao chegar na escola e com quem ele deveria falar. Desde o dia em que Pedro desceu daquele ônibus, não retornou mais para casa, somente para passar as férias.

Na escola agrícola, Pedro conheceu pessoas novas, entre elas, Paulo, que, ao contrário dele, tinha a família extremamente presente. Ofereciam a Paulo todo o suporte financeiro, para o estudo e para a leitura. Moravam a 450 quilômetros da escola e, quando Pedro não tinha condições de retornar à sua cidade, acompanhava Paulo e se hospedavam na casa da família.

Lá eram todos evangélicos, e ofereceram alguns ensinamentos religiosos a Pedro. Entre eles, um do qual ele não se esquece. A tia de Paulo aconselhou Pedro a não usar mais camisetas com símbolos mórbidos - como a caveira - pois, segundo ela, isso atraía coisas negativas. Até hoje Pedro não compra e nem usa nada com esses símbolos, e acredita que realmente algo tenha mudado dentro de si depois disso. Só a cor preta que não abandona, pois segundo ele, o preto é contraste e não escuridão.

Isso porque Pedro admirava, acreditava e gostava muito daquelas pessoas. Eram todos estudados e muito bem de vida, e cobravam um resultado de Paulo, e também de Pedro. Pareciam preocupar-se com ele. Valorizavam os estudos dos meninos e demonstravam que o conhecimento que eles estavam adquirindo na escola era importante. Uma maneira que tinham de fazer isso era questionar os meninos sobre como solucionar problemas com plantas e jardim.

“E como você é técnico agrícola, a pessoa já te olha diferente. Ela não te vê mais como um menino, por mais que você não tenha idade, e você ainda é um menino, mas ela já começa a olhar para você com perfil já de homem. “Ah, ele está no caminho. Ele está indo para um lado legal!”. E a família dele era muito voltada para o estudo queria tirar isso da gente, extrair isso da gente, perguntar como é que está o resultado, eles têm isso.” (anexo III/2.8)

Paulo tinha tios que eram técnicos, assim como eles, e que depois passaram a ser engenheiros agrônomos, e têm lojas de produtos agrícolas. Todo esse contexto colaborava para que Pedro acreditasse mais em si e pudesse vislumbrar um futuro. Durante toda a fase em que esteve na escola, Paulo foi a pessoa mais presente em sua vida.

O primeiro ano correu bem. Pedro dedicava-se apenas ao estudo e ao trabalho. Mas, no segundo ano, a turma com quem ele andava começou a fumar maconha, e Pedro passou a fumar também. E se envolver em brigas dentro da escola. O que, algumas vezes, fazia-o parar para pensar nos professores que teve.

No primeiro ano, Joaquim. Era dentista, mas abandonou tudo pela física. Excelente professor, mas que trazia, além da disciplina, conselhos e lições relacionadas à vida em geral. No segundo ano, foi Sandra, professora de Marketing, que ele admirava pelos mesmos motivos e não se esquece de uma de suas lições. Ela, constantemente, mencionava o exemplo do cantor Alexandre Pires. Negro, pobre, nascido e criado em uma família humilde, acreditou em si e montou uma pequena banda. Hoje é sucesso internacional. E, no terceiro ano, o professor Gilberto, que Pedro toma como exemplo de vida.

“Pegava bastante no pé da gente também. Por uma questão de estudo, mas também por uma questão de vida: crescer, de ser algo na vida também. Ele me ensinou a ser muito ambicioso nesse sentido. O Gilberto, não só pra estudo, mas pra pegar muito, mas pra pegar firme mesmo com os estudos, como pegar firme, agarrar forte a vida. Não ter medo de nada na vida, e enfrentar todos os problemas, e tocar o pau. Porque o Gilberto era realmente um espelho pra mim.” (anexo III/2.6)

Coincidentemente, Gilberto era da mesma região de Pedro e parente de uma menina que Pedro namorou. Era pobre, da roça, e “correu atrás”, assim como estava fazendo Pedro. Fez escola agrícola, faculdade de agronomia e mestrado.

E foi justamente esse professor, o principal responsável por uma reflexão e mudança de postura por parte de Pedro, durante o período da escola agrícola. A maconha era consumida não só por Pedro mas por metade dos alunos de sua sala de aula. Ele diz que sua sala era conhecida por “sala verde”. O professor Gilberto sabia disso, e não poupava críticas aos meninos. Chegava a mudar o planejamento de aula e levá-los a campo, ao invés de aula teórica, pela condição que alguns alunos se encontravam. Mas, ao mesmo tempo em que brigava com eles, aconselhava-os, e não os denunciava a seus superiores. Pedro afirma que o professor se assumia como exemplo, pois já tinha consumido a droga e queria mostrar que era possível superar esse problema, e ser alguém na vida; e que errar era algo normal:

“Você pode até ter participado das coisas, você pode até ter feito alguma coisa errada, todo mundo tem direito de errar. Mas ficar persistindo no erro, aí é diferente.” (anexo III/2.6)

Na escola agrícola, assim como na vida, “se você erra, terá que pagar”. Assim, Pedro percebeu que se agisse corretamente, teria os seus méritos. A escola poderia garantir a seus alunos um bom resultado, não só para que se dessem bem financeiramente, mas, para isso teriam que estudar e adquirir conhecimentos através das aulas e das leituras.

“Eu acho que a leitura é uma coisa gostosa, que é cultura, a gente aprende muita coisa. E nisso não está uma relação de dinheiro. Mas se você for olhar, a gente

estuda muito para ter resultado de grana, porque ninguém estuda muito porque gosta de estudar. A gente gosta de estudar, é lógico! Mas assim, pelo conhecimento, pela curiosidade, e por entender as coisas. Mas no final, aquilo ali é para te dar algum resultado de dinheiro, e isso eu vi lá: você vai ter que ter algum, porque daqui a pouco tem alguém que depende de você. Sua mãe que ficou doente, o filho, uma família que você construiu. A vida está indo e não para. Aí você começa a perceber... não tenho mais quinze anos, não sou mais menininho, minha mãe não me dá mais tênis, minha mãe não compra mais brinquedo, apesar que ela nunca comprou... mas você começa a entender isso, começa a cortar realmente essas coisas. Percebi que não tinha mais a minha tia para dar um doce quando acabava de fazer a tarefa. Isso acaba, você vai percebendo isso... e para mim a escola agrícola, foi muito bom para isso, foi meio que um corte geral.” (anexo III/4)

Todos os limites que Pedro havia perdido em sua família, inclusive xingar e ofender seus parentes próximos, ele foi readquirindo na escola agrícola. De uma maneira bastante custosa, teve que aprender a respeitar novamente os outros para que também fosse respeitado. Teve que se “desarmar”, tirar o “escudo que o protegia desde sua infância, que era sua agressividade”. Tinha que conquistar seu espaço lá e, embora isso não fosse fácil, Pedro foi aprendendo a lidar com as regras e limites estabelecidos pela escola e logo se acomodou.

As regras eram bastante rígidas, e Pedro tinha buscar segui-las à risca, caso quisesse se manter matriculado. Trabalhar de manhã e estudar à tarde. Depois das férias, os horários invertiam-se: trabalhar à tarde e estudar de manhã. Segundo ele, não havia tempo para mais nada. Por dividir o quarto com outras pessoas, todos tinham que ser organizados. Havia uma supervisora responsável por inspecionar todos os quartos, inclusive abrir armários e malas. Ela possuía todas as chaves.

“Então, você aprende a levantar... e eu até hoje tenho isso, eu acabo de levantar, primeira coisa que faço antes de escovar os dentes, antes de eu fazer qualquer coisa, é puxar a colcha, a coberta, já ir dobrando tudo, porque hoje eu ainda moro em república. Mas você já acostuma com isso. Quando eu vou na casa da minha mãe, quando eu vou na casa da minha noiva, a mesma coisa. Você já acorda com aquilo, já tem que deixar organizado pra quando eu chegar já estar... não ficar perdido. Mas isso é questão de ir se acostumando.” (anexo III/4)

Pedro não podia perder sua vaga, sua mãe não tinha condição de sustentá-lo fora dali. Quem o ajudava com passagem de ônibus era a tia Neuza. Quando a situação estava difícil, ele não retornava para casa nas férias. Chegou a ficar dois anos direto na escola. Até que uma outra tia sua, de Belo Horizonte, conseguiu dinheiro para que ele passasse o Natal em família. Essa tia, chamada Berenice, era casada com o irmão da tia Carla, e tinha uma oficina de instrumentação. Lá, Pedro aprendeu a ter iniciativa, ser pró-ativo, não esperar as pessoas perguntarem e já começar a interpretar o ambiente e observar o que está faltando. Na escola agrícola, cada ação já vinha precedida por uma ordem, não havia como ser pró-ativo. E sua tia

Berenice dizia a ele que, quando entrasse em uma empresa, ninguém ia ficar determinando o que deveria ou não ser feito, ele deveria observar e fazer. Deveria ser curioso, procurar entender um pouco de cada coisa, “ir atrás”.

Pedro considera suas tias como pessoas inteligentes e estudadas, e tem admiração por elas. Diz que sua mãe é quem teve menos estudo. Depois que conheceu o padrasto de Pedro, optou por se tornar dona de casa e cuidar de seus filhos, enquanto o marido trabalhava fora. Ele acredita que, por estar ausente durante sua infância, sua mãe quis estar presente na de seus irmãos e os “mimou até demais.” Tia Berenice ajudava Pedro mandando dinheiro para comprar material para a escola.

Quando terminou a escola agrícola, Pedro retornou a Belo Horizonte, pois sua mãe havia novamente se mudado para lá. Foi então que reencontrou Vinicius, amigo de infância, e a amizade entre os dois se fortaleceu. Pedro estava sem rumo, sem estágio, sem ter para onde ir. Vinicius trabalhava em um pequeno escritório e convidou Pedro para ser office boy. Pedro, de início, sentiu-se contrariado por ter que abandonar a área para qual estudou – agricultura -, mas, devido aos conselhos de suas tias, aceitou.

Na época, soube do falecimento de seu pai, dentro do presídio, com nove tiros na face. A polícia não notificou o fato e o pai de Pedro consta, ainda hoje, como desaparecido no site da Polícia Civil.

Algum tempo depois, Elton, o irmão do dono do escritório no qual Pedro e Vinicius trabalhavam, em Belo Horizonte/MG, ofereceu uma nova vaga para Pedro, na cidade de Campinas/SP. Elton foi casado com uma prima de Pedro e o convenceu a aceitar a proposta, dizendo que em Campinas haveria mais oportunidades e salário melhor. Pedro aceitou e começou a trabalhar em um restaurante, como ajudante. A proposta, porém, era muito diferente do que havia sido prometido. Ao invés de moradia e mais o salário de R\$700,00, o dono do restaurante queria pagar R\$300,00, e sem direito à moradia. Então, Pedro ficou um tempo na casa de Elton, morando “de favor”.

Elton era contador de uma grande empresa e, além disso, tinha uma loja de automóveis e equipamentos para carro, e como Pedro já havia feito curso de vendas na escola agrícola – onde eram oferecidos diversos cursos e os alunos escolhiam quais querem fazer – já conhecia as técnicas e se propôs a trabalhar com Elton, tendo um bom desenvolvimento profissional. Também pôde aprender um pouco mais do que sabia na teoria e a ser simpático com os clientes.

Durante o período em que Pedro trabalhou na loja, Elton pediu demissão da empresa onde trabalhava como contador e foi trabalhar em uma empresa concorrente. E foi justamente Vinicius que o substituiu.

Assim que assumiu o cargo, Vinicius resolveu equipar seu carro e foi à loja de Elton. Lá foi atendido por Pedro e adquiriu vários produtos que ele lhe ofereceu. De acordo com Pedro, foi prestado um excelente atendimento, e atenção diferenciada. Tudo pela admiração que Pedro tem pelo amigo:

“Sempre gostei do Vinicius... o fato dele ter bebido muito, durante uma época aí... assim, as pessoas falavam muito disso, sobre isso, só que como eu já havia usado drogas, já tinha feito muita coisa errada também, eu não olho pras pessoas por isso. Quer beber, tudo bem! Às vezes o cara está em um mau momento dele, não sei, é fase.” (anexo III/3.2)

Devido à amizade entre os dois e em reconhecimento ao atendimento prestado, mais uma vez, convidou Pedro para trabalhar com ele. Agora na empresa de grande porte, em um cargo administrativo.

Dez anos se passaram desde quando se formou no colegial – atual Ensino Médio - e, Pedro não havia retornado aos estudos. Também não estava plenamente satisfeito na área administrativa, visto que seu grande sonho era trabalhar com agricultura. Mas persistia com muito empenho em sua função, lembrando-se dos conselhos oferecidos por suas tias e seus professores – entre eles o de procurar amar o que faz, pois nem sempre as oportunidades que irão aparecer serão aquelas sonhadas, mas poderão vir a ser.

E foi exatamente o que aconteceu: trabalhando nessa empresa, Pedro foi, aos poucos, conhecendo melhor e adquirindo gosto pela área administrativa – mais especificamente pelo departamento pessoal - e se interessando por continuar nela até os dias de hoje.

Foi nessa empresa que conheceu Natália, sua noiva, que, segundo ele, foi importantíssima em sua vida. Ela e Vinicius incentivaram-no a retornar aos estudos. Vinicius, agora seu chefe, dizia a todo momento que não poderia promover o amigo se ele não tivesse estudo. Pedro refletiu e, com o apoio dele e de Natália, matriculou-se em uma faculdade particular.

Por outro lado, segundo ele, trabalhar com Natália não era nada fácil. Além de trabalhar, estudavam juntos. Ou seja, “não se desgrudavam”, e acabavam brigando bastante. Mas, depois de um tempo, ela conseguiu um emprego melhor, como coordenadora de uma grande empresa de televisão a cabo, e se afastaram um pouco, o que melhorou o relacionamento.

Com Vinicius, o relacionamento sempre foi excelente. O amigo, além de incentivá-lo, fazia-o ficar curioso, mas raramente oferecia respostas às dúvidas de Pedro, fazendo com que ele buscasse o conhecimento. Sofreu um pouco com os emails, pois, como estava sem estudar, sua escrita estava comprometida:

“Como fiquei tanto tempo sem estudar, você vem meio fraco no português, você meio que sei lá... você perde as regrinhas... quem não está lendo, quem não está escrevendo, ele se perde na hora de escrever, não tem ideia! Ele consegue falar mil palavras, mas na hora que ele vai escrever, ele não consegue conjugar essas palavras, não consegui passar o que ele está pensando pro papel, e acho que isso é muito importante: a leitura. Tem pessoa que é geniosa, é espantosa as ideias que a pessoa tem, mas na hora que ela vai colocar no papel, ela não consegue dividir a ideia dela. Tipo: início, meio e fim. Ou blocos, ou pensar como colocar aquilo. Se ela falar, ela te fala tudo, mas se ela for colocar, por falta da leitura eu acho... essas coisas, ela não consegue. E foi isso que eu senti quando eu cheguei aqui. Nossa, eu sou uma explosão de pensamentos, falo muito, mas quando eu cheguei, que eu ia colocar no papel, não conseguia, travava. E email tinha umas palavras erradas.(anexo III/4)

Nessas situações, Vinicius cobrava muito dele.

“Aí vem o Vinicius, me chama a atenção: ‘Toma cuidado, faz isso, faz aquilo’. Aí, comecei a pegar mais na leitura, mais ainda!” (anexo III/3.2)

Pedro diz que sempre gostou de assistir documentários, o que, para ele, é de grande valia e faz com que se aprenda sobre diversos assuntos. Porém, descobriu através de sua prática e de seus amigos, que a televisão não substitui o estudo e a leitura e, hoje, formado há um ano, pretende ingressar em um curso de pós-graduação.

“Aí agora eu só não estou fazendo pós esse ano, porque assim... comprei uma moto, fiz algumas coisas, vou dar um tempo esse ano. Mas ano que vem eu estou querendo fazer ***. É caro, é isso, isso e aquilo, mas eu coloquei na minha cabeça, vou fazer, vou fazer, e vou fazer. Esse ano que entra agora eu quero fazer.” (anexo III/4)

Iria fazer cinco anos em que Pedro está nessa empresa, mas ele diz que pretende sair. Já agradeceu as oportunidades oferecidas por Vinicius, especialmente por ele ter confiado em Pedro em um momento em que ninguém confiava. Primeiro, conseguindo a vaga de Office boy, e depois, colocando-o no departamento pessoal. Mas Pedro sempre fez sua parte. Quando isso aconteceu, Vinicius disse a Pedro que ele teria três meses para aprender, e que caso não conseguisse, ele teria que ser demitido. Pedro quis mostrar que era capaz, e aprendeu muito bem a função. Sobre seu sentimento em relação a Vinicius, Pedro diz:

“Vinicius é irmão. Irmão, pai, amigo, nossa! Muito, muito, o Vinicius é muito especial pra mim. Vinicius me deu oportunidade, então vou dar resultado para ele. Dei resultado. O Vinicius viu que... O Vinicius achou muito ruim, eu ter saído. De eu estar saindo... A gente conversou bastante... Para eu ficar.” (anexo III/4)

Porém, a Natália entrou na história de Pedro e ela foi transferida para uma cidade distante, longe dele e de sua família. Pedro a considera a mulher de sua vida e diz que deve muito a ela também. Por essa razão, agradeceu muito a Vinicius, mas decidiu partir e morar com sua noiva. Lá espera encontrar um emprego tão bom quanto o que tem hoje.

“Mas assim, vou pra morar com ela, vou ficar com ela. Ela é muito... o problema é porque, ela sente... Tanto, tanto, tanto, tanto, assim... a falta de família e minha lá do lado dela assim, de apoio. Ela é tão agarrada nisso que estava dando problema de saúde, afetando muitas, muitas coisas. Dor de estômago, por causa de ansiedade... estava dando muita dor no estomago dela, ela estava sofrendo. Estava dando inúmeros problemas.” (anexo III/3.3)

Mas garante que Vinicius continuará fazendo parte de sua vida, mesmo estando longe:

“E assim, a pessoa tem um trabalho... eu aprendi a trabalhar, então eu não preciso ficar mais com o Vinicius. Ele meio que foi meu guia durante um tempo. Meu pai, meu amigo durante inúmeras vezes. Mas eu não preciso estar realmente do lado dele pra ser amigo dele. Nunca. Não existe essa relação com a empresa, relação de trabalho. Ser amigo dele não tem nada a ver com isso.” (anexo III/3.2)

Pedro está consciente de que irá recomeçar, mas para ele, esse é o sentido da vida: amar, ser amado, dar e receber. Sabe também dos riscos que corre, mas quer enfrentá-los.

“Agora é a hora de ajudar ela, entendeu? Vou ganhar menos? Vou. Vou começar tudo de novo? Vou. Mas vou pela pessoa que me ajudou. Não só pelo fato dela me ajudar, mas por ela ser a pessoa que cuida de mim, a mulher que está sempre do meu lado, que me ajuda a cuidar do meu filho, sempre estando ao meu lado...” (anexo III/3.3)

Ele diz que a dívida que tem e quer pagar com essa atitude não é com ela, mas sim com ele próprio. Acredita que seja a coisa mais sensata a fazer, é o que chama de “corrente do bem”. Pedro conta que Vinicius lhe deu a garantia de que a porta sempre estará aberta para o amigo, e que ele poderá voltar a trabalhar na empresa quando quiser ou precisar.

5.4 Do limão, fez-se a limonada: a história de Vinicius

Vinicius, pardo, nasceu e criou-se na periferia de Belo Horizonte/MG. Quando criança morava com seu pai, sua mãe, sua irmã e uma tia. O bairro era bastante perigoso, e muitas pessoas que ele conhecia foram roubadas ou assassinadas ali. Quando Vinicius tinha três anos

de idade e sua irmã nasceu, sua mãe parou de trabalhar fora e passou a costurar, em casa. Seu pai tinha um bar, que, segundo ele, quase não dava renda – vendia apenas bebida e cigarro.

Apesar de ter tido uma infância pobre, não se queixa. Tinha um conjunto de uniforme e um sapato para ir à escola, mas sempre via crianças que não tinham nem isso. Seu material escolar era um lápis “de escrever” e uma borracha. Diz que tinha vontade de ter as coisas, mas achava que não tinha necessidade de ter além do que tinha. Alimentava-se apenas de arroz e feijão. Diz que foi comer carne somente após os vinte anos de idade.

Conta que, apesar de ter acesso ao sistema de saúde, não tinha um bom atendimento. Tinha que ficar na fila de madrugada, ou ir uma noite antes. Sua mãe fazia isso: ia um dia antes, dormia na fila. Aí as crianças acordavam e iam cedinho para lá. Ou acordavam todos às três ou quatro horas da manhã para ir para a fila do posto de saúde.

Quando ainda era bem pequeno, e a casa tinha quatro cômodos – sala, cozinha, banheiro e quarto -, ele dormia com seus pais. Posteriormente, foi construído um quarto e ele passou a dividi-lo com sua irmã. Com o passar do tempo, a casa foi se ampliando e seus avós também mudaram-se para lá. Vinicius conta que sua casa está em reforma até hoje.

Diz que, apesar das dificuldades pelas quais passavam, seus parentes eram ótimos leitores e adoravam ler: seus avós, sua irmã, sua mãe... Acredita que ver os avós lendo foi um grande estímulo para ele começar a gostar de ler:

“...Quando eu via dois velhinhos lendo, a impressão que eu tinha é que eram duas pessoas muito inteligentes que estavam ali! Porque já vem a idade que passa a sabedoria, e com um livro na mão lendo, então pra mim os dois eram muito inteligentes! Um velhinho, sábio, inteligente, lendo... Eu pensava: deve ser o máximo ler!” (anexo IV/1.2)

Vinicius conta que o que mais admira em seus avós é a educação, a paciência, a serenidade, o gosto pelo diálogo e que eles conseguiram criar muito bem treze filhos. Todos foram educados para o respeito, para a religião e para o trabalho, sendo pessoas muito dignas. Além de serem seus avós, também são seus padrinhos de batismo, e, por conta disso, davam-lhe uma atenção muito especial. Seu avô sempre lhe oferecia conselhos, e sua avó sempre preparava um delicioso doce de leite. Além disso, nas datas comemorativas, recebia presentes dos avós. Os laços afetivos entre eles até hoje são bem fortes, e os avós chegam a chorar de saudades do neto.

Vinicius conta que também foi sempre muito ligado à sua mãe, Márcia, e que ela é seu maior exemplo de vida por ser determinada, educada e guerreira. Mesmo com a vida difícil, ela nunca desistiu de seus sonhos. Um deles era estudar e, aos quarenta e sete anos, tendo

completado apenas a quarta série quando criança, decidiu voltar a estudar. Era tudo muito difícil, e ela chegava a chorar em cima dos livros. Quem a ajudava era Vinicius – na época adolescente – e a irmã. Terminando o primeiro grau, precisou prestar “vestibulinho” para ingressar no curso de processamento de dados, em uma escola de segundo grau técnico. Cursou seis meses e não gostou. Concluiu o segundo grau científico em uma escola pública e fez curso técnico de enfermagem. Prestou concurso para trabalhar nos “serviços gerais” na prefeitura de Contagem e conseguiu entrar.

“Ela fez isso por vontade! ...quando ela assumiu isso, ela assumiu muito mais responsabilidades. Porque além de cuidar da casa, cuidar da minha avó doente, ainda teve que dar educação para os meninos, os filhos. Por isso que eu acho que não tem exemplo melhor. Eu acho que se você quer, é possível. Ela conseguiu. Praticamente sozinha. E além de mãe, é a pessoa que me criou e a pessoa que eu tenho como referência, que não tem um obstáculo. E agora ela fala em fazer faculdade, vai fazer 64 anos, e fala em fazer em fazer faculdade e tirar a carteira de habilitação.” (anexo IV/1.1)

Márcia foi uma de suas maiores incentivadoras para que ele se tornasse um bom leitor. À noite, quase todos os dias, sentava-se na cama e lia para ele, especialmente a história do barquinho amarelo.

“Ela fazia careta, ria. Ficava sentada do lado da cama lendo. Mas lia também durante o dia, porque era a história mais bonita que tinha!... Ai eu achava muita graça, todo dia eu pedia para ela ler. Eu pedia essa historinha... Eu não lembro nada da história, só lembro dela lendo. E tinha também uma outra história, de um menino que tinha o meu nome.” (anexo IV/1.1)

Com o passar do tempo, Vinicius tomou gosto pela leitura e começou a juntar moedinhas para comprar revistas em quadrinhos. Como não tinha dinheiro para comprar muitas, ele emprestava e trocava as que tinha, principalmente com a irmã, com quem adorava brincar e se divertir. Vinicius diz que não há pessoa mais doce do que ela, e que tem por ela grande afeto. Diz que a irmã também é uma ótima leitora, sempre a via lendo alguma coisa.

Vinicius aprendeu a ler no jardim de infância, com as “tias” Carla e Ieda, as mesmas tias presentes no capítulo “Idas, voltas e reviravoltas - a história de Pedro”. Foi alfabetizado através da cartilha, pelo método tradicional, e gostava de aprender dessa maneira.

“Gostava. Eu aprendia, por exemplo, o D. Eu sabia que D era de Dália, e que Dália era uma flor... Uma flor bonita! Então eu vou por no papel, o nome daquela flor. Eu fazia essa relação.” (anexo IV/2.1.4)

Conta que gostava muito da tia Carla, que ela era bastante divertida. Pulava e brincava com as crianças da rua, sempre trazendo uma brincadeira nova. E isso não acontecia apenas

durante a aula, mas também nos finais de semana, quando todas as crianças do bairro se reuniam. Ela dava bastante atenção a todas as crianças.

A partir do primeiro ano, Vinicius passou a estudar em uma escola pública, próxima de sua casa. Era uma escola bem simples, sem quadra e sem área de lazer.

“Hoje quase todas de primeira a quarta série têm uma quadra, área de lazer. A minha não tinha quadra, brincava no pátio. Mas tinha merenda, as professoras... eu gostava delas e eu assistia aula. Era legal, eu não gostava de faltar. Eu gostava de ir pra aula.” (anexo IV/2)

Vinicius não se lembra com certeza, mas acredita que já tenha ingressado no primeiro ano já bem avançado em seu processo de alfabetização. Isso porque se lembra de um episódio ocorrido no pré, envolvendo seu nome, no qual ele discutia com os colegas os sons das letras usadas na escrita de seu nome.

Mas foi no primeiro ano onde realmente aprendeu a ler e a escrever. Suas atividades nessa fase envolviam cópias e resoluções de atividades retiradas da cartilha, além de pequenas cartas escritas para a mãe e para o pai. Vinicius sempre gostava de fazer as tarefas, chegando a copiar, por conta própria, algumas páginas da cartilha.

Nessa escola, Vinicius estudou da primeira à quarta série, sempre no período da tarde. Quando foi para a quinta série, passou a estudar no período da manhã. Era uma escola nova, a única do bairro, e todos os amigos estudavam juntos. Vinicius conta que essa fase foi muito gostosa. Lembra-se claramente das salas de aula por onde passou: das lousas, dos gizos, das carteiras, das bancadas que havia na sala. E conta que, na escola onde estudou até a quarta série, não havia carteiras para todo mundo.

“Várias vezes, eu até conversava com minha mãe, e ela falava: ‘Você tem que dar lugar pro seu coleguinha sentar, tem que revezar!’ Ela dizia isso porque nem sempre tinha cadeira pra todo mundo, quem chegasse um pouco mais tarde tinha que ficar em pé.” (anexo IV/3)

Dessa época, a professora que ele mais gostava era Doralice. Diz que ela era baixinha, forte e tinha cabelo preto. Não lembra sobre o que ela ensinava, nem a série exatamente, mas se lembra dela.

Nas férias, Vinicius ia com seus tios para a roça. Esses tios eram irmãos de sua mãe, e eram os que lhe davam mais atenção. Considera sua tia Bárbara muito determinada, outro exemplo de vida. Segundo ele, houve uma época em que ela “desandou”... Foi mãe solteira e estava perdida na vida. Decidiu se reerguer, lutou, educou os meninos e cursou duas

faculdades. Quanto a seu tio José, ele o considera um amigão. Durante as férias, o tio o levava para todos os lugares onde fosse, um fazia companhia ao outro.

Como na roça não havia televisão, um dos principais passatempos era ler. Vinicius lembra-se da cena de seu tio lendo na varanda, e sua tia lendo deitada na cama. Para não se sentir excluído, lia também.

“Meu tios que moravam lá na roça liam muito. Meu tio lia bastante essas revistinhas de papel bem vagabundo, de cowboy, de faroeste. E minha tia lia muito também. E como o passatempo deles era ler, na roça, eu tinha que ler também.” (anexo IV/1.4)

Da quinta à oitava série, ele se lembra das janelas, do quadro e que, quando estava quase chegando na oitava série, colocaram ventiladores. Havia uma gavetinha embaixo das carteiras, e as salas de aula eram bem sujas.

Considera-se um bom aluno:

“Eu sempre tive pra mim o seguinte: vai na aula, não precisa estudar em casa. Se você for e ouvir tudo o que o professor fala... depois você vai precisar, nas provas. Então eu ia, e não faltava. Estudar em casa, eu nunca estudei. Eu sempre vou, ouço, vejo e basta.” (anexo IV/3)

A escola era longe, ficava uns quatro ou cinco quilômetros de sua casa. E, como não tinha dinheiro para a passagem do ônibus, ele ia a pé ou na “traseira” dos ônibus, quando dava para conciliar os horários.

Dessa época, recorda-se também de uma professora chamada Gilda, de quem gostava muito, especialmente por seu jeito descontraído e curioso de ensinar – e que dava certo. Essa professora apresentou-lhe a Coleção Vagalume, composta por uns livrinhos de literatura voltada a adolescentes e que ele adorava ler.

“Porque a leitura era legal e depois tinha discussão na sala, a gente ficava várias aulas seguidas. Como o livro era legal, a gente rendia bastante. Tinham muitas histórias, várias! Eu queria fazer coleção da Coleção Vagalume... Era um livrinho, talvez tenham menos de cinquenta páginas, com algumas poucas figuras, e no verso do livrinho tem lá: Coleção Vagalume! E tem um monte de livrinhos assim! Eu li vários, eu queria ter todos!” (anexo IV/2.1.3)

Ele gostava tanto que, mesmo quando não estava mais sendo solicitadas essas leituras, ele continuou lendo. Na roça, sua tia também tinha essa coleção e Vinicius “devorava-a”. Além dessa coleção, gostava de ler contos, histórias policiais e faroeste.

Uma outra cena da qual se lembra bem é de quando a professora Gilda propôs a brincadeira de “amigo oculto”, que é uma brincadeira na qual cada participante sorteia um

outro para presentear. Justamente a professora foi quem tirou Vinicius. E, na hora de revelar isso, disse que a pessoa que ela tinha tirado merecia bem mais que o presente que ela estava dando (um disco de vinil) e que estava muito contente em tê-lo sorteado para presentear.

Vinicius sentia que seu carinho por ela era recíproco. Os ensinamentos dela – que iam além do que era exigido na grade curricular da escola - ele não se esquece:

“Lembro dela falando que margarina era mais saudável que manteiga, lembro dela falando como que mulher tinha que se limpar depois de ir ao banheiro... (risos) Ela falava bastante, ensinava bem. Era ótima professora!” (anexo IV/2.1.3)

Outra professora de quem Vinicius gostava bastante era Maura, professora de matemática. Diz que ela era um espetáculo, a melhor professora de matemática que existe. E que, se você fosse um bom aluno, poderia contar com ela para tudo. Como ela ensinava muito bem, era fácil aprender os conteúdos, bastava prestar atenção nela. Além disso, relacionava os conteúdos à vida dos alunos. Vinicius conta que até hoje se utiliza de alguns princípios passados por ela.

De acordo ele, Maura exercia muito bem seu cargo de liderança, controlando a turma com eficiência e eficácia. Além disso, ela estimulava a leitura de seus alunos, indicando livros de literatura infantil e juvenil que iam além da matemática:

“Ela arruma uns livros que contavam histórias de matemática! Como se fosse livros de aventura. Por exemplo, um avião que cai em uma mata, no meio de uma comunidade indígena. Aí o cara do avião começava a fazer relação da matemática na vida da comunidade. Tipo, como que eles mediam a altura da oca, comparando com um ponto fixo, por causa da sombra. Sabe? Calculando área, tudo fazendo relação com a matemática. Um cara no meio de uma comunidade indígena. Só que eram vários, tinha uma coleção de livros assim. Que era uma leitura bem legal.” (anexo IV/2.1.4)

A professora Maura tratava Vinicius de uma maneira muito especial: conversava, abraçava-o, contava casos,...

“E eram poucos que tinham esse relacionamento com ela. Era eu, o F., o T.,... que ela dava atenção mesmo. Assim, de ficar do lado da mesa, de conversar, de na hora do intervalo ir lá, ficar perto... Aí ela ia lá na hora do intervalo ficar conversando com a gente!” (anexo IV/2.1.4)

Por influência de suas professoras, Vinicius passou, a gostar de livros de literatura. Um dos que mais se recorda chama-se “O Pivete”, que é um livro com o qual se identificou: um garoto pobre, de periferia, magrinho e pequenino, que era posto pelos bandidos para assaltar. Como era pequeno, passava pelos lugares mais difíceis. Outro livro de que se lembra

chama-se “A droga da obediência”, que conta a história de umas crianças que tomaram uma pílula e passaram a fazer exatamente tudo que os adultos mandavam.

“Era uma coisa que prendia a atenção da gente. Como seria o desfecho daquilo ali? Uma história bem legal. Um livro certo, pra idade certa, gera a curiosidade.” (anexo IV/2.1.4)

Fora da escola, a vida de Vinicius era bastante sofrida, especialmente pelo problema que seu pai apresentava: o alcoolismo. Vinicius recorda-se bem de quando – aos sete anos de idade – teve que carregar seu pai para dentro de casa. Os vizinhos tiveram que ajudar. E essa cena se repetiu inúmeras vezes. Sem contar outras tantas em que seu pai entrava em casa, mas não conseguia chegar até o quarto e dormia no meio da cozinha.

“E como a renda só vinha do bar, e o bar assim, ele bebia mais do que tudo, e na parte da tarde ele não trabalhava porque ele bebia demais na parte da manhã, então as coisas eram muito difíceis. Ele não era uma pessoa violenta, mas não tinha como dar uma condição legal pra gente... pelo alcoolismo.” (anexo IV/3)

Quando tinha quinze anos de idade, em 1995, a família de Vinicius ainda não tinha televisão colorida. A primeira televisão colorida que teve em sua casa chegou quando sua avó passou a morar com ele, e trouxe a que ela havia ganhado dos irmãos dela. Geladeira e fogão também foram ganhos, pois não havia dinheiro para adquiri-los.

“Só que, apesar disso, por incrível que pareça, eu não tinha essa necessidade, ou tristeza de não ter. Eu sentia vontade, mas aquilo ali para mim eu não... eu não tinha vergonha. Sabia... não tinha, não tinha! Meu pai não dava, minha mãe tinha que ir trabalhar costurando em casa, tinha criança pequena para ela cuidar, mas não acho que isso... tipo... é... me deixou triste na infância. Eu tenho sim um pouco de chateação porque tudo podia ter sido bem diferente, mas não me deixou triste...” (anexo IV/3)

Vinicius recorda-se que conversava bastante com sua mãe, um pouco com sua irmã, e que, com seu pai, não conversava:

“Ele vivia bêbado. Eu nunca conversei com meu pai. Eu lembro de dois diálogos que eu tive com meu pai. Um, foi o dia que eu bebi demais, cheguei em casa bêbado, com doze anos de idade... Aí ele me chamou e falou que ele se arrependia de ter começado a beber. E o outro, foi quando eu falei que ia sair do primeiro emprego, quando eu tinha quinze, aí ele falou que quando se aprende a ganhar o seu dinheiro é difícil ficar sem. Foram as duas vezes que eu lembro de ter conversado com pai. Eu não conversava com meu pai.” (anexo IV/3)

Quando Vinicius completou quinze anos de idade, seu pai faleceu. Era a segunda vez que ele tentava largar o vício. Estava sobre a laje da casa, ajudando os pedreiros na reforma, e caiu de lá. Vinicius acredita que ele tenha tido uma vertigem, devido à abstinência.

Então, o garoto que já trabalhava há sete meses como office boy para seu tio – que tinha um escritório de contabilidade - teve que assumir o bar. Ele conta que ficou bem chateado em ter que cuidar da casa ainda tão novo. Trabalhava de segunda à segunda. Queria brincar, ver os amigos, namorar, mas não dava. Tinha que ficar cuidando do bar. Lá ficou trabalhando por dois anos e passou a ser rodeado por todos os tipos de pessoas e pelas drogas. Nessa época, Vinicius, que já bebia e fumava há três anos, começou a consumir maconha, cocaína e crack. Viu inúmeros amigos do bairro sendo mortos – ou por acidente de carro, ou por assassinato- e outros desaparecerem. Inclusive os amigos que lhe apresentaram as drogas.

Durante o colegial, abandonou sua rotina de leitura, pois não tinha tempo e nem cabeça para isso. Também diz que não teve nessa fase algum professor que o incentivasse a ler. Sente que essa falta de incentivo colaborou para que ele fosse perdendo o hábito de ler.

Passados alguns anos, um amigo convidou Vinicius para ser office boy novamente em um outro escritório, para ganhar um salário mínimo. Vinicius preferiu fechar o bar e aceitar a oferta do amigo. Estava com dezessete anos de idade. Lá trabalhou até os vinte anos de idade, quando foi preso por assalto.

No dia seguinte ao de sua demissão do escritório, encontrou um amigo, chamado Elton, que lhe ofereceu um novo emprego. Porém, ele necessitaria mudar de cidade. Dez dias após essa conversa, em uma segunda-feira, 08:00 da manhã, Elton ligou para Vinicius orientando-o para que fosse logo à rodoviária e comprasse uma passagem para Campinas/SP, pois o ônibus que deveria embarcar partiria às 21:00. Elton estaria aguardando-o.

Vinicius voltou a dormir, almoçou e foi pensativo para o centro de Belo Horizonte, fazer seu acerto trabalhista e comprar a passagem. Isso tudo sem falar nada com ninguém a respeito.

Somente depois, com a passagem já comprada, comunicou à sua mãe que iria para Campinas.

“...cheguei em casa e avisei minha mãe que estava indo para Campinas. Ela já arregalou os olhos, e me perguntou: - Que dia você volta? Eu disse que não sabia. Tadinha dela, ficou muito triste. No fundo eu achei que em alguns dias estaria de volta para oficializar minha mudança. Mas só voltei 3 meses depois.” (anexo IV/3)

Chegou em Campinas usando uma roupa que jura nunca mais esquecer: mocassim, calça preta estilo uniforme e uma camisa cor creme que sua mãe havia feito, há cinco anos, para ele dançar em uma festa de 15 anos de uma amiga. No dia seguinte, às 6:00 da manhã, encontrou Elton, que o levou para o departamento de administração da empresa. Explicou que o que Vinicius faria, caso aceitasse a proposta, era uma coisa que ele nunca havia feito.

Vinicius, porém, acreditou que se sairia bem, visto que o trabalho baseava-se em produção de planilhas, para o que ele tinha bastante habilidade.

Teve que aguardar até às 15:00 horas para conversar com o responsável pela empresa, que, para sua surpresa, não queria que ele trabalhasse em Campinas e sim em Brasília.

“nem sabia para que lado ficava, e pior: para ganhar o mesmo que ganhava no emprego anterior, e que facilmente ganharia em BH. O meu amigo me olhou com uma cara de desapontado pela proposta me feita. E olha que eu nem ganhava bem em BH! Mas pensei um segundo e topei.” (anexo IV/3)

O dono da empresa pediu que, já no dia seguinte, Vinicius se encaminhasse para Brasília. Elton solicitou que ele ficasse mais quinze dias em Campinas para ajudá-lo com um novo programa que estava implantando.

Duas semanas depois, Vinicius estava em Brasília, morando em uma kitnet, com mais cinco açougueiros da empresa que, segundo ele, por não haver onde lavar e secar as roupas e por serem extremamente desorganizados, deixavam seus jalecos sujos de sangue bovino espalhados pela casa. Para sua sorte, não ficou lá muito tempo e, em poucos dias, mudou-se para outra kitnet, onde hospedava o seu supervisor três dias na semana.

Além da cidade, do emprego e da moradia nova, Vinicius matriculou-se em um curso técnico de contabilidade, exigência da empresa. Precisou se acostumar logo com a nova realidade.

Conta que, na primeira vez que foi visitar sua família, depois de ter saído de casa, o administrador da empresa ficou com muito medo de que Vinicius não retornasse. Sabia a dura vida que Vinicius levava, e por tudo o que ele havia passado.

“eu disse a ele que só sairia dali quando eu pudesse dizer que: eu vim, vi e venci, antes disso não.” (anexo IV/3)

Em conversa com o administrador regional da empresa, em Brasília, Vinicius percebeu que queriam que ele fizesse muito mais coisas do que estava preparado para fazer.

“Como já estava lá, não podia falar que não sabia fazer, e fui "metendo as caras". Uns três meses depois, ele já queria que eu fosse o contador da empresa!!! Eu nem autorização para isso tinha, não possuía o CRC, somente o curso técnico em contabilidade, mas ele insistiu e falou para o seu contador que eu assumiria essa parte em três meses. O contador ficou muito bravo e no dia seguinte mandou um comunicado extrajudicial, falando que não tinha gente capacitada para atendê-lo e que entregaria a contabilidade em 15 dias. O antigo contador só podia ser doido. Fiquei desorientado, pois aquela regional faturava naquela época quase R\$ 1 milhão e tinha mais de 200 funcionários. Pensei comigo, se estou aqui, agora vou ter que dar conta.” (anexo IV/3)

Vinicius – que sempre gostou de estudar e de ler – começou a comprar e a estudar alguns livros e fez a prova de suficiência do CRC (Conselho Regional de Contabilidade). A prova era bem difícil, mas Vinicius conseguiu passar. Como o processo de estudos até a aprovação no CRC foi maior que o prazo de quinze dias que o antigo contador permaneceria na empresa, nesse intervalo de tempo a empresa ficou sem um contador oficial, e com toda a escrita atrasada, pois depende da existência de um profissional com um número de CRC para colocar nos livros fiscais.

Sabendo que havia passado na prova, Vinicius passou a ir com frequência na unidade do CRC, para saber se seu registro saía ou pelo menos o seu número. Em uma dessas idas, ficou sabendo que o CRC tinha feito um convênio com uma ótima faculdade, e quem estava regularmente cadastrado e em dia com as obrigações do CRC poderia fazer um vestibular diferenciado, tendo um desconto de 30 % na mensalidade.

“Foi nessa que virei uma sarna mesmo, eu tinha que ter o número do registro, pois aquelas condições para fazer uma faculdade não teria mais. Acredite se quiser, no último dia de inscrição saiu o meu número do CRC. Fiz a inscrição, passei no vestibular, e comecei a estudar em uma turma que só tinha técnicos em contabilidade, já com a vida feita, onde o motivo deles estarem na sala (de acordo com uma pesquisa da aula de estatística) era satisfação pessoal. E que turma ótima que eu me encontrei, só tinha gente fera. Tanto que em uns dias desses, pesquisei o nome de um deles na internet e vi que quase todos que eu era mais ligado, faziam parte do Sindicato dos Contabilistas de Brasília.” (anexo IV/3)

Os anos foram passando e Vinicius sempre se aprimorando. Reestruturou toda a parte fiscal, financeira e pessoal da empresa, instituiu programas de qualidade, planos de motivação, conseguiu vários benefícios para os funcionários, e conseguiu reduzir bastante os tributos que a empresa pagava.

Em abril de 2005 seu amigo Elton - aquele que ofereceu a oportunidade na empresa a Vinicius - saiu da empresa e Vinicius foi indicado para assumir o lugar dele em Campinas/SP. Antes de se mudar, Vinicius passou em Belo Horizonte, para uma visita à família.

“Saí de Brasília, em direção a BH, pra depois ir trabalhar em Campinas, e quando cheguei em casa vi uma alegria muito grande nos olhos de minha mãe, pois ela viu sair de casa um moleque, com uma bolsa de roupa menor do que as que as mulheres usam hoje, e voltei mais responsável, de carro e com tanta coisa que só cabia eu bem apertado. Até hoje ela conta esse caso.” (anexo IV/3)

Vinicius continua em ascensão profissional até os dias de hoje. Atualmente, é gerente regional de contabilidade e o braço direito do dono da empresa, que cresceu bastante desde a entrada de Vinicius, contando hoje com vinte filiais e sete coligadas. Vinicius cursou pós

graduação em Planejamento Tributário e está consciente da necessidade de continuar estudando. Sempre que tem a oportunidade, faz cursos de reciclagem e aperfeiçoamento profissional, além de ter planos de cursar outra pós graduação.

6. DISCUSSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar histórias de sujeitos que tiveram uma infância vulnerável mas que se constituíram como adultos leitores e produtores de texto autônomos. De acordo com a abordagem assumida nesta pesquisa – a abordagem histórico-cultural – o sujeito é histórico e social, ou seja, o homem transforma-se de sujeito biológico em sujeito sócio-histórico a partir das relações sociais, através do outro, nas condições concretas de vida. Portanto, pressupõe-se que o fato de, mesmo em condições adversas, os sujeitos terem aprendido a ler e a escrever e se constituído como leitores bem sucedidos, só foi possível graças a mediações positivas exercidas por pessoas significativas e de grande valor afetivo para eles. De acordo com Vygotsky (2007)

O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (p.20)

É importante também destacar que, baseando-se em Vygotsky, a *qualidade* da mediação exercida é fator determinante na relação que o sujeito estabelece com o objeto. De acordo com Leite (2010) “as relações sujeito-objeto-agente mediador são, também, marcadas pela afetividade, ou seja, toda experiência sujeito-objeto produz repercussões internas, de natureza afetiva, as quais participam do processo de constituição do próprio sujeito.” (p.220) Logo, quando exercidas por pessoas significativas para o sujeito, essas mediações tendem a repercutir de maneira ainda mais intensa.

Sendo assim, a forma concreta como a mediação é desenvolvida, é um importante determinante do modo como o sujeito irá se apropriar do objeto. No caso da presente pesquisa, foram inúmeros os eventos de mediação que deixaram marcas positivas na relação entre cada sujeito e a escrita. Os quatro sujeitos tiveram pessoas significativas – especialmente na *família* e na *escola* – que lidavam de modo peculiar com a leitura e com a escrita o que, de acordo com a teoria, foi determinante do fato de os quatro, hoje adultos, gostarem de ler, escrever, utilizando-se da leitura e da escrita em seu dia a dia. Portanto, pode-se dizer que os efeitos das mediações não são apenas cognitivos, mas também afetivos. (Leite, 2006, 2010)

Na história de Ana, negra, filha de lavradores, que passou sua infância na zona rural de um município do vale do Paranapanema, pode-se notar a forte presença da mãe como mediadora na relação de Ana com a leitura e com a escola. Mesmo com poucos livros, a

leitura em sua casa era constante e trazia prazer à menina. Menciona que sua mãe foi a maior mestra em sua educação, e expressa em suas falas o carinho, o amor e a admiração que sempre teve por ela. Ana também pôde contar com um tio, de quem gosta muito, e que era responsável por dialogar com seu pai, que era contra os estudos para as filhas mulheres. Esse tio motivava Ana para não desistir da escola, dando-lhe conselhos, incentivos e levando lanche para ela todos os dias.

Com relação à escola, Ana sente que não foi acolhida como deveria. Conta que a maioria dos professores cobrava dos alunos disciplina e rigidez de maneira excessiva. Mas alguns outros, como o professor Diogo, eram pacientes e ofereciam-lhe atenção e carinho. Com o passar dos anos, e mesmo com todas as dificuldades pelas quais Ana passou, sempre havia alguém incentivando-a e apoiando-a para persistir nos estudos, especialmente professores e amigos, até que ela conseguisse se formar: primeiro no colegial, depois no magistério e, anos mais tarde, em Pedagogia.

Mara nasceu no Paraná e veio com a família para Campinas, em busca de melhores condições de vida. Em sua história com a leitura e a escrita – que se iniciou cedo através da educação infantil – houve alguns mediadores que a marcaram. Sua madrasta, apesar de bastante exigente, buscava incentivar seus enteados aos estudos, com o objetivo de que todos tivessem uma formação e um bom emprego no futuro. Em sua casa havia uma rotina de estudos. Mara diz ter aprendido bastante com a madrasta e, apesar de mencionar sua ambição excessiva como um fator negativo, considerava-a uma pessoa forte e lutadora. Dentro de sua casa Mara também convivia com seu pai, seus irmãos e seu avô; por este tinha bastante amor, carinho e admiração. Seu avô era um leitor assíduo de livros, revistas e jornais, e Mara acredita que estar com ele nos momentos de leitura talvez a tenha incentivado a gostar de ler.

Na escola, da primeira à quarta série, Mara contou com duas professoras que foram especiais para ela: Carmem, de português, e Inezila, de matemática. Ambas sérias, rígidas, e dedicadas. Declara ter sentido uma grande admiração por essas duas professoras, pois notava seu interesse em ensinar e em motivar os alunos. No colegial (atual Ensino Médio) também teve professores que a incentivavam como João, de Física e Vicente, de Matemática. Ambos assumiam uma postura motivadora diante da sala: traziam livros, faziam indicações, atendiam aos alunos sempre com carinho e paciência. Mara diz que o professor Vicente conduzia a aula sem a utilização de livros, e tinha sempre respostas prontas a qualquer pergunta. Diz que esse comportamento a fazia querer ser como ele. Mara também pôde contar com o apoio de alguns amigos a quem era ligada e por quem tinha muita admiração: Luana, Fabiana e Lucas.

Pedro, pardo, nasceu em São Paulo. Seu pai esteve preso durante quase toda a sua infância e, quando era adolescente, recebeu a notícia de que ele havia sido assassinado na prisão. Com sua mãe bastante ausente – precisava trabalhar muito para garantir a sobrevivência da família – eram as tias quem cuidavam de Pedro e ofereciam-lhe carinho e atenção. Tia Ieda tinha uma escolinha no bairro onde a família residia e algumas de suas irmãs e parentes ali trabalhavam. Pedro considerava a escolinha como uma extensão de sua casa, pois, além de ser a casa de sua tia e de seus primos, era onde ele passava grande parte do tempo. Conta que tinha uma relação afetiva com aquele ambiente, e que estudar ali era prazeroso. De todas as tias, a mais presente foi tia Neuza, que Pedro considera como uma mãe. Ela contava historinhas, cobrava tarefas e impunha “castigos”: estudar, ler e treinar caligrafia.

Na quarta série, sua mãe precisou mudar-se de cidade; Pedro e sua irmã foram com ela. Lá, Pedro conheceu uma professora de português muito especial, que o motivava e o conquistava. Acredita que seja graças à relação que teve com ela e com a tia Neuza que tenha sempre gostado de ler e estudar português. Durante o período em que não estava na escola, Pedro ficava nas ruas, segundo ele, “andando em más companhias”. Não se lembra de ter tido outro professor inesquecível, até Leopoldo, de Ciências. Pedro diz que o professor gostava de conversar e dava-lhe conselhos que iam além dos estudos e da sala de aula.

Devido ao seu mau comportamento, a família de Pedro decidiu afastá-lo dos colegas matriculando-o em uma escola agrícola, 1.200 km distante de onde morava. Lá, aprendeu a seguir regras e a ter disciplina. Teve a oportunidade de conviver com professores que o incentivavam e o motivavam a ir em busca de estudo e de um futuro melhor. Pedro cita Joaquim, professor de Física, Sandra, professora de Marketing, e Gilberto, de Agricultura; este considera ser um exemplo de vida. Também nessa época conheceu Paulo e sua família, pessoas que tinham verdadeiro carinho por ele e que lhe ofereciam apoio, elogios e motivação.

Anos mais tarde, Pedro contou com a mediação de outras duas pessoas: sua noiva Natália, que, segundo ele, foi importantíssima em sua vida, em especial no seu retorno aos estudos – Pedro ficou dez anos sem estudar após se formar no Colegial/ atual Ensino Médio – e seu velho amigo e chefe Vinicius, também sujeito desta pesquisa e que sempre acreditou em Pedro. Pedro descreve Vinicius como seu irmão, seu amigo, seu pai, alguém muito especial em sua vida.

Vinicius, pardo, nasceu e criou-se na periferia de Belo Horizonte/MG. Conta que sua família passava por muita dificuldade financeira, mas que, apesar disso, sempre os via lendo, especialmente sua mãe, sua irmã, seus tios e seus avós. Vinicius fala sobre eles com muito carinho e admiração. Ele considera que sua mãe foi umas das maiores incentivadoras para que ele se tornasse um bom leitor. Ela tinha o costume de ler para ele quase todas as noites. Essas cenas ainda hoje permanecem na memória de Vinicius e lhe causam alegria. Ele também era muito ligado à irmã, e diz que sempre a via lendo alguma coisa. Para ele, “não há pessoa mais doce do que ela”. Além das duas, seus avós também liam e vê-los lendo foi um grande estímulo para que também começasse a ler. Via-os como velhos sábios, inteligentes e, portanto, se eles liam, segundo Vinicius, ler deveria ser “o máximo”.

Duas das tias de Pedro estiveram presentes também na infância de Vinicius: Carla e Ieda. Vinicius conta que gostava muito da tia Carla e que ela era bastante divertida. Além de ser sua professora na escola de educação infantil e de lhe ensinar as letras e as primeiras palavras, aos finais de semana tia Carla brincava na rua com as crianças do bairro.

A partir da primeira série, Vinicius passou a estudar em escola pública. Nas férias, ia com seus tios Bárbara e José para a roça. Tio José era para ele um “amigão” e tia Bárbara uma lutadora, um exemplo de vida. Como lá não havia televisão, o passatempo de seus tios era a leitura e, para acompanhar os tios e ficar perto deles, Vinicius lia também.

Na escola duas professoras foram especiais para ele: Gilda e Maura, por quem Vinicius tinha bastante carinho. Elas o tratavam de uma maneira diferenciada, oferecendo-lhe atenção, conversando, abraçando, contando casos, lendo livros, indicando leituras, ...

O tempo passou e Vinicius assume que abandonou sua rotina de leitura. Diz que no colegial não houve um professor que o incentivasse a ler. Nessa época, Vinicius havia perdido o pai e estava tendo que trabalhar no lugar dele. Envolveu-se com as drogas e com o crime. Anos mais tarde teve uma oportunidade de trabalho oferecida por um amigo. Aceitou. Mudou de cidade e mudou sua vida para melhor.

Nas histórias dos quatro sujeitos é possível perceber as relações afetivas que perpassam entre sujeito-objeto-agente mediador. Tassoni (2000) destaca que o que se diz, como se diz, em que momento e por quê, assim como o que se faz, como se faz, em que momento e por quê, afetam profundamente as relações entre sujeito e o objeto do conhecimento. Sua pesquisa centrou-se na relação professor x aluno, mas análise semelhante pode ser feita com relação à mediação exercida por outros sujeitos.

Nos casos aqui analisados, essas mediações primeiramente estão concentradas na *família*. É lá onde aconteceram as primeiras e as mais marcantes interações durante a infância dos sujeitos. Além disso, na família essas interações foram exercidas de maneira intensa e especialmente afetivas.

Segundo Souza (2006), com relação aos membros da família

Por serem tão próximos e ativos na vida das crianças, esses personagens, em nosso meio, têm um papel extremamente importante, uma vez que serão eles os agentes que possibilitarão à criança vincular-se com a cultura. A família será, pois, a mediadora que proporcionará à criança o contato com o meio social através do qual ela irá, gradual e consistentemente, constituir sua visão de mundo e apropriar-se das práticas culturais que manterá durante sua vida. (Souza, 2006, p.230)

Na presente pesquisa, entende-se *família* como “um pequeno grupo social composto por indivíduos relacionados uns aos outros em razão de fortes lealdades e afetos recíprocos, ocupando um lar ou um conjunto de lares que persiste por anos e décadas”. (MACEDO, 1994) Terkesen (apud MACEDO, 1994) afirma que “entramos na família através do nascimento, adoção ou casamento e deixa-se de fazer parte dela apenas na morte”.

Para Minuchin (1982), a família é uma organização de apoio, proteção, limites e socialização. Através dos vínculos estabelecidos na família, o sujeito estigmatizado pode encontrar o suporte para a apreensão das suas diferenças, no contexto das semelhanças. Pode relativizar a diferença e acrescentar pontos significativos na sua identidade social, algo diferente no universo das semelhanças.

De acordo com os autores, as finalidades da família consistem em permitir a sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros, procurando atender as necessidades de todos. As ligações entre os envolvidos são extremamente fortes, independentemente de como sejam estabelecidas. Por serem fortes, as mediações realizadas nesse contexto são extremamente significativas e, portanto, importantes para o aprendizado e o desenvolvimento do sujeito.

Souza (2006) afirma que

quando discutimos a infância e as experiências que ocorrem nessa fase, é fundamental situar o papel da família, uma vez que, quando pequenos, o contato com outras pessoas concentra-se no ambiente familiar. As interações de maior valor e as relações mais intensas acontecem no espaço da família, onde se destacam, geralmente, pais, irmãos e avós. (p.230)

Esta autora citada entrevistou quatro leitores de sucesso (sujeitos que leem por prazer) e verificou que todos eles, no período da infância, vivenciaram mediações da família (direta

ou indiretamente) e mencionaram essas relações como fundamentais no desenvolvimento do gosto pela leitura. Afirma que o papel da família, como ambiente mediador e educativo, foi tão ou mais importante do que a escola. A instituição escolar fora mencionada apenas como facilitadora do acesso ao material escrito, mas nunca como motivadora da leitura e da escrita. A mesma chegou a ser lembrada negativamente como um local em que transforma a leitura em algo desgastante e desmotivador, tendo como objetivo a cobrança e a avaliação.

Retomando os dados da presente pesquisa, no caso de Ana, pôde-se notar que sua mãe exerceu uma mediação bastante positiva com relação ao mundo da leitura. Ana conta que ela proporcionava prazer aos filhos quando lia suas histórias, mesmo que eles já as conhecessem muito bem. As imagens desses momentos ainda se mantêm na memória de Ana. Quem trazia esses livros era uma tia, que vinha de São Paulo, ou seja, pode-se dizer que essa tia também teve influência na formação de Ana como leitora e escritora, bem como seu tio Tadeu, que estava sempre presente e estimulando-a para que não abandonasse os estudos, apesar da posição do pai, que era contra as filhas mulheres estudarem.

Já a história de Mara, suas relações em família foram marcadas pela rigidez e exigências de sua madrasta, o que incluía o dever do estudo. A rotina de estudos era diária e incluía todos os irmãos, sendo que um auxiliava o outro. Também aparece a figura do avô paterno, por quem Mara possuía uma grande admiração. Segundo ela, o avô sabia de muitas coisas e estava sempre lendo.

Na história de Pedro, as figuras mais marcantes de sua família são as de suas tias, especialmente a tia Neuza, que cuidava dele de uma maneira atenciosa. Ele afirma gostar de português graças às influências dessa tia, que o incentivava a ler e a escrever com frequência, inclusive impondo “castigos” envolvendo a leitura e a escrita. Cabe ressaltar que o sentido do “castigo”, para Pedro, dependeu da singularidade de sua experiência, não se assemelhando ao significado afetivamente negativo comumente atribuído à palavra. Para Pedro, apesar do nome, “castigo” deixava nele marcas afetivamente positivas.

Vinicius, assim como Ana, teve sua mãe muito presente. Desde muito pequeno, ele ouvia histórias contadas por ela e afirma que gostava muito de ouvi-las. Ele a considera como seu grande exemplo de vida. Além de sua mãe, Vinicius teve outros parentes que eram bons leitores, como seus tios, sua irmã e seus avós. Lembra que ver os seus avós lendo era um grande estímulo para ele.

Observa-se que, em todos os casos, assim como na pesquisa de Grotta (2000), as histórias de mediações aparecem antes de os sujeitos estarem regularmente matriculados na escola. De acordo com Oliveira e Rego (2003),

“o ser humano aprende, por meio do legado de sua cultura e da interação com outros humanos, a agir, a pensar, a falar e também a sentir... Nesse sentido o longo aprendizado sobre emoções e afetos se inicia nas primeiras horas de vida de uma criança e prolonga por toda a sua existência.” (p.23)

E nessas primeiras horas de vida, bem como durante boa parte da infância, é na família que estão centradas as principais relações sociais vividas pela criança.

Segundo Nucci (2003), à família e à escola cabem papéis distintos, mas igualmente importantes no processo de aquisição da leitura e da escrita das crianças: “à família cabe a vertente afetiva, sem caráter sistematizado, e à escola, normatizar a escrita, oferecendo oportunidades de contextualizá-la de acordo com os usos sociais.” (p.63)

Para Vygotsky o elo de todo o processo de aprendizagem são os *conceitos*: os *conceitos espontâneos* – desenvolvidos no cotidiano - e *conceitos científicos* – desenvolvidos na escola. Enquanto os primeiros desenvolvem-se de forma espontânea a partir do meio social do qual a criança faz parte, os científicos dependem de instrução, portanto, de ações intencionais, dirigidas e programadas. Como explicam Góes & Cruz (2006)

Enquanto os conceitos espontâneos são elaborados nas situações de utilização da linguagem, nas relações cotidianas, os científicos tornam-se acessíveis principalmente nas relações escolarizadas, pela mediação deliberada e explícita de um adulto que visa a aquisição pela criança de conceitos sistematizados. Como parte de sistemas explicativos mais amplos, organizados logicamente, os conceitos científicos demandam, em sua elaboração, operações lógicas complexas, que ainda não são dominados pela criança. (p.35)

Sendo assim, os conceitos científicos podem, inclusive, afetar os conceitos espontâneos, a medida que a criança começa a pensar sobre eles com sistematicidade e reflexividade. Na realidade, os dois processos caminham em paralelo, mas em direção opostas, um afetando o outro, durante todo o desenvolvimento. Por isso tanto os conhecimentos obtidos na escola, como os obtido fora dela são de suma importância para um avanço no processo de aprendizagem e de desenvolvimento.

Como pode-se observar, no caso dos quatro sujeitos da presente pesquisa, assim como a família, a escola também contribuiu de maneira determinante para o estabelecimento do vínculo sujeito x objeto. Em três das quatro histórias, foram lembradas cenas que, de alguma maneira, contribuíram não apenas para o avanço cognitivo dos sujeitos como alunos, mas com o estabelecimento de vínculos afetivos positivos entre esses alunos e os conteúdos escolares, -

entre eles a leitura e a escrita. Isso porque o ensino foi desenvolvido em um ambiente afetivamente favorável, através de aulas interessantes e de professores, que de alguma maneira, conseguiram favorecer positivamente essa relação. O caso de Ana foi uma exceção. Ficou claro, através de suas palavras, que frequentar a escola era o único meio de escapar um pouco de sua dura realidade. Talvez, a escola fosse para ela o único local onde poderia realmente ser tratada como uma criança. E, possivelmente, por conta disso, por causa da singularidade de sua experiência, a escola que castigava, que a “massacrava” com conteúdos sem sentido, não tenha provocado nela marcas aversivas, afastando-a do mundo da leitura e da escrita. Hoje, adulta e professora, ela é capaz de fazer julgamentos e afirma que tudo o que viveu na escola era um absurdo. Mas, na época, era o modo que tinha de escapar um pouco da vida que levava.

Leite (2010) supõe que, em se tratando de crianças que vivem em ambientes vulneráveis, como no caso dos sujeitos que fizeram parte da presente pesquisa, o papel e a responsabilidade do professor aumentam ainda mais. Ele afirma que “quanto mais limitado for o ambiente cultural de uma criança, maior será o efeito das experiências vividas na escola”. (p.49) Nas histórias dos quatro sujeitos, pode-se observar a ênfase dada por eles ao processo de escolarização e às relações afetivas que se desenvolveram no interior da instituição.

Exceto no caso de Ana, os sujeitos ingressaram na escola através da educação infantil. Não possuem muitas lembranças desse período. Os primeiros momentos dos quais se recordam estão relacionados ao início do processo de alfabetização.

Ana, Mara e Vinicius dizem que aprenderam a ler e a escrever pelo ensino tradicional, baseado na cartilha e na cópia. Esse processo de ensino propiciou-lhes o domínio do código escrito em pouco tempo de escolarização, mas o acesso a variados tipos de texto, que caracteriza o letramento, vinha acontecendo paralelamente, através de outras práticas ou de membros da família como mães, tios e avós. Pedro não se recorda do modo como foi alfabetizado. Provavelmente, para ele, não houve uma grande ruptura ou uma revolução quando isso ocorreu, visto que o ambiente escolar, para ele, era uma extensão de sua casa, e as brincadeiras misturavam-se com os conteúdos escolares. Tendo suas tias como professoras, Pedro diz que aquele era “o seu mundo”, e assim como Mara e Vinicius, gostava muito de frequentar a escola durante os seus primeiros anos de escolarização, bem como das professoras e das tarefas.

Por sua vez, Ana considera que gostava da escola porque não conhecia outras coisas além do local onde morava e das poucas coisas que aquele ambiente oferecia, mas conta que sofreu bastante com o ensino tradicional, especialmente pela escola não levar em consideração sua situação de criança pobre e filha de lavradores. Para ela foi muito difícil o ingresso na escola. Acostumada a trabalhar pesado com ferramentas da agricultura, não tinha coordenação motora para segurar o lápis. No primeiro dia de aula, já deveria escrever seu nome e copiar as palavras da lousa e, se não fizesse, apanhava da professora. Ela diz que não teve outra opção, a não ser se esforçar ao máximo e aprender logo a ler e a escrever. Além disso, não se opunha aos castigos, pois era visto por todos – naquela época - como um direito do professor e cabia ao educando seguir a risca todas as regras e normas impostas. Como Ana queria muito aprender, não se importava e nem refletia sobre o que lhe acontecia e diz que a escola era algo que a fazia sair de sua dura rotina de trabalho na roça; por isso gostava de frequentá-la.

Em contraste, Mara diz que o ensino no pré era oferecido de modo bem carinhoso. Lembra que, devido à idade, teve que cursar duas vezes esta série, e foi nessa fase que aprendeu a escrever. Lembra-se dos livros cheios de figuras lidos pela professora, das brincadeiras e das primeiras palavras, entre elas seu nome e o nome de seus familiares.

Vinicius lembra que a primeira palavra que escreveu foi seu nome. A escola de educação infantil – da tia Ieda – era muito próxima de sua casa, e todas as crianças do bairro estudavam lá. Todos se conheciam e aprendia-se sempre em meio a brincadeiras e diversão. Também lembra que havia uma cartilha e para cada letra do alfabeto havia uma figura e uma palavra relacionada. Menciona, como exemplo, a palavra “dália” para a letra “d” e o desenho muito bonito que havia dessa flor. Ele gostava de aprender assim.

Todos os sujeitos tiveram professores que marcaram positivamente sua relação com o estudo e com o mundo da leitura e da escrita. Relações semelhantes também demonstram as pesquisas relacionadas com o tema “Meu professor inesquecível” (TAGLIAFERRO, 2003 e FALCIN, 2003). Tagliaferro (2003, 2006), em sua pesquisa, coletou depoimentos de alunos de um professor, professor M., de uma pequena cidade do interior de São Paulo. Esse professor possuía uma maneira especial de ministrar suas aulas e de se relacionar com seus alunos, tendo sido importante na vida de várias gerações de jovens da cidade. Na pesquisa, através dos depoimentos, fica evidente o papel determinante dele na formação de seus alunos como leitores e escritores, bem como pode-se notar que o professor M. modificou a visão de

mundo e a maneira de interagir dos seus alunos com a leitura. A autora destaca a importância do professor como mediador da relação sujeito x objeto e diz que

Nesse sentido, cabe a ele pensar nas estratégias que proporcionam aos alunos um aprendizado significativo e uma aproximação afetivamente positiva ao seu objeto de ensino. (2006, p. 112)

Falcin (2003, 2006) discute as dimensões afetivas nas práticas pedagógicas docentes, a partir de relatos de mediações pedagógicas vivenciadas por jovens, em sala de aula. Esses relatos apontam contribuições para uma relação positivamente afetiva entre esses alunos e determinados conteúdos escolares. A autora conclui que

Além das práticas pedagógicas eficazes que contribuem para a aprendizagem dos alunos, favorecendo uma relação positiva deles com determinados objetos de conhecimento escolares, a relação do próprio professor com os conteúdos por ele ministrados, além de ser um fator prontamente notado pelos alunos, influi, certamente, na qualidade da relação que se estabelece entre sujeito e objeto de conhecimento. (2006, p.90)

Comparando com os sujeitos das duas pesquisas mencionadas, Mara, Ana, Vinicius e Pedro também destacam a relação afetiva que tiveram com alguns de seus professores e a atenção que recebiam dos mesmos. Também elogiam a maneira com que eram ministradas as aulas e o conhecimento que esses professores possuíam. Quase todos os sujeitos mencionaram a disposição e vontade que esses docentes tinham de que todos seus alunos aprendessem, assim como disseram que os conhecimentos transmitidos por eles foram além do previsto no currículo escolar. Geralmente eram professores rigorosos, que dominavam muito bem sua sala e que no cotidiano, iam além de explicações baseadas no currículo escolar; traziam lições de vida.

Vinicius reconhece que duas professoras suas muito contribuíram para que ele desenvolvesse o gosto pela literatura. Uma delas chamava-se Gilda e era professora de português. Ele a admirava pelo seu jeito descontraído e curioso de ensinar. Foi ela quem lhe apresentou a Coleção Vagalume, pela qual Vinicius se apaixonou e se tornou um leitor assíduo. Mesmo quando a professora não solicitava mais essas leituras, ele continuou lendo, sendo um grande incentivo para que ele buscasse outras leituras como contos, histórias policiais e faroeste. Ele menciona que Gilda foi muito importante para ele, mas não apenas em assuntos relacionados à disciplina de português. Ela o valorizava, o elogiava e ensinava a todos os seus alunos lições sobre o cotidiano, como por exemplo, assuntos envolvendo higiene e alimentação saudável.

A outra professora era Maura, de matemática, que, segundo ele, exercia muito bem seu papel de liderança na sala de aula. Ele conta que Maura o tratava com bastante carinho, conversando muito com ele e o abraçando. Muitas vezes ela permanecia ao seu lado, mesmo durante o recreio. Além disso, Maura estimulava seus alunos a lerem indicando livros de literatura relacionados à Matemática. Depois, em sala de aula, promovia uma discussão sobre eles, além de atividades envolvendo as leituras.

Pedro afirma que gostava ou não dos conteúdos a partir da relação que tinha com quem ensinava. Além das professoras – sua tias – que teve na educação infantil, Pedro teve outros professores dos quais não se esquece. A primeira delas foi na quinta-série, uma professora de português. Ele diz que essa professora o cativava, e tudo o que ela falava brilhava para ele. O jeito que ele ensinava era bastante prazeroso, e Pedro diz que ela conquistava os alunos.

Depois, na sétima série, Pedro foi aluno de Leopoldo, professor de Ciências. Diz que, apesar de não ter a responsabilidade de corrigir os alunos em assuntos relacionados à indisciplina e ao cotidiano, Leopoldo mostrava-se preocupado e aconselhava-os. Pedro diz que o professor cumpria seu papel como uma pessoa legal, interessada e que queria o seu bem. Acredita que Leopoldo tenha “plantado uma sementinha” na consciência dele e que se lembrou muito do professor e de suas lições em vários momentos difíceis de sua vida.

Na escola agrícola, Pedro teve vários professores que o ajudaram a criar uma relação positiva com os estudos: no primeiro ano, Joaquim, dentista que abandonou sua carreira pela física; excelente professor e que trazia conselhos e exemplos de vida; no segundo ano, Mara, que Pedro admirava pelos mesmos motivos que admirava Joaquim e que lhe trouxe um exemplo do qual ele não se esquece – do cantor Alexandre Pires, que negro e pobre tornou-se uma estrela internacional; no terceiro ano, o professor Gilberto, que se tornou exemplo de vida para Pedro. Este professor era da mesma região de Pedro e parente de uma garota com quem Pedro já havia namorado. Era pobre e, assim como Pedro estava fazendo, foi em busca de seus objetivos e alcançou sucesso nos estudos: fez escola agrícola, faculdade de agronomia e mestrado.

Ana, apesar de declarar que sofreu com o excesso de rigidez na escola, elogia os esforços oferecidos por alguns professores e o encorajamento que eles lhe passavam. O primeiro professor que lhe traz uma lembrança positiva é Diogo, da segunda série. Ele percebia as necessidades financeiras de Ana e trocava seu lanche – leite gelado, pão com presunto e queijo – pelo dela – batata doce e ovos fritos, preparados pela mãe. Além disso, ele

não media esforços para ajudá-la demonstrando muito interesse por sua aprendizagem. Como Ana enfrentou muitos contratemplos, entre eles uma forte anemia e problemas na tiróide, bem como gravidez inesperada, sua vida escolar foi várias vezes interrompida. E algumas das pessoas que não a deixaram desistir foram o diretor e professor Jorge, tão querido e admirado por Ana - ela afirma que almejava ser culta como ele - e a professora Carolina, que se apegou muito a ela por perceber sua situação e ofereceu-lhe, até apoio material para que persistisse nos estudos. Ambos frequentemente teciam elogios, com palavras de incentivo e de perseverança.

Mara recorda-se de duas professoras especiais: Carmem, de Português, e Inezila, de Matemática. Inezila era brava, mas tinha muita paciência com a menina. Gostava que tudo estivesse muito correto, caso contrário, mandava repetir toda a tarefa. Mara considera essa atitude como sendo uma maneira da professora garantir seu aprendizado e gostava muito dela. Carmem era séria, mas divertida. Assim como Inezila, era também bastante exigente e mandava muitas tarefas para casa, - a maioria delas baseadas na cópia - e corrigia tudo com muita cautela. Mas também proporcionava a seus alunos momentos de jogos e brincadeiras, o que tornava a aula mais gostosa. Quando Mara necessitou da ajuda em um exercício no qual estava com dificuldades, pôde contar com a professora que permaneceu na escola após o horário de aula para ajudá-la; e essa atitude fez com que sua admiração e carinho por Carmem crescessem ainda mais.

Na fase do colegial (atual Ensino Médio), Mara conheceu João, professor de Física, que muito a incentivou a permanecer nos estudos trazendo livros, fazendo indicações, atendendo após o seu expediente... sempre focado na aprendizagem de todos os seus alunos. Também se recorda do professor Vicente, de Biologia: diz que ele era muito inteligente e tinha muita paciência para explicar. Também oferecia aos alunos lições de vida, como a valorização da escola pública. Sua postura de ter sempre respostas prontas e não utilizar livros para ministrar suas aulas deslumbrava Mara.

Para considerar o sucesso dos quatro sujeitos como leitores e escritores, também deve-se levar em consideração outras mediações oferecidas a cada um deles, a partir de pessoas próximas e/ou de situações experienciadas. No caso de Ana, a oportunidade de trabalhar na escola oferecida pelo prefeito trouxe-lhe novas perspectivas. Aos vinte e três anos, sem formação e sem poder trabalhar na roça - devido a uma cirurgia -, mas precisando muito trabalhar, aceitou dar aulas em uma pequena escola rural, próxima de sua casa. O que ensinava aos alunos era exatamente o que havia aprendido durante os quatro anos em que se

manteve matriculada como aluna em uma escola - foi o início de sua longa carreira docente. Mara teve a oportunidade de trabalhar na empresa do pai, onde pôde ver pessoas conquistando sua formatura, o que possivelmente - observando as falas do sujeito – fez surgir ou reacendeu esse desejo nela. Mara admirava as pessoas se formando, e queria também poder obter essa conquista; por isso, se empenhava ainda mais nas leituras e nos estudos. Pedro, através de suas tias, teve a oportunidade de estudar na escola agrícola, onde teve professores que fizeram diferença em sua vida, e onde as regras, as normas e os valores contribuíram muito em sua formação acadêmica, profissional e pessoal. Bem como, por duas vezes, em momentos de grande dificuldade, teve Vinicius ao seu lado, acreditando nele e oferecendo-lhe oportunidades de trabalho. Já Vinicius, através de seu amigo Elton, teve a chance de, nos momentos mais difíceis de sua vida - quando envolvido com drogas e após ter sido preso por assalto - recomeçar sua vida em outra cidade, em um emprego que oferecia possibilidades de estudo e crescimento profissional, e exigia um retorno por isso.

Em todos os casos, os sujeitos sempre consideraram o estudo, a leitura e a escrita como objetivos importantes de serem alcançados. Isso, possivelmente, se deva ao fato de que as pessoas significativas de seu meio social valorizavam a educação e entendiam o estudo, a leitura e a escrita como sendo fundamentais para que o sujeito pudesse alcançar uma mudança positiva em suas vidas. Isso pode ser observado em alguns momentos de suas histórias: Ana afirma que, por não ter tido estudo, sua mãe e sua família viam a leitura e a escrita como uma “luz que começava a brilhar, uma dádiva.” Sua mãe e seu tio ofereciam-lhe todo o incentivo para que sua trajetória escolar não fosse interrompida. Também recebeu o apoio de seus amigos, Clara e Sebastião, e Inês, mãe de sua amiga Cida, que, em diferentes momentos, cederam sua casa, bem como muito carinho, para evitar que Ana tivesse que interromper os estudos. Todos eles admiravam seu esforço e a elogiavam constantemente, queriam vê-la estudando e mudando de vida. Dentro da escola, quando afirmava pensar em desistir, seu professor Jorge e sua professora Carolina a impediam de tomar tal atitude, reforçando sempre a importância do estudo, especialmente para que ela tivesse um bom emprego e pudesse ajudar seus pais. Ofereciam-lhe todo o apoio e motivação que ela necessitava para continuar.

Mara diz que ver os clientes da empresa de formatura de seu pai conquistando o mérito da formatura a incentivou a querer passar por isso. Além disso, via seu pai trabalhando muito, tendo que aceitar trabalhar em diferentes profissões por não ter estudo e que lhe dizia que, caso quisesse que sua vida fosse diferente da dele, teria que estudar. Bem como teve a

presença de sua madrasta, que impunha a rotina de estudos e reforçava a importância da escola para o crescimento profissional.

Pedro cresceu em uma família de professoras, o que fazia com que o estudo e a ida à escola durante sua infância fossem parte de sua vida em família. A leitura perpassava todos os momentos de seu cotidiano: desde o lazer – quando suas tias liam para ele – até “os castigos”, que envolviam resolver tarefas relacionadas ao estudo. Seus maiores exemplos, e a maior parte das pessoas ligadas afetivamente a ele, eram professores ou estavam de alguma maneira relacionados à escola.

Vinicius pôde ver seus familiares, além de sempre envolvidos com leitura, buscando uma formação. Como no caso de sua mãe, que aos quarenta e sete anos decidiu voltar a estudar e de sua tia Bárbara, que se reergueu após uma fase difícil e que, mesmo sozinha e com dois filhos para criar, cursou duas faculdades. Vinicius menciona que ambas são exemplos de vida para ele.

Além de familiares e membros das escolas, em todos os casos aqui estudados, aparecem as figuras de amigos que, de uma maneira ou de outra, alguns de modo mais determinante, outros menos, contribuíram de uma maneira positiva na vida dos sujeitos. Ana, como já foi posto, teve os amigos que acreditaram nela e a acolheram em suas casas, a fim de evitar que seus estudos fossem interrompidos. Primeiro, Clara e Sebastião: pobres, bóias frias, analfabetos, com filhos pequenos para criar, que a acolheram com muito zelo e amor. Todos os dias, quando chegava cansada, havia em cima do fogão de lenha uma marmitta aquecida para ela. Ana acredita que cada um da família deixava de comer um pouco para que sobrasse para seu jantar. No ano seguinte, foi transferida para o município vizinho, e lá pernoitava na casa de outra conhecida: Inês que era muito preocupada com estudos dos filhos, e acreditava que Ana seria uma excelente companhia para sua filha Cida, que, diferente de Ana, não era muito envolvida com os estudos. Inês, então, oferecia a Ana o que ela necessitasse, inclusive material para estudo, pois sem essa ajuda, Ana demoraria meses para comprar.

Mara teve amigos que estiveram com ela auxiliando-a nos estudos. Lucas, um rapaz inteligente, esforçado e humilde, incentiva-a a estudar e a auxiliava em suas dificuldades. Luana trabalhou com Mara em empresa de telefonia e as duas estudavam, lanchavam e passeavam juntas. E Fabiana, uma aluna “caxias”, que Mara muito admirava por acreditar que ela executava as ações corretas em prol de uma conquista profissional. Especialmente por causa disso, Mara procurava sua companhia.

Pedro teve Paulo e sua família que contribuíram para que ele repensasse em suas atitudes. Como Pedro não tinha condições de retornar à sua cidade, passava os finais de semana, feriados e férias na casa dos pais de Paulo. Lá eram dados muitos conselhos a Pedro, desde relacionados aos estudos até a religião. Ele admirava, gostava e acreditava naquelas pessoas, que assim como cobravam um resultado satisfatório de Paulo, cobravam também dele. A família valorizava os estudos dos meninos e motivava-os demonstrando-lhes a importância do que estavam aprendendo. Pedro também contou com a amizade de Vinicius que lhe ofertou duas propostas de emprego, além de, até os dias atuais, continuar incentivando diretamente o amigo ao estudo.

E Vinicius, por sua vez, teve Elton, que o conhecendo bem, esteve disposto a oferecer-lhe uma chance no momento em que mais precisava. Elton acreditou no amigo e proporcionou-lhe uma oportunidade de repensar sobre suas ações e mudar de cidade, recomeçando sua vida. Nesse emprego oferecido por Elton, Vinicius se mantém até hoje. Atualmente é gerente regional de contabilidade e continua estudando para continuar em ascensão.

É curioso notar que em nenhuma das histórias aparece a universidade pública, o que gera uma reflexão sobre a dificuldade de acesso para pessoas que vivem em ambientes sociais vulneráveis. Esse dado confirma os revelados por uma pesquisa desenvolvida por Almeida (2009). O estudo teve como base aspectos como a socialização em ambiente familiar e universitário e a trajetória de ingresso. O autor comenta sobre alternativas que poderiam facilitar o ingresso, como o já existente ProUni e o sistema de cotas. Ele acredita que os professores universitários e do Ensino Médio poderiam motivar os alunos menos favorecidos ao ingresso. Além disso, Almeida caracteriza a faculdade pública como “o templo da classe média” e sugere uma reflexão e estratégias para a busca do nivelamento de acesso. Segundo o autor, um dos principais desafios dos estudantes das classes baixas é conciliar os estudos universitários com o exercício de uma profissão. Para superá-lo, propõe a redução da jornada de trabalho e a ampliação de bolsas para os menos favorecidos economicamente.

No caso da presente pesquisa, não foi tema das entrevistas o acesso à universidade pública. Esse assunto não foi mencionado na fala dos sujeitos. Acredita-se que, os *possíveis* motivos disso ter ocorrido – os quatro sujeitos não terem ao menos mencionado o desejo de ingressar em uma universidade pública – podem ter sido: a crença de não possuírem tempo de estudo ou repertório para prestar um vestibular concorrido; a indisponibilidade de oferta do curso desejado; a não compatibilidade do horário de seu (s) emprego (s) com os horários das

aulas; a convivência e o exemplo de pessoas de seu meio que, embora tivessem buscado arduamente, não conseguiram o ingresso; a descrença advinda pelo modo discriminatório com que são tratados pela sociedade; o sentimento de não pertencimento ou de ser/estar discriminado; entre outros.

Por outro lado, os dados da presente pesquisa sugerem que, mesmo em um ambiente aparentemente desmotivador e diante de uma situação de vulnerabilidade social, é possível aprender a ler e a escrever de maneira prazerosa e com sucesso, se no meio social houver pessoas envolvidas com leitura e com escrita que exerçam essa mediação de maneira afetivamente positiva. Leite (2006) diz que “Podemos afirmar, sem exageros, que a qualidade da mediação vivenciada pelo aluno, em muitos casos, determina toda a história futura da relação entre ele e os diversos conteúdos estudados.” (p.38) Tal citação se refere às mediações ocorridas no interior da escola, mas pode ser ampliada também para outros contextos, como por exemplo, para a família. Por outro lado, uma mediação afetivamente negativa pode ter efeitos desastrosos, como, por exemplo, afastar o sujeito do objeto de ensino.

Nas quatro histórias, observa-se claramente o papel do outro e as relações vivenciadas externamente que repercutiram e possibilitaram a constituição de sujeitos leitores e produtores de texto autônomos. Também se observam conteúdos afetivos - como o carinho, o elogio, a atenção, a preocupação, o prazer, o respeito – que emergiram durante as experiências de leitura, o que, possivelmente, contribuiu para que os sujeitos internalizassem e associassem esses conteúdos às práticas de leitura.

De acordo com a abordagem histórico-cultural, o sujeito define seu modo de ser a partir das internalizações dos significados e sentidos constituídos nas relações sociais que estabelece, especialmente com pessoas próximas como familiares, professores e amigos. Segundo Molon (2003) “O eu não é sujeito, é constituído sujeito em uma relação constitutiva eu-outro no próprio sujeito, essa relação é imprescindível para a constituição do sujeito, já que para se constituir precisa ser o outro em si mesmo” (p.112).

Segundo Bock & Gonçalves (2005), “A subjetividade, para a psicologia sócio-histórica, é uma produção histórica que se constitui na relação dialética com a realidade objetiva por meio de inúmeras mediações.” (p.123) Sendo assim, e como já foi abordado nessa dissertação, o sujeito é histórico e social, e, portanto, desenvolve-se de acordo com a pertinência cultural e as possibilidades que o meio no qual está inserido oferece. Não se pode ignorar o fato de que o sujeito é ativo nesse processo, e registra cognitivamente e afetivamente todas as suas experiências, constituindo-se a partir/com elas.

Na presente pesquisa, ficam evidentes como os sujeitos são singulares e constroem seus sentidos de acordo com suas experiências de vida e do meio do qual fazem parte. Alguns desses sentidos foram claramente revelados, como é o caso do baú de histórias, guardado pela família de Ana como um verdadeiro tesouro; o “castigo” de Pedro que tinha para ele um sentido afetivamente positivo, propiciando ao sujeito um contato com a leitura e a escrita; a escola rural que, para Pedro, representou um local de limites e regras, sendo considerada pelo próprio sujeito como uma etapa positiva, pois ele compreende que necessitava desses limites; a maneira como Vinicius entendia a velhice de seus avós, relacionando-a com a sabedoria; entre tantos outros que perpassam todas as quatro histórias.

Enfim, a pesquisa mostrou que a relação afetiva positiva, que os sujeitos estabeleceram com a leitura e a escrita, não ocorreu por acaso, mas resultou de histórias de mediações envolvendo outras pessoas que, certamente, influenciaram na qualidade desses vínculos. Observou-se que, tanto o processo de constituição do sujeito como suas formas de agir – o que inclui o modo como se lê e a relação com a leitura – sofrem influências do outro, e, muitas vezes, os próprios sujeitos têm consciência dessas influências. Tais mediações marcaram o futuro desses indivíduos e tiveram papel decisivo nos seus respectivos processos de constituição como sujeitos leitores e/ou escritores.

Para finalizar, pretende-se abrir caminho para futuras pesquisas e reflexões envolvendo casos de vulnerabilidade social e afetividade, tendo em vista que a dimensão afetiva é crucial no processo de aprendizagem. Os sujeitos pesquisados são casos de sucesso, mas sabe-se que muitas vezes esse sucesso não é possível de ser alcançado, especialmente em ambientes vulneráveis que não apresentam condições mínimas de saúde, higiene, alimentação, conforto, educação,...

É interessante notar que em nenhum dos casos as mediações ocorreram apenas em um ambiente, mas, concomitantemente – na maior parte dos casos - na família e na escola. Uma vez reconhecido o indispensável papel da família na constituição de sujeitos leitores e escritores, é necessário pensar, então, ações que as atinjam, e que as permitam se reconhecerem como detentoras desse importante papel.

A escola, por sua vez, responsável pelo ensino de maneira sistematizada, necessita desvendar como garantir a todos – especialmente as crianças que vivem em ambientes vulneráveis e que nem sempre contam com as garantias mínimas de direito – uma educação de qualidade e começar a agir em prol desse grande objetivo.

Considerações Finais

A pesquisa teve intenção analisar e revelar as possíveis condições que levaram sujeitos, que tiveram uma infância vulnerável, a se tornarem leitores e escritores de sucesso. Reafirma outras pesquisas já feitas anteriormente (FALCIN, 2003; GROTTA, 2000; LEITE, 2010, 2006; entre outros) – que relacionam o afeto como indispensável à cognição -, e acrescenta a elas a descrição e a análise, através de relatos de histórias de vida, de como sujeitos, apesar de terem tido uma infância considerada vulnerável, constituíram-se leitores e escritores de sucesso.

Nota-se, no caso dos quatro sujeitos, a importância do papel do outro/mediador, nesse processo de constituição. Estão explícitos momentos de mediações exercidas de maneira afetivamente positiva e que são recordadas com muito carinho pelos sujeitos. Essas marcas foram deixadas por pessoas significativas na vida de cada um deles, e contribuíram para uma aproximação com o objeto do conhecimento, no caso, a leitura e a escrita. Observa-se, em todos os casos, que essas mediações iniciaram-se antes mesmo de os sujeitos estarem alfabetizados.

Percebe-se, também, que tanto a família como a escola – em especial os professores - tiveram um papel determinante em todo esse processo. De acordo com Leite (2003), ambos se constituem “como espaços privilegiados para a ocorrência do processo de mediação da criança e do jovem com a escrita”. (p.22) Em todos os casos, as mediações não dependeram apenas de uma das instituições, mas aparecem diversos indícios que reafirmam a importância de cada uma delas. Como já foi dito, à família cabe a vertente mais afetiva, pois é através dela que a criança entra em contato com o mundo, e à escola cabe a sistematização do conhecimento, de forma que os alunos aprendam todo o conteúdo. Mas isso deve ocorrer em um ambiente afetivamente favorável para que o sujeito se aproxime do objeto do conhecimento e tenha com ele uma relação positiva, adquirindo o gosto pelo que está sendo ensinado. Este é um indicador da necessidade de se pensarem as relações afetivas no âmbito escolar.

Aliás, um dos principais pontos de reflexão da pesquisa deve ser pensar em como a escola pode atuar nesse processo, qual é o seu papel. Pensar também nos sentidos que cada mediação pode ter para cada aluno, que, como já foi dito, é um ser singular. Pensar no aluno como um sujeito que traz para a escola a sua história, pois é constituído por ela. Pensar no papel do professor, principal mediador entre a criança, os estudos e a leitura e a escrita.

Os professores, personagens reais das histórias contadas nessa pesquisa, poderiam – de modo preconceituoso - ter pensado nos sujeitos como alunos já fadados a não obterem sucesso, vista a dura história que já carregavam. Mas acreditaram neles, tratando-os de maneira afetivamente positiva, e propiciando uma aproximação com a leitura e a escrita, sendo responsáveis por boa parte do sucesso alcançado. Exceto no caso de Ana que, no início de sua escolarização, disse que gostava da escola por não ter mais do que gostar – vivia uma vida muito sofrida na roça -, todos os outros se lembraram com muito carinho e admiração de seus professores. Reconhecem que eles foram grandes incentivadores e até espelho para que se tornassem leitores e escritores. Mesmo Ana, anos mais tarde, pôde conhecer professores que a encantaram, sendo grandes responsáveis pela sua persistência em não desistir dos estudos.

Como sugerem as histórias dos sujeitos, quanto mais vulnerável o ambiente em que a criança vive, mais intensa é sua dependência das relações vivenciadas na escola, mais significativas são as ações do professor. Portanto, maior é a responsabilidade da escola em buscar garantir o sucesso desse aluno. O professor deve tomar ciência desse papel, que vai além da transmissão de conteúdos. Seu papel é determinante na relação desse indivíduo com o conteúdo ensinado, afetando diretamente o seu aprendizado e o desenvolvimento, pois cognição e afeto são partes indissociáveis de um mesmo processo.

Através dos pontos elencados e discutidos na presente pesquisa, a escola e os professores podem visualizar o quanto suas ações são importantes e podem ajudar a determinar o futuro de seus alunos. A escola deve começar a agir o quanto antes em prol da garantia dos direitos de todos, pensando em uma educação de qualidade que pode ser determinante para o futuro de uma criança.

Encerra-se a presente discussão com uma citação de Meira & Facci (2007) “Se a condição para a concretização da humanidade em cada homem é a apropriação das aquisições da cultura humana, coloca-se como central a questão da efetivação do direito de todos os cidadãos a uma educação de qualidade.” (p.55)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: desafios para políticas públicas/** Miriam Abramovay Et alii. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ALMEIDA, W.M. **USP para todos? Estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais e fruição da universidade pública.** Wilson Mesquita de Almeida São Paulo: Musa; Fapesp, 2009

AMARAL, C.W. Alfabetizar pra quê? Uma perspectiva crítica para o processo de alfabetização In: LEITE, S.A.S (org.) **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas.** Campinas, SP: Komedi, 2003.

BOCK, A.M.B. e GONÇALVES, M.G.M. Subjetividade: o sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos. In: González Rey, F. L. (org). **Subjetividade, Complexidade e pesquisa em Psicologia.** (pp. 109 a 125). São Paulo: Pioneira Thomson Learning: 2005

BOCK, GONÇALVES e FURTADO (orgs.) **Psicologia Sócio Histórica- uma perspectiva crítica em psicologia.** Cortez Editora, 2005

BOGDAN, R.C; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação.** Porto Editora, LTDA, 1994.

BUSSO, G. Vulnerabilidad Social: nociones e implicâncias de políticas para Latinoamérica a inicio del siglo XXI. In: **CEPAL. Seminário de las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe.** Santiago de Chile: CEPAL, 2001.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e Lingüística.** São Paulo: Editora Scipione, 2004.

CEPAL. **Adolescência y juventud em America Latina y El Caribe: problemas, oportunidades y desafios en el comienzo de um nuevo siglo.** Santiago de Chile: CEPAL, 2000 a.

CEPAL. **Panorama Social de América Latina 2000.** Santiago de Chile: CEPAL, 2000 b.

COLOMBO, F. A. As dimensões afetivas nas atividades de ensino em classes de alfabetização. Leite, S.A.S (org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

CRUZ, L.R. **(Des)articulando as políticas públicas no campo da infância: Implicações da abrigagem.** Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul. Rio Grande do Sul: 2006

CRUZ, M.A.S. Desafios da Clínica Contemporânea: novas formas de “manicomialização”. In: **Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos.** Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (org.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FALCIN, D. C. *Afetividade e condições de ensino: a mediação docente e suas implicações na relação sujeito objeto.* Monografia. Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2003.

- FALCIN, D. C. Afetividade e condições de ensino: histórias de professores inesquecíveis. In: Leite, S.A.S (org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- FERREIRO, E. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 7-18, 1985.
- FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. POA: Artmed, 1986
- FILGUEIRA, C.H. Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social: aproximaciones conceptuales recientes. In: **CEPAL. Seminário Vulnerabilidad**. Santiago, Chile: CEPAL, 2001.
- FONTANA, R. A abordagem histórico-cultural. In: Fontana e Cruz **Psicologia e trabalho pedagógico**. Atual, 1997.
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, Moraes: 1980.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 42. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1990.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. e MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura das palavras**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GÓES, M. C. A natureza social do desenvolvimento psicológico. In: **Cadernos CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade – Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética**. 2ª ed., São Paulo: Papirus, 1991
- GÓES, M. C. & CRUZ, M. N. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. *Pro-Posições (Unicamp)*, v. 17, p. 31-45, 2006.
- GÓES, M. C. & CRUZ, M. N. Os modos de participação do outro nos processos de significação do sujeito. **Temas em Psicologia** nº1, 1993.
- GROTTA, E. C. B. *Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2000.
- GROTTA, E. C. B. Formação de Leitor: Importância da Mediação do Professor. LEITE, S.A.S (org.) **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP: Komedi, 2003
- GROTTA, E.C.B Constituição do sujeito-leitor: análise de alguns aspectos relevantes. In: Leite, S.A.S (org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GUARESCHI, N.M.F., REIS, C.D., HUNING, S.M. & BERTUZZI, L.D. Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. In: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 7, n.1, 1º semestre de 2007.

GUARIDO, R. A biologização da vida e algumas implicações do discurso médico sobre a educação. In: **Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (org.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

HILLESHEIM, B. & CRUZ, L.B. Risco, Vulnerabilidade e infância: algumas aproximações. In **Psicologia & Sociedade**; 20 (2), p. 192-199, 2008.

HUNING, S.M. & N.M.F. GUARESCHI, Infância Normal x “Infância em Situação de Risco”; a produção social da diferença. In: II Seminário Internacional: Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis. II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais: identidade, diferença e mediações. Florianópolis: Meio Digital, 2003. v. 1.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio** – Brasil: IBGE/PNAD 2009

LAROCCA, P. **Conhecimento psicológico e séries iniciais: diretrizes para a formação de professores**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, 1996.

LEITE, S.A.S. Alfabetização: em defesa da sistematização do trabalho pedagógico. In: ARANTES, V.A. (org.) **Alfabetização e Letramento: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2010

LEITE, S.A.S. Afetividade e Práticas Pedagógicas. In: Leite, S.A.S (org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LEITE, S.A.S. Notas sobre o processo de alfabetização escolar. In: LEITE, S.A.S (org.) **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP: Komedi, 2003.

LEITE, S.A.S. Alfabetização: repensando uma prática. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas. n.19, p. 21-27, 1992.

LEITE, S.A.S. **Alfabetização e fracasso escolar**. São Paulo: Edicon, 1988.

LEITE, S.A.S & COLOMBO, F.A. As dimensões afetivas nas atividades de ensino em classes de alfabetização. In: Leite, S.A.S. (org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LEITE, S.A.S & TASSONI, E.C.M. Afetividade e Ensino. In: SILVA, E.T. (org.) **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, A. R. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais. In: **Curso de Psicologia Geral**. VI. 1. Civilização Brasileira, 1979.

LURIA, A. R. Vigotskii. In: Vygotsky et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Editora Ícone, 1988.a

LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: Vygotsky et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Editora Ícone, 1988.b

MACEDO, R. M. – A família diante das dificuldades escolares dos filhos. In OLIVEIRA, V. B. e BOSSA N. A. (org.) **Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. – RJ, Editora Vozes, 1994.

MEIRA e FACCI (Orgs.) **Psicologia Histórico-cultural- contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação** Ed. Casa do Psicólogo, 2007

MENDONÇA, O.S.; MENDONÇA, O.C. **Alfabetização – método sociolinguístico. Consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2007.

MINUCHIN, S. – **Famílias: Funcionamento e Tratamento**. PA, Artes Médicas, 1982.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORAES, P.J. de *A alfabetização a partir de palavras geradoras*. Trabalho de Conclusão de curso, Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas (SP), 2008.

NEWMAN, F. & HOLZMAN, L. **Lev Vygotsky: cientista revolucionário**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NUCCI, E.P. Alfabetizar Letrando... Um desafio para o professor! In: LEITE, S.A.S (org.) **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP: Komedi, 2003

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: **La Taille, Oliveira e Dantas- Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. Editora Summus, 1992

OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: **La Taille, Oliveira e Dantas - Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Editora Summus, 1992.a

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: **La Taille, Oliveira e Dantas - Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Editora Summus, 1992.b

OLIVEIRA, M. K. Pensar a educação: contribuições de Vygotsky. In: Castorina, Ferreira, Lerner e Oliveira – **Piaget e Vygotsky, novas contribuições para o debate**. Ática, 1995.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky – aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. Scipione, 2008.

OLIVEIRA, M.K. & REGO, T.C. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: Arantes, V.A. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. Summus Editorial, 2003.

PATTO, M.H.S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SIERRA, V.M. & MESQUITA, W.A. Vulnerabilidade e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. In: **São Paulo em Perspectiva**, v.20, n.1, p.148-155, jan/mar de 2006

SILVA, L.L.M.S. & FERREIRA, N.S.A.F. Um livro, um evento, um tema: a alfabetização. In: SILVA, E.T. (org.) **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização no processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1988.

SOARES, M. B. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p.19-24, 1985.

SOARES, M. B. **eunião Anual da ANPEd**, Caxambu, out.1995

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

SOARES, M. B. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUZA, J.S.Z. O papel da família na constituição do leitor. In: Leite, S.A.S (org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SOUZA, M.P.R. Retornando à patologia para justificar a não aprendizagem escolar: a medicalização e o diagnóstico de transtornos de aprendizagem em tempos de neoliberalismo. In: **Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (org.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

TAGLIAFERRO, A.R. *Meu professor inesquecível: a construção de uma memória coletiva*. Monografia. Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2003.

TAGLIAFERRO, A.R. *Meu professor inesquecível: a construção de uma memória coletiva*. In: Leite, S.A.S (org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

TASSONI, E.C.M. A afetividade e o processo de apropriação da linguagem escrita. In: LEITE, S.A.S (org.) **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP: Komedi, 2003

TASSONI, E.C.M. Dimensões afetivas na relação professor- aluno. In: Leite, S.A.S (org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

TASSONI, E.C.M.; **Afetividade e aprendizagem**: a relação professor-aluno. Campinas, 2000. Disponível em: http://www.puc-campinas.edu.br/cca/producao/arquivos/extensao/Afetividade_aprendizagem.PDF Acesso em nov./2011

VICENTIN, M.C. Os “intratáveis”: a patologização dos jovens em situação de vulnerabilidade. In: **Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (org.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L.S **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Martins Fontes, 2007.

ANEXO I - PRÉ ENTREVISTA

- 1- Quais eram as condições (conforto, segurança, problemas,..) da casa onde residiu a maior parte de sua infância?
- 2- Quais eram as condições (conforto, segurança, problemas,..) do bairro onde residiu a maior parte de sua infância?
- 3- Com quem você morava? Como era seu relacionamento com essas pessoas?
- 4- Como era o relacionamento entre as pessoas de sua família?
- 5- Você frequentou escola desde que idade? Você tinha muitas faltas?
- 6- Quais eram as condições da escola (incluindo sala de aula)?
- 7- Você exercia algum tipo de trabalho antes dos 14 anos (remunerado ou não)?
- 8- Teve contato com algum tipo de droga em casa ou em sua comunidade?
- 9- Sua família tinha acesso fácil ao sistema de saúde (hospital/posto)?
- 10- Como era seu lazer?
- 11- Você estudou até que série?
- 12- Você trabalha? O que faz?
- 13- Utiliza-se da leitura/escrita no seu trabalho? Em quais ocasiões?
- 14- Costuma ler em casa? Internet, livros, revistas, jornais,...
- 15- Considera que entende bem tudo o que lê?
- 16- Comunica-se bem utilizando-se da escrita?

ANEXO II - NÚCLEOS TEMÁTICOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS COM ANA

1 - FAMÍLIA

1.1 A mãe

“Meus pais nasceram e morreram analfabetos. Aliás, o meu pai morreu analfabeto, minha mãe ainda é viva, mas ela lê muito bem. Ela se “auto alfabetizou”... ela perguntava pras pessoas uma letra, o nome de outras e ia montando, e ela conseguiu se alfabetizar.” (1)

“Sem freqüentar escola. Mas isso só na leitura, escrever ela nunca escreveu o nome dela, nunca, nem meu pai.” (1)

“Minha mãe sempre foi muito dedicada, porque quando acabava o material, (naquele tempo não tinha material do governo, uniforme nem nada, né?) ela pegava coisas da horta que ela cultivava: legumes, verduras e vendia... com aquelas moedinhas ela sempre reservava pra comprar material pra nós, ou pegava um frango que tivesse ali na engorda e vendia pra comprar material pra nós, então minha mãe foi a maior mestra da minha educação.” (1)

“A minha mãe guardava, ela tinha um acervo de livros de histórias infantis muito antigas que eu nem sei de quem ela tinha ganho... ela tinha também alguns livros que eu acho que deve ser da tia dela que morava em São Paulo. Ela tinha guardado no fundo do baú, e minha mãe como ela lê bem, ela lia aquelas historias pra gente, minha mãe sempre gostou de contar historias para os filhos. Então, dentro do conhecimento que ela tinha, ela foi uma grande educadora! Eu me lembro, assim, com saudade da maneira que ela contava a ação dos príncipes naquelas historias que aconteciam, era muito interessante o saber que ela passava pra nós.” (1)

“Não, não era todos os dias. Porque minha mãe era lavradora, ela trabalhava também na roça, né? Quando ela tinha oportunidade de ir pra cidade, ela trazia jornais usados que pra forrar as paredes. Era casa de taipa e ela forrava as paredes com esses jornais. Eu me lembro que quando eu comecei a conhecer um pouco, que eu comecei a minha alfabetização, eu me lembro que a primeira palavra que eu li foi: ‘Diário do Estado de São Paulo’, que estava assim, fixado na parede.” (1)

“Em primeiro lugar minha mãe, a minha mãe, eu sempre digo que meus pais são analfabetos, né? Mas minha mãe ela nunca assinou o nome dela, mas ela lê maravilhosamente bem. Porque na época dela, ela esperava os colegas dela virem da escola que era distancia de 15 a 20 quilômetros, que vinham a cavalo, e cada dia ela perguntava uma letra para as pessoas. Então ela se alfabetizou assim. Ler ela lê muitíssimo bem, mas não escreve. Então acredito que pelo desejo que ela teve de aprender e não conseguir ir numa escola ela se esforçava para que a gente pudesse aprender mais e saber mais que ela. Então a primeira pessoa que eu agradeço de Deus ter colocado no meu caminho foi a minha mãe.” (2)

“A minha mãe sempre foi uma mãe muito caprichosa, muito prestimosa, ela sempre zelava dentro das medidas possíveis, ela nos trazia sempre bem penteados, bem... O cabelo, por ser crespo, bem trançado... ela cuidava do nosso uniforme,... na nossa época o uniforme era saia azul, blusa branca e um laço de fita na cabeça, de qualquer maneira. Tinha que ir dessa maneira, desse modo pra escola. E a minha mãe, ela não tinha condição de comprar roupa ou tecido para mandar fazer a roupa pra gente, então ela pegava saco de açúcar que era um pouquinho mais grosso e levava para a costureira fazer a saia pregueada com alça para nós, e a blusa, ela pegava o saco também que era de farinha de trigo, que era o mesmo tecido, só um pouco mais fino, e ela deixava com folha de mamão e sabão de soda que ela mesma fazia clareando e batendo até ficar bem branquinho. Então a minha saia era de saco, mas bem feitinha. E a minha blusa era de saco também, mas bem arrumadinha.” (2)

“Pra ir pra a escola. E quando faltava o material, a minha mãe dava um jeito de comprar, às vezes escondido do meu pai, porque meu pai não era muito a favor que a gente estudasse. Então a minha mãe pegava uma galinha ou um frango, - já tinha o local perto da escola para a gente levar para vender, - a gente já combinava com o moço da padaria, chamava Antonio, e ele comprava essa ave da gente e só pegávamos o dinheiro e dávamos para a professora. A professora comprava o material pra a gente em Marília que era o local onde os preços eram melhores.” (2)

“É, acho que faz uns dez anos aproximadamente que esses livros desapareceram, mas a minha mãe tinha os livros que ela trazia da casa da minha tia em São Paulo, ela tinha uns quatro livros, bem grossos, e tinha uns três livros de histórias que ela lia sempre pra gente. Até que eu e minhas irmãs, principalmente as minhas irmãs, nós decoramos a história. As

histórias que ela nos contava, eram histórias, assim, muito sugestivas. Minha mãe tinha aquela maneira de ser, aquela maneira de contar histórias, como os historiadores que a gente vê hoje. Então ela dava aquela ênfase nos fatos descritos, e era muito importante... Porque eu me lembro que mesmo antes de entrar na escola, eu olhava as letrinhas do livro quando minha mãe lia, eu perguntava para ela: “Onde está escrito isso?”. Tentava desenhar aquelas letras, mesmo sem conhecer.” (2)

“História. Tinha história infantil e histórias em geral, tinha contos... Eu não sei assim bem direitinho os títulos, mas eram muito importantes. Eram livros bem grossos. Ela tinha guardado isso como um tesouro, de vez em quando ela tirava para fazer leitura pra a gente.” (2)

“Nossa, eu amava, eu amava, porque nós éramos em vários irmãos, todos pequenos e quando a minha mãe chegava da roça, que ela trabalhava uma parte do tempo, - das nove da manhã até umas cinco horas da tarde, ela trabalhava na roça com o meu pai-. E quando ela chegava, todo mundo tomava banho e jantava, e era um prazer ficar nós, pequenos, em volta da minha mãe ouvindo história.” (2)

“Era constante, esse livro era como uma relíquia da minha mãe, ela não deixava assim muito a vontade, ela lia, mas logo ela guardava.” (2)

“Só tinha isso, nós tínhamos acesso a jornais porque como a minha mãe ia para a cidade, ela trazia o jornal velho, que ela utilizava para colar nas paredes. A minha casa era de pau-a-pique, o que nós chamaríamos hoje de taipa, que a minha mãe mesmo fazia. Passava assim, madeira... E amarrava com cipó e depois passava o barro, né? Depois ela passava o barro branco e ficava parecendo uma alvenaria. E ela colava os jornais na parede para dar um destaque, porque não tinha outra coisa para modificar, ela gostava de renovar as coisas. E eu me lembro que quando eu aprendi a ler, quando eu estava começando a ler, eu me lembro que eu olhei um dia para o jornal que já estava lá há tempos e eu li: “Diário do Estado de São Paulo”. Então pra mim foi assim uma maravilha, porque eu já sabia o que estava rabiscado ali.” (2)

1.2 O tio

“Ah, assim, nós tínhamos um... Nós temos um tio que na época, era uma escolinha só na cidade, e todo mundo estudava ali, a turminha de todos os recantos do município vinham para estudar ali. Do distrito, né? Porque não era município ainda. Então nós tínhamos... acho que éramos uns oito primos que estudavam na mesma escola, e tinha um tio que sempre ele vinha. Quando pro povoado, ele passava nesse bar que era um dos pontos atrativos da cidade, ele passava nesse bar que era um bar padaria e comparava lanche pra nós. Então ele incentivava muito que o meu pai não tirasse a gente da escola. Porque pro meu pai, mal terminava o primeiro ano, saía da escola para trabalhar na roça. Então meu tio incentivava muito, que nós precisávamos estudar, precisávamos continuar na escola, e isso ajudou muito a tirar da cabeça do meu pai que tinha que tirar a gente da escola. E ele também nos agradava muito porque, na época, não tinha dinheiro para comprar um lanche diferente, né? A escola não dava merenda na época, mas meu tio sempre trazia. Me lembro que ele trazia um pacote bem grande de pão com mortadela, com manteiga, sempre que ele... que a gente via o cavalo... -ele vinha a cavalo para a cidade, e ele colocava o cavalo amarrado no balaustre - ele já ia na padaria e já trazia lanche para nós. Então foi muito válido, porque meu pai, se ouvisse as pessoas de fora, ele entenderia melhor. Sei lá se por vergonha da circunstância, dele dizer: “Não, meu filho não vai estudar”, a voz do outro de fora, era mais pesada do que simplesmente da minha mãe. (2)

“Eu gostava e gosto. Tenho muitas boas lembranças dele. Ele era uma pessoa que tinha uma maneira de pensar diferente. Porque a minha família... Os meus pais eram afastados da família, então de todos os tios, eles são quatorze irmãos, os únicos tios que eu conheço acho que são quatro só, que iam e freqüentavam a minha casa. Os demais não, os demais eram mais afastados. Então eram mais esses mesmo.” (2)

1.3 A tia de São Paulo

“...a minha tia de São Paulo, quando ela vinha, ela trazia revistas Cruzeiro. E tudo que ela trazia assim... às vezes uma revista que ela trouxesse, na minha casa era uma relíquia, que durava mais de anos aquela revista pra gente manusear.” (1)

“A gente quase não a via, sabe? Porque era difícil a gente manter contato... Quando ela vinha, trazia e deixava na casa da minha avó. A minha mãe ia lá e levava pra gente, né? Mas eu tinha assim... eu imaginava... tenho uma tia que mora em São Paulo, que deve ter uma vida que deve ser como uma das maravilhas do mundo. Eu imaginava, né? Na minha mentalidade de criança eu achava que, São Paulo, com aquelas revistas que ela mandava, com roupas usadas que ela mandava (as nossas minha mãe que confeccionava), eu achava que era assim... a oitava maravilha do mundo, que deveria ser um pedacinho do céu lá onde ela morava, que tinha revistas diferentes, tinha jornais diferentes, tinha rádio, tinha coisas assim bem mais avançadas do que a que a gente conhecia.” (1)

“A situação me obrigou e eu saí da escola com onze anos. Meu pai era contra estudo pra filha mulher, e quando nós fomos pro Paraná, ficamos um ano depois voltamos pro Estado de São Paulo, eu continuei como lavradora. A partir do momento que eu saí da escola, a anemia começou voltar, a disfunção começou a atacar e eu voltei a ficar doente. Quando eu tinha dezenove anos, eu estava praticamente entre a vida e a morte. Aí essa tia de São Paulo, me levou pra São Paulo e eu fiquei um ano fazendo tratamento no hospital Matarazo. Dia sim, dia não, eu ficava no hospital pra tomar os medicamentos para recuperar, melhorar a situação do meu sangue que tava muito ruim. Quando foi uns oito meses de tratamento, eu pude passar pela cirurgia da tiróide. Aí realmente eu fiquei boa.” (1)

2 – A ESCOLA

“Meu sucesso na alfabetização foi assim: o aluno era obrigado a fazer a atividade mesmo não tendo nenhuma noção do que estava fazendo. Dentro da alfabetização, naquela época, o aluno desde o primeiro dia que estava na escola, mesmo que ele nunca tivesse tido contato com o mundo letrado, ele tinha que escrever o nome e já começar a escrever copiando o que estava no quadro. Era muito difícil porque a gente não tinha nenhuma coordenação motora! Era acostumado a pegar em ferramentas pesadas, por exemplo, pra trabalhar no campo, pra arrancar um pé de árvore ou uma batata, uma mandioca ou coisa assim... Então... quer dizer... a mão era acostumada com objetos pesados... com eles a gente até que tinha um pouco de destreza... Mas manusear um lápis era maior dificuldade! Mas só que a pressão era tanta que se você não copiasse, não desenhasse o que estava no quadro como tal, você apanhava! E era letra cursiva, não era bastão, não! Eu me lembro como se fosse hoje, a maior dificuldade que eu tive foi traçar a letra B minúsculo cursiva porque, se traçava um pouquinho torto, não precisava nem disfarçar: ia levar era um bom tapa no pé do ouvido ou então varada, porque apanhava mesmo.” (1)

“Não tinha outra coisa pra gostar, ou era isso, ou era isso, porque na época não existia escola rural e eu morava na zona rural. Morando na zona rural nós caminhávamos uma base de 8 km a pé. Tinha que sair cedo. Eu estudava de manhã, entrava às oito, então eu tinha que sair muito cedo, no escuro, pra ir pra escola. Não tinha outra coisa pra se gostar, porque na época nós não tínhamos rádio, não tínhamos televisão, não tínhamos energia elétrica, não tínhamos água encanada... Então era assim: uma situação que a diversão era brincar de bonecas que a gente mesmo confeccionava, do que a gente conseguisse ali no meio, né? Ou minha mãe, que era muito caprichosa, fazia boneca de pano pra gente, ou boneca de milho, de espiga de milho. Ou a gente brincava na água, pescava, cuidava dos irmãos, brincava com animais, com cabrito, galinha, pato, porco, cachorro...” (1)

“Não, porque naquele tempo, na sala de aula, o aluno não tinha voz nem vez. Ele só tinha que falar quando a professora perguntava, e a rigidez era tanta que se você tentasse pelo menos querer ajudar um colega ou falar qualquer coisa, você era castigado. Então era na base da decoreba mesmo: você pegava sua cartilha, era uma lição por dia e você teria que trazer na

ponta da língua. Então não tinha assim... a maneira do ensino daquela época, era assim, condicionado, era a mesma coisa de estar enchendo um baú, colocando ali e socando, e você tinha que se virar.” (1)

“Olha, o que eu aprendi até os onze anos, eu tinha nítido na cabeça. Eu tinha nítido na cabeça, porque eu não tinha onde me amparar pra trabalhar. Eu pensava assim: “O que foi que a professora Isis me ensinou no primeiro ano? Isso!” Então esse era o meu planejamento. É isso que eu ensinava. “O que o professor Diogo me ensinou no segundo ano? Foi isso! Então é isso que eu vou ensinar... O que o professor Domingos, me ensinou no terceiro ano? Foi isso, então isso que eu vou ensinar.” Era a base que eu tinha para o meu trabalho. E já tinham se passado quantos anos? De onze pra vinte, tinham se passado quase dez anos, porque eu já estava com quase vinte e um. Então nessas alturas do campeonato, nunca mais ninguém me desafiou. Porque tudo que eles passavam, eu sabia. Matéria de segundo ano do ginásio, tudo o que eles passavam, eu sabia.” (2)

“...já dormia paramentada, dormia de roupa e tudo, porque quando o ônibus vinha, não dava tempo nem de escovar os dentes. Só passava a mão na minha sacola, já corria pro ônibus que parava na esquina de casa.” (1)

“Eu gostava, sempre gostei de desafios e quando eu vi que aqueles professores estavam me desafiando, aí que eu queria mostrar pra eles que a pessoa não pode julgar pelas aparências.” (2)

2.1 O professor Diogo

“Sete anos eu fui pra segunda série. Naquela época o professor era medido e pesado pelas aprovações: se reprovasse um aluno dele, ele perdia ponto; se reprovasse dois,... era de acordo com a aprovação. Eu era a única aluna que não conseguia acompanhar com sucesso a segunda série. Então como eu morava na roça, como eu era muito raquítica, eu não conseguia assimilar. Então achavam que eu passasse fome, que eu tivesse uma alimentação pobre. Porque eles não tinham contato com o tipo de vida que nós tínhamos. E o professor Diogo...

eu me lembro que ele me dava reforço após a aula, sem receber nada em troca do Município ou do Estado, que seja. Então ele ficava todos os dias comigo, do meio dia até uma hora. Eu me lembro que naquela época, o descobrimento do Brasil se resumia em quarenta perguntas e respostas. E eu tinha que saber “decor e salteado” todas, no segundo ano. E eu não conseguia! Aí ele ficava lá repetindo pra mim na decoreba, mil vezes, quem descobriu o Brasil. Só faltava a cor da cueca de Dom Pedro, o rei de Portugal! Aí ele chegou pra mim e perguntou... ele perguntava, quando acabava todo aquele repeteco, ele perguntava pra mim: quem descobriu o Brasil? Eu não lembrava. Então, quer dizer, eu não conseguia mesmo.” (1)

“Na época, eu achava que ele não tava fazendo nada demais, não tinha assim aquela noção, sabe? Eu só me lembro que ele trocava o lanche dele pelo meu, por isso que eu acho hoje que ele achava que era falta de um alimento mais sustentável. Eu me lembro que ele me dava leite gelado, pão com presunto e queijo todos os dias, e as minhas amigas morriam de inveja e ciúme. E para mim aquilo era nada mais, nada menos, que o interesse que ele tinha por comer meu lanche mesmo. Meu lanche era batata doce ou um ovo frito que minha mãe fazia, e ele comia na minha frente e me dava o dele pra eu comer. Então é uma pessoa que me marcou muito, porque no decorrer do tempo eu fui voltando pra analisar o caminho que eu havia feito e foi uma marca muito positiva que esse professor deixou na minha vida. Ele era novinho também, estava iniciando a carreira e ele não podia levar uma nota ruim. E por minha causa, ele teve esse ponto negativo... mas pra mim foi muito positivo. A partir dali, eu nunca mais tive problema com o aprendizado. Eu dominava todas as matérias, eu passei a ser a melhor aluna em redação. E no decorrer da minha vida, em todas as circunstâncias, na parte de redação e desenvolvimento sempre tive muitos testes. Eu agradeço por todos esses pormenores.” (1)

2.2 A junta médica

“Uma das coisas muito positivas que ocorreu foi que eles me passaram pra uma junta médica. Veio o médico na escola, eu passei por todos os exames imagináveis e detectaram que eu tinha muita anemia e estava com a tiróide em mau funcionamento. A disfunção estava muito grande. Então, a partir daquele dia, eu passei a ser medicada na própria escola. Eu chegava na escola, ia na secretaria, tomava o medicamento e voltava pra sala de aula. Quando

terminava a aula eu voltava pra tomar medicamento e ia embora pra casa. Isso já no terceiro ano, que eu já havia reprovado o segundo. E nessas alturas do campeonato, quando o medicamento começou fazer efeito, foi assim um tufão! Eu me transformei na melhor aluna da escola.” (1)

“Nossa, pra mim, se não fosse assim, esse pormenor, talvez eu não tivesse nem sobrevivido. Porque eu estava praticamente com leucemia e, naquela época, a medicina era bem diferente da de hoje. Mas mesmo assim eu fui socorrida, se não fosse isso eu não teria tido o sucesso que eu tive.” (1)

“O próprio sistema da educação se comprometia. Todo ano a gente tomava remédio pra verme, e se o aluno não tivesse rendimento passava pela equipe médica.” (1)

“Era especificamente em alguns casos, não eram todos. No meu caso, como era crítico, o médico vinha me atender na escola. Então, esses medicamentos praticamente salvaram minha vida. Porque eu já estava, se fosse hoje, já dizia que eu estava, passo a passo, caminhando para uma leucemia. E com o tratamento médico, foi sanado. E graças a esse tratamento eu tive meu desenvolvimento escolar, o desenvolvimento físico e psicológico também. Porque quando você chega à conclusão que alguém fala e você não entende, você próprio vai se auto-avaliando e sabendo que não está bem. A sua auto-estima vai acabando... E nessas alturas dos acontecimentos, o medicamento surtiu efeito, o meu rendimento surtiu efeito, e eu tive esse professor (Diogo) que pra mim foi uma tábua de salvação.” (2)

2.3 O professor e diretor Jorge

“Eu trabalhava no município de Leopólis. Aí eu passei, no segundo ano do ginásio, passei a estudar em Sertaneja. Mas esse Jorge ele me ajudou muito. Foi o meu diretor do primeiro ano do ginásio.” (2)

“E eu consegui ir pra a escola, e é engraçado quando eu entrei nesse terceiro ano do ginásio, o Jorge era o meu professor. O Jorge que era diretor na escola, era professor na outra da cidade grande. Que é Cornélio Procópio.” (2)

“Muito importante, porque hoje em dia, o diretor não vai falar: “Olha, você não tem onde ficar, vai pra a minha casa para você poder ir trabalhar amanhã.” Eles não estão nem aí, dificilmente você encontra pessoas assim, né? E ele reconhecia o meu esforço, ele falava: “Olha Ana, você é uma pessoa que merece ajuda, porque eu sei o que você está fazendo. Não é fácil...”.” (2)

“Ele era assim... uma meta na minha vida! Porque eu olhava pra ele, assim... era uma pessoa culta, era o que eu almejava! Mesmo que não chegasse ao nível dele, mas ser uma pessoa com uma visão mais ampla de mundo” Eu olhando pra ele uma pessoa culta, conversando comigo, uma pessoa simples, uma pessoa que só tinha vontade de vencer... simplesmente isso que eu tinha. Então pra mim foi um incentivo muito, muito grande! Mesma coisa de você pegar uma plantinha bem raquítica em uma terra bem pobre, e trazer um agrônomo, estudar aquela terra e colocar conteúdo pra que ela se vá. E eu realmente, se fosse caminhar, subir na vida, teria muitos patamares ainda pra vencer. Mas eu me sinto vitoriosa! Porque uma menina de pé no chão, porque eu nunca tive um calçado para ir para a escola, até os onze anos eu nunca coloquei um chinelo pra ir para a escola, uma menina que nunca teve um uniforme adequado para ir pra escola, uma menina que quando acabava o material escolar, chorava porque não tinha dinheiro para comprar, com um pai que era contra a minha caminhada cultural, uma mãe que fazia de tudo para equilibrar a situação para eu não parar de estudar... Então, para chegar no patamar que eu estou, sendo uma pedagoga, eu olho para trás e vejo assim... Nossa! Eu era feliz e sabia que era feliz, mas hoje eu olho e vejo o fruto que eu estou colhendo daquela sementinha que eu fui acariciando, conversando com ela e jogando... às vezes em terra boa, às vezes em terra média, às vezes em terra que precisava ser analisada para ela poder crescer e reproduzir.” (2)

2.4 A professora Carolina

“Não, não tinha voltado. Quando a minha filha completou três anos e pouquinho, o prefeito precisou do trabalho do meu marido, que estava construindo a prefeitura. O segundo prédio da prefeitura. E trouxe o meu marido para executar o trabalho para ele. E eu deixei a escola e vim para o município, e descobri que estava grávida. Eu voltei para a cidade, para Leopólis, e voltei a fazer magistério em Sertaneja, mesmo lugar que eu tinha estudado quinta, sexta e sétima. Quando eu comecei a fazer o magistério, eu descobri que estava grávida, mas

eu queria desistir. E aí, outra pessoa que me ajudou, foi a professora Carolina. Eu falava: “Professora Carolina, eu vou desistir, eu estou grávida!”. Fiquei entre a vida e a morte, nove meses. Aí a Carolina me chamou e disse: “Ana, se eu fosse você, eu não desistiria não! Não desista, porque você está entre amigos. Se você passar mal, tem quem te leve ao banheiro, quem te trás, quem te acolhe, porque no próximo ano você vai ter o bebê, aí você não vai estudar, então termina esse ano.” E então eu fiquei.” (2)

“A Carolina era professora e orientadora pedagógica, se não me engano. Acho que tinha dois cargos. Ela era uma japonesinha, gente muito boa, boníssima. A vantagem que tem do interior, de cidade pequena é que as pessoas se apegam muito as outras. Não é igual a cidade grande que é aquela massa humana. Ela se apegou muito a mim e o diretor da escola era jogador de futebol junto com os meus irmãos, com quem tenho uma amizade além do profissional. E a Carolina, ela enxergava a minha situação: uma pessoa que estudou, terminou o ginásio nesse local, os pais são proprietários no município vizinho, uma pessoa sofrida, que veio da roça, que veio muitas vezes a pé, estrada de chão, ela entendia a situação que a gente vivia, né? Ela me dava muito apoio, muito apoio, porque em muitos momentos em que eu quis desistir, ela disse: “Olha, se você fosse uma pessoa que a gente não visse futuro, que ia fazer, fazer, e não ia sair do local, a gente nem incentivaria muito.” Mas eu sempre fui assim: eu pego um lixo e eu faço daquele lixo um luxo. E é assim: é momentâneo. Às vezes eu pego uma coisa reciclável, e eu memorizo algo que eu posso transformar, e eu transformo na hora. Então tudo isso aí era muito levado em consideração. E ela era uma pessoa muito, muito dedicada, ela não olhava pra você só como aluno, mas como ser humano, como uma pessoa esforçada, uma pessoa que tem futuro, que realmente quer lutar. E uma coisa que me marcou muito também, é que na época de um diretor chamado Luiz, a Carolina, que era a minha professora... é que na escola, tinha uma cota para dar materiais para alunos carentes... às vezes eu me sentia assim, um pouco chateada, né? Mas todo ano ela me dava um pacote com tudo o que tinha nesse pacote. Era material, material mesmo do dia a dia: caderno, lápis, borracha, caneta, todo esse material, uniforme e calçado. E todo ano ela me dava uma cota.” (2)

3 – OUTRAS MEDIAÇÕES SIGNIFICATIVAS

3.1 O Prefeito

“Ah, sim. Eu encontrei muitas pessoas que colaboraram comigo. Porque quando eu completei onze anos, eu estava na quarta série, meu pai me tirou da escola para ajudar na roça. E nós mudamos do estado de São Paulo para o Paraná. Nós ficamos um ano perto de Maringá, não voltei pra a escola mais... Eu fui voltar para a escola com vinte e três. Nós tínhamos voltado para o Estado de São Paulo, e eu me tornei realmente uma lavradora nessa época. Só que com o afastamento da escola, o corte do tratamento, a interrupção do tratamento médico, eu voltei a ficar doente, voltou a anemia, voltou a tiróide, voltou tudo. E eu fiquei numa fase pior, porque estava na adolescência, né? Uma fase mais crítica, então fiquei pior. Aí, aos dezenove anos, eu fui para São Paulo, fiz tratamento durante um ano, passei por cirurgia, e sanou aquela problemática que eu tinha. Com vinte anos eu fui para o Paraná novamente, e lá chegando o meu pai tinha comprado terras e eu não podia trabalhar na roça devido à cirurgia que eu havia sofrido. O prefeito precisava de alguém pra trabalhar em uma escolinha rural que era perto da minha casa, e veio em casa pedir para o meu pai, se ele cederia alguém pra trabalhar na escolinha, porque o professor tinha ido embora. O meu pai foi contra, não aceitava, dizia que não tinha filho preparado para tal missão, e que ele não tinha condições. Aí, tinha um senhor que era o nosso vizinho, que respondia pelo bairro, que via as necessidades do povo, que procurava amenizar a situação, um olho do gestor da prefeitura, veio e falou: “O senhor pode dar a sua filha, porque ela não pode trabalhar na roça, ela voltou de cirurgia, ela poderia trabalhar na escolinha pra gente...”. (2)

“Não tinha nem a quarta série. Mas aí eu fui, de tanto ele falar o meu pai cedeu. Eu fui até vencer o prazo que o médico havia me dado ficar sem fazer esforço, por causa da cirurgia. E eu fui pra essa escolinha, comecei trabalhando...” (2)

“Era remunerado, quase nada, mas era uma remuneração. E eu comecei a trabalhar e por incrível que pareça, aquela escola todo final de ano fechava, sem nem exame final. Porque na época, o Paraná fazia assim: ele contratava uma pessoa para trabalhar nas escolas, e no final do ano, o estado mandava uma equipe para avaliar os alunos, só tinha avaliação final. E todo ano, quando chegava pelo mês de setembro, outubro, a escola fechava porque os alunos

não aprendiam nada. Não tinha condições de fazer a avaliação dita pelo estado. Essa escola era rural, era multi-seriada. Primeiro, segundo e terceiro ano. Era ano rural, funcionava como ano rural, porque de janeiro a outubro, os lavradores ficavam morando lá, mas em outubro vão tudo embora, independente se tem filho na escola. Se vai dar certo, eles vão embora mesmo. Então pra facilitar, funcionava de seis de janeiro a final de outubro, porque em outubro, os lavradores poderiam se mudar que já tinha terminado o ano letivo escolar. Eu comecei a trabalhar sem saber o que me esperaria, porque eu nunca tinha passado por tal experiência. Quando chegou o meio de outubro, o estado mandou uma equipe para minha escola. Era sinal que tinha aproveitamento. Tínhamos a inspetora regional de ensino que sempre vinha na escola. Cada mês, mês e pouco ela vinha na escola.” (2)

“Só eu. Eu era professora, diretora, merendeira, secretária, faxineira, tudo era eu. Então quando foi no mês de outubro, chega essa equipe. Eu fui avisada que a equipe viria. Nós não tínhamos assim, um jeito de... Pra ver como ensinava, quem aprendia, cada um fazia do jeito que achava melhor, eu não tinha nenhum livro didático, nada pra me amparar.” (2)

“Eu coloquei uma cartilha. Na época que eu fui pra cidade, e lá eu vi essa cartilha. E eu achei que ia dar certo e era a cartilha mais barata que encontrei. Chamava “Cartilha do ABC”. (2)

3.2 A amiga Clara

“Ele (o diretor Jorge), a Maria Clara e o Sebastião, que foi o casal que me acolheu, também são assim os degraus da minha progressão na vida, sabe?” (2)

“A Clara me incentivava, e por incrível que pareça ela era analfabeta também. Ela tinha os filhos dela pequenos, começando a entrar na escola. Ela era analfabeta e o marido dela era analfabeto também. Mas eles me davam muito, porque eles admiravam a minha garra, a minha força de vontade. Porque ficou evidente dentro da minha casa, na escola, eles eram de uma família muito pobre. Eles tinham na época três filhos, e trabalham de bóia fria.

Saíam pelos arredores do município, da cidadezinha, trabalhando na roça. Mas hoje eu deduzo que eles deviam fazer assim: sentavam pro jantar e tiravam um pouquinho de cada um para fazer a minha marmita. E quando eu chegava, era fogão de lenha, me lembro como se fosse hoje, estava uma marmita de alumínio em cima da chapa, quentinha pra eu comer. Dentro daquela humildade, mas com aquela higiene, você vê o amor com que eles me tratavam.” (2)

“Nossa, eu tenho assim... o ano passado eles faleceram, mas eu tenho assim uma verdadeira paixão pelo procedimento que eles tiveram comigo. Na minha casa e com o decorrer do tempo, foi melhorando as coisas, meu pai... A roça começou a produzir, nós tínhamos de tudo no sítio. Então, quando o meu pai matava o porco, eu tirava uma parte e dava para eles, colhia arroz, feijão, de tudo o que a gente tinha eu levava para eles, como recompensa de quando eu comia lá, né? Até quando eu terminei a faculdade eu fiz uma dedicatória para eles no meu TCC. As pessoas que mais me ajudaram. Foi muito bom ter eles assim, como se fosse uma extensão da minha família.” (2)

3.3 Inês e Família

“Aí eu fui pra Sertaneja. Tinha uma vizinha de sitio do meu pai, que morava lá pros filhos estudaram, e ela tinha uma filha sapeca na escola, ela ia mais pra namorar... E como eu sou esforçada, ela ofereceu estadia pra mim na casa dela, para eu estudar com a filha dela, para ver se ela conseguia prosseguir. E a Cida fazia parte do meu grupo. Ela estudava na minha sala. Então nós íamos juntas e voltávamos juntas da escola à noite, no segundo ano do ginásio.” (2)

“A Cida, era uma colega, que eu diria assim, uma colega safada, porque ela só queria saber de namorar, adolescentezinha devia ter uns dezesseis anos...” (2)

“Ela morava com a mãe na cidade, ela chamava Inês, ainda é viva e mora em Londrina. Ela morava com a mãe na cidade e três irmãos pra estudar, e o pai ficava no sítio com os mais velhos trabalhando. O sítio deles era vizinho do sítio do meu pai.” (2)

“Incentivava. A dona Inês já era mais polida, uma família mais estruturada culturalmente falando, e os pais incentivavam os filhos para estudar. Então, quando surgia

algum livro assim na escola, eu não tinha problema, porque a dona Inês fazia tudo pra me ajudar, pra incentivar a filha, porque a filha não queria. Então saía um livro, às vezes eu tinha que esperar um mês pra ter, porque eu não tinha dinheiro... Mas nessa época quando chegava o livro já estava lá.” (2)

“É, porque a gente estudava junto. Então, foi muito bom pra mim também essa senhora. Porque quando eu chegava na casa dela... eu já saía da minha escola, eu tomava banho na casa da mãe desses meus alunos onde ficava o sítio, lá no sitio onde ficava a escola, e minha mãe mandava o jantar pra mim na escola. Mas, às vezes, eu chegava na casa de dona Inês e o jantar estava na mesa, para eu jantar com eles. “Não, eu não vou jantar porque eu já jantei, né?”. Mas se eu precisasse tomar banho, eu tinha tudo, tudo com ela. Simplesmente pra eu incentivar a Cida a estudar.” (2)

“No segundo ano a Cida passou, aí quando chegou no final do segundo ano, eu tinha... no segundo ano eu comecei a namorar o meu marido. Aí no terceiro ano, que seria a sétima série, eu me casei, no mês de julho, e fui embora para a cidade grande. E a Cida ficou e reprovou.” (2)

“Gostava, gostava. Porque eu via assim, quando você chega numa família, quando eu, por exemplo, chego em uma família, que tem a sua estrutura totalmente diferente da sua, que culturalmente, financeiramente, o status deles, totalmente diferenciado, já estão assim em contato com a cidade... um pouco mais... com um nível um pouco mais elevado, que tem quase de tudo, você sabe que você está chegando em um lugar que é completamente diferente do seu habitat. Era assim que eu me sentia. Não é que eu sentia vergonha ou que me achasse um nada pra frequentar o ambiente, mas eu sabia que eu estava em ambiente diferente do meu. Mas eu fui acolhida, porque eu estava sendo útil também. Porque ela admirava o meu esforço, sabia que eu dava aula em uma escolinha rural, o que eu fazia, sabia o nível de defasagem financeira que eu tinha, mas eu estava ali, lutando. Mas a filha dela que tinha tudo, não tinha essa vontade. Então, quando eu vou à Londrina, eu vou visitar a dona Inês. Hoje ela está sozinha, o esposo dela morreu, os filhos dela... um é advogado, o outro é... Cada um foi pra um canto... A Cida mora em São Paulo, é casada, então cada um tem seu destino, né? Mas quando eu vou a Londrina, eu faço questão de passar na casa de dona Inês, porque ela me ajudou muito, muito, muito.” (2)

4- MEIO SOCIAL/CONDIÇÕES DE VIDA

“Eu nasci e me criei até aproximadamente meus 20 anos, em casa de pau a pique, reboco e coberta de sape.”

“O conforto... quase nenhum! Porque nós dormíamos em tarimbas, que nem todos sabem o que é . Tarimbas são camas feitas por 4 forquilhas, sabe forquilha? Sabe esse gancho de estilingue? Então, corta-se principalmente de uma árvore chamada bicheira. Corta-se quatro forquilhas porque ela é forte, da grossura aproximadamente... assim (*demonstra*) e finca no chão, porque as casas são de chão batido, atravessa uma outra madeira e depois forra com pedaço de coqueiro labrado. Enche assim, um saco enorme com palha de milho rasgadinho e fica aquele sacão de palha cortadinha... Forra com um lençol e ali era a cama dos “caboclos”.”

“Olha... segurança nenhuma! Dentro da casa tinha possibilidade de entrar as cobras, lagartos, bicho barbeiro... pulga... tudo que era animal.”

“A casa, apesar da minha mãe ser muito caprichosa... fazia o possível... não tinha como melhorar, não tinha! Não chovia dentro porque o sape é um mato que se corta e sabendo amarrar, - e meu pai já tinha pratica pra fazer a cobertura, né? – então, dentro não chovia de jeito nenhum. Mas assim, por exemplo, no inverno era muito difícil porque nós não tínhamos agasalho, não tinha uma blusa de frio, não tinha um calçado, não tinha um cobertor suficiente, não tinha.”

“Ah, moça... minha mãe é mãe de 12 filhos. Então, nesta fase ela tinha 6 filhos... até 6 filhos foi essa fase, muito difícil. Meu pai sempre foi lavrador, minha mãe tinha... criava galinha, porcos, tinha cabra... que era o leite que era servido.”

“Não tinha outra coisa pra gostar, ou era isso, ou era isso (*referindo-se à escola*), porque na época não existia escola rural e eu morava na zona rural. Morando na zona rural nós caminhávamos uma base de 8 km a pé. Tinha que sair cedo. Eu estudava de manhã, entrava às oito, então eu tinha que sair muito cedo, no escuro, pra ir pra escola. Não tinha outra coisa pra se gostar, porque na época nós não tínhamos rádio, não tínhamos televisão,

não tínhamos energia elétrica, não tínhamos água encanada... Então era assim: uma situação que a diversão era brincar de bonecas que a gente mesmo confeccionava, do que a gente conseguisse ali no meio, né? Ou minha mãe que era muito caprichosa fazia boneca de pano pra gente, ou boneca de milho, de espiga de milho. Ou a gente bricava na água, pescava, cuidava dos irmãos, brincava com animais, com cabrito, galinha, pato, porco, cachorro,... (1)

“Era muito difícil porque a gente não tinha nenhuma coordenação motora! Era acostumado a pegar em ferramentas pesadas, por exemplo, pra trabalhar no campo, pra arrancar um pé de árvore ou uma batata, uma mandioca ou coisa assim... Então... quer dizer... a mão era acostumada com objetos pesados... com eles a gente até que tinha um pouco de destreza... Mas manusear um lápis era maior dificuldade! Mas só que a pressão era tanta que se você não copiasse, não desenhasse o que estava no quadro como tal, você apanhava! E era letra cursiva, não era bastão, não! Eu me lembro como se fosse hoje, a maior dificuldade que eu tive foi traçar a letra B minúsculo cursiva porque, se traçava um pouquinho torto, não precisava nem disfarçar: ia levar era um bom tapa no pé do ouvido ou então varada, porque apanhava mesmo.” (1)

“...para mim foi assim uma maravilha, porque eu já sabia o que estava rabiscado ali!”. (1)

“A única coisa diferente que a gente nunca tinha visto era a escola. Então a norma e a rigidez dos pais faziam com que você entendesse que o professor tinha direito de te castigar, não que eu ache que seja correto, né? Hoje, analisando o passado, voltando lá e analisando passo a passo, eu vejo quanta maldade, quanta ingratidão! Porque filhos de lavradores do local, mesmo onde estava inserida a escola, não era muita gente... você já se sentia mal por estar num local que você nunca tinha ido, com pessoas que você nunca teve contato que era os professores que vinham de fora, então você achava que era o correto, era o certo. Não tinha ninguém pra te dizer que isso está errado, e a própria lei, o próprio sistema também rezava isso, a cartilha do próprio sistema.” (1)

“Não, porque naquele tempo, na sala de aula, o aluno não tinha voz nem vez. Ele só tinha que falar quando a professora perguntava, e a rigidez era tanta que se você tentasse pelo menos querer ajudar um colega ou falar qualquer coisa, você era castigado. Então era na base da decoreba mesmo: você pegava sua cartilha, era uma lição por dia e você teria que trazer na

ponta da língua. Então não tinha assim... a maneira do ensino daquela época, era assim, condicionado, era a mesma coisa de estar enchendo um baú, colocando ali e socando, e você tinha que se virar.” (1)

“Ah, minha filha, entrei na escola com sete anos e já aprendi a ler e escrever no ato! Ou aprendia ou ficava sem pele. O educando também tinha sede de saber, sabe? Principalmente na época em que os pais, avós, eram todos analfabetos, então quem conseguia era assim... como uma luz que começava a brilhar. Até para os pais. O pai analfabeto, vendo o filho começar ler, pra ele era uma dádiva! Então com sete anos eu fui alfabetizada, apesar que a minha professora, eu me lembro, ela chamava Isis, ela era recém formada, não tinha muita experiência, mas eu consegui me alfabetizar e passar pro segundo ano.” (1)

“Aí cresceu mais em mim o desejo de me tornar uma educadora de verdade. Porque estava chegando o momento de deixar a sala de aula, pra voltar para a roça... Nunca tinha pensado em dar aula, porque na época, há cinqüenta anos atrás, quarenta anos atrás, o professor era tido como um... Mais que um juiz! Não era como hoje. Naquele tempo ser professor, na minha concepção pra ser um professor tinha... era um status muito alto, eu jamais teria condições de pensar em ser uma professora!” (1)

“O meu pai trabalhava... naquela época era chamado formador de cafezais. Então ele pegava a mata bruta, a mata virgem e derrubava e plantava o café. E ele tinha direito em tudo que ele produzisse ali, todos os cereais que ele plantasse ele era dono, pra cuidar dos cafezais. Quando esse cafezal começava a produzir, ele perdia o direito da manutenção ali, então ele teria que mudar pra outro lugar.” (1)

“Olha, eu fui lavradora até os vinte e um. E eu estudei nessa pequena escola, nesse grupo escolar até o terceiro ano. Depois meu pai, que jogava futebol muito bem, recebeu uma proposta pra mudar pra outro município. Então ele mudou pra outro município, mas continuou lavrador. E aí eu fiz... terminei o terceiro ano, terceira série, fiz a quarta série acho que até o mês de setembro, aí meu pai mudou-se pro Paraná. Nós fomos do Estado de São Paulo pro Paraná, para uma fazenda de café. Meu pai deixou de ser agricultor que cultivasse para a manutenção da família e passou a receber salário pelo trabalho dele.” (1)

“E eu chorava desesperadamente porque eu queria estudar, mas também não queria que o meu pai brigasse comigo. Não queria ser algo assim, que ele se sentisse do jeito que estava.” (2)

“E assim foi indo até que meu pai foi cessando a violência dele. Aí eu terminei aquele ano.” (2)

“A situação me obrigou e eu saí da escola com onze anos. Meu pai era contra estudo pra filha mulher, e quando nós fomos pro Paraná, ficamos um ano depois voltamos pro Estado de São Paulo, eu continuei como lavradora. A partir do momento que eu saí da escola, a anemia começou voltar, a disfunção começou a atacar e eu voltei a ficar doente. Quando eu tinha dezenove anos, eu estava praticamente entre a vida e a morte.” (1)

“Meu pai não queria, porque “minha filha não tem capacidade, não tem nem o quarto ano completo, não quero, sou contra”, ele não queria deixar. Mas, como eu estava com a cirurgia recente e não agüentava o trabalho puxado da roça, ele me deixou tentar. E eu comecei, me dei muitíssimo bem.” (1)

“...porque eu estava estudando e tinham pessoas que me acolhiam, sabe? Então, se nós estamos falando de educação, essa parte também veio alinhar o que é educação, o que é cultura, o que é compreensão, amizade, o que é o outro ter aquele olhar pra pessoa, pro aluno que realmente necessita. Me lembro perfeitamente.” (2)

“Só que era um racismo desgraçado. Me perdoa a expressão, mas era um racismo sem base, eles nunca tinham visto uma professora negra. Foi muito difícil, eu aprendi muito, muito com eles. Mas sofri muito, muito, também.” (2)

“Pra você ver como nada é por acaso, quando eu cheguei no M. (*nome da escola*), na atribuição, tinha aquela leva de professores do Estado, e eu cheguei para a moça - eu não sabia nem que classificação eu tinha, que número eu era, eu não sabia nada, porque eu prestei o concurso e voltei a trabalhar - eu pedi para a moça ver o meu número. Ela disse: ‘Por quê? Você não pegou o diário oficial?’ Aí eu falei: ‘Pelo amor de Deus, olha pra mim, é questão de vida ou morte.’ Estava super nervosa já. ‘Eu vou falar, marca aí: a primeira que vai chamar é

Ana Francisca Seixas'. A primeira que iam chamar seria eu!!! Aí eu vim eu escolhi duas classes nessa atribuição, e comecei a trabalhar, esperando que me chamassem do concurso.”

(2)

“Então eles começaram a incentivar que eu continuasse, mas meu pai queria que eu parasse pra trabalhar na roça. Era o meu sonho continuar, aí eu fui brigando com meu pai... meu pai falava em me bater, falava até em me matar, que não queria que eu trabalhasse, que tinha que ir pra roça! E como eu não agüentava o serviço fui continuando. Aí quando eu estava bem, que eu poderia voltar pra roça, eu forcei de continuar na área da educação, e nunca mais parei. Aí eu fui fazer o ginásio daquela época, eu fiz admissão e fiz o ginásio de primeira até a sétima série. Na sétima série eu me casei, fui pra cidade grande, fiz a oitava série e quando eu terminei a oitava série a minha filha mais velha já tinha nascido. Aí eu esperei ela crescer um pouquinho, voltei pro mesmo município a trabalhar, fiz o magistério, terminei o magistério e mudei pra outro local no Paraná também. Trabalhei lá sete anos e meio e completaram vinte e dois anos e meio na área da educação no Estado do Paraná. Aí eu vim pra São Paulo, prestei o concurso e passei, eu vim embora pra Campinas aonde estou até hoje.” (1)

“Então, hoje eu posso dizer que eu tenho muita coisa para agradecer e pouca coisa para pedir a Deus, porque eu não quis mais prestar concurso, eu não quis, falei chega! Não quero mais nada, não quero fazer pós, não quero prestar concurso, não quero mais nada... é lógico que quando chegar daqui a pouco eles vão fazer meu “bota fora”. Chega também de tanto trabalhar, né? Mas ainda não matou a minha sede de trabalhar, de fazer alguma coisa. E eu tenho certeza de que tudo aquilo que eu fiz e aquilo que eu faço são bem feitos.” (2)

“Eu não tinha um sonho assim em ser professora porque eu achava que era um sonho muito alto, na minha época era alto... Mas veio o sucesso, eu dominei, vi que era isso mesmo que eu queria... e quanto mais eu trabalhava, melhor eu me saía. E quando eu via que o aluno realmente estava alfabetizado, quando eu via que o aluno realmente se sobressaiu com a minha ajuda, aí eu me convencia que era ali que eu deveria ficar. Aí eu prestei vestibular, fiz pedagogia. Prestei vestibular com cinqüenta e sete anos! Com sessenta e um anos eu terminei pedagogia e trabalhei na alfabetização de adultos por nove anos. E estou aí! Aposentei-me no

estado há dez anos e com muito sucesso, graças a Deus, e continuo pretendendo uma segunda aposentadoria porque agora também basta, né?” (1)

“Então, quer dizer, valeu a pena? Valeu. Eu vou sair assim da educação de cabeça erguida, porque como diz uma pessoa muito influente: eu combati o bom combate! E onde eu fiquei a peteca não caiu, eu destemidamente procurei ser uma educadora... está na hora da vovó se aquietar.” (2)

ANEXO III – NÚCLEOS TEMÁTICOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS COM MARA

1- FAMÍLIA

1.1 – O pai

“E meu pai sempre se esforçou pra isso porque ele parou de estudar muito cedo, porque... quatro filhos, né? E ele trabalhava de caminhoneiro, sempre viajava, foi garçom, entao sempre ficava longe da gente, sempre ficava trabalhando nessas coisas... Então ele sempre insistiu pra que a gente estudasse, para que a gente fosse alguém na vida.” (1)

“Meu pai mais que incentivava.” (1)

“E por ele trabalhar nessas coisas, tipo, fazia o que fosse necessário: ele era alfaiate, ele era garçom, ele era músico, ele era caminhoneiro, ele era de tudo um pouco. Por ver essa situação em si, que ele não tinha uma profissão, ele não tinha um estudo, ele não tinha condições de ter um cargo, um serviço registrado, aquela coisa toda... Por ver isso, me incentivou bastante. E ele também sempre foi bravo, rígido com isso.” (1)

“Então ficava com ele no escritório, ficava lá praticamente o dia todo. Eu já aprendi cedo a mexer no computador, a fazer... sabe? Arrumava as coisas, eu acompanhava muito ele em reuniões, que eles me levavam pra todo canto... Então isso foi já desde cedo.” (1)

“e meu pai que sempre me incentivou. Não só por eu ver ele trabalhar de tudo um pouco, como pela necessidade que existia. Eu pensava que ele tinha razão, que realmente tinha que estudar para ser alguém e para não ter que fazer tudo isso.” (1)

“Não, ele lia, muito pouco assim...jornal, essas coisas . Acho que como ele viajava bastante é.. tinha, mas não era um costume, não era uma coisa diária, não era de comprar jornal, não era nada disso. Quando ele tinha empresa ele tinha livro, tinha revista, tinha jornais, ele lia mais jornais.” (2)

“Ele não tinha o costume de ler não! É ... como ele fazia... como ele viajava bastante, como quando ele era caminhoneiro, por exemplo, ele tinha o vício de leitura de jornais, porque vira e mexe parava, pegava o jornal e lia. Quando ele foi músico, era letras, músicas, coisas de letras de música, de como se fala?... dó, ré, mi.. como que fala isso?” (2)

“Partitura! Ele tinha que ler sempre. E ele foi músico por bastante tempo... E depois que ele teve a empresa, lia mais jornais, boletins, mas daí era coisas das escolas, das faculdades, pra montar formatura, boletins administrativos, essas coisas mais administrativas. (2)

“Não. Ele não estudou pra abrir essa empresa. Ele estudou, meu pai, se eu não me engano, foi até a quarta série. Na época isso era muito difícil. Na verdade, ele trabalhou... começou com alfaiataria, e aí com mais as outras coisas, foi surgindo um dinheiro. Ele deu uma entrada, porque foi dentro de casa mesmo, era casa e escritório. E a partir daí, com uma festa que foi um sucesso, outra festa e outro sucesso, aí foi crescendo, foi crescendo. Ao mesmo tempo em que cresceu gastou muito dinheiro, isso gasta muito dinheiro. Mas estudo ele não teve, não foi feito curso nenhum pra isso.” (2)

“E eu entendo a parte dele, mas não a questão dele querer cobrar alguma coisa, dele querer me bater. Ele queria ter algum direito. Até hoje pra falar a verdade eu não aceito isso. Porque até hoje ele não pergunta se eu estou precisando de alguma coisa, se eu estou bem, como é que eu estou e tudo mais.” (2)

1.2– A ex madrasta

“Bom, em um ponto eu tenho que reconhecer que a minha ex madrasta, a Selma, ela sempre falou que nós tínhamos que trabalhar e estudar para ser alguém na vida.” (1)

“Não. Ela não via lendo nada, mas era uma pessoa muito ambiciosa, muito curiosa, e acho que foi a ambição dela de ganhar dinheiro, de crescer, que fez com que ela tivesse vontade, curiosidade de se infiltrar nos negócios. No caso aí, é lógico que acaba tendo uma comunicação melhor de lidar com pessoas, mas não questão de estudo, ela também não estudou pra isso, não. Foi mais assim, o meio mesmo, a questão de ter que aprender, por

exemplo, a montar um boletim administrativo, de ter que montar um cerimonial, que tem toda uma ordem, uma situação, de você correr atrás de conhecer pessoas pra você, correr atrás de buffet e fazer tudo que aquilo fosse realizado da melhor maneira, mas não com leitura.” (2)

“Porque a ambição dela não era uma ambição boa, era uma ambição de questão financeira, de questão de dinheiro... Então, ao mesmo tempo em que eu via que ela era uma pessoa esforçada, porque ela trabalhou muito pra isso também, ela trabalhou bastante pra chegar aonde chegou, junto com o meu pai, óbvio, só que foi o meu pai que ensinou tudo pra ela, ela não sabia fazer um arroz, essa ambição dela, essa vontade de querer ganhar dinheiro, essa vontade de crescer, de sair da lama, vamos dizer assim, tenho que reconhecer... acho que é uma pessoa forte, independente do caminho que ela chegou, do caminho que ela levou depois disso... é um modo que ela encarou, que ela colocou, que ela iria chegar lá no topo, chegou; não continuou, mas chegou, não deixa de ser uma admiração. É lógico que eu peguei, graças a Deus, a parte boa, vamos dizer assim, porque também sou curiosa, quero dinheiro, mas também não sou ambiciosa doentia, de prejudicar pessoas, nada... naquela época ela também não era, mas isso depois vai subindo para a cabeça e a pessoa acaba ficando um pouco perturbada.” (2)

“Eu tinha muita admiração por ela, porque ela era uma pessoa focada em ganhar dinheiro, focada em sair da lama, vamos dizer assim, e pra isso ela fazia o que tinha de fazer.” (2)

“O trabalho, o aprendizado, a ambição, a luta... porque não posso falar, ela também trabalhou muito pra conseguir a empresa. Estudar, não estudar com curso, com nada, mas aprender muito também, com a vida, com as coisas, com a escola, com tudo, então isso tudo ela conseguiu com a ambição dela, com o esforço dela.” (2)

“Cheguei a correr atrás daquilo que eu queria, pra fazer como ela fez. Exatamente, pra sair da lama, pra querer o melhor pra mim e pra minha família. Ela serviu como exemplo.” (2)

1.3 – Os irmãos

“E até teve a questão do auxílio dos irmãos, porque como era difícil a situação, meu pai ensinou meus irmãos o caminho da escola e eles tinham que me levar. E assim foi sendo, durante muito tempo.” (1)

“...eles me ajudavam a estudar, né? Me ensinavam, sentavam comigo para fazer as tarefas... Isso, lógico, com ordem do meu pai, com ordem da minha ex madrasta, então eles sentavam comigo e me ensinavam a fazer todas as tarefas. Eu tinha que fazer a lição sempre, quando eu chegava em casa. Primeiro a lição, depois tinha as obrigações. Quando não era os meus irmãos, ou era o meu pai, ou era minha ex madrasta... Mas que eu me lembro bastante era dos meus irmãos, que sentavam comigo para poder me ensinar. Eles são mais velhos que eu, a que é acima de mim tem quatro anos de diferença. E nós sempre fomos muito ligados, então a gente fazia junto as tarefas.” (1)

“A minha irmã que era mais velha, que ficava mais casa, me ensinava na questão de pegar livros, de ensinar a escrever, eu tinha um caderninho pra fazer caligrafia, essas coisas todas.” (1)

“...estudando e fazendo tarefa. Diariamente. Todos os dias a gente tinha lição.” (1)

“... eu achava legal, até porque formava um grupo. Nós somos em quatro, quando eu precisava ou quando eles precisavam, todo mundo sentava ali na mesa e íamos fazer as lições juntos. Se fosse o caso, um ajudava o outro...” (2)

“Éramos nós quatro, nós estudávamos juntos, fazíamos as lições juntos, depois fazíamos os deveres que tínhamos que fazer.” (2)

“O irmão do meio que era o Mateus, acho que é quatro anos mais velho do que eu. Passávamos mais tempos juntos, porque éramos os mais novos. Então, ele que me levava pra escola na maioria das vezes, ia me buscar, a gente fazia arte juntos, lições juntos. O meu irmão Tiago parou de estudar bem cedo...” (2)

“Em questão de estudo? O irmão que eu mais amo na vida é o meu irmão Mateus. Mas isso por tudo assim: por ele ser uma pessoa esforçada, por ser uma pessoa que sempre fez de tudo, tudo que desse pra ele, ele nunca teve preguiça de trabalhar... mas em questão de estudo, acho que quem teve na época maior privilégio, assim, de fazer cursinho, foi minha irmã. Eu fiz sim aula de inglês, cursinho de informática, essas coisas. Mas com o meu dinheiro, já depois de jovem, de estar trabalhando em outro lugar, trabalhando fora e a minha irmã não, teve uma época que ela parou de trabalhar pra estudar mesmo, que foi quando meu pai tinha a empresa. Então foi a época que ela pôde estudar mais, que ela tinha mais tempo pra ela, só estudava, vamos dizer assim, o dia inteiro. Então, nessa questão de privilégio, foi ela, na questão de estudo... mas também não conseguiu terminar a faculdade, e foi embora pra Curitiba. Não voltou a estudar mais.” (2)

(sobre o irmão Mateus): “Pra mim ele é a minha alma gêmea, era tudo junto, se tivesse que apanhar era junto. Apesar de que, se tivesse que apanhar, apanhava os quatro de uma vez.”(2)

1.4 – O avô

“Na minha infância? De estar lendo? Não tinha ninguém que lia, a não ser nós mesmos: eu e meus irmãos que tínhamos que estudar, que ler, fazer exercício, fazer tarefa dos professores. Mas não que tinha um hábito de leitura... O meu avô viveu com a gente dentro de casa e tudo, bastante tempo até. Ele morreu em casa... Ele tinha o hábito de leitura, de jornal, de revista, qualquer coisa, ele gostava de ler. Gostava de passa-tempo... Mas quando ele morreu eu era jovem ainda... foi quando eu comecei a namorar, eu morava no Bonfim, no Castelo, e meu avô morreu na General Osório, eu tinha uns treze anos mais ou menos.” (2)

“Teve presente sim, não foi uma pessoa de sentar comigo porque ele já era uma pessoa de idade... mas sempre ficou ali no meio da gente, e ele gostava bastante de ler.” (2)

“Ah, era meu avô preferido, vamos dizer assim. Porque eu conheci o avô por parte de pai, que na verdade não é pai verdadeiro do meu pai, ele criou meu pai. A minha avó morreu eu era bem menina, bem criança ainda, devia ter uns quatro anos por aí. E a minha avó por parte de mãe, eu não tive contato. Praticamente assim, tive que fazer algumas visitas mas,

como meus pais eram separados, eu não tive muito contato. Era um final de semana ou outro. Agora eu com meu avô, a gente morou no mesmo quintal, no Campos Elíseos, quando eu era criança e depois quando a gente mudou ele foi morar com a gente lá na General Osório.” (2)

“Então, na verdade, como eu falei, eu sempre tive curiosidade, eu sempre fui curiosa, sempre gostei de ficar perto do meu avô. Ele tinha uma cadeira que ficava lá na sala, ele gostava de ver o jornal. O jornal era sagrado, inclusive ele morreu no dia de um debate do Collor. Então, ele gostava muito de informações. Às vezes, ele lia historinhas do jornal pra gente, ele gostava de cruzadinhas, ele vivia fazendo coisas assim. Então, talvez isso tenha também me incentivado, de uma certa forma, apesar de ser uma pessoa já bastante de idade. Ele não dizia pra gente: - Olha! Vamos estudar! Vamos sentar! Fazer isso, fazer aquilo; mas eu via ele fazendo isso.” (2)

“É então, ele fazia isso. Ou era jornal ou era assistindo na televisão o jornal, que ele gostava muito... notícias e tudo mais... ou era o próprio jornal para leitura, cruzadinha, revista, ele gostava bastante! Meu pai tinha uma alfaiataria, então ele tinha bastante revista. Eu, na verdade, folheava as revistas, né? Mas o meu avô lia bastante!” (2)

“A única cena que eu lembro muito mesmo, que não é uma cena feliz, foi quando ele estava assistindo ao debate e a gente estava fazendo lanche. Ele fazia os comentários pra gente, do debate, e a gente fazia uma bagunça na cozinha. Ele me chamava de corujinha, ele pedia pra gente ficar quietinho,... Eu ficava nos pés dele, pois era eu que cortava as unhas dele, essas coisas assim, ele era bem de idade. Mas aí ele lia as histórias, lia o jornal, mas não tem assim, algo que eu lembre. Isso era muito frequente, diário.” (2)

“Tinha uns desenhinhos que pareciam uns sapinhos, eu não lembro direito. Então ele lia essas coisas mais pra mim, porque eu era pequena, a caçula, e eu que cortava a unha dele. Eu levava as coisas pra ele lá, o café dele com leite, essas coisas todas. A gente passava mais tempo juntos, então eu me lembro dele lendo, como é que chamava?... as histórias em quadrinhos que tem no jornal e não se tem ainda hoje, mas eram histórias em quadrinhos que tinham até bichinhos, desenhinhos que ele até mostrava e lia.” (2)

“Eu sentia muito amor por ele, é óbvio, porque era uma avô maravilhoso, mas independente de ser uma pessoa que não teve instrução nenhuma, lutou desde cedo, e ao mesmo tempo que ele não teve instrução, que ele não teve estudo, criou vários filhos, ele criou netos, ele ajudou os filhos até depois de casados, eu admirava ele, porque era uma pessoa muito inteligente, vivia informado de tudo, qualquer notícia, de qualquer coisa.” (2)

2 – ESCOLA

(sobre os passeios que fazia) “eu adorava lógico, eu acho que incentiva bastante e faz com que a gente se desligue um pouco, não fique tão bitolado, porque você fica tanto tempo ali assim, escrevendo, lendo, cansa e essas coisas de uma forma ou de outra, dá uma arejada na cabeça e você acaba aprendendo o que te interessa, você está passeando, mas ao mesmo tempo você está aprendendo, como hoje existem zoológicos, etc.”

2.1 A pré escola

“No pré era mais brincadeira, alfabeto, escrever o nome, nome do pai, nome da mãe, nome dos irmãos, desenhos, paisagem... livros com figuras e paisagens e perguntas do tipo: O que você entende dessa imagem? O que fulano está fazendo? Da janela do seu quarto você vê o quê? E da janela da escola você vê o quê? Então era totalmente diferente do que mais pra frente você vê: um mapa pendurado na lousa e a gente tinha que estudar aquele mapa, tinha que pintar o mapa no caderno, numa folha, era uma coisa bem mais agressiva do que no pré. No pré, era tudo com desenhos, com brincadeiras, com passeios, com coisas de giz de cera, mas especificamente eu não lembro.” (2)

“Gostei bastante. Fiquei quase dois anos praticamente lá. Então eu já sabia o alfabeto, já sabia escrever os nomes da família inteira, dos colegas inteiros, automaticamente a gente vai pegando outras coisas.” (2)

“Era tudo muito carinhoso no pré, por mais que fosse escola pública, porque não era só uma professora, porque eram várias crianças,... Sempre tinha um auxílio, tinha as brincadeiras lá fora, também parquinho na quadra, essas coisas todas, eu sei que era tudo educativo e carinhoso. Mas assim, especificamente o quê, como, o que ela fez, que me faz lembrar não sei.” (2)

“Liam, liam livrinhos, tinham desenhinhos... faziam desenhos pra gente, pra gente pintar. Davam livros que eram com figuras, desenhos, pra gente pintar, pra gente escrever.” (2)

2.2 – A professora do primeiro ano

“E já no primeiro ano, na época pelo menos, eram exercícios... Ela dava pra gente fazer o alfabeto inteiro, se errava ela fazia a gente repetir... Por exemplo, vai fazer três folhas escrevendo o que você errou, amanhã eu corrijo. A gente ia muito na lousa também. Ela fazia pra a gente aprender mais fácil, a brincadeira da forca. As vezes tinha brincadeiras e joguinhos com letras, para facilitar os estudos. E tinha também livros, que eles pediam pra gente ler, eles liam livros pra gente.” (1)

2.3 – A professora de português

“Gostava, gosto até hoje de forca, porque é uma distração. Ainda mais criança, jovem,... que seja! Uma matéria que você tenha dificuldade, alguma matéria difícil - porque português tinha adjetivos, subjetivos, tinha tudo que era qualquer coisa, então não era tão fácil assim de você assimilar - com algumas brincadeiras a coisa fica mais mansa, vamos dizer, fica mais divertida, e você acaba aprendendo até com facilidade, principalmente sendo criança, sendo jovem, fica mais fácil de aprender. Fica divertido, passa rápido, você acaba aprendendo e em casa facilita porque você acaba pegando o gosto.” (2)

“Gostava bastante. Era uma pessoa assim, também séria. Todas as professoras costumam ser sérias... hoje em dia nem tanto, mas ela era uma pessoa divertida, dava bastante coisa pra gente fazer, com brincadeiras, desenhos, e as lições também. Quando a gente não fazia, ela colocava no caderno e então a gente fazia as palavrinhas, as coisas que a gente errava. Gostava.” (2)

“Admiração, mais admiração. Porque respeito eu tinha por todas elas independente da matéria. Era mais admiração, porque eram pessoas insistentes, pessoas que trabalhavam, na época, inclusive, ganhavam muito menos do que se ganha hoje... ganhavam bem pouco, e ainda assim tinham o interesse de ensinar, o esforço de fazer com que o aluno se interessasse pela aula dela. Então isso é um reconhecimento, é uma admiração pelos professores, principalmente que nessa fase que é molecada, é criança, muita bagunça, muita falação, muita conversa de grupinhos e a gente acaba não querendo nem saber... então eu tinha bastante

admiração por elas porque elas tinham o pulso firme pra ao mesmo tempo de puxar orelha, ao mesmo tempo de fazer o dever delas.” (2)

“Ah, carinho eu sempre tive pelos professores, porque querendo ou não, eu sempre fui uma pessoa interessada, sempre fui uma boa aluna. Alguns diziam que era CDF, eu não era tão CDF, mas eu gostava muito de estudar. E então, eu tinha bastante atenção das professoras, porque além do esforço delas, demonstravam muito interesse. Então se eu precisasse delas, elas estavam sempre ali.” (2)

“...eu estava com dificuldade em um exercício, então ela falou: - 'Então aguarda que no final da aula eu vejo com você!' Então ela sentou comigo, ensinou, passou tudo de novo, explicou, e isso pra mim marcou, porque são vários alunos e a pessoa acaba não tendo tempo pra dar atenção pra todo mundo. E ela dispôs do tempo dela, mesmo depois da aula, pra mim. É uma coisa marcante, pra mim é uma coisa importante.” (2)

2.4 - A professora de matemática

“Porque eu era ruim de matemática, eu não gostava muito... Eu não gosto muito de matemática. E eu sempre fui curiosa, gostava de aprender, de saber assim... quando as pessoas perguntam as coisas, eu gosto de saber. Então eu insistia bastante, eu ficava mais um pouco na aula, ou quando eu tinha que fazer algum exercício eu sempre fui de perguntar e essa professora foi uma professora que teve paciência, vamos dizer assim. Ela era meio brava, tinha uma cara meio brava, mas ela teve bastante paciência de ensinar.” (1)

“No caso da professora Inezila, eu não lembro muito mesmo, porque faz anos que não estudo. Já faz bastante tempo. Mas eu era péssima de matemática! Resumindo: ela era uma pessoa brava, ela queria que a gente estudasse... se fosse o caso de ela gritar na sala, ela gritava, de colocar de castigo... Porque ela insistia, ela corrigia todas as tarefas, pegava no pé... vamos dizer assim, o que a gente não sabia, ela colocava na lousa, a gente tinha que aprender, mesmo na frente de outras pessoas. Ela colocava no caderno, a gente tinha que ficar repetindo em casa, mandava folhas e folhas de exercícios, pra que a gente pudesse pegar o jeito, e quando não conseguia, tinha essa questão do final da aula, que ela sempre estava

disposta, por mais brava que ela fosse, de ensinar, de fazer com que a gente entendesse aquilo lá.” (2)

“Gostava, porque eu era curiosa. Como eu falei, então, ela era brava, mas ela estava me ensinando, era interessante, porque o que eu estava querendo era aprender, era evoluir, crescer, não passar vergonha, vamos dizer assim. E era uma coisa que me pegava porque eu tinha dificuldade, então, eu acabei passando a gostar dela. Ela era brava, mas não era uma pessoa ruim, era uma pessoa que queria ver resultados. Então ela pegava bastante no pé da gente, mas a gente sabia que não era por maldade, não era uma pessoa ruim. Então, eu gostava dela sim.” (2)

“Eu gostava muito, me interessava bastante.” (2)

“Achava interessante, porque ela insistia na questão: não entendeu? Então vamos fazer com que o aluno entenda! Mesmo mandando exercícios pra casa, corrigindo no dia seguinte...”. (2)

“...ela sempre foi uma pessoa que estava disposta, ficava depois da aula, mandava a gente fazer. Tinha até uns brinquedinhos de plástico que era de contar no dedo, régua, essas coisas assim, e se agente tivesse dificuldade, ela fazia pauzinhos na lousa, ou brincava com esse joguinho. Então, eu penso que isso é um interesse da parte dela, mas é uma questão, querendo ou não de carinho, ela fazia um horário ainda depois da aula, pra fazer com que os alunos aprendessem, não era só comigo.” (2)

2.5 – O professor de biologia

“e tive o professor Vicente de biologia, que era um professor muito inteligente. Ele ia dar aula, não precisava nem de livro, nem de nada. Ele enchia duas lousas, um monte de fórmulas, um monte de coisas e que também sempre teve uma paciência enorme. Ele sempre falava pra gente que a gente tinha que estudar, que a gente tinha que ter atenção, que só assim a gente ia crescer na vida, que não era porque era colégio público que a gente tinha que relaxar, enfim... Eu lembro dessas pessoas.” (1)

“Poxa, o cara era muito fera! Ele entrava até, com alguns livros embaixo do braço, mas ele deixava os livros por lá... ele vinha praticamente com as matérias prontas na cabeça, ele enchia duas, três vezes a lousa com coisas assim: desenhos, figuras de tudo que era jeito! Tudo na lousa, e a gente tinha que copiar aquilo, até que meio rápido... ele explicava tudo aquilo assim, sem olhar no livro! Nem cogitar em pegar o livro, isso despertava o interesse na gente... além da fórmula que ele tinha que passar na lousa, a gente tinha que copiar, ou seja, o tempo era meio corrido, e isso obviamente, deixava você atento, né? Prestando atenção, se você vacilasse você iria perder a matéria inteira e teria que copiar de alguém depois.” (2)

“Eu gostava, é um professor que eu nunca vou esquecer porque todos os professores que eu tive, usavam livros de modo geral. Ele usava o livro, mas ele vinha com a matéria pronta na cabeça dele e passava tudo isso pra gente com a maior facilidade do mundo.” (2)

“Uma admiração muito grande!” (2)

“E o que eu admirava bastante nele era isso, ele tinha uma resposta pronta! Ele tinha pra tudo que você perguntasse, uma resposta na ponta da língua! Ele não abria os livros, mas ele tinha tudo na mente dele... e se eu perguntasse ou interrompesse ele, ele respondia sem nenhuma dificuldade e com a maior atenção do mundo.” (2)

2.6 – O professor de física

“...Então, de estudar, eu tive o professor João, mas isso eu já era bem mais velha, que era de física.” (1)

“Ah! Não tenho muito que falar dele, porque professor de física já é meio louco, né?! Ele era muito inteligente, era enorme, era engraçado e também passava muita confiança pra gente sabe? Ele tinha paciência, porque eram fórmulas e fórmulas e isso deixava a gente curioso.” (2)

“Não lembro, porque a maioria das aulas dele eram tudo fórmulas... a maioria das aulas dele eu achava incrível.” (2)

“Respeito, muito respeito.” (2)

“Era pela sala toda, porque não era uma matéria fácil, mas é lógico que eles estavam ali, sempre disponíveis pra ensinar, pra tirar dúvida depois da aula, ou antes da aula, com livros, indicações, toda essa parte,... não tive problema com nenhum professor, que passasse assim: ‘- Eu ganho pouco, já fiz minha parte, vou embora!’. Não. Não tive problema com isso.” (2)

“Porque é muito curioso, é uma aula curiosa, uma aula que você tem que prestar muita atenção... se você perde um fiozinho dessa aula, você perde a matéria inteira, porque são aulas de desenhos muito loucos na lousa, aula de fórmulas que você tem que fazer. Um problema, por exemplo, é um negócio enorme, então isso me deixava curiosa... e a forma de ensinar, da postura, de ter interesse, de ter tom, essas coisas, também deixava a gente interessado, deixava atento.” (2)

2.7 – Os amigos da escola

2.7.1 – Lucas

“...que era o Lucas, que é um rapaz super bom, hoje ele faz *nome de uma Universidade pública*. Já faz muitos anos que eu não vejo ele, mas da última vez que eu vi ele tinha passado na *nome de uma Universidade pública*., fazia estágio lá. Ele é uma pessoa muito inteligente, muito esforçada, também uma pessoa muito simples, que morava perto. Isso eu já estava estudando, acredito que, no ***. Ele me acompanhava bastante, a gente estudava junto... Não só com ele, tinha uma turminha. Mas ele foi uma pessoa que me incentivou bastante a estudar e que me ajudou bastante.” (1)

“Acho que com quinze anos. Daí foi, né? Porque eu estudei com ele durante uns três anos.” (1)

2.7.2 - Luana

“Teve a Luana, que trabalhou comigo na *empresa de telefonia*, mas ai eu já era juvenzinha, que até já fui pra casa dela estudar.” (1)

“A Luana, ela sempre foi uma pessoa muito boa, muito legal e a minha relação com ela foi de uma amizade também muito gostosa, porque era da escola e era do serviço. Depois de um tempo, eu já cheguei a ir para casa dela, então a gente tinha uma amizade muito bacana. Depois ela começou a namorar, ficou noiva cedo, então a gente não teve muito contato. Eu mudei, tiveram várias mudanças na minha vida... daí então, a gente perdeu um pouco o contato, mas ela era minha amiga, vamos dizer assim: de escola, ela era minha amiga.” (2)

2.7.3 Fabiana

“E também teve uma loirinha que eu não lembro o nome dela, acho que é Fabiana.” (1)

“Fabiana era mais amiga de escola, não era uma pessoa que era de passear de sentar e ficar conversando das nossas histórias, de ir pra casa dela, a Luana sim, era uma pessoa de conversar na escola, de passar o recreio, de passar o lanche, de ir na casa dela, de ir na cidade, de ir no shopping. Fabiana não, ela era mesmo de escola, de estudo, de grupos, de tarefas que a gente tinha que fazer.” (2)

“Ah, ela era muito estudiosa, muito caxias, muito cdf. Aí a gente estudava, fazia trabalho junto. Ela era muito esforçada.” (1)

“Por ela ser? Eu acho que ela tem que ser assim mesmo, eu acho que é por esse caminho que a gente chega em algum lugar. É uma admiração, é uma atitude que ela teve. Tenho certeza que ela está em um ótimo nível, vamos dizer assim, hoje... ou não, por algum outro motivo. Mas é uma admiração, porque ela era uma pessoa que se jogava nos estudos. Isso pra mim, é uma questão de interesse, questão de querer crescer, de querer vencer.” (2)

“Estudava comigo, era da minha escola.” (1)

“Não, era de grupo. A maioria das vezes a gente tinha que fazer trabalho em grupo. Porque na escola, antigamente, a maioria das coisas era trabalho em grupo. Ou era prova em grupo, alguma coisa do tipo. Então sempre que tinha que fazer algum grupinho era com essas pessoas.” (1)

3 – OUTRAS MEDIAÇÕES SIGNIFICATIVAS

3.1 - RELAÇÕES NA EMPRESA ONDE O PAI TRABALHAVA

“Porque meu pai, depois de um tempo teve uma empresa, que era inclusive, uma empresa de formatura, então eu tinha muito contato com colégio, muito contato com faculdade, muito contato com pessoas assim... Então isso também me incentivou bastante em relação aos estudos... que infelizmente eu não consegui terminar, mas eu vou voltar.” (1)

“ia para o escritório já com nove anos, e eu ia vendo, pessoas entrando, pessoas saindo, tudo gente de faculdade, tudo gente de curso, etc,... Isso também me incentivou muito, eu sempre tive vontade de estudar, sempre gostei de estudar e sempre quis fazer faculdade e até hoje eu não dispensei isso. Vou terminar quando eu puder terminar. Mas isso que me incentivou mais, porque eu vivia bastante nesse meio, nesse mundo.” (1)

“Por ver as pessoas estudarem, por ver as pessoas bem. Porque a gente acompanhava durante muitos anos essas mesmas pessoas... Na verdade, quase os quatro anos de faculdade. E depois no final, você vê a pessoa se formando, você vê a festa da pessoa, sabe? Você vê o reconhecimento, você vê a pessoa lá em cima do palco, várias pessoas ganhando anéis disso, anéis daquilo, que é de acordo com a faculdade... Então isso me incentivou, eu sempre quis passar por isso.” (1)

“Gostava bastante, adoro pessoas, adoro conhecer pessoas, adoro saber das coisas, porque aprender pra mim era importante e é importante até hoje... Aprendia, aprendia bastante no escritório. Porque eu era menina, não tinha noção de nada... quer dizer, lá eu aprendi muito, pra ter noção, pra fazer um trabalho fora, vamos dizer assim... e das faculdades, quando eu fazia os deveres, tudo isso a gente aprende.” (2)

“Ah! Eu adorava, ficava super feliz, me sentia ‘a mais’ vamos dizer assim, porque eu estava no meio de pessoas adultas, estava na faculdade, nos eventos e tal, era uma delícia! Eu adorava.” (2)

“Ah! Eu ficava muito emocionada, no começo inclusive, eu chorava, igual a casamento, que no começo você chora, chora, chora. E formatura a mesma coisa, eu ficava muito emocionada. Eu sempre quis, olhava e falava: ‘- Um dia eu vou passar por isso!’”. Não pela questão de anéis, da festa em si, mas de ter o meu diploma, de ter o meu reconhecimento, porque fui eu que corri atrás, fui eu que fiz, e aquilo era um reconhecimento pra mim. É uma coisa que eu quero e ainda vou fazer! E é uma coisa muito linda, são pessoas muito felizes, conquistando o seu lugar no mundo, conquistando mais um espaço, e isso pra mim é o reconhecimento de todos aqueles anos que você se esforçou independente das dificuldades, de todo dinheiro que você gastou, é um reconhecimento, como se fosse um reembolso de tudo aquilo, do tempo, do cansaço, de tudo, não só do financeiro.” (2)

4 – MEIO SOCIAL/CONDIÇÕES DE VIDA

“Na minha cabeça ele é doente porque já tentou até mexer com a gente, comigo, com a minha irmã. Então, depois sempre ia os quatro visitar a minha mãe. Até porque meu pai falava: vai ver sua mãe, vai ver sua mãe! Praticamente todo final de semana ou um final de semana sim e um não, mas aí ia todo mundo junto. Mas aí depois de um certo tempo, a coisa começou a complicar porque o marido dela começou a seguir a gente na escola, começou a ficar na frente da casa onde a gente morava, porque meu pai trabalhava, então aí a coisa começou a complicar bastante. Porque ele começou a ir a atrás da gente, né? Das meninas. Aí meus irmãos, que eram mais velhos, sempre tinham que deixar de fazer alguma coisa para poder ir buscar a gente, ou meu pai tinha que ir para ficar na escola de plantão. Porque começou a ficar uma coisa um pouco chata.” (1)

“...eu não tive muito tempo com ela, muito aproveitamento. Eu não tenho muita ligação com ela. Se você perguntar: ‘Mas você sente saudade da sua mãe?’ Eu até, as vezes, sinto. Mas é uma coisa, assim, que passa, bem rápido. ‘Ah, você liga pra sua mãe?’ Ah, eu ligo, mas quando ligo é pelo meu irmão que me faz falta bastante e dos meus sobrinhos e, as vezes, eu falo com ela... Às vezes eu até esqueço de falar com ela, e ela cobra do meu irmão. Mas ela, sinceramente... eu tenho pessoas e tenho amigos que, para mim, significam muito mais do que ela.”

“Então eu nunca tive medo... Tinha muito comércio, então a gente passava a conhecer muita gente, mas assim, de noite, a gente pouco podia sair pra rua. Mas ficava só ali na frente do portão, mas logo... Tinha sempre que ter alguém, mas como não tinha... a gente ficava ali, tipo... a gente ficava, tipo... antes de escurecer, na rua, depois já entrava, porque tinha muita pensão, e também acho que até tem ainda hoje, então era bastante complicado.”

“Até teve um dia que eu apanhei, simplesmente porque estava chovendo e eu pensei: ‘Não vou encerar’. E toda sexta eu tinha que encerar o quarto do cachorro. Apanhei e aí começou a sangrar. Meu pai chegou e ela falou que era insolação, que eu tinha ficado muito lá fora brincando com meus irmãos de ‘burquinha’”.

“Então não tinha comunicação dentro de casa, entendeu? Era uma relação de medo, porque tudo o que a gente fazia eram nossas obrigações, trabalhava, estudava, mas tudo assim

regrado, tudo muito ‘fechado’. Então a gente não tinha muito espaço, não tinha muito conforto.”

“Talvez porque eu era a caçula, e eu tinha uma visão panorâmica de tudo... desde menina, desde criança, eu tinha uma visão de todas as dificuldades, ou não, e eu queria mostrar não pra eles, mas pra mim mesma, que eu tinha interesse, que queria estudar, eu iria correr atrás das minhas coisas, dos meus estudos.” (2)

“E eu já tive a oportunidade, por mais dificuldade que a gente tinha, no escritório, de ouvir as pessoas, porque eu estava lá dentro. Tudo bem que os meus irmãos trabalhavam com a gente, mas assim, de ajudar, essas coisas, eu era criança, eu tinha todo o caminho ainda a seguir. E eles já haviam parado de estudar e eu não, ainda tinha um caminho inteiro pra seguir. E eu tive a oportunidade de ver o meu pai tanto antes, como tendo a empresa, no meio de pessoas cultas, de pessoas estudiosas, de pessoas que tinham dinheiro... e era uma época diferente também, o mundo vai evoluindo... É como hoje, quem começa a estudar hoje já está interessado em entrar na internet, está interessado em fazer isso, fazer aquilo que te dá curiosidade, e foi isso que aconteceu comigo.” (2)

“Também foi outra coisa horrorosa, ‘caiu a casa’ pra todo mundo. Ela roubou meu pai, o pouco que já tinha. Eu acredito até que ela já vinha fazendo coisa errada. E aí quando estourou a bomba, já tinha perdido praticamente tudo.” (1)

“e se não fosse a minha ex-cunhada (*namorada de Tiago*), nessa situação, ... ele tinha me espancado sim. Foi até porque eu virei pra ele e falei: ‘O senhor não coloca comida dentro da minha boca, o senhor não pergunta se eu estou bem... e não é hoje, não é agora que o senhor vai fazer com que eu siga o que o senhor quer. É o homem que eu quero, é o homem que eu amo. Mas até agora eu cheguei sozinha, então não vai ser o senhor quem vai fazer isso, por causa de algumas circunstâncias, alguma situações de casal.’” (2)

(*sobre a ex-cunhada*) “era uma pessoa que eu amava muito, e se eu tivesse que dar minha vida por ela eu dava, eu confiava muito nela... E aí ela entrou em casa, depois de anos e casou com meu irmão, teve dois filhos com meu irmão...” (2)

“Meu carro já tinha sumido, o banco já tinha sido estourado, porque ela roubou cheque, roubou cartão, aí perdi meu emprego, porque eu trabalhava na ... (*empresa de telefonia*) e lá precisava ter faculdade, não podia ter o nome sujo, o banco chegou a ligar lá. E nunca tinha acontecido isso antes, porque eu sempre fui uma pessoa muito organizada com conta...” (2)

ANEXO IV – NÚCLEOS TEMÁTICOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS COM PEDRO

1- FAMÍLIA

1.1 – AS TIAS

“A tia Ieda era tia, só que como ela era professora, ela complementava isso, sempre complementava, nunca deixou falhar. E a tia Carla sim, ela era realmente professora da escolinha. Na escolinha da Tia Ieda. Ela foi a mãe do Henrique, que faleceu. Então assim, alfabetização, foi a Tia Neuza e a Tia Carla. Tia Ieda como professora na escola.” (1)

1.1.1 Tia Neuza e marido

“Assim, na infância tive influência de uma tia, a tia Neuza. O que acontecia... por eu ser muito elétrico, muito agitado e bagunçar bastante, nos castigos ela me colocava para estudar ou para ler ou para fazer lá a caligrafia. Então querendo ou não ela que... na infância foi ela. (1)”

“Ela é irmã da minha mãe, professora. Só que ela não era a minha professora. Então ela tinha muita facilidade para conversar comigo. Acho que ela me entendia melhor... não sei... ela percebia algumas coisas, então ela trabalhava em cima disso. Também acho que, por ser professora, ela tem mais facilidade de conseguir captar isso das crianças dessa idade. E acho que a mãe, às vezes, igual a minha mãe que não era muito presente, ela não tinha tato pra isso, sabe? Ela não conseguia perceber isso, era meio oito ou oitenta.” (1)

“Aí foi onde apareceu a oportunidade, através de um tio meu, o marido da tia Neuza, que tinha um irmão, o Eduardo, que conhecia o diretor dessa escola, que é o Silvio. E eles combinaram. Ele era envolvido com política na cidade e como Silvio era nativo da cidade e também era envolvido com política, ele conseguiu esse vaga pra mim, meio que assim no ultimo minuto.” (1)

“Era, escola federal né? Lá é federal, e aí eu fui. Fui assim, entrei no ônibus, dezesseis anos, não sabia nada, nem sabia os ônibus que eu teria que pegar direito. Uma tia minha, essa tia Neuza, que me ajudou bastante, né? Como era marido dela, então eu fiquei muito em contato com eles pra saber como que eu ia chegar lá... pegava um ônibus até uma outra cidade, dessa cidade pegava outro pra outra e daí foi, me passou a relação dos ônibus da cidade e eu fui. Aí beleza, na viagem você vai pensando em tudo, no que você deixou para trás, os amigos, só que é por uma coisa boa, sei lá...” (1)

“Ah! Eu me sentia bem! Porque era chato, né? Porque eu queria bagunçar, queria ficar... Mas, assim, como tem muito tempo, o que eu tenho de pensamento hoje, é que eu gostava daquilo. Porque eu sempre tentava ficar próximo a ela. Sei lá... fazer alguma coisa. Eu sempre estava por ali, eu nunca deixa de bagunçar, mas sempre que bagunçava, fazia alguma coisa, ela pegava a gente e colocava de castigo. E eu nunca fiquei chateado com ela. Eu achava chato assim na hora, mas depois eu acho que eu já gostava. Queria mostrar pra ela o resultado, porque tinha alguma coisa em troca disso”. (2)

“Ah! De lembrar assim o que eu lia... não. Mas a tia tinha bastante livro de historinha.” (2)

“É. Ela deixava eu no canto. Deixava eu no canto, dava os cadernos de caligrafia, dava os livrinhos e me colocava ali. Muitas vezes eu não pegava... ela pegava mais firme na letra. O forte dela é que ela sempre quis que a minha letra fosse bonita. E leitura era mais ela mesmo... assim, ela lia junto com a gente. Aí até meus priminhos participavam.” (2)

“Ah, na época eu posso dizer que era meio que mãe mesmo, porque como a minha mãe não era presente... você é carente de disso quando se é criança. Por mais que a gente seja mais arteiro um do que o outro, independente, você é. Você tem essa necessidade desse carinho. Igual eu falei: a minha mãe não tinha tempo de dar isso.” (2)

“...porque a tia Neuza era dona de casa. Então, ela era totalmente ligada às crianças. O marido dela trabalhava, tinha uma drogaria, e ela ficava em casa. Ela tinha um lado mãezona, a minha mãe já era tipo lado pai. E pai é aquele que trabalha o dia inteiro. Então não tem muito contato. Tanto que eu nunca me apeguei muito assim essas coisas: “Bom dia!”, dar um

abraço de manhã, um beijo ou alguma coisa assim, almoço todo mundo junto. Era mais na casa das pessoas que eu via isso. Mas eu olhava de uma forma assim... que pra mim não tinha muito valor, eu via que tinha na casa dos outros, você percebe, mas você não dava muita importância porque você chegava em casa, a mãe já estava... Ela conversava com a gente, brincava e tudo, mas não era a mesma coisa, era diferente. A gente sentiu falta disso.” (2)

1.1.2 Tia Carla e o primo Henrique

“Teve o processo também do prezinho, que foi a tia Carla... mas eu acho que era mais pela influência de um primo, filho dela, do que pela própria professora. Não era tanto pela professora, mas pelo primo, de estar sempre acompanhando, estar mesmo indo junto.” (1)

“Ela pegava no pé do Henrique, e em consequência eu estava do lado, pegava no meu pé também. Porque ela percebia que ele ia comigo e eu ia com ele.” (1)

“...ela era parente de um parente... A gente chamava de tia também. Como a escolinha estava ligada a pessoas da família também, então acabava assim, ela não era uma tia direta, irmã da minha mãe ou irmã do meu pai... Ela era prima do marido da irmã da minha mãe. Então, como a gente era criança, todo mundo era tia. Estava ali na família, era tia... criança não olha muito isso.” (2)

“Falava de pai eu ficava com raiva, por que eu não tinha o meu e eu não conseguia entender porque ele não estava ali, e ficava meio frustrado com isso, não gostava dessa ideia. E o Henrique, ele meio que acompanhou, porque nessa época a mãe dele já era falecida e o pai dele também não estava presente. Por mais que ele tivesse pai, o pai dele não estava presente e o meu também não estava presente. Minha mãe trabalhava muito, não era tão presente. A mãe dele tinha falecido. Então, quer dizer, a gente ficava meio solto. Então, a gente se apoiava muito um no outro.” (1)

“Com ela não era muito sentimento por ela, era mais com o filho dela. O lance era o filho dela. Tanto que até hoje, a gente é praticamente... ele é um dos únicos amigos que eu tenho. É ele! Apesar da gente nunca... é... de ficar assim... a gente não é de ter muito contato,

não é de ficar muito ligando, porque eu acho que isso vem de influência da minha infância. Como eu não sou muito afetivo, nunca tive disso, de ficar ligando, de ficar sabe... melando... Eu sou meio “secão” para isso, foi a criação que eu tive foi essa meio seca. Mas assim... o sentimento de amor e de carinho pela pessoa existe. Ele só não é tão assim... as claras, né? As pessoas não conseguem perceber muito isso, eu gosto muito das pessoas. As pessoas acho que vêem isso, mas eu não fico muito melando.” (2)

“É, foi irmão. Praticamente irmão.” (2)

“E ela era mãezona, mãezona deles. Só que assim... na vida a gente nunca sabe bem o que vai acontecer, né? Ela faleceu muito cedo, câncer. Foi assim: descobriu um mês, e em menos de dois meses ela já tinha falecido, foi muito rápido. Então, acho que aí foi onde eu me apeguei muito a ele também, mais ainda. Quando ele precisou muito. Ai tipo, um tio nosso, o pai dele foi embora, ele ficou. Como a mãe dele...”(2)

“Ela incentivava, pegava muito no pé. Ela cobrava muito da gente. A gente tinha que estudar mesmo, tinha que pegar firme. Por mais que a gente fosse bem novinho, isso era época de pré ainda, eu ainda tenho lembranças disso, ela era bem firme com a gente. Bagunça na sala dela, não tinha. Não tinha dessa, ela era bem daquela: pronto! Olhou, acabou, ninguém... Sabe? Ela era bem generalzão.” (2)

“É. A gente gostava. Teve um... É... assim, acabava a aulinha, a gente ia pra casa dela ou alguma coisa assim, ela era muito engraçada. Na aula, acho que era mais pra ser firme, pra não deixar perder a postura que acho que era meio a “carona” dos professores antigamente, né? Os filhos meio que tinham medo, assim... eram meio firmão. Mas na casa deles, os dois eram hiper mega bagunceiros. Tanto eu como eles. Aí o Henrique apanhava, e começava a rir dela. E aquilo pra gente era o máximo, porque ela não agüentava também... acabava que chegava uma hora que ela ria. Porque ele não tinha jeito, por mais que tivesse apanhado, e tivesse aprontando... aí ele... sabe quando você coloca a mão na boca assim, que não esta agüentando de dar risada mais? É uma lembrança que eu tenho forte dela é isso: ela no corredor tentando bater neles. E ela era muito bacana, muito brincalhona, ela fazia bastante piada.” (2)

“Como eu ficava muito com ele... a Rita era muito novinha, tipo bebezinho assim... estava começando a engatinhar , andar. O Gustavo também era bem novinho. Então ela contava historinhas para gente. Assim... à tarde, no café, essas coisas, ela tinha um pouco disso. Ela era tipo... final de semana, a gente fica lá. Ou assim: algum dia da semana que eu ia pra lá, no final do dia ou no meio da tarde, eu não me recordo, mas ela tinha esse lance de contar pra gente. Até por causa da Ritinha e do Gustavo que eram bem novinhos.” (2)

“Ah! Era bacana, porque eu me sentia, tipo, sei lá, acolhido. Por mais que eu não fosse filho dela, ela me incluía naquilo ali, então era bacana.”(2)

“A tia Carla ela faleceu e eu era novo. Igual... o afeto era mais pelo filho dela do que assim voltado a ela, era mais uma questão com ele. (2)

“É, isso. Que a gente sentava junto, na hora de rir e falar, ler os livrinhos, ... Desenhinho, por a mão, pintar... Tudo, tudo era do lado dele. Eu sempre estava do lado dele. Aí ela via que eu estava do lado dele, meio que não tinha pra onde correr, então pegava no meu pé também.” (2)

1.1.3 - A Tia Ieda

“Da Tia Ieda? A Tia Ieda ela era uma pessoa... hoje eu vejo ela assim, hoje eu consigo entender ela um pouco, com o passar dos anos. Ela é assim: eu falo “de lua”. Eu não sei se ela é bipolar, não o que acontece com ela. A Tia Ieda é assim, você passa na rua, ela vai lá te abraçar e te beijar, e tem outro dia que você passa e ela nem te cumprimenta. Aí eu já me acostumei com isso. Às vezes está abraçado, ela conversava, ela brincava... mas eu acho que era os dias dela... não sei... que ela estava, sei lá... brigou com o marido, meu tio... não sei. Cinco filhos não deve ser brincadeira, não foi brincadeira para ela...” (2)

“Gostava, gostava, mas assim...” (2)

“Dava bronca, porque ela era como se ela fosse a diretora. Então, assim, como eu era arteiro, ela dava as bronquinhas, mas era no dia a dia mesmo.” (2)

“Ela era professora de outras salas, por isso que o contato não era muito. Tomava conta da parte administrativa da escolinha, e também dava aulinha. Então, assim, o contato foi mais com a Tia Carla do que com a Tia Ieda, e Tia Ieda eu não vi o jeito dela ensinar, não senti isso.” (2)

1.1.4 - Tia Berenice

“Então tinha ano que eu nem voltava. Teve dois anos que não voltei para onde morava, fiquei dois anos direto na escola. Fui, passei o ano, deu as férias e eu não voltei, fiquei na escola. Deu no outro ano também. No Natal minha tia de Belo Horizonte falou: “Vem pra cá!”, mas eu fiquei o ano todo lá. “Natal, vem aqui pra Belo Horizonte, sua mãe falou que você pode vim que eu pago sua passagem”. Então tá. Aí eu fui para Belo Horizonte logo acabando o ano.” (1)

“É a tia Berenice, essa é de Belo Horizonte. Ela que tem um marido que é irmão da tia Ieda, que tem uma escolinha onde eu estudava. Aí a tia Berenice... Quando eu ia para lá, eu ajudava meu tio. Ela tinha uma oficina de instrumentação, então aprendi a questão de ter iniciativa, ser proativo, não esperar as pessoas perguntarem e já começar a interpretar o ambiente e observar o que está precisando... não ter essa necessidade da pessoa: “Viu, faz isso pra mim, viu?”. Quando eu cheguei, eu era assim, precisava alguém falar. Por que na escola agrícola por mais que se tem disciplina, como você está aprendendo, você sempre está com isso. Faz isso, faz aquilo, vem cá, hoje a gente vai aprender isso. É uma didática, tem que ser assim, eu acho que é o jeito deles. Só que no trabalho não existia isso, e a minha tia já estava me mostrando o lado: “Oh, se você entra numa empresa amanhã ou depois, a pessoa não vai falar: faz isso, faz aquilo, ela vai te dar mais ou menos o que você tem de tarefa ali, e aí você vai começar a observar. Pode ser que no início, você faça muito rápido aquilo que você tinha que fazer, porque você quer mostrar trabalho, quer mostrar que você sabe e você vai ficar com tempo livre, e você não pode ter esse tempo livre, você tem que procurar...”. Por que eu fazia isso, eu chegava lá e eu tinha disposição com o meu tio. Limpava ali, limpava aqui e já parava. Ficava olhando, aí ela via e falava: “Acabou, fez? Procura o que fazer”. (1)

“Eu ajudava de tudo. Não era bem a minha área, aliás, não tinha nada a ver com a minha área. Eu estava fazendo técnico agrícola, e meu tio mexia com instrumentação, tipo

painel digital, algum aparelho que mede ou faz alguma mensuração de fio, de energia que está passando coisas assim. Então estava totalmente fora do assunto, mas era isso que eu tinha com a minha tia Berenice: ser curioso, procurar saber de tudo que você está vendo, entender um pouco de cada coisa, e ir atrás. As minhas tias, tanto a tia Berenice, tanto a tia Neuza.” (1)

“Nas férias, nessas primeiras férias, fui pra tia Berenice, aí voltei pra escola agrícola, passei o ano todo de novo, no meio do ano não voltei, não fui pra casa de ninguém, e quem me ajudava um pouco assim era a minha tia. Mandava uma graninha, ou mandava uma coisinha ou outra, roupa que estava acabando e eu não tinha, material de escola, era minha tia Berenice. Porque como o meu tio tinha um centro de instrumentação, a minha mãe juntava um pouquinho de grana, a minha tia também e aí ia complementando. Era esse complemento ali pra mim, mas era bem difícil.” (1)

2 – ESCOLA

2.1 – A escolinha da tia Ieda

“...olha só: a tia Carla dava aula na escolinha da tia Ieda. A tia Ieda é irmã do marido da irmã direto da minha mãe, a tia Berenice. Minha mãe chama Stela, tem a tia Neuza, tia Amélia, tem a tia Berenice. Berenice é casada com o tio Carlos, o Carlos tem uma irmã que chama tia Ieda, que é a dona da escolinha. E a tia Carla, é prima tanto do tio Carlos como da tia Ieda, é prima direto. Então, ela dava aula. O que aconteceu, com a morte da tia Carla, quem praticamente adotou o Henrique, o irmão dele, o Gustavo e a irmãzinha dele, Ritinha, foi a tia Ieda. A escolinha acabou, teve que virar casinha lá em cima. Uma casa, que era até para ter espaço pros meninos também. Os quartos das crianças... como a casa era de dois andares, lá em cima era a escolinha e embaixo era a casa. E assim... era um portão lateral na casa. Aí acabou a escolinha e aí as crianças ficaram na parte de cima da casa e minha tia ficava na parte de baixo da casa... minha tia e meu tio.”

“Aí a infância da gente foi ali. A escolinha acabou, mas sempre ficava a lembrança porque ficaram os brinquedinhos, tipo aquele playground que fica ali na frente, né? Então, por muito tempo, teve aqueles brinquedos ali na nossa infância. E com a morte da tia Carla, eu me apeguei ainda mais ao Henrique. E a infância foi assim. Agora a tia Ieda não teve influência.”

(2)

“Exatamente, exatamente... Sempre estive ali, aquele ali era o meu mundinho. Então eu me sentia seguro. Então pra mim ir para na escolinha era só sair da minha casa. Tipo, a escolinha ficava a duas quadras da minha casa, era todo mundo do mesmo bairro. Então, sabe a casa do Vinicius? Você lembra? Não tem aquela praça? Eu morava do lado daquela praça, então eu subia aquela rua... a casa da Ieda você conheceu? A casa da Ieda está...” (2)

“Está sim. Ai tem a rua, aí é na encruzilhada. Ultimamente, o Vinicius estava morando aqui, e eu estava morando aqui. Tinha até um barzinho aqui, uma casa de dois andares... tem o barzinho, e tem uma casa de esquina ali. Eu morava aqui, a tia Berenice mora aqui, o Vinicius morava aqui. Saía da minha casa aqui, já a casa da escolinha.” (2)

“Então, essa esquina aqui do Vinicius era o “point”. Essa esquina e a praça. Então todo mundo, de onde você pensar que saia, de todo canto, ou estava na esquina do Vinicius ou estava na praça. E na escolinha. Todo mundo ficava ali. Então, nessa época era bem pequenininho, mas tudo bem. Como a gente foi criado na bagunça ali, tinha os grandões que eram os “cavalão”, mas também tinha os pequenininhos que ficavam no meio. E aí estavam os meninos que estudavam na escolinha, estavam ali, você ia embora e voltava e todo mundo estava ali. Deu o horário da escolinha, aí todo mundo ia pra casa, acabou a escolinha. Todo mundo novinho, tudo bem, mas daqui a pouco, ou eu ia para a casa da tia Ione, ou eu ai pra casa... Eu na escolinha estava sendo alfabetizado, mas era uma forma de brincar, nunca saia daquele meu mundo.” (2)

2.2 - Professor Leopoldo

“...aí da sexta a oitava, quem fixou assim... foi bacana mesmo, foi o Leopoldo. Professor de Ciências, que era vizinho de um primo meu. Um primo lá do norte. Ele era bem bacana pra conversas mais maduras, de chamar a gente na responsabilidade. Ele era novo e tal, então as conversas dele eram bacanas. Não ficava tão ficado na escola, mas era meio que coisas de vida e de escola também.” (1)

“Ah, fala meio que de tudo. Por causa da bagunça nossa, né? Conseqüências de cola, conseqüências de nossas bagunças, aonde que a gente poderia chegar na vida com isso... tipo colocava a gente pra pensar. Ele não dava meio que uma bronca, ele fazia nós mesmos procurar pensar sobre isso. Não falava assim: “Oh, você vai virar isso”, ele procurava fazer a gente pensar sobre o que a gente ia ser se a gente continuasse com isso. Era meio que uma pontada, porque ele não tinha a responsabilidade de corrigir a gente. Então que isso que era o diferente. Quando é sua mãe ou seu pai, parece que esta obrigando... ou tio, alguma coisa... ele meio que força isso. Agora, quando é uma pessoa assim, um terceiro, ele te dá a palavra e fica a seu critério, problema é seu se você vai seguir ou não. Porque ele não tem uma responsabilidade sobre isso. No papel dele, como uma boa pessoa, vai falar sobre um pouco de experiência que ele tem, mas se você vai assumir ou admitir aquilo para você como vida, pra ele não interessava. Assim... era uma pessoa muito bacana, tanto como professor como uma pessoa... Uma pessoa comum mesmo. Então assim, de influência, nessa época foi ele

quem marcou. Mais em questões de vida do que de leitura, disciplina. Na verdade está relacionado, né?” (1)

“Se você não estuda, se você não se preocupa em ter um foco e pegar firme naquilo, é isso que ele passava a mensagem. Falava: “Eu não vou ficar me preocupando se vocês estudam ou não, a matéria é essa...”. Ele era meio que alternativo, assim sabe? Meio que “liberalzão”. “Vocês querem colar? Eu vou estar aqui fora fumando, eu vou fumar o meu cigarro, não vou me preocupar com quem quiser colar. Só que as conseqüências, o resultado, é você quem está plantando isso.” Era meio que poético, sabe? Colocava umas coisas nesse sentido.” (1)

“É, você tem que saber que tem coisas que você tem que descartar. Mas até você entender isso... Quando você é novo, você não entende. E era do Leopoldo que eu sempre lembrava nesse momento.” (1)

2.3 – A professora de Português

“Aí teve um professora de Português que foi bacana, me incentivou também. Ela é uma lembrança forte nesse sentido.” (1)

“Foi na quinta, da primeira a quinta. Ela era muito bacana com a gente, ela era muito carinhosa com a gente e fazia a gente estudar de uma maneira gostosa, sabe? Ela fazia a gente se voltar pro estudo, sei lá, ela cativava. Então acho que o estudo está mais voltado para a pessoa que está te ensinando, do que a matéria em si. Tem muita gente que gosta de física, como tem muita gente que odeia física. Eu sempre vi, não sei se estou errado, quando você gosta de alguém, tudo que ela fala brilha, tudo o que ela fala é legal, é bacana. Por mais de que você nunca viu aquilo, por exemplo, física. Chega à quinta serie, você nunca viu física, não tem noção daquilo, é uma caixinha nova, uma caixinha de surpresas... só que quem está abrindo isso pra você , quem está te colocando isso, te coloca de uma maneira... te apresenta de uma maneira espontânea, legal, divertida... porque é da época, você quer coisa nova, você quer tudo novo. Mas se a pessoa não tem essa... não tem esse dom, eu acho que não vai, você pega birra, você não consegue aprender, porque aquilo já é uma dificuldade. Nossa! Já uma coisa nata, já é sua, você tem uma certa dificuldade. Só que por mais que você tenha

dificuldade, eu acho que você gostar daquilo ou estar meio que mais ligado a pessoa que está te ensinando... porque você é novo, você não sabe a dificuldade daquilo, você não sabe se o seu nível é cinco ou se o nível é dez. O seu nível você não sabe ainda. Porque é uma coisa nova, você não sabe mensurar isso. Você não entende, e a professora de português, ela tinha isso. Eu tive uma outra professora de português que com ela eu odiava português. Mas eu antes sempre fui voltado para português, por causa de quem? Da tia Neuza, lá atrás. Foi ela quem fez eu gostar disso, me fez escrever, ter uma letra bonita, de procurar ler e gostar dessa professora. Escrita leitura está ligado a tudo. Porque em questão da vida, se você é bom na rua, você é bom pros estudos, você é bom pro trabalho, você é bom pra sua família, você é bom pra tudo. Você tem que procurar fazer as coisas legais, por que a ideia dela era essa, da professora de português. Era o jeito dela, o jeito dela ensinar que era gostoso, ela prendia todo mundo, ela era... A risada dela conquistava você. E a tia Neuza também, foi a mesma coisa. Como eu sempre tinha um retorno por fazer uma letra bonita, fazer uma leitura, ditado, essas coisas, o retorno era ou com presente ou com passeio... ou um... sei lá, um doce, alguma coisa. Então você fica ligado mais à pessoa do que à matéria. E isso pode você levar pro resto da sua vida, você sempre vai lembrar das pessoas. Tem muitos anos, mas você sempre lembra primeiro da pessoa, depois da matéria. Acho que o primeiro link que você faz é a pessoa, você sempre linka a pessoa, depois você linka o foco que é a leitura ou alguma coisa.” (2)

2.4 - O professor de Física

“Foi o professor de Física, ele foi uma pessoa muito bacana, ele... Tanto que a historia dele é legal. Ele era dentista, só que dentista pela família e tal. Aí largou e veio pra física, ele era professor de física, era doutorado já. E vi vários títulos que ele tinha. E ele era uma pessoa meio que tipo o Leopoldo, sabe? Ele era tipo... voltava você para a matéria, te conquistava na matéria dele. Mas também dava muita palavra, muita coisa assim de vida, mas era bacana.”

2.5 - A professora de marketing

“Já no segundo ano foi a professora de marketing, ela citava a história do Alexandre Pires. Ela dizia que o Alexandre Pires era um exemplo de vida. Por ser negro, pelos fatos que vem acontecendo... dele montar a bandinha e isso, isso e aquilo e vem crescendo cada vez mais na carreira, com a arte pessoal dele. Ele se preocupava muito com isso, cabelo, pele, e tudo mais, aí a professora de marketing, era muito bacana.”

2.6 - O professor Gilberto

“E depois veio o professor Gilberto. O Gilberto que foi mesmo assim... meio que foi assim... uma pessoa que eu fixe bastante e eu vou pegar como exemplo de vida foi o Gilberto. O Gil que me... Pegava bastante no pé da gente também. Por uma questão de estudo, mas também por uma questão de vida: crescer, de ser algo na vida também. Ele me ensinou a ser muito ambicioso nesse sentido. O Gilberto, não só pra estudo, mas pra pegar muito, mas pra pegar firme mesmo com os estudos, como pegar firme, agarrar forte a vida. Não ter medo de nada na vida, e enfrentar todos os problemas, e tocar o pau. Porque o Gilberto era realmente um espelho pra mim. Porque ele veio da mesma região, e ele até era parente de uma menina que eu namorava, que era a Ita. Ele era da família D. Família D. era uma família bem rica lá no interior. Mas assim, ele era da família D., só que ele ficava numa cidade um pouco mais distante de Itacarambi, que era onde eu morei. A vida dele foi totalmente na roça, assim, no meio do mato. Manga é uma cidade assim meio que... sabe? Vilarejo. Deserta, um vilarejo, um deserto... Meio que isso. Poucas casinhas, que não dá... dá pra ver o vilarejo quando você chega e quem mora lá todo mundo se conhece, meio que parente, meio que uma família. Ele era de roça, de roça mesmo, e ele se saiu de lá, ele estudou, correu atrás meio da mesma forma que eu estava fazendo. Ele fez escola agrícola, aí ele quando chegou lá meio que fez agronomia... de agronomia ele estava fazendo mestrado, foi na época que entrou na escola. E hoje, pelo que eu sei dele, tanto que vai ser a maior prova para mim dessa ambição que ele tinha... de querer chegar num lugar assim... ele chegou como professor, um professor meio doidão, sabe? O jeito de andar, ele arrastava e dizia: “Vamos, vamos!” Ele era meio que louco, ele entendia os loucos porque ele já tinha sido louco, de maconha e esses negócios.”

“Ele sabia disso, a gente chegava doido na sala: “Está louco, filho da ***”. Xingava! “Fica fumando essas bostas e vem pra cá! Não dá pra dar aula pra você direito. Vamos para o campo, vamos. Porque do jeito que vocês estão...”. Ele percebia, ele sacava isso. Só que assim: ele nunca “caguetou” a gente. Ele nunca... tipo, ele falava: “Não fuma aquilo, evita essas coisas. Eu sei o que é isso, já fiz isso.”. Sabe? Aí é diferente. Uma pessoa que está te dando exemplo, não é uma pessoa que está te dizendo: “Eu li isso e estou te falando isso”. Ele fez, sentiu na pele e ta mostrando o contrário: que é o contrario que é o resultado legal. Você pode até ter participado das coisas, você pode até ter feito alguma coisa errada, todo mundo tem direito de errar. Mas ficar persistindo no erro, aí é diferente.”

2.7 – A escola agrícola

“Nossa! Amava!” (2)

“Como eu pensei em ir para a área da agricultura, que era a área que tinha dinheiro, que estava dando dinheiro, falei assim: vou conseguir, vou ser técnico agrícola. Eu já tinha terminado a oitava série, já tinha uma cabeça melhor um pouco. Ou, por mais que não tenha, mas você já entende melhor as coisas, já compreende mais. Aí você fala: vou ter dinheiro, vou ter carro, vou ter moto, ter minhas coisas e beleza. Vou que vou e eu quero isso! Porque eu já estava demais, eu estava difícil, eu percebi isso.” (1)

“Eu estava meio encaminhado, mas tinha que chegar e aí resolver todos os problemas que eu tinha pela frente. Eu fui acostumando com isso. Desde o inicio, do dia que eu desci daquele ônibus até hoje, eu não voltei mais pra casa. Eu voltei pra casa, mas foi de férias.” (1)

“E foi na escola agrícola que eu aprendi isso, a se virar, se você tem pra comer você come, se não tem você não come. E lá não tem pai, não tem mãe, se você for fazer errado você vai pagar, se você fizer certo você vai ter mérito, e ai foi... fui tendo isso na escola agrícola.” (1)

“Nossa! Hoje eu tenho uma influência na empresa muito enorme, todo mundo gosta de mim, eu gosto de todo mundo também. Você vê que é uma coisa legal, uma coisa divertida

que não é falsa. Eu assim, eu olho, quando eu vejo que é falso... eu aprendi isso na escola agrícola, a identificar pessoas, porque você tem contato com muita gente.” (1)

“A aula de Marketing que eu tive foi através desse colégio que eu fiz... lá tinha assim umas semanas tecnológicas. Então você escolhe os cursos que você quer fazer. Eles colocam muitos, muitos cursos, e você coloca os que mais se interessa ou o que você mais gosta, se inscreve e vai lá e faz os cursos. Através disso eu aprendi muita técnica de venda, como de marketing, essas coisas.” (1)

“A escola agrícola para mim foi isso, entendeu? Foi me linkando com pessoas que gostavam de coisas boas. E como você é técnico agrícola, a pessoa já te olha diferente. Ela não te vê mais como um menino, por mais que você não tenha idade, e você ainda é um menino, mas ela já começa a olhar para você com perfil já de homem. “Ah, ele está no caminho. Ele está indo para um lado legal!”.(2)

3 – OUTROS MEDIADORES SIGNIFICATIVOS

3.1 - Paulo e a família do Paulo

“Eu estava focado lá na região de Manga, tinha muita, muita plantação. Eu me apaixonei por isso por conta da escola agrícola e também pela família do meu amigo Paulo, que sempre incentivava a gente.” (1)

“Errar assim... seja por influência de alguém, não sei se você já reparou, mas sempre tem alguém que leva a gente. Tem gente que a gente realmente só faz aquelas bagunças se estiver com aquela pessoa perto. Não sei se reparou isso: uma amiga, uma pessoa. Então, lá era o Paulo. Paulo era a pessoa. Tanto que num feriado prolongado ou algo assim, eu tive contato com a família dele. Mas é aquela coisa: a família dele era evangélica, era tudo. Dava todo um suporte para ele, em questão de ler também. A família dele é muito culta, tinha essa questão também. Só que é que nem estou te falando, você está aqui, está no meio, você se influencia. Eu me influenciei pela família dele. Tipo, pegava uns exemplos. A família do Paulo é muito importante para mim. Também nessas questões, tinha um feriado prolongado, eu ia para a casa deles.”(2)

“Na família dele teve um fato engraçado. Camisa com caveiras eu não ponho hoje e desde aquela época pra frente. Percebi que isso mudou um pouco minha vida. Se é superstição ou não, para mim procurei fazer isso. E eu gostava muito de camisas de caveira, algum tipo de bicho, alguma coisa... Aí a tia dele, uma das tias dele lá, disse assim de boca, meio sem forçar: “Sabe, Pedro? Tem coisas que a gente atrai pra a gente. Quando você usar, tipo, em questão de cores essas coisas... quando você usar, usa o branco, o branco é paz. Vermelho é amor, amarelo é amizade,... Então, quando você usa uma blusa de caveira, de alguma que está passando uma mensagem ruim, os espíritos ruins vem pra você. Você está dando uma mensagem de positivo pra eles. Você não está dando uma mensagem de positivo pra eles se estiver usando uma camisa amarela que significa amizade. Mas quando você coloca uma camisa de caveira ou de alguma coisa, essas coisas demoníacas, você está se voltando pra isso. Isso você não pode nem perceber, mais você começa a se voltar para isso. Vai querer tudo sobre caveira... Você vai começando a querer se envolver com isso que você acha que é legal, você acha que é bacana. Aí você vai querer conhecer alguém que também acha que é

bacana, pra começar a te influenciar por outra coisa que você vai ver que não é bacana. Então é simples, ta? É uma camisa, é pano, é tinta, mas é uma mensagem que você está dando. Você está estampando isso em você, você está dando essa mensagem. Então, não vou te pedir para você não fazer, é seu gosto, eu sei. Mas procure evitar!”. E eu, sinceramente, vi que mudou bastante. Eu não compro nada que tenha caveira, sabe? Essas coisas. Nem que tenha uma caveirinha, não compro. Eu sempre procuro comprar alguma coisa, assim... Eu gosto de preto, preto é escuridão, isso e aquilo. Mas eu penso assim: preto é contraste! É só mudar um pouco de conceito. Preto é contraste! Se coloco alguma outra coisa, dá contraste. Então penso assim. Aí eu voltei pra isso, influência de lá da família Paulo”.(2)

“Assim: a família dele tem resultados de vida. A família dele é bem de vida e tudo através de estudo. São pessoas formadas, a mãe dele é formada, não estou lembrado se a mãe dele tinha alguma coisa haver com estudo, prefeitura, não lembro direito. Só que ela cobrava muito resultado, sabe? E como é que estão as notas suas, conversava bastante com a gente. Qual a matéria que vocês mais gostam? Sabe? Eles focavam nisso e perguntavam muito sobre o assunto... Cultura. “Como que é isso aqui?”, “Ah, eu estou com uma planta aqui...”, aí você acaba voltando para esse lado, eles não deixam você fugir disso.”(2)

“Isso! Eles faziam associação da prática com a teoria que nós estudamos.”(2)

“E a família dele era muito voltada para o estudo queria tirar isso da gente, extrair isso da gente, perguntar como é que está o resultado, eles têm isso.”

“Nossa, sou apaixonado com eles!” (2)

“E de apesar não ter contato, e ver poucas vezes, a família dele teve muito influencia para mim... nesse sentido de estudo, de ter resultado,. Os tios dele também, todos técnicos agrícolas, todos passaram a ser agrônomos, todos tem lojas de produtos agrícolas e assim... tudo estudo!” (2)

3.2 - Elton

“A dona Dalva que trabalha nesse escritório junto com o Vinicius, trabalhava em um escritório chamado XXXX, lá de Belo Horizonte. Quem me trouxe pra cá, é o irmão do dono desse escritório. O Elton foi casado com uma prima minha, então por influência dele eu vim para Campinas. Ele falou: “Lá é bem melhor para ganhar dinheiro do que Belo Horizonte, vai pra lá que vai ficar melhor para você.” .” Ai beleza, vim pra cá e comecei a trabalhar em um restaurante, de ajudante. O dono me fez uma proposta, mas quando cheguei aqui era outra. Eu falei: “Não, não é isso, não vou aceitar isso, mas também não vou voltar para casa, eu vou ficar.” O cara me ofereceu R\$700,00 e casa. Cheguei aqui, ele estava querendo dar R\$300,00 e não ia dar a casa. Aí falei: “Não, isso ai também não, não quero.” Ai eu fiquei um pouco na casa do Elton, morava de favor. Nisso, o Elton tinha uma loja de carro, eu já tive curso de vendas, eu também sou um pouco de vendas... como eu falo bastante, eu sei fazer propaganda das coisas.”

“Trabalhando com o Elton, eu consegui ter um desenvolvimento bacana. Aprendi a ter simpatia com as pessoas, conseguir ter algumas técnicas... Eu consegui vender bastante pra ele... só que ai o Elton foi embora. (1)

3.3 – O amigo Vinicius

“Aí quando voltei para Belo Horizonte mudou tudo. Aí eu já conhecia o Vinicius... na verdade já conhecia de pequenininho o Vinicius. Ele esteve na mesma escola da tia Ioni, mesmo local... então assim, as amizadinhas sempre existiram, por mais que eu fui e voltei, nas férias eu vi o Vinicius. Mas aí, o Vinicius já estava um pouquinho maior... A gente sempre esteve ligado, nunca se perdeu isso. Igual eu falei, por mais que eu ficasse distante, quando voltava já queria ver meus amigos. Tocava ir na casa deles para saber onde estavam.” (1)

“Quando eu voltei para Belo Horizonte, eu vi que já não tinha mais oportunidade para mim, tanto que eu fiquei sem fazer estágio. E eu tinha um estágio ainda, da escola agrícola para cumprir. O que eu fiz? Fui para o departamento pessoal, na área administrativa. O Vinicius trabalhava num escritório e eu ia no escritório trabalhar de office boy. Foi aí que comecei a me influenciar mais para isso. Mas quando acabou a escola agrícola eu fiquei mais

de dez anos sem estudar. Nesses dez anos, vim para cá, pra Campinas. Em 2004, quatro, em Belo Horizonte, foi quando eu tive mais contato de conversar com o Vinicius, e comecei a ver um mundo diferente.” (1)

“Comecei a ir para o administrativo, conheci de verdade o Vinicius, conheci amigos. Ele estava trabalhando, vi quem era realmente o Vinicius. Aí eu fui voltando para essa área. Através do Vinicius, que me arrumou uma oportunidade na empresa onde ele trabalha, eu vim para essa empresa.” (1)

“O Vinicius colocou no meu ouvido: “Você estuda, estuda! Porque se não você não consegue as coisas. Eu não consigo aumentar o seu salário, eu não consigo fazer nada, você tem que estudar!” (1)

“Eu estava parado, tudo bem, mas agora eu tenho uma bagagem legal, tenho uma bagagem boa, vou pegar esse incentivo deles, abraçar essa oportunidade que o Vinicius está me dando. Foi quando eu entrei nesse emprego que estou hoje, deu um ano e pouquinho a Natália entrou para estagiar.” (1)

“Ele era assim: “Faz curso, estuda! Tá vendo isso aqui?”. O Vinicius nunca me ensinou assim: “Isso aqui é roxo, aqui tem a fitinha...”, não. Ele me deixava curioso... por que que é roxo? Por que tem a fitinha? Vai lá, depois você volta. Então isso te... Você tem que ir lá e se virar. Você vai ter que estudar, vai ter que... Email, nossa! Email tinha umas palavras erradas. Aí vem o Vinicius, me chama a atenção: “Toma cuidado, faz isso, faz aquilo”. Aí, comecei a pegar mais na leitura, mais ainda! Eu sou muito mais voltado para documentário, mas documentário você está vendo, você vai ter assunto, você vai saber falar sobre o assunto... mas se alguém pedir para você escrever, falar sobre aquele assunto, você está enrolado! Falta de estudo eu acho que é isso aí.” (1)

“Assim, o meu resultado aqui... foi até uma conversa que eu tive com o Vinicius no dia que eu falei que eu ai embora. Falei: “Olha Vinicius, eu sempre me preocupei em te dar retorno da oportunidade que você me deu”. Hoje a minha vida está nesse pensamento: dar retorno daquilo que ele me deu, que foi a oportunidade.” (1)

“Você consegue saber quem que é espertinho demais, quem que não é, e isso você trás pra sua vida. E isso eu percebo, isso eu não sinto nas pessoas aqui, eu sinto que as pessoas gostam do Vinicius aqui dentro. Eu sempre tive na minha cabeça: nossa, eu vou dar resultados pro Vinicius, eu vou dar resultado pra ele, vou dar resultado pra ele! Porque ele confiou em mim na hora que ninguém queria confiar. Eu estava sem estudar, estava trabalhando de motoqueiro, porque não tinha o que eu fazer. Fazia serviço na área administrativa, mas eu era boy... e entendia um pouco do documento, mas não era assim a fundo. E o Vinicius me deu a oportunidade. E eu peguei! Ele virou pra mim, quando me colocou no departamento pessoal, me deixou mexer com arquivo, e falou: “Você tem três meses para aprender, se você não aprender vou ter que mandar você embora, não tem o que fazer.” Aí eu me foquei nisso. Falei: “Não vou embora e vou mostrar para ele que eu sou capaz!”. Hoje eu pedi para ir embora. E vou embora porque já mostrei pra ele que, ele confiou, ele colocou o dele na frente muitas vezes, e eu nunca deixei a desejar nesse sentido.” (1)

“Vinicius é irmão. Irmão, pai, amigo, nossa! Muito, muito, o Vinicius é muito especial pra mim.” (1)

“Elton era o contador dessa empresa onde estou. O Vinicius substituiu o Elton, e o Elton foi pro concorrente. Só que nisso eu já tinha vendido para o Vinicius, eu tinha equipado o carro dele todo, eu tinha colocado insulfilm, que é... Coloquei bastante coisa no carro dele, e dei um super atendimento pra ele, tipo... super atenção. Aí, como tinha muito tempo que a gente... Ele estava pra Brasília, eu estava pra cá, estava meio que distante assim... e não via já fazia um tempo, ele percebeu também que eu fui bacana com ele lá, não sei, eu não mostrei indiferença, sabe? Sempre gostei do Vinicius... o fato dele ter bebido muito, durante uma época aí... assim, as pessoas falavam muito disso, sobre isso, só que como eu já havia usado drogas, já tinha feito muita coisa errada também, eu não olho pras pessoas por isso. Quer beber, tudo bem! Às vezes o cara está em um mau momento dele, não sei, é fase. Eu vejo como fase, eu vejo o Vinicius não é assim, é outra pessoa. Você não vê o Vinicius em farra, o cara está casado. Então assim... eu acho que você não deve avaliar as pessoas por causa disso. É aquela coisa, ele está persistindo em um erro mas não é que ele está persistindo em um erro... é o meio que ele está, as influências, as pessoas que estavam naquela época, não estão mais hoje. Os contatos que o Vinicius tinha, não são os mesmos. Por isso que o Vinicius não é o mesmo; ele mudou e as pessoas que estão em volta dele têm outro conceito. Então ele é

outra pessoa hoje, mas eu sempre vi ele do mesmo jeito. Ele assim, ou ele antes: um bebedor, que saía, baladeiro, essas coisas... eu sempre vi o Vinicius como o Vinicius. Uma pessoa que eu gosto. Estou pouco me lixando. Ele era vizinho meu. Às vezes, quando eu chegava em casa das minhas baladas e ele das dele, (porque eram turmas diferentes, mas a gente sempre teve contato), se eu chegasse, o Vinicius estava ruim na porta da casa dele, não conseguia nem entrar de tão chapado que ele estava... sentado, agachadinho, de cabeça baixa... Do lado da casa lá, tinha um barzinho, a porta fechada, ele encostava no cantinho e ficava. Aí eu chamava a mãe dele. A gente colocava ele pra dentro, todo mundo. O Vinicius sempre teve... Ninguém nunca mexeu com o Vinicius daquele jeito. Podia passar ladrão, podia passar o que fosse ninguém nunca mexeu com ele ali. Sempre quem conhecia, chamava a Maria, que é a mãe dele, colocava ele pra dentro. Pronto, morreu, fechou. Então, acho que vem de tudo isso aí, todo esse longo tempo de amizade nossa, que fez também o Vinicius acreditar em mim, e me ver Pedro, não me ver um menino que anda de moto, que empina, sabe? Um menino sem estudo... que não está estudando, ele me viu como uma pessoa. Me colocou... Eu acho que aí é que está: o que você faz com a pessoa lá atrás, tem resultado agora. O Vinicius me deu oportunidade, então vou dar resultado para ele. Dei resultado. O Vinicius viu que... O Vinicius achou muito ruim, eu ter saído. De eu estar saindo... A gente conversou bastante... Para eu ficar. Só que assim: entrou a Gabi na história também. É igual eu falei, o que eu tenho hoje... O meu papel com o Vinicius eu fiz, eu nunca vou deixar de ser amigo dele. Mas assim, a oportunidade que ele me deu, eu agarrei, eu abracei, dei resultado, estudei como ele me pediu. Hoje ganhei, ele tem uma confiança em mim muito grande. O Vinicius confia muita coisa pra mim, coisa de trabalho que ele não confia em outros. Então assim, eu ganhei muito com o Vinicius, ganhei muito e tentei dar muito pra ele também, sabe? Nunca deixar falar: “Ah, por causa do Pedro, o Vinicius...” Não, jamais! Aí eu acho que eu cumpri com isso. Um dever que eu tinha com ele. Pagar a dívida, nunca vou conseguir pagar, eu tenho isso comigo, o Vinicius pra mim... Nossa! Eu sempre que puder, onde eu estiver eu vou tentar ajudar ele ao máximo, sempre, sempre, eu tenho isso comigo. E já sei que a Natália é a mulher da minha vida. Sei lá, companheira, ela cuida muito de mim, ela me colocou para cima. Quando eu conheci ela, eu tinha acabado de terminar com a mãe do meu filho. Então, assim... ela veio em um momento que eu estava precisando. Eu estava não pra baixo, não estava assim no fundo do poço... mas eu não estava legal, não estava em um momento bacana, e ela me ajudou entendeu? Ela me colocou para estudar de novo, ela me deu incentivo de vida. Assim como o Vinicius. Então os dois pra mim são muito importantes. Eu não vou estar

abandonando o Vinicius, porque o Vinicius eu não vou abandonar nunca. Eu só estou saindo da empresa que o Vinicius me abriu oportunidade, me deu a porta pro mundo, porque a Natália está em outra cidade, e eu não consegui trazer ela pra cá. Então, assim... são pessoas importantes que tiveram bastante influência no que eu sou hoje, no resultado que eu sou hoje. Só que o meu papel com o Vinicius eu consegui fazer, que era o que ele queria que eu fizesse. Se fosse um mês de trabalho, ou nesse período todo de trabalho, eu jamais ia deixar alguém falar dele por minha causa. Sabe? Alguém cobrar dele. E ele colocou o dele na frente muitas vezes. Ele mesmo, ele se espantou com pessoas me elogiando do trabalho que a gente começou a apresentar por setor de área específica, mas assim... tudo baseado no Vinicius. Era um resultado que eu estava dando, sim, mas se eu não tivesse a força deles, se não tivesse o apoio deles, talvez eu não conseguiria. Talvez por mais pró ativo que eu fosse, por mais iniciativa que eu tivesse, a influência dele é muito grande em tudo isso aí. (1)

“Ele meio que foi meu guia durante um tempo. Meu pai, meu amigo durante inúmeras vezes. Mas eu não preciso estar realmente do lado dele pra ser amigo dele. Nunca. Não existe essa relação com a empresa, relação de trabalho. Ser amigo dele não tem nada a ver com isso. Então eu acho que eu posso fazer isso. Igual eu até falei: “Olha Vinicius, eu tentei te ajudar aqui. Acho que já ajudei aqui, cumpri o meu papel, e agora eu vou dar uma força para a Natália, porque primeiro é a pessoa que eu quero ficar.” (1)

“...eu aprendi a trabalhar com o Vinicius. O Vinicius já me ensinou, já está bom. O Vinicius aumentou mais a minha bagagem. Então é igual ele falou: “Aqui te dei uma oportunidade, quando você sair não precisa ir para outro lugar, vem pra cá. Não precisa procurar outro lugar, pode vir pra cá, que aqui tem espaço para você.” Então... assim... já é uma preocupação a menos que eu tenho. Se der errado lá, todo mundo aqui sabe que eu não estou indo lá por causa da empresa, por causa de lá. Assim, as pessoas de influência na vida são essas aí.” (1)

“E assim, a pessoa tem um trabalho... eu aprendi a trabalhar, então eu não preciso ficar mais com o Vinicius. Ele meio que foi meu guia durante um tempo. Meu pai, meu amigo durante inúmeras vezes. Mas eu não preciso estar realmente do lado dele pra ser amigo dele. Nunca. Não existe essa relação com a empresa, relação de trabalho. Ser amigo dele não tem nada a ver com isso.”

3.4 – A noiva Natália

“E aí eu conheci a Natália. A Natália foi importantíssima. É a minha noiva hoje. Ela e o Vinicius colocaram na minha cabeça que eu tinha que estudar.” (1)

“E a Natália também me incentivou muito a estudar. Então assim, chave mesmo, base de vida, eu tive dessas pessoas que eu te contei. Uma influência muito forte. Mas como eu fiquei nove anos parado, quem me deu assim um “up” de novo, foi o Vinicius e a Natália. Eles que me fizeram realmente pensar.” (1)

“E a Natália é assim: é pró-ativa, Natália é muito pra frente.” (1)

“Hoje a Natália é coordenadora de duas cidades, na N. Ela trabalha na N., estudou junto comigo, entrou na Faculdade... Nossa, era um terror! Ficar o dia inteiro junto, é complicado. A gente vinha trabalhar junto. Ela trabalhava longe, mas meu trabalho era totalmente ligado ao dela. Saíamos juntos. Eu tomava banho, ela tomava banho, passava na casa dela, ia na mesma sala da faculdade. A gente passava o dia inteiro juntos, o dia inteiro. Era bem complicado, quem fica o dia inteiro briga mais do que quem está em menos contato. Eu aprendi isso, nunca mais vou trabalhar com ela, é bem complicado.” (1)

“A Natália foi para mim essencial para eu voltar a estudar, o Vinicius também. Mas a Natália pegava bastante no meu pé para fazer faculdade. Aí agora eu só não estou fazendo pós esse ano, porque assim... comprei uma moto, fiz algumas coisas, vou dar um tempo esse ano. Mas ano que vem eu estou querendo fazer pós. É caro, é isso, isso e aquilo mas eu coloquei na minha cabeça, vou fazer, vou fazer, e vou fazer. Esse ano que entra agora eu quero fazer.” (1)

“Agora é a hora de ajudar ela, entendeu? Vou ganhar menos? Vou. Vou começar tudo de novo? Vou. Mas vou pela pessoa que me ajudou. Não só pelo fato dela me ajudar, mas por ela ser a pessoa que cuida de mim, a mulher que está sempre do meu lado, que me ajuda a cuidar do meu filho, sempre estando ao meu lado... então é meio que uma dívida. Não dívida assim: “Ah, eu devo isso pra ela!”. É minha, é uma dívida para comigo, da pessoa que eu sou. Eu devo fazer isso, é uma coisa sensata, é uma coisa... É aquela corrente do bem, sempre querer fazer.” (1)

“E a Natália também, porque saindo daqui, eu ia namorar. E hoje é minha noiva. Não vou falar que já vou casar, porque casar é uma coisa que dá medo. Então mais pra frente eu penso nisso. Mas assim, vou pra morar com ela, vou ficar com ela. Ela é muito... o problema é porque, ela sente... Tanto, tanto, tanto, tanto, assim... a falta de família e minha lá do lado dela assim, de apoio. Ela é tão agarrada nisso que estava dando problema de saúde, afetando muitas, muitas coisas. Dor de estômago, por causa de ansiedade... estava dando muita dor no estomago dela, ela estava sofrendo. Estava dando inúmeros problemas.” (1)

4- MEIO SOCIAL/CONDIÇÕES DE VIDA

“... meio que me revoltei, não agüentava mais ver isso! Falava de pai eu ficava com raiva, por que eu não tinha o meu e eu não consegui entender porque ele não estava ali, e ficava meio frustrado com isso, não gostava dessa ideia.” (2)

“No sentido assim, meu pai a história dele, ele é ladrão, ele está lá em São Paulo, ele rouba, ele está preso... Era sempre isso que eu escutava, e de alguns tios: “Ah! É assim porque puxou ao pai”. “Filho de peixe, peixinho é”. Então, eu também tive a minha visão e sempre fui contra. Se a pessoa vier pro meu lado, e falar que eu não vou ter um resultado, nem que eu me mate para ter o resultado, mas eu vou mostrar o resultado.” (1)

“Eu vi que não tinha mais para onde correr, e a bagagem que eu tinha lá atrás, a influência dessas pessoas, igual das tias quando eu ia nas férias, e de todas as pessoas que eu conheci, sempre me deixaram assim: não importa o que você está fazendo, se você saiu da área, se você não está na área. O que você vai fazer, faz bem feito. Procure amar o que você faz, não amar alguma coisa para você fazer, que as vezes não vão dar certo, a vida te leva para um outro caminho... como me levou... eu gostava muito de terra... mexer com isso e aquilo, mas, a vida me levou para outro lado, e todas essas pessoas que tiveram nesses caminhos desde a tia Neuza até o professor um professor meu, Gilberto, me passaram essa mensagem. Eu tinha bagunçado bastante, escutei muito. Escutei muitas e muitas pessoas falar horas e horas. Desde a tia Neuza até o Gilberto e a família do Paulo, todo mundo. Muitas conversas. Então, eu não tive dificuldade de largar o agrícola, porque não fiquei apegado a isso. Hoje eu acho que isso foi o resultado, o reflexo dessas pessoas. (1)

“Não por causa de matérias de leitura... foi por uma matéria de matemática. Eu lembro até hoje o nome do professor: Romeu. E o que eu o Henrique fizemos com esse rapaz: riscamos o fusca dele! A gente era muito revoltado, era... a gente era muito bagunceiro. A gente furou os quatro pneus do fusca dele, riscou o fusca dele todinho! Assim... a gente estava em uma rebeldia que não tinha condições.” (2)

“O que a gente fez a hora que chegou lá, que ele apareceu na sala? A gente amassou a prova, levantou, e jogou na cara dele. E falou pra coordenadora que estava na sala que a gente estava fazendo isso porque ele era safado, ele tinha... a gente falou... a Joyce passou, fulana de tal passou... as meninas que também ficavam com “esqueminha” de matar aula, e não faziam nada, passaram na matéria dele, e nós não. Então a gente tinha revoltado, não queria mais saber daquela escola, tanto que a gente foi transferido de escola, eu fui embora, minha mãe... A família meio que achou ruim isso da gente.” (2)

“Ah! Colava! Lógico, né? Não ficava ligando pra isso aí na época. Não estava nem aí, você tem quinze anos. É aquela coisa... ele vai plantando a sementinha na gente, hoje eu tenho consciência disso. Eu acho que isso ele sabia, já deve ter passado por isso. Alguém jogou a sementinha nele, e se vingar, beleza! Se não... Vai pra frente e amanhã vamos ver o que dá! E a gente dá cabeçada,. Acho que a gente lembra mais das pessoas que nos dão conselhos, algumas pessoas assim, nessa época. É a época que você deu uma cabeçada, é aquela que o bicho pegou pra você e você está naquele momentinho ali, que parece uma eternidade... que você está pensando de olho fechado, sabe? Você está longe... e começa a voltar e a pensar nas pessoas. Eu sempre gostei muito de bagunçar de moto, quando eu fui pra esse interior, minha vida foi toda voltada pra moto. Então assim, eu me foquei mais pra esse sentido. Por lá tem muito, muito isso, porque é da região. Então eu parei com bicicleta, parei com as coisas de criança e voltei pra moto. E aí você vai conhecendo uns carinhas meio errados, essas coisas assim, e como eu me voltei muito pra isso... Aí teve questão de policia pegar a gente. Na época você tem medo e você não sabe o que vai acontecer. E é nesses momentos que você lembra do Leopoldo da vida. Nas coisas que ele falava, naqueles dez minutos que ficava na sua frente, falando, falando e falando. E você está de boca fechada escutando. Às vezes você não está nem escutando o que a pessoa está falando.” (1)

“Mas aí a gente começa a aprontar, porque querendo ou não você começa a andar com umas pessoas, por influência. E outra: quem empina na época, e faz essas coisas... não é que toda pessoa que empina e faz essas coisas que esteja envolvido com roubo, mas um bocado deles está porque é adrenalina. Não é um roubo por roubar, é um roubo por diversão. Pela adrenalina de sentir as pessoas correndo atrás de você, e as pessoas que te conhecem verem o que você conseguiu fazer. Meio que um Robin Hood, sabe? Você roubou, a polícia veio e ninguém conseguiu te pegar. Aí você volta para onde você mora, para floresta, que é o seu

bairro, e você conseguiu dar fuga, e ir empinando. Às vezes você nem roubou, mas chamou a polícia para correr atrás de você. Querendo ou não isso é crime, é coisa errada. Então você acaba indo pra esse lado.” (1)

“Se a pessoa vier pro meu lado, e falar que eu não vou ter um resultado, nem que eu me mate para ter o resultado, mas eu vou mostrar o resultado. E usando coisas boas, sempre baseadas em quem? Em professor Leopoldo, em tia Neuza, essas pessoas. Faça de tudo, mas faça o bem. Nunca passe ninguém para trás, nunca atropete alguém para obter um resultado. Mostre o seu resultado, se esforce, se empenhe, mas fazendo coisas boas, coisas legais.” (1)

“Eu acho que... sei lá, se é obra de Deus ou não sei de quem, mas acabou que foi o filho dele que teve tudo o que ele queria pra mim, foi tudo refletido no filho dele. E eu dei um tapa na cara dele fazendo isso. Mostrando para ele que ele quem tirou o filho dele disso, nem foi ele, fui eu. E eu que achavam que ia pra esse mundo, porque eu era muito mais arteiro que o filho dele. Muito mais! O filho dele sempre foi quietinho, mas eu sempre observei isso no mundo das coisas ruins: os quietinhos, aqueles que não falam muito, quando eles se entregam, eles se entregam de verdade, vão que vão mesmo, e aí não escutam mais ninguém... Porque como é quietinho, as pessoas boas não dão muita atenção nesse sentido, porque eles não estão precisando disso... Como eu escutei muito isso, acho que acabou que eu tive mais experiência de entender o que é certo e o que é errado de alguma forma do que ele.”

“... eu tive uma influência de vida, que assim, eu sempre penso que as influencias de vida devem estar ligadas totalmente a leitura, porque se você está em uma escola quem te dá essa influência, ela te influencia para ter resultado. O resultado, que é ter uma carreira, é tudo baseado em estudo. Não tem como você chegar se você não tem estudo ou base de alguma coisa. Por mais que seja venda, você tem que ter base, por mais que você não leia, mas você vai ter que procurar saber como que é o produto. A gente pode dar o exemplo da empresa que trabalho hoje: a pessoa não tem estudo, mas ele sabe tudo do produto que ele faz, ele aprendeu tudo, ele procurou saber, se informar, eu acho que esse é o sentido de leitura: procurar se aprimorar! Ou ler por uma questão de cultura ou ler por uma questão de ciência, de ter mais ciência da coisa. É sempre isso. Para ter um resultado financeiro? Também. Sempre eu acho que está voltado para isso. Eu acho que a leitura é uma coisa gostosa, que é cultura, a gente aprende muita coisa. E nisso não está uma relação de dinheiro. Mas se você for olhar, a gente

estuda muito para ter resultado de grana, porque ninguém estuda muito porque gosta de estudar. A gente gosta de estudar, é lógico! Mas assim, pelo conhecimento, pela curiosidade, e por entender as coisas. Mas no final, aquilo ali é para te dar algum resultado de dinheiro, e isso eu vi lá: você vai ter que ter algum, porque daqui a pouco tem alguém que depende de você. Sua mãe que ficou doente, o filho, uma família que você construiu. A vida está indo e não para. Aí você começa a perceber... não tenho mais quinze anos, não sou mais menininho, minha mãe não me dá mais tênis, minha mãe não compra mais brinquedo, apesar que ela nunca comprou... mas você começa a entender isso, começa a cortar realmente essas coisas. Percebi que não tinha mais a minha tia para dar um doce quando acabava de fazer a tarefa. Isso acaba, você vai percebendo isso... e para mim a escola agrícola, foi muito bom para isso, foi meio que um corte geral. Então, lá eu não podia xingar ninguém, como eu xingava em casa. Acaba que você vai pegando a liberdade de xingar a sua mãe, eu fui ficando muito rebelde, você perde os limites, você perde o respeito, você perde muitas coisas, e quando eu fui pra lá, eu fui ganhando isso de novo, aprendendo a conversar com as pessoas, apesar de ir um pouco rebelde, de não deixar ninguém vim querer por a mão em você, eu sempre... Eu nunca... Em todo lugar que eu entrei, por eu ser pequeno, eu sempre fui meio fechado pra isso, eu nunca dei muito espaço para a pessoa começar a ter essa liberdade comigo, de querer vim abusar de mim, por eu ser pequeno e achar que eu sou frágil por isso. Não vem, não! Porque eu sou pequeno, mas sou perigoso, sou nervoso... eu fui... Tive uma infância um pouco difícil... então assim, isso foi um escudo que eu criei quando eu comecei na escola agrícola. Falava: “eu sou pequeno, mas não sou bobo, não vem pro meu lado!” Porque quando você entra em escola agrícola tem muita gente. Tem rico, tem pobre, de classe média, tem tudo. E quando você chega lá, eles mudam seu nome. Mas aí não é uma questão da escola, é tipo trote, você chega lá e é obrigado a ficar pulando pros outros, você é obrigado a ter um apelido. Mas assim... sempre tive jogo de cintura para essas coisas. Saber conquistar um espaço em um local que está difícil... sempre tive facilidade, nunca tive dificuldade... então eu criei amizade muito rápido, eu me estabeleci e foi rápido... e eu era interno, eu fui pra lá pra ser estudante interno... lá você fica o dia inteiro focado nisso, você trabalha de manhã, durante seis meses. Trabalha de manhã e estuda a tarde. Aí deu as férias, você vai voltar estudando de manhã e trabalhando a tarde, pra revezar, trocar o turno. E assim você não tem tempo, a rotina era essa. Sete da manha estava todo mundo tomando café, dava oito horas já estava todo mundo no campo, aí todo mundo começa a trabalhar. Você trabalha e o almoço começa onze e meia, porque tem alguns estudantes que começam a voltar a estudar. Aí as aulas começavam

e onze e meia, meio dia já estava servindo o almoço. Aí tem uns que estão ali no pavilhão pedagógico e tem outros que estavam no campo. Aí vai chegando, alguns vão pro refeitório que já saíram da aula e outros vão pro vestiário, estão se trocando. Então você fica nessa rotina. Almoça, acabou o almoço a aula volta uma hora. Quem estava de manhã estudando vai pro campo e quem estava no campo vai para estudar.” (1)

“Então, você aprende a levantar... e eu até hoje tenho isso, eu acabo de levantar, primeira coisa que faço antes de escovar os dentes, antes de eu fazer qualquer coisa, é puxar a colcha, a coberta, já ir dobrando tudo, porque hoje eu ainda moro em república. Mas você já acostuma com isso. Quando eu vou na casa da minha mãe, quando eu vou na casa da minha noiva, a mesma coisa. Você já acorda com aquilo, já tem que deixar organizado pra quando eu chegar já estar... não ficar perdido. Mas isso é questão de ir se acostumando.” (2)

“Como fiquei tanto tempo sem estudar, você vem meio fraco no português, você meio que sei lá... você perde as regrinhas... quem não está lendo, quem não está escrevendo, ele se perde na hora de escrever, não tem ideia! Ele consegue falar mil palavras, mas na hora que ele vai escrever, ele não consegue conjugar essas palavras, não consegui passar o que ele está pensando pro papel, e acho que isso é muito importante: a leitura. Tem pessoa que é geniosa, é espantosa as ideias que a pessoa tem, mas na hora que ela vai colocar no papel, ela não consegue dividir a ideia dela. Tipo: início, meio e fim. Ou blocos, ou pensar como colocar aquilo. Se ela falar, ela te fala tudo, mas se ela for colocar, por falta da leitura eu acho... essas coisas, ela não consegue. E foi isso que eu senti quando eu cheguei aqui. Nossa, eu sou uma explosão de pensamentos, falo muito, mas quando eu cheguei, que eu ia colocar no papel, não conseguia, travava.”

“Aí agora eu só não estou fazendo pós esse ano, porque assim... comprei uma moto, fiz algumas coisas, vou dar um tempo esse ano. Mas ano que vem eu estou querendo fazer ***. É caro, é isso, isso e aquilo, mas eu coloquei na minha cabeça, vou fazer, vou fazer, e vou fazer. Esse ano que entra agora eu quero fazer.” (2)

ANEXO V - NÚCLEOS TEMÁTICOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS COM VINICIUS

1- FAMÍLIA

1.1 – A mãe

“Eu não sabia ler e minha mãe lia, com muita frequência, uma historinha do barquinho amarelo. Ai eu achava muita graça, todo dia eu pedia para ela ler. Eu pedia essa historinha... Eu não lembro nada da história, só lembro dela lendo. E tinha também uma outra história, de um menino que tinha o meu nome.” (1)

“...quando eu era muito novinho, minha mãe me incentivava.” (1)

“Só minha mãe mesmo que lia pra mim quando era muito novo.” (1)

“Depois, a noite, minha mãe lia pra mim. Ela fazia careta, ria. Ficava sentada do lado da cama lendo. Mas lia também durante o dia, porque era a história mais bonita que tinha!” (1)

“Ela sentava do lado da cama... Ela fazia careta, ria... Era a história mais bonita que tinha.” (2)

“Ai eu ficava olhando pra ela, e ela lendo pra mim. E ela fazia as caras, fazia a mãozinha (risos). Eu achava bonita a história.” (2)

“Minha mãe é a pessoa que eu mais admiro na minha vida. Pela determinação, pela educação e pela garra, pela força que ela tem. Minha mãe é a pessoa que eu mais me espelho na minha vida. Ela tem um significado imensurável. Eu contei a história d a minha mãe? Ela sempre foi lição de vida pra mim, até hoje. Minha mãe quando ela estava com seus 45 anos de idade, 46, 47 anos de idade, ela começou a estudar, ela resolveu estudar. Ela só tinha até a quarta série... Aí fez a quinta, sexta, sétima, oitava,...” (3)

“Ai você vai falar assim: “Ah, isso é fácil estudar.” Não é fácil. Porque minha mãe não fez isso com a ajuda de alguém, minha mãe fez isso depois de viúva. Não por preconceito do meu pai, alguma coisa assim... Ela fez isso por vontade! Muito pelo contrário, quando ela assumiu isso, ela assumiu muito mais responsabilidades. Porque além de cuidar da casa, cuidar da minha avó doente, ainda teve que dar educação para os meninos, os filhos. Por isso que eu acho que não tem exemplo melhor. Eu acho que se você quer, é possível. Ela conseguiu. Praticamente sozinha. E além de mãe, é a pessoa que me criou e a pessoa que eu tenho como referência, que não tem um obstáculo. E agora ela fala em fazer faculdade, vai fazer 64 anos, e fala em fazer em fazer faculdade e tirar a carteira de habilitação.” (3)

“Eu não sabia ler e minha mãe lia, com muita frequência, uma historinha do barquinho amarelo. Ai eu achava muita graça, todo dia eu pedia para ela ler. Eu pedia essa historinha... Eu não lembro nada da história, só lembro dela lendo. E tinha também uma outra história, de um menino que tinha o meu nome.” (1)

1.1.1 Materiais de leitura apresentados pela mãe

“E era um livro... Às vezes, até eu acho esse livro... Tinha um menininho... eu lembro assim, do barquinho amarelo. O barquinho era aqueles de papel, de desenho e tinha um riozinho azul, a cor da água. E o menininho colocava o barquinho no riozinho e a história começava.” (2)

“Era curtinha. E sempre a mesma. (risos) Mas era legal a história.” (2)

“Quando passou o tempo, eu comecei a juntar moedinhas para comprar revistinhas em quadrinhos. Não dava pra comprar muitas revistinhas, mas eu lia bastante. Eu pegava emprestado, trocava as que eu tinha... Ai eu lia bastante revistinhas em quadrinho.” (1)

1.2 – Os avós

“Eu lia também quando passava as férias com meus avós na roça, e lá não tinha televisão.” (1)

“Ótimos leitores! Adoram ler. Apesar de toda a dificuldade do local onde a gente morava... Meus avós adoram ler.” (1)

“Meu avós eu via sempre eles lendo. Mas incentivo, deles lerem pra mim... não estou lembrado, não.” (1)

“Tinha um jornalzinho que contava um pouco da agricultura e da agropecuária, eu lembro que meu vô lia muito isso. São lembranças que eu tenho, muito boas. Mas eu nunca tinha parado pra pensar nisso.” (2)

“Quando eu via meu vô e minha vó lendo, eu sempre tive a imagem do meu vô e da minha vó a mesma que eu tenho hoje. Isso há mais de vinte anos atrás. Quando eu via dois velhinhos lendo, a impressão que eu tinha é que eram duas pessoas muito inteligentes que estavam ali! Porque já vem a idade que passa a sabedoria, e com um livro na mão lendo, então pra mim os dois eram muito inteligentes! Um velhinho, sábio, inteligente, lendo... Eu pensava: deve ser o máximo ler!” (2)

“E não tem pessoa igual em serenidade, educação, conversa, eu nunca vi perder a paciência, sempre conversando, dialogando,... Eu sei que no passado eles não eram assim porque eu já ouvi os tios contando que lá o negócio era “Escreveu não leu, o pau comeu!”. Mas ai quando eu comecei a conviver com eles, eles já eram outras pessoas, pessoas mais serenas, que conversavam, mais sempre muito “trabalhadeiros”. Sempre tentando educar os filhos na religião, porque eles são muito católicos, e no respeito e trabalho. Todos os treze filhos que eles tiveram não tem nenhum que “desandou”. Na verdade, todos eles são pessoas muito dignas.” (3)

“...minha avó no dia do aniversário dela não quer outra ligação a não ser a minha. Ela fica incontrolável de alegria. E quando eu fico muito tempo sem ir lá, quando eu ligo e

converso com eles, eles começam até a chorar de saudade. De tanto que eles gostam de mim.”
(3)

“Lembro que quando eu era bem mais jovem, quando eu passava temporada na casa deles na roça, eles não tinham muito. Mas eu ia, ajudava bastante, tirava leite na roça, cuidava das criações, e a forma que eles tinham de me agradecer era: me davam um sabonete, me davam um short, me davam uma toalha. Só que eu sei que aquilo era... hoje eu sei... que aquilo era tudo o que eles tinham. Porque pros outros eles não davam nada, eu sei que o que eles podiam me dar para me agradar, era isso.” (3)

“Sempre nas temporadas me davam presentes. Meu vô e minha vó são meus padrinhos e não tem um Natal que eles não querem me agradar de toda forma. E isso desde quando eu era novinho.” (3)

“E meu vô sempre sentou pra conversar comigo várias vezes, coisa que ele não fazia com os outros netos também. Na temporada, todos os netos iam pra lá e ele me falava: “Olha, você tem que respeitar a sua mãe, olha como que ela é uma pessoa boa”, e tal...” (3)

“E minha vó era eu chegar, ela fazia docinho de leite. Pegava o açúcar, o leite, misturava, fazia aquela massa, estendia no pano, e depois cortava em losango o docinho de leite. Era eu chegar, ela sempre fazia isso pra mim. A relação nossa é muito boa.” (3)

“É uma pessoa que teve bastante influência também. De carinho, de afeto comigo. E um detalhe da minha avó, é que quando eu tinha dez anos de idade, minha avó foi morar na casa da minha mãe, por causa do problema de saúde. E está até hoje. Entao eu convivi bastante com ela. Ela e meu avô.” (3)

1.3 – A irmã

“Minha irmã sempre está lendo alguma coisa.” (1)

“...ela lia muito. Tenho bastante lembrança dela lendo, ela era mais jovem que eu, mas lia sim.” (2)

“Ela tinha as escolhas dela lá, o gosto dela pra leitura e não tinha nada a ver. O que ela lia, ela lia pra ela, o que eu lia, eu lia pra mim. Mas eu via ela lendo bastante. A única coisa que a gente dividiu leitura, foi revistinha em quadrinhos.”(2)

“Eu tinha e deixava ela ler, que era eu quem comprava. Ela começou a comprar algumas lá, mas foi pouquinho. Quem comprava era eu. Foi a única coisa que a gente dividiu leitura.” (2)

“Minha irmã como eu sou mais velho, mais eu influenciei ela, do que ela me influenciou. Hoje eu vejo que o jeito dela, às vezes a forma que ela manda um email, manda um recado, eu vejo que eu sou muito referência pra ela. E quando ela encontra com alguém, eu sempre recebo um recado dela. Então eu vejo que, assim, é muito mais eu influenciar ela, do que ela me influenciou, questão de idade também, eu sou mais velho. Mas nossa relação sempre foi de muito afeto. Eu nunca tive problemas de deixar de conversar ou de não querer estar perto da minha irmã. É claro que como eu sou menino, e ela menina, a gente tinha lazeres diferentes, amizades diferentes. Mas ela nunca foi problema para comigo.” (3)

“Eu e minha irmã? Ah, a gente brincava. Brincava do que tivesse pra brincar. A gente brincava de carrinho, ela brincava bastante de carrinho comigo, isso eu lembro. Ficava brincando de carrinho... Brincava na areia, na frente de casa tinha um monte de areia, a gente ficava lá brincando. Deixa eu ver o que mais... Eu levava ela pra escola, ela tinha sete anos, eu estava com dez, eu já levava ela pra escola. A gente ia brincando, voltava brincando. Quando a gente tinha cachorro, a gente brincava com o cachorro, essas coisas assim.”

“... é uma coisa curiosa... Depois que eu sai de casa... a distância é maior, nós moramos longe... Só que hoje nós temos muito mais afeto um com o outro do que antes. Eu

nunca imaginava que eu chamaria a minha irmã pra passar uma semana comigo. Não fazia sentido isso... Porque ela tinha as amizades dela, as coisinhas dela, e eu tinha a minha rotina. Hoje eu vejo que a gente é muito mais ligado, a gente tem muito mais coisa em comum do que antes. Minha irmã é espetacular, não tem pessoa tão doce quanto a minha irmã. Tão doce que parece um anjo, de tão legal. Uma pessoa que onde chega, agrada, conversa, é bem bacana. É bem bacana a companhia dela. Sempre foi bacana, hoje é mais bacana ainda.”

1.4 – Os tios

“Meu tios que moravam lá na roça liam muito. Meu tio lia bastante essas revistinhas de papel bem vagabundo, de cowboy, de faroeste. E minha tia lia muito também. E como o passatempo deles era ler, na roça, eu tinha que ler também.” (1)

“Lá na minha tia, lá na roça, que era professora, tinha também os livros da Coleção Vagalume. Então eu continuava lendo... Contos, histórias policiais, faroeste, eu lia também. Minha tia dava aula em uma cidade do interior, e aí ela tinha esses livros. Ela dava aula de primeira à quarta série.” (1)

“Meu tio ia pra um canto ler, em uma varandinha pequenininha, e minha tia ia ler na cama.” (2)

“Eu me sentia um pouco excluído por não estar lendo, e lia também. E meu tio, como ele deitava em um banco duro, eu falava: “Ah, eu não vou ficar deitado nesse banco duro, não!”, então eu deitava na cama, do lado da minha tia. Pra ela podia o mundo cair, na hora em que ela estava lendo pra ela não fazia diferença. Ela era a mais compenetrada de todos quando lia.” (2)

“...são irmãos. Os dois que “ficaram para trás”, são os dois caçulas. Meu tio já conversava. A gente ia conversando e ele falava tranquilo, lendo jornal. Eram meus dois tios, com exceção de uma tia que morou conosco, que eu tive mais contato. Eu lembro, não tinha um lugar em que ele ia, que ele não me levava. Me dava atenção, brincava comigo, era muito bom.” (2)

“Tia Bárbara é uma pessoa muito determinada. É outro exemplo de vida. Acabou que “desandou” uma época ai, foi mãe solteira de dois meninos e criou esses meninos, estudou, fez duas faculdades, ... E você vê que os meninos são meninos bem educados. E o retrato dela são os meninos educados, estudiosos... veio dela, porque ela é muito estudiosa, muito educada,...” (3)

“...sobrinho e tia, ela era minha amiga. A gente conversava bastante, morria de rir... Quando ela morava lá na roça, às vezes a gente saia, quando ela queria sair pra algum lugar ela me levava, e a gente dançava no bailão que tinha na roça... Era de amigo, relação de amigo. Amigo e com muita liberdade um com outro... de conversar com muita liberdade.” (3)

“Hoje eu e ela conversamos de tudo. São pessoas que eu respeito, eu gosto bastante, e que tiveram importância na minha vida. O meu tio José também é outro. Como ele é o caçula, ele é “amigasso” meu. A gente viaja, às vezes... E é legal que quando eu vou ver minha mãe, que mora com a mãe dela, que é mãe dele, então nós vamos juntos. Vamos conversando daqui até lá, e o assunto não acaba, e chega lá e a gente sai junto, e é assim, amigo mesmo.” (3)

“Era amizade, mas amizade com muito respeito, porque era tio. Lá em casa a gente falou que é tio, é parente, a gente tem que respeitar e é “Bença, tio.” E por aí.”

2 - ESCOLA

“Hoje quase todas de primeira a quarta série tem uma quadra, área de lazer. A minha não tinha quadra, brincava no pátio. Mas tinha merenda, as professoras... eu gostava delas e eu assistia aula. Era legal, eu não gostava de faltar. Eu gostava de ir pra aula.” (2)

2.1 – AS PROFESSORAS

“Depois que eu fui pro grupo, primeira, quarta, quinta, sexta... Ai já tinha o incentivo das professoras. Depois comecei a ler menos.” (1)

2.1.1 – As professoras alfabetizadoras

“Eu lembro bem, era a tia Ione. Até hoje eu conheço ela.” (2)

“Elas intercalavam. Tinha semana que era a tia Carla, tinha semana que era a tia Ieda. Mas elas intercalavam, não lembro assim de ter uma divisão, um período só de uma.” (2)

“Foi no pré. Eu devia estar, sei lá, com cinco, seis anos de idade. Mas aprendi a escrever primeiro meu nome. Era bem legal ela. Aprendi a ler, foi bom. A tia Carla era mais divertida.” (2)

“Ah, ela era divertida! Brincava, pulava! Como era próximo de casa, ela ficava muito na rua e ela sempre criava brincadeiras pra gente brincar. Mesmo fora da aula. Porque como a escolinha era perto de casa, e ela também morava perto, ela ficava sempre muito próxima da gente. Como o bairro era um bairro que estava crescendo, estava começando a crescer, as ruas eram “mal mal” asfaltadas, muitos casais mais jovens, recém casados, tinham comprado um terreninho lá, e começaram a construir. E, casal recém casado acaba tendo filhos. Então, lá no bairro, era uma criançada, muita, muita criança. Ai eu lembro assim, que nos sábados, nos domingos, a tia Jandira ficava na rua, porque as crianças ficavam tudo na rua, e “mal mal” passava carro. A gente brincava, ela nos dava muita atenção.” (2)

2.1.2 - A professora de matemática

“Por incrível que pareça, teve também uma professora de matemática... Ela arrumava uns livros que contavam histórias de matemática!”

“Dona Maura? Dona Maura era um espetáculo! Melhor professora de matemática que existe! Se você fosse um bom aluno, você tinha tudo o que precisava com ela. Como ela ensinava muito bem matemática, era muito fácil aprender, se você prestasse atenção nela.” (2)

“Eu prestava muita atenção. Então, se presta bastante atenção, e a professora ensina bem, a consequência é você ser um bom aluno, aprender bem. E ela me dava muita atenção também. Conversava, contava casos, me abraçava. E eram poucos que tinham esse relacionamento com ela. Era eu, o F., o T.,... que ela dava atenção mesmo. Assim, de ficar do lado da mesa, de conversar, de na hora do intervalo ir lá, ficar perto. Isso aí a gente já estava na sexta, sétima e oitava série... Então a gente já estava um pouco maior... Aí ela ia lá na hora do intervalo ficar conversando com a gente!” (2)

“A gente admira uma boa professora. Uma boa professora você admira pro resto da vida. E ela da forma dela educar, de dar aula, ela acabou passando muitos princípios, que hoje eu acabo relacionando, que eu vi com ela.” (3)

“...De liderança. De como ter controle de uma turma, com tanta eficiência e eficácia também, porque tinha um resultado. E a imagem que eu tenho dela é de uma educadora, de uma professora que eu admiro bastante.” (3)

2.1.3 – A professora da terceira ou quarta série

“E teve uma professora também. O nome dela era Gilda. Tinha aquela Coleção Vagalume, com uns livros bem bacanas e era muito gostoso! Porque a leitura era legal e depois tinha discussão na sala, a gente ficava várias aulas seguidas. Como o livro era legal, a gente rendia bastante. Tinham muitas histórias, várias! Eu queria fazer coleção da Coleção Vagalume.” (1)

“Lembro que uma vez a gente foi brincar de amigo oculto, e a Gilda me tirou. E eu tinha pedido um presente. E na hora de revelar, ela disse que a pessoa que ela tirou, merecia muito mais que aquilo. E ela mencionou bastante a alegria de ter me tirado e meu merecimento. E era recíproco, eu também gostava muito dela!” (2)

“Com a Gilda? Lembro dela falando que margarina era mais saudável que manteiga, lembro dela falando como que mulher tinha que se limpar depois de ir ao banheiro... (risos) Ela falava bastante, ensinava bem. Era ótima professora!” (2)

“...pela forma de educar mais descontraída. Isso nela que me chamou atenção... por essa forma curiosa, que deu certo, eu não me esqueço dela. Mas também é uma pessoa maravilhosa.” (3)

“Uma ótima professora. Significou porque me educou, né? Toda pessoa que tem alguma parcela, que tem alguma passagem na sua vida, ainda mais que te soma algum conhecimento, ela tem uma importância. E ela teve uma importância pra mim.” (3)

“Minha amiga também. De amizade.” (3)

2.1.4 Materiais de leitura apresentados pelas professoras

“Era um livrinho, talvez tenham menos de cinqüenta páginas, com algumas poucas figuras, e no verso do livrinho tem lá: Coleção Vagalume! E tem um monte de livrinhos assim! Eu li vários, eu queria ter todos!” (1)

“Inclusive, a Coleção Vagalume eu gostei tanto de ler, que mesmo depois de ter passado a época lá da Gilda, eu continuei lendo.” (1)

“O Pivete”, como a gente era mais simples, de escola pública, algumas coisas a gente vive. E a história do pivete, era a história de um menino que por ser muito franzino, magrinho, pequenininho, os bandidos, os ladrões, colocavam o pivete pra roubar a casa dos outros, e o pivete conseguia passar pelo vitrô da sala. Ai uma vez os outros foram embora, deixaram ele pra trás e a polícia pegou ele, começaram a cuidar dele. Uma coisa assim. E tinha também outro livro, da coleção Vagalume, que era “A Droga da Obediência”. Eu não lembro muito bem da história, mas tinha um lance das crianças tomarem uma droga e começarem a acatar tudo o que o adulto mandava. Era uma coisa que prendia a atenção da gente. Como seria o desfecho daquilo ali? Uma história bem legal. Um livro certo, pra idade certa, gera a curiosidade.” (2)

“...livros que contavam histórias de matemática! Como se fossem livros de aventura. Por exemplo, um avião que cai em uma mata, no meio de uma comunidade indígena. Aí o cara do avião começava a fazer relação da matemática na vida da comunidade. Tipo, como que eles mediam a altura da oca, comparando com um ponto fixo, por causa da sombra. Sabe? Calculando área, tudo fazendo relação com a matemática. Um cara no meio de uma comunidade indígena. Só que eram vários, tinha uma coleção de livros assim. Que era uma leitura bem legal. Ai já era sexta série.” (1)

“Olha, meu nome, eu te falo com convicção que aprendi escrever no pré, mas eu lembro da professora do primeiro ano dando um livro, uma cartilha, que ela falava que tinha que fazer uns exercícios. Só que eu já sabia escrever.” (2)

“Eu aprendia, por exemplo, o D. Eu sabia que D era de Dália, e que Dália era uma flor... Uma flor bonita! Então eu vou por no papel, o nome daquela flor. Eu fazia essa relação. Do elefante...” (1)

“Então... Tinha a Dália, que era com D, flor, que era com F, elefante, que era com E, não estou lembrando de todos...” (2)

“O A era abelha. O B era bola...” (2)

“Era! Era foca! Verdade! Com F era foca!” (2)

3 - MEIO SOCIAL/CONDIÇÕES DE VIDA

“Várias vezes, eu até conversava com minha mãe, e ela falava: ‘Você tem que dar lugar pro seu coleguinha sentar, tem que revezar!’ Ela dizia isso porque nem sempre tinha cadeira pra todo mundo, quem chegasse um pouco mais tarde tinha que ficar em pé.” (2)

“Eu sempre tive pra mim o seguinte: vai na aula, não precisa estudar em casa. Se você for e ouvir tudo o que o professor fala... depois você vai precisar, nas provas. Então eu ia, e não faltava. Estudar em casa, eu nunca estudei. Eu sempre vou, ouço, vejo e basta.” (2)

“E como a renda só vinha do bar, e o bar assim, ele bebia mais do que tudo, e na parte da tarde ele não trabalhava porque ele bebia demais na parte da manhã, então as coisas eram muito difíceis. Ele não era uma pessoa violenta, mas não tinha como dar uma condição legal pra gente... pelo alcoolismo.” (1)

“Só que, apesar disso, por incrível que pareça, eu não tinha essa necessidade, ou tristeza de não ter. Eu sentia vontade, mas aquilo ali para mim eu não... eu não tinha vergonha. Sabia... não tinha, não tinha! Meu pai não dava, minha mãe tinha que ir trabalhar costurando em casa, tinha criança pequena para ela cuidar, mas não acho que isso... tipo... é... me deixou triste na infância. Eu tenho sim um pouco de chateação porque tudo podia ter sido bem diferente, mas não me deixou triste...” (1)

“Ele vivia bêbado. Eu nunca conversei com meu pai. Eu lembro de dois diálogos que eu tive com meu pai. Um, foi o dia que eu bebi demais, cheguei em casa bêbado, com doze anos de idade... Aí ele me chamou e falou que ele se arrependia de ter começado a beber. E o outro, foi quando eu falei que ia sair do primeiro emprego, quando eu tinha quinze, aí ele falou que quando se aprende a ganhar o seu dinheiro é difícil ficar sem. Foram as duas vezes que eu lembro de ter conversado com pai. Eu não conversava com meu pai.” (2)

“...cheguei em casa e avisei minha mãe que estava indo para Campinas. Ela já arregalou os olhos, e me perguntou: - Que dia você volta? Eu disse que não sabia. Tadinha

dela, ficou muito triste. No fundo eu achei que em alguns dias estaria de volta para oficializar minha mudança. Mas só voltei 3 meses depois.” (3)

“nem sabia para que lado ficava, e pior: para ganhar o mesmo que ganhava no emprego anterior, e que facilmente ganharia em BH. O meu amigo me olhou com uma cara de desapontado pela proposta me feita. E olha que eu nem ganhava bem em BH! Mas pensei um segundo e topei.” (3)

“eu disse a ele que só sairia dali quando eu pudesse dizer que: eu vim, vi e venci, antes disso não.” (3)

“Como já estava lá, não podia falar que não sabia fazer, e fui "metendo as caras". Uns três meses depois, ele já queria que eu fosse o contador da empresa!!! Eu nem autorização para isso tinha, não possuía o CRC, somente o curso técnico em contabilidade, mas ele insistiu e falou para o seu contador que eu assumiria essa parte em três meses. O contador ficou muito bravo e no dia seguinte mandou um comunicado extrajudicial, falando que não tinha gente capacitada para atendê-lo e que entregaria a contabilidade em 15 dias. O antigo contador só podia ser doido. Fiquei desorientado, pois aquela regional faturava naquela época quase R\$ 1 milhão e tinha mais de 200 funcionários. Pensei comigo, se estou aqui, agora vou ter que dar conta.” (3)

“Foi nessa que virei uma sarna mesmo, eu tinha que ter o número do registro, pois aquelas condições para fazer uma faculdade não teria mais. Acredite se quiser, no último dia de inscrição saiu o meu número do CRC. Fiz a inscrição, passei no vestibular, e comecei a estudar em uma turma que só tinha técnicos em contabilidade, já com a vida feita, onde o motivo deles estarem na sala (de acordo com uma pesquisa da aula de estatística) era satisfação pessoal. E que turma ótima que eu me encontrei, só tinha gente fera. Tanto que em uns dias desses, pesquisei o nome de um deles na internet e vi que quase todos que eu era mais ligado, faziam parte do Sindicato dos Contabilistas de Brasília.” (3)

“Saí de Brasília, em direção a BH, pra depois ir trabalhar em Campinas, e quando cheguei em casa vi uma alegria muito grande nos olhos de minha mãe, pois ela viu sair de casa um moleque, com uma bolsa de roupa menor do que as que as mulheres usam hoje, e voltei mais

responsável, de carro e com tanta coisa que só cabia eu bem apertado. Até hoje ela conta esse caso.” (3)